

Cassiane Josefina de Freitas

Café com quebra torto:
um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
2012

Cassiane Josefina de Freitas

Café com quebra torto:
um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Estudos da Variação e Mudança Linguística.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

À minha mãe, Maria da Cruz, pelo constante incentivo, apoio e carinho. À minha irmã Naide, pelo companheirismo e disposição em ajudar. Ao meu pai, Vicente (*in memoriam*), minha grande inspiração, que me apoiou sempre, à sua maneira, com suas poucas e sábias palavras de homem do interior e que pôde acompanhar parte desta trajetória.

Agradecimentos

A Deus, pela força capaz de me fazer seguir em frente, mesmo passando por momentos difíceis.

À Professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela orientação, amizade e dedicação na realização da pesquisa e por ser a grande responsável pelo meu interesse em estudos lexicais.

Aos entrevistados, pessoas extremamente sábias, com quem aprendi lições de vida que levarei sempre comigo.

À Belinha e à Elen, amigas conquistadas durante a pesquisa e que foram fundamentais para o seu bom desenvolvimento. À Maria Stela, da Fazenda do Cipó, por deixar suas portas sempre abertas para a consulta de documentação.

Aos meus colegas de curso, companheiros nessa jornada, que partilharam das mesmas dificuldades, inseguranças e alegrias, principalmente a Emanoela, amiga desde o primeiro período do curso de graduação, sempre disposta a ajudar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, que permitiu que este trabalho fosse realizado, por acreditar na proposta da pesquisa.

Finalmente, à minha família, que sempre esteve ao meu lado, sempre compreensiva e disposta a ajudar. À minha mãe, que me acompanhou em toda a pesquisa de campo e mostrou-se fundamental para sua realização. À minha irmã, que me acompanhou de perto e se mostrou sempre dedicada e disposta. E ao meu pai, que, infelizmente, não pôde me fazer companhia até o final desta jornada, mas de quem sempre me recordarei - do olhar atento e das longas risadas ao escutar aos meus relatos após cada entrevista realizada com alguma de suas tias ou amigos de longa data. A ele dedico este trabalho, que, assim como foi minha vida ao seu lado, é repleto de amor e carinho.

"Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela, não somos nada.

Luis Buñuel



FOTO 1 – Café com quebra torto
Fonte: Acervo pessoal

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar o estudo do vocabulário rural da região da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Minas Gerais. A área pesquisada abrange parte de dois municípios mineiros: Jaboticatubas e Santana do Riacho, que se caracterizam por seu caráter predominantemente rural. A escolha dessa região se deu por diversos fatores, relacionados à cultura rural local e às peculiaridades percebidas na fala dos moradores. O estudo propõe tornar mais evidente a relação entre língua e sociedade. Os principais teóricos que serviram como base para a apresentação desta relação são Saussure (1989), Labov (1972), Hymes (1964), Coseriu (1977) e Duranti (2000).

Tendo como embasamento teórico os estudos labovianos, foram realizadas 12 entrevistas orais que, seguindo metodologia previamente definida, foram transcritas. Das transcrições foram selecionadas lexias que melhor representassem a realidade da população local. Após seleção de dados iniciou-se a fase de análises. Foi elaborada uma ficha lexicográfica para cada lexia selecionada, contendo informações relativas à sua definição e etimologia. Também foi elaborado um glossário com o intuito de sistematizar a consulta a tais vocábulos.

Palavras Chave: Léxico, Cultura, Sociedade, Serra do Cipó

Abstract

The objective of this work is to present the study of the rural vocabulary of the Serra do Cipó, located in the metropolitan region of Minas Gerais. The area being searched covers part of two municipalities of Minas: Jaboticatubas and Santana do Riacho, characterised by its predominantly rural character. The choice of this region was by several factors, related to local rural culture and the perceived peculiarities in speech of residents. The study proposes to make more clear the relationship between language and society. The main theoreticians who have served as the basis for the presentation of this relationship are Saussure (1989), Labov (1972), Hymes (1964), Coseriu (1977) and Duranti (2000).

Having as theoretical foundation, Labov's studies were carried out 12 oral interviews, following established methodology were transcribed. The transcripts were selected that better depict reality expressions of local population. After selecting the data analysis phase. A lexicographical sheet was drawn up for each selected term, containing information relating to its definition and etymology. It was also prepared a glossary in order to systematize the query to such words.

Keywords: lexicon, culture, society, Serra do Cipó.

ABREVIATURAS

ADJ – Adjetivo singular

ADV – Advérbio

Cf. – Confira

INF. – Informante

Loc. Adv. – Locução Adverbial

Loc. Pron. – Locução Pronominal

NCf – Nome composto feminino

NCm – Nome composto masculino

n/e – Não encontrado

Nf – Nome feminino

Nm – Nome masculino

p. – página

PESQ. – Pesquisadora

PREP – Preposição

Pron – Pronome

Ssing – Substantivo singular

TERC. – Terceiro

V – Verbo

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Classificação morfológica dos dados analisados 240

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Lexias mais recorrentes..... 246

QUADRO 2 – Lexias comuns – Serra do Cipó, Águas Vermelhas e Passos 251

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário 239

GRÁFICO 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas 241

GRÁFICO 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical 241

GRÁFICO 4 – Percentual de lexias não-dicionarizadas por classe gramatical..... 242

GRÁFICO 5 – Origem das lexias 242

GRÁFICO 6 – Percentual de *brasileirismos* entre as lexias dicionarizadas 244

GRÁFICO 7 – Gênero das Lexias 245

GRÁFICO 8 – Mudança e Manutenção Linguística..... 249

GRÁFICO 9 – Lexias comuns..... 251

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Café com quebra torto	7
FOTO 2 – Juquinha da Serra	14
FOTO 3 – Casa Serra do Cipó/MG	18
FOTO 4 – Fabricação Rapadura	34
FOTO 5 – Casa de adobe na Serra do Cipó/MG	47
FOTO 6 – Vista Pedra do Elefante – Serra do Cipó/MG	58
FOTO 7 – Antiga senzala – Fazenda Cipó	255
FOTO 8 – Fonte Serra do Cipó/MG	295

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização município de Águas Vermelhas	32
MAPA 2 – Localização município de Passos	32
MAPA 3 – Localização município de Santana do Riacho	33 e 42
MAPA 4 – Localização município de Jaboticatubas	33 e 43
MAPA 5 – Regiões Culturais do Brasil	36
MAPA 6 – Parque Nacional da Serra do Cipó	45
MAPA 7 – Circuito Estrada Real	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA	19
1.1. A Linguagem e o Homem.....	19
1.1.1. Antropologia Linguística	20
1.1.2. Cultura	22
1.2. Língua e Sociedade	23
1.2.1. Variação e Mudança	25
1.2.2. Estudos Dialetológicos	26
1.2.2.1. Atlas Linguísticos Regionais	27
1.2.2.2. Projeto "Atlas Linguístico do Brasil"	28
1.2.3. Estudos Lexicais.....	29
1.2.3.1. Disciplinas Tradicionais: a lexicografia e a lexicologia	30
1.2.3.2. Léxicos Rural e Urbano.	31
1.2.3.2.1. Descrição de Léxicos Regionais	32
CAPÍTULO II - ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ	35
2.1. A ocupação da Serra do Cipó	35
2.1.1. Região Cultural	35
2.1.2. Esboço do povoamento das regiões mineradoras de Minas Gerais	37
2.1.3. Serra do Cipó	39
2.1.3.1. Santana do Riacho	42
2.1.3.2. Jaboticatubas	43
2.1.3.3. Parque Nacional da Serra do Cipó.....	44
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.1. Objetivos.....	48
3.2. Métodos e Procedimentos.....	49
3.2.1. Pesquisa de Campo e Coleta de Dados.....	49
3.2.2. Seleção de Informantes.....	50
3.2.3. Transcrições	51
3.2.4. Fichas Lexicográficas	53
3.2.4.1. Obras Lexicográficas Consultadas	54

3.3. Macro e Microestrutura do Glossário.....	56
3.3.1. A Macroestrutura.....	57
3.3.2. A Microestrutura	57
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	59
4.1. Fichas lexicográficas	59
4.2. Análise quantitativa.....	238
4.2.1. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário	239
4.2.2. Quanto à classificação gramatical	240
4.2.3. Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas	240
4.2.3.1. Dicionarização segundo classificação gramatical	241
4.2.4. Quanto a origem	242
4.2.5. Quanto à forma e ao gênero das lexias	245
4.2.6. Quanto ao número de ocorrências das lexias	245
4.3. Variação, manutenção e mudança dos lexemas ao longo do tempo	247
4.3.1. Quanto aos arcaísmos	249
4.3.2. Quadro comparativo entre as regiões Norte, Sul/Sudeste e Metropolitana de Minas Gerais	250
CAPÍTULO V - GLOSSÁRIO.....	256
5.1. Quadro geral de classificação	256
5.2. Glossário.....	258
CAPÍTULO VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS	296
REFERÊNCIAS.....	298



FOTO 2 – Juquinha da Serra
Fonte: Acervo Pessoal

INTRODUÇÃO

Os estudos lexicológicos têm tido, desde a década de 90, cada vez mais espaço entre os estudos linguísticos. Dentre as linhas que constituem essa área, a que evidencia a interação entre língua, sociedade e cultura é uma das que tem chamado mais a atenção dos pesquisadores.

Os aspectos socioculturais se caracterizam como elementos básicos no estudo de uma língua, além de serem, em muitos casos, fatores que determinam sua variação. Tendo em vista o estudo do léxico, esses aspectos são ainda mais evidentes, já que é através das palavras que grande parte das ideias, valores, conhecimento, tradição e experiências de uma determinada comunidade são expressos. O indivíduo, por meio de sua fala, interage com as outras pessoas de seu grupo e, assim, laços sociais do grupo são fortalecidos.

Segundo Aragão (2005) a palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Há uma ligação de unicidade entre linguagem e pensamento, desse modo, o discurso é sempre determinado pelas características sociohistóricas de sua produção. O léxico, que está inserido nesta sociedade, reflete sua “ideologia dominante” assim como suas lutas e tendências.

A variabilidade lexical é eminente e pode advir de diversos fatores, sejam eles socioculturais, históricos, geográficos, etc. A variação é inerente ao sistema linguístico, há, portanto, necessidade de sistematizá-la e correlacionar formas variantes.

Para que isso possa ser feito, faz-se necessário o detalhamento das análises lexicais nas diversas regiões, para que com isso se possa tentar determinar as influências e o funcionamento da língua.

A proposta desta dissertação é a realização de um estudo linguístico com destaque para o vocabulário rural da região da Serra do Cipó – MG. É fundamental delimitar que por vocabulário rural, entende-se, neste trabalho, a variedade do português brasileiro falada em áreas rurais brasileiras, pelo “caipira” (AMARAL, 1976). A escolha dessa região se deu por diversos fatores relacionados à cultura rural local, às peculiaridades percebidas na fala dos moradores e à familiaridade da pesquisadora com a região, tendo em vista que seus avós e pais habitaram e habitam no local, proporcionado, assim, constante e profunda convivência com os moradores locais.

Consistiram na base empírica do presente estudo doze entrevistas orais, realizadas em áreas rurais da região da Serra do Cipó, cujas transcrições se encontram em CD-Rom,

anexo a este volume. Tais entrevistas, que figuram como parte fundamental da pesquisa, foram transcritas, digitalizadas e as linhas enumeradas para localização e consulta.

A seguir será apresentada a estrutura desta pesquisa.

No capítulo I, intitulado **Língua, Sociedade e Cultura**, são tratadas as relações entre linguagem e sociedade, já que tal relação assume múltiplas faces capazes de retratar a realidade sociocultural dos indivíduos. Os principais teóricos que servem como base para a apresentação desta relação entre linguagem e indivíduo são Saussure (1989), Labov (1972), Hymes (1964), Coseriu (1977) e Duranti (2000). Neste capítulo, são tratados ainda os aspectos que relacionam entre léxico, cultura e sociedade, com esclarecimentos acerca da teoria da variação e mudança linguística, abordando questões dos estudos dialetológicos e sociolinguísticos. Para o tratamento desta relação são utilizadas como apoio as teorias de Biderman (1984), Isquierdo (2001), Coseriu (1991), Brandão (1991) e Cardoso (2010).

No capítulo II, denominado **Aspectos Históricos da Região da Serra do Cipó**, é apresentado um esboço do povoamento das regiões mineradoras de Minas Gerais. Destaca-se o item que aborda a delimitação da região denominada de *Serra do Cipó*, que ocupa parte dos municípios mineiros de Jaboticatubas e Santana do Riacho.

No capítulo III, **Procedimentos Metodológicos**, são apresentados a região estudada, os objetivos da presente pesquisa, além da metodologia utilizada. Explicita-se também como se deu a pesquisa de campo para o levantamento dos dados, com detalhamento dos critérios adotados para a transcrição das entrevistas e descrição do modelo de ficha lexicográfica utilizada para a análise de dados.

No capítulo IV, **Apresentação e Análise de Dados**, há a apresentação dos dados coletados nas doze entrevistas orais realizadas com moradores da Serra do Cipó – MG. Os dados foram apresentados na forma de fichas lexicográficas contendo as seguintes informações: a) lexia; b) número de ocorrências; c) abonação; d) registro em dicionários; e) registro em glossários. Tais informações são capazes de oferecer subsídio para a análise linguística realizada. Estão presentes, ainda neste capítulo, uma análise quantitativa dos dados, demonstrada por meio de gráficos, assim como análise linguística que aborda questões de variação, manutenção e retenção ocorridas. Ainda é realizada uma comparação entre os dados estudados neste trabalho e os dados das pesquisas desenvolvidas por Souza (2008), que analisa o léxico rural do município de Águas Vermelhas – Norte de Minas Gerais – e por Ribeiro (2010), com pesquisa sobre o léxico rural de Passos – região Sul/Sudeste do Estado.

No capítulo V, é apresentado o **Glossário**, elaborado a partir das lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas. As lexias são apresentadas, inicialmente, segundo critério onomasiológico e, em seguida, pelo critério semasiológico.

Finalmente, são retomados, no capítulo VI, **Considerações Finais**, os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores, assim como os resultados obtidos por meio das análises realizadas.



FOTO 3 – Casa Serra do Cipó/MG
Fonte: Acervo Pessoal

CAPÍTULO 1 – SOCIEDADE, LÍNGUA E CULTURA

1.1. A LINGUAGEM E O HOMEM

A linguagem não se resume à nomeação de objetos ou à designação de algum fato. Ela é responsável por designar a realidade do indivíduo. Nas palavras de Coseriu (1982, p. 30) “a linguagem é fundamental para a definição do homem”.

Saussure já chamava a atenção para o fato de que a linguagem constitui o fator mais importante que qualquer outro na vida dos indivíduos e das sociedades. Ela é concebida com múltiplas faces, capazes de refletir, de maneira expressiva, a realidade sociocultural desse indivíduo, já que, ao se comunicar, esse homem realiza trocas de saberes, de ideias, de conceitos, de sentimentos e costumes; a linguagem é, pois, decorrente de práticas sociais.

A linguagem é multiforme e variada, pois os jogos de linguagem são tão diversos e numerosos quanto são os usos linguísticos; falar é uma forma de ação, de comportamento, de atividade de nossas formas de vida e não de representação lógica.¹

A língua, por sua vez, caracteriza-se como parte fundamental da linguagem, é um “produto social”; em suma, um instrumento da linguagem. Não é simplesmente um meio de comunicação, mas sim um indicador da visão de mundo do falante. Ela estrutura a realidade de forma que essa possa ser compreendida e representada. Ao definir a língua, Saussure aponta que

ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.²

Para Labov (1972), ao se tentar definir o que é língua, deve-se considerar o contexto social. Isso implica atribuir à língua uma função comunicativa, ou seja, ela não deve ser analisada fora do contexto social de dada comunidade de fala. De acordo com esse teórico, o objeto da linguística deve ser o instrumento de comunicação utilizado pela comunidade de fala, considerando-se que pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua (SEVERO, 2008).

Partilhando dessa mesma opinião, citamos o antropólogo linguista Duranti (2000). Segundo esse estudioso, para que seja possível a compreensão do papel da língua na vida

¹ ARAÚJO, 2007, p. 21.

² SAUSSURE, 1989, p. 17.

das pessoas, é necessário ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, pois é lá que as palavras são relacionadas às atividades culturais e sociais.

1.1.1. Antropologia Linguística

Conceitua-se o termo *Antropologia* como uma ciência cujo objetivo é a realização de reflexões sobre o homem, centro de suas preocupações, com vistas a questionar sua totalidade, como ser biológico pensante e participante da sociedade, assim como sua origem, seu corpo, seu comportamento, suas etnias, religiões, desenvolvimento etc; ou seja, a Antropologia tem caráter biológico, filosófico e sociocultural.

A atividade antropológica surgiu da curiosidade do homem acerca de si mesmo; sendo assim, é impossível de se determinar a origem da Antropologia, já que a existência humana sempre foi pauta de autorreflexão do homem como também sua relação com a sociedade.

A *Antropologia Linguística* pode ser determinada como uma ‘subárea’ da Antropologia, que se empenha em estudar o papel das línguas, assim como a atividade linguística dos indivíduos nas sociedades, ou seja, o comportamento linguístico dos falantes em meio à sua realidade. Tais estudos são viabilizados através da análise e documentação dos usos linguísticos. Essa ciência concebe a linguagem como um instrumento social e a fala como uma prática cultural.

De acordo com Duranti (2000, p. 23)

[...] a antropologia linguística deve ser entendida como uma parte do amplo campo da antropologia, não porque seja um tipo de linguística que se pratique nas áreas da antropologia, mas porque examina a linguagem através do prisma dos interesses antropológicos, entre os quais estão: a transmissão e reprodução da cultura, a relação entre os sistemas culturais e outras formas de organização social, e o papel das condições materiais de existência na compreensão que os indivíduos têm do mundo.³

Os falantes, na visão dos antropólogos linguistas, fazem parte de organizações sociais complexas e singulares das quais eles participam ativamente compartilhando expectativas, crenças e valores morais. Duranti (2000, p. 22) afirma, ainda, que,

[...] o que diferencia os antropólogos linguísticos de outros estudantes da língua não é somente o interesse pelo uso da linguagem [...] mas sua visão da linguagem

³ Hay que entender la antropología lingüística como una parte del amplio campo de la antropología, no porque sea un tipo de lingüística que se practique en los departamentos de antropología, sino porque examina el lenguaje a través del prisma de los intereses antropológicos, ente los cuales están: la transmisión reproducción de la cultura, la relación entre los sistemas culturales y otras formas de organización social, y el papel de las condiciones materiales de existencia en la comprensión que los individuos tienen del mundo.

como um conjunto de estratégias simbólicas que formam parte do tecido social e da representação individual de mundos possíveis ou reais.⁴

Nos Estados Unidos, no princípio do século XX, acreditava-se que a Antropologia era como uma disciplina holística que tinha como objetivo estudar as características físicas, linguísticas, culturais e arqueológicas das sociedades. O pesquisador que melhor representou a teoria antropológica na prática da visão holística foi Franz Boas.

Franz Boas (1858-1952) afirmava que não era possível compreender, de maneira efetiva, a cultura de um povo sem ter contato com sua língua. O estudo da língua, segundo Boas, serviria como um meio de interpretar a conexão existente entre cultura e linguagem. Essa teoria da relação entre língua, linguagem e cultura, tornou-se a tese básica da antropologia cultural americana do início do século XX.

Boas influenciou muitos pesquisadores, dentre eles Edward Sapir (1844-1939). Sapir teve fundamental participação no desenvolvimento da escola linguística norte-americana e é, provavelmente, o mais famoso pesquisador da história da Antropologia Linguística. Ele se interessou pelos problemas filosóficos envolvendo a linguagem e explorou seus inúmeros sentidos. Acreditava que a língua era fundamental para o desenvolvimento da cultura e refutava a ideia da superioridade de uma língua em detrimento de outra. Sapir (1980) afirmava, ainda, que a percepção de mundo de determinado indivíduo está diretamente relacionada e controlada, de certo modo, pelo uso de sua linguagem.

Discípulo de Sapir, Benjamin Lee Worf (1897-1941) dedicou-se, sobretudo, ao estudo de línguas indígenas americanas. Worf investigou a relação entre linguagem e pensamento e como a linguagem pode modelar até mesmo os pensamentos. Segundo Duranti (2000, p. 91) “a contribuição mais famosa de Whorf à teoria linguística foi ter esclarecido a relação entre linguagem e cosmovisão.”⁵ Ele acreditava que a estrutura de qualquer língua continha uma teoria da ‘estrutura do universo’, a qual chamava de ‘metafísica’.

Ainda que o termo *Antropologia Linguística* date, aproximadamente, de 1870, ele só ganhou força em 1964, quando Dell Hymes editou uma primeira coletânea que incluía artigos de autores como Mauss, Melet, Lévi-Strauss, Blomfield, etc.

⁴ Lo que distingue a los antropólogos lingüísticos de otros Estudiantes de la lengua no ES solo el interés por el uso del lenguaje [...], sino su visión del lenguaje con un conjunto de estrategias simbólicas que forman parte del tejido social y de la representación individual de mundos posibles o reales.

⁵ La contribución más famosa de Whorf a la teoría lingüística ES haber arrojado luz sobre la relación entre lenguaje y cosmovisión.

Em suas pesquisas, Dell Hymes (1964), ao tratar de *competência e desempenho*, opõe-se ao conceito chomskyniano de que uma se trata do conhecimento das estruturas e regras da língua e o outro do uso real da língua. Hymes postula que deve-se considerar o fato de que uma criança normal adquire o conhecimento das orações, não somente por meio de gramática, mas também por meio de sua inserção em um contexto. Ela adquire a competência sobre quando falar, quando não, de que falar e com quem, de onde e de que maneira. Em suma, uma criança pode chegar a dominar um repertório de atos de fala, tomar parte em eventos comunicativos e avaliar a conduta comunicativa dos outros. Além disso, essa competência se integra com suas atitudes, valores e motivações em relação às propriedades e uso da língua e com sua competência e atitudes para entender a interrelação da língua com outro código de conduta comunicativa.

Embora a fala como atividade social seja uma ideia compartilhada por todos os antropólogos linguistas, Dell Hymes foi o primeiro a inserir o critério social ao conceito de competência, ou seja, para ele o conhecimento das estruturas e regras de uma língua, em termos comunicativos, não é suficiente para afirmar que determinado indivíduo seja competente. Desse modo, faz-se necessário refletir sobre cultura.

1.1.2. Cultura

Segundo Marconi e Presotto (1989, p. 194) “as sociedades são formadas de seres humanos que adotam uma forma de viver normativa, isto é, tornam-se portadores de culturas, em geral adaptadas à ambiência local.”

A noção totalizadora de cultura é criticada por Duranti (2000), que acredita que tal definição não demonstra claramente as complexidades socio-históricas, escondendo toda a riqueza das sociedades. Duranti (*op. cit.*), ao tratar do tema, expõe seis teorias da cultura em que a linguagem desempenha um papel particularmente decisivo.

A primeira teoria traz o conceito da *cultura como algo distinto da natureza*. Nesse tópico o autor afirma que cultura é aprendida, adquirida, por meio da comunicação linguística. Quer dizer que a cultura do indivíduo não é uma característica inata, mas sim obtida durante sua vida. Se a cultura é aprendida, pode-se afirmar que grande parte dela refere-se ao conhecimento do mundo. Conhecer uma cultura é como conhecer uma linguagem, já que ambas são realidades mentais, essa é a definição básica de *cultura como conhecimento*.

Cultura como comunicação refere-se à cultura como um sistema de signos capaz de interligar e correlacionar indivíduos, grupos e situações.

Cultura como sistema de mediação, como o nome já propõe, é como uma ponte que realiza as interações. Tais mediadores, de acordo com Duranti (2000, p. 68)

[...] estão sempre =entre=. Estão entre as pessoas e seus alimentos (ex. um garfo), entre as pessoas e o tempo (ex. um guarda chuva), entre as pessoas e um objeto físico (ex. um machado), entre as pessoas entre si (gestos, enunciados) e entre as pessoas e seus próprios pensamentos (fala privada, representação mental).⁶

A cultura tem o papel de sistema mediador entre o homem e o seu entorno.

Cultura como um sistema de práticas refere-se à cultura não como algo puramente interno do ser humano (como nas representações mentais), nem como uma característica exclusivamente externa (como símbolos, costumes, rituais etc). São nas práticas rotineiras onde estão incluídas as condições materiais e as experiências de como a cultura é concebida.

Por fim, é apresentada a ideia de *cultura como um sistema de participação*. Essa é a ideia que envolve práticas sociais: a comunicação verbal é de natureza social, coletiva e participativa, ou seja, a língua é um *fato social*.

1.2. LÍNGUA E SOCIEDADE

A língua é um *fato social* que revela a forma com que cada comunidade percebe o mundo. Segundo Brandão (1991, p. 18) é através da língua que o homem consegue expressar suas ideias, de sua geração e de sua época, por isso ela está em constante transformação.

Podemos dizer que cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e agente modificador de sua língua e nela imprime as marcas por situações inéditas com que se depara. Sendo assim, é possível afirmar que é projetada na língua a cultura de um povo, cultura essa compreendida em seu sentido mais amplo. A língua serve, pois, como uma ponte que une sociedade e cultura, criando assim uma relação de interdependência.

A língua não é só um bem cultural e histórico herdado das gerações anteriores, ela é, também, mutável porque é social, sendo sujeita a ação do tempo.

⁶ [...] están siempre =entre=. Están entre las personas y sus alimentos (i.e. um tenedor), entre las personas y el tiempo (i.e. um paraguas), entre las personas y el objeto físico (i.e. um hacha), entre las personas entre sí (gestos, enunciados) y entre las personas y SUS próprios pesamientos íntimos (habla privada, representación mental).

Com o objetivo de verificar as relações entre questões linguísticas e fatos socioculturais em sua realidade, surge a sociolinguística. De acordo com Mollica (2004, p. 9)

[...] a Sociolinguística é uma ciência que se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando, principalmente, os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

O grande responsável pela ampliação dos estudos relativos à heterogeneidade da língua relacionada a fatos sociais foi William Labov. De acordo com Tarallo (2007, p. 7), Labov foi “[...] quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”. Labov propôs um modelo teórico metodológico que, levando em conta a relação existente entre língua e sociedade, era capaz de sistematizar a ‘variação natural’ da língua falada. Esse linguista conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais.

Com Labov, a Sociolinguística passa a ser reconhecida como a área da linguística que estuda a língua inserida em seu contexto social, levando em conta os fatores externos, que poderão caracterizar a diversidade e a heterogeneidade linguística.

Uma grande contribuição aos estudos da sociolinguística contemporânea foi dada por Lesley Milroy (1980), com o conceito de *rede social*. A autora, ao estudar a variação vocálica no inglês falado em comunidades de Belfast, percebeu que, em termos de *status* social em grupos relativamente homogêneos, o emprego das variantes só podia ser explicado através da observação das redes de relacionamentos existentes entre os membros do grupo. Assim, apoiando-se no estudo de Bott (1957), Milroy demonstrou que as redes densas e multipléxicas ali encontradas funcionavam como mecanismo de reforço dos valores linguísticos e culturais partilhados pelos membros da comunidade de fala.

As redes sociais têm o papel de representar os graus de contato entre os indivíduos que se relacionam informalmente, mediante duas propriedades – densidade e multiplicidade – o que resulta por um lado em redes sociais densas e múltiplas ou, por outro, redes sociais frouxas e com pouca multiplexidade. As redes sociais mais *densas* e *múltiplas* são constituídas de *laços fortes* (redes em que todos conhecem todos e nas quais os indivíduos compartilham mais de um tipo de relação).

Em contraposição, existem as redes mais *frouxas* e com *pouca multiplexidade*, estas que constituem os laços fracos. Elas operam como canais de transmissão de inovação e de

influência de uma rede densa sobre a outra, interligando os grupos coesos à sociedade ampla e estratificada.

A densidade e a multiplicidade das redes sociais funcionam como indicadores das pressões de normas e valores sobre os indivíduos: quanto mais densa e múltipla for uma rede social, maior a estabilidade linguística nesse grupo; quanto mais frouxa, mais sujeita a variações.

1.2.1. Variação e Mudança

As línguas sofrem lentas e graduais mudanças, que relacionam-se diretamente com a interação do falante em seu contexto social e sua adequação à sua realidade social, histórica, cultural e política.

Coseriu já assinalava que a variação e a mudança são fatos inerentes à própria língua. Esse caráter dinâmico faz parte de sua essência. Afirma, também, esse linguista que,

a língua muda sem cessar, mas a mudança não a destrói e não afeta em seu “ser língua”, que se mantém sempre intacto. Sem dúvida, isso não significa que o ser sistema seria independente da mudança, pelo contrário, porque a mudança na língua não é “alteração” ou “deterioração”, como se diz com terminologia naturalista, mas reconstrução, renovação do sistema, e assegura sua continuidade e seu funcionamento.⁷

O processo de variação das línguas pode ocorrer sob a influência de diversos fatores, sejam eles relacionados a questões de espaço físico-geográfico, aos diferentes extratos sociais, à idade dos integrantes das comunidades, ao gênero do informante observado, ou, até mesmo, ao período pesquisado. Pode, também, ocorrer em todos os níveis, sejam eles morfológico, fonológico, pragmático, semântico, sintático; entretanto, é no nível lexical que as mudanças são percebidas mais rapidamente. O léxico, assim como as sociedades, renova-se constante e permanentemente. Segundo Ferraz (2006):

Podemos dizer que as grandes manifestações sociais (crise política, crise econômica, revolução social ou cultural etc.) ensejam o movimento do léxico em direção à renovação. E à medida que ocorrem mudanças sociais, a língua se adapta a essas mudanças e produz novas unidades lexicais.⁸

O léxico é, pois, o nível da língua que é mais suscetível a fatores extralinguísticos. Isso se dá pelo fato do léxico “se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico em que se situa o homem” (FERRAZ, 2006, p. 220).

⁷ COSERIU *apud* OLIVEIRA, 1999, p. 19.

⁸ FERRAZ In. SEABRA, 2006, p. 219.

Ao longo dos anos, vários estudos científicos têm se dedicado a essa área, dentre eles, apontamos a Dialetoлогия e a Lexicologia.

1.2.2. Estudos Dialetoológicos

A variedade linguística e as particularidades assumidas por cada língua são, visivelmente, determinadas pelo espaço geográfico. O estudo da língua nesse espaço é o objeto da Dialetoлогия.

Dialetoлогия e Sociolinguística são comumente consideradas, até certo ponto, sinônimas, entretanto, segundo Cardoso (2010, p. 26), “[...] dialetoлогия e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante ao tratamento de seu objeto de estudo.” O que as distingue, na verdade, é a forma de abordagem e o tratamento que dão aos fatos linguísticos. A Dialetoлогия, assim como a Sociolinguística, considera os fatores sociais como sendo extremamente relevantes na análise e descrição dos dados. No entanto, tem como ponto de apoio de seu trabalho a localização espacial dos fatos coletados.

Falantes de uma única língua, mas que residem em regiões distintas, apresentam características linguísticas variadas, assim como os que residem em uma mesma região podem apresentar essa mesma distinção se considerados fatores, por exemplo, como os estratos sociais e as diversas circunstâncias da comunicação.

No Brasil, o interesse pelos estudos dialetoológicos tem seu início a partir de 1920, ano em que é editado *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral. Nesse trabalho o autor tenta realizar análises sobre características morfológicas, fonológicas, sintáticas e lexicais do que ele chama de “um aspecto da dialetoção portuguesa em São Paulo”.⁹ Ainda que esse estudo tenha sido realizado de forma incipiente, mas com grande preocupação com o rigor científico em que seria desenvolvido, é reconhecido como de fundamental importância para a introdução dessas pesquisas no país.

Posteriormente, Antenor Nascentes, com a publicação de *O Linguajar Carioca*, em 1922, Pereira da Costa, com *O vocabulário pernambucano*, em 1937, e Gladstone Chaves de Melo, com a publicação *A língua no Brasil*, em 1934, dão destaque, sobretudo, ao léxico, em seus trabalhos dialetoológicos, contribuindo de maneira significativa com essa área de estudo.

⁹ BRANDÃO, 1991, p. 33.

1.2.2.1. Atlas linguísticos regionais

Seguindo o exemplo dos trabalhos pioneiros, iniciou-se no Brasil, na década de 60 a elaboração de Atlas linguísticos regionais.

Com o intuito de colaborar para a elaboração de um atlas linguístico de âmbito nacional, Antenor Nascentes já aconselhava em seu livro *Bases para elaboração do Atlas linguístico do Brasil* que se realizasse, inicialmente, atlas regionais (CARDOSO 2010, p. 160). Desde então, destacam-se no cenário nacional inúmeros atlas regionais, alguns já concluídos e outros em andamento. Dentre os concluídos, listamos:

- i) Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), publicado entre 1960 e 1963;
- ii) Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), publicado em 1987;
- iii) Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), cujo volume I foi publicado em 1977 e os demais volumes estão em preparação;
- iv) Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), os volumes I e II foram editados em 1984 e o III volume está em fase de elaboração;
- v) Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), publicado em 1994;
- vi) Atlas Linguístico da Região Sul do País (ALERS), foram publicados dois volumes em 2002;
- vii) Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALIPA), publicado em 2004;
- viii) Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II), publicado em 2005;
- ix) Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), publicado em 2008;
- x) Atlas Linguístico da Amazônia, publicado em 2004 como tese de doutorado;
- xi) Atlas Linguístico do Litoral Potiguar, publicado em 2007 como tese de doutorado;
- xii) Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, publicado em 2008 com tese de doutorado.

Em elaboração, destacamos:

- i) Atlas Linguístico do Ceará;
- ii) Atlas Linguístico de São Paulo;
- iii) Atlas Geossociolinguístico do Pará;
- iv) Atlas Linguístico do Mato Grosso;
- v) Atlas Linguístico do Maranhão;
- vi) Atlas Linguístico do Espírito Santo;
- vii) Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte.

1.2.2.2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil

O projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), de caráter nacional, tem como meta a elaboração de um atlas geral que demonstre a realidade da língua portuguesa. Segundo Suzana Cardoso (2010), coordenadora do Projeto, o desejo da elaboração de um atlas de caráter nacional ganhou corpo em 1952, a partir da iniciativa de um grupo de pesquisadores da UFBA, pioneira na atitude de empreender a concretização dessa proposta. Essa ideia foi recuperada e aprovada em 1996, durante a realização do Seminário *Caminhos e perspectivas para a geografia linguística no Brasil*, realizado em Salvador – BA. Seminário este que teve a participação de inúmeros pesquisadores da língua, originários das mais distintas regiões do país. Nessa ocasião, houve a proposta de uma ampla formulação do projeto além da discussão e determinação metodológica para seu desenvolvimento. Ainda segundo Cardoso (2010):

A implantação e o desenvolvimento do Projeto ALIB se constituem, assim, em substancial contribuição para o entendimento da língua e de suas variantes, eliminando visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes, causando, desse modo, ao ensino – aprendizagem da língua, consideráveis prejuízos.¹⁰

A metodologia estipulada para o desenvolvimento do atlas tem com destaques “a estrutura organizacional do projeto, a rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários linguísticos, a realização de inquéritos linguísticos experimentais, a formação de inquiridores e as reuniões nacionais” (CARDOSO, 2010, p. 171).

A rede de pontos estabelecida pelo projeto ALIB inclui cidades de grande e médio porte do país, incluindo todas as capitais, com exceção de Brasília (DF) e Palmas.

Os questionários direcionados são estruturados de três diferentes maneiras que, de acordo com Cardoso, têm como objetivo verificar os aspectos fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático.

Em cumprimento ao cronograma estipulado em abril de 2010, o projeto ALIB já conta com 80% da sua rede de pontos já documentada.

1.2.3. Estudos Lexicais

O léxico de determinada língua representa, comumente, de maneira clara, o ambiente, tanto físico como social, dos falantes. Segundo Sapir (1961, p. 45) “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias,

¹⁰ CARDOSO, 2010, p. 169.

interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade”. Assim sendo, podemos dizer que as palavras não só nomeiam, mas também traduzem e registram o conhecimento de mundo dos indivíduos de uma dada comunidade, uma vez que, ao nomear os seres e os objetos, o homem também realiza uma classificação dos mesmos. De acordo com Biderman (2001, p. 13): “[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo.” O léxico se constitui, portanto, como um patrimônio histórico, social e cultural das sociedades.

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração para geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias.¹¹

Apresenta-se como ‘testemunha de uma sociedade’, já que é o resultado de todas as experiências vividas e acumuladas pelas sociedades e culturas através dos tempos. Como os membros dessas sociedades vão se ‘recriando’, mudando ao logo dos tempos, o léxico também assimila essa condição de ser variável e é esse constante movimento de recriação que expande o inventário vocabular de uma língua.

Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e a cultural.¹²

Contemporaneamente, várias são as teorias adotadas para o estudo do léxico. De acordo com Krieger (2006, p. 159), dependendo da teoria utilizada, o conceito de léxico pode variar, isso porque quando se trata do estudo das palavras, sendo este o foco da pesquisa, tem-se nas mãos um objeto múltiplo de estudo, ou seja, um tema que não apresenta, segundo a autora, uma “homogeneidade investigativa”.

As várias possibilidades de abordagens relacionadas, seja à feição multifacetada da palavra, seja a seu papel na articulação do discurso, seja ainda à interligação com o mundo exterior, justificam a diversidade de campos gramaticais, linguísticos e discursivos que a ele se voltam ou com ele se interconectam.¹³

¹¹ BIDERMAN, 1981, p. 132.

¹² SAPIR, 1961, p. 51.

¹³ KRIEGER, In. SEABRA, 2006, p. 160.

Como o léxico reflete a cultura de um povo, através de sua análise é possível verificar os conceitos e eventos da vida dos falantes. Para Oliveira (1991, p. 41) “língua e cultura configuram-se como um bloco indissociável que, no caso da língua materna, passa a ser adquirido, paulatinamente.” E é esse léxico adquirido que identifica os elementos que circundam determinada comunidade e possibilita o convívio social.

1.2.3.1. Disciplinas tradicionais: a lexicologia e a lexicografia

No vasto universo dos estudos lexicais, a lexicologia e a lexicografia enfocam seu objeto de estudo – a palavra – de maneiras distintas, porém, com finalidades comuns: descrever o léxico.

A lexicologia tem como objetivo básico estudar a palavra, categorizá-la e analisar sua estrutura dentro do universo lexical. Ora, cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que se encontra inserida numa cadeia paradigmática, articulada em combinatórias sintagmáticas, o que nos leva a inúmeras significações linguísticas.

A Lexicografia, por sua vez, é uma atividade antiga que pode ser definida como a ciência que se dedica à prática dicionarística. O início da Lexicografia se deu, efetivamente, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna).¹⁴ Antes disso, o que havia eram obras que se resumiam a listas de palavras explicativas que cooperavam para a interpretação de textos da antiguidade clássica e da bíblia.

As obras lexicográficas podem ter diversos modos de organização e também registrar diferentes tipos de lexias, tudo depende de seu objetivo. Podem ser descritivas (quando se contempla o registro das lexias tal como elas são utilizadas em determinadas comunidades de fala) ou prescritivas (cujo objetivo é determinar a maneira como que as palavras e expressões devem ser empregadas). Além disso, elas também podem ser monolíngues, bilíngues ou multilíngues. Essas obras podem se restringir em registrar temas específicos ou se limitarem a determinadas regiões.

Os *dicionários*, *glossários* e *vocabulários* são produtos dos estudos lexicográficos. De acordo com Barbosa (1995), o dicionário objetiva reunir o maior número possível dos lexemas de uma língua e defini-los; o vocabulário, por sua vez procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso, seja ele político, geográfico ou religioso, como é o caso dos vocabulários técnico-científicos e especializados. Já o

¹⁴ BIDERMAN, 2001, p. 17.

glossário, tem o intuito de esclarecer o contexto lexical de um único texto ou obra manifestado. É comum ser encontrado no final de livros.

1.2.3.2. Léxicos rural e urbano

Nos últimos anos, novas teorias vêm sendo desenvolvidas para a determinação dos conceitos de espaço rural e espaço urbano. Tais discussões ocorrem sob a justificativa de que, em algumas situações, torna-se difícil definir o que é campo e o que é cidade. Isso se dá, segundo alguns estudiosos, pelo fato de que, gradativamente, os espaços antes definidos como rurais adotam práticas tidas como urbanas, relativas, por exemplo, à infraestrutura, às relações de trabalho, aos meios de comunicação etc. É comum ouvirmos dizer que as distâncias entre rural e urbano são reduzidas a cada dia. Segundo Carneiro (1998) *apud* Souza (2009), há o surgimento de novas identidades rurais frente à divulgação de valores urbanos através da vulgarização do acesso a meios de comunicação e transporte e a consequente redução das distâncias entre estes antigos extremos.

Segundo a normativa brasileira, fundamentada no Decreto Lei nº 311 de 1938, a determinação de área urbana e de área rural pode ser vista da seguinte maneira:

[...] urbana é a área e a população que estiver localizada dentro de um perímetro urbano da sede de um município (cidade) ou de um distrito (vila) e rural é a área real e a população que estiver localizada fora desse espaço físico delimitado.¹⁵

Várias são as teorias contrárias a essa divisão. Algumas se mostram favoráveis à ideia do desaparecimento das sociedades rurais, justificado pela tendência à “homogeneidade nas formas econômicas e sociais de organização e da produção”. Outros teorizam que “o rural não se perde frente às transformações profundas por que se passa a modernidade, ao contrário, reafirma sua importância e particularidade”. (BISPO e MENDES, 2010, p. 2)

Tendo em vista a multiplicidade de discussões e teorias acerca do tema, neste trabalho, considera-se como área rural as regiões, pertencentes ao perímetro pesquisado, que apresentam um número de habitantes mais reduzido, residentes em localidades mais isoladas. Assim como Veiga (2004), consideramos que o fator densidade demográfica seja importante para tal caracterização:

densidade demográfica[...] é o indicador que melhor expressa a “pressão antrópica” e reflete as modificações do meio natural ou o grau de artificialização dos ecossistemas que resultam de atividades humanas, sendo o que de fato indicaria o grau de urbanização dos territórios.¹⁶

Além disso, esses espaços são caracterizados por um estilo de vida tipicamente rural, preservando costumes relacionados à agricultura, pecuária, religiosidade etc. Bispo e

¹⁵ BISPO e MENDES, 2010, p. 2.

¹⁶ VEIGA, 2004, *apud* BISPO e MENDES, 2010, p. 5.

Mendes (2010), ao citarem Carneiro (1997), afirmam que não há como negar que atualmente existe uma maior aproximação entre os dois ambientes culturais. No entanto, essa integração não leva necessariamente a uma mudança generalizada da identidade local dos habitantes rurais, ou seja, os espaços não irão se homogeneizar, já que são mantidas suas características específicas.

1.2.3.2.1. Descrição de léxicos regionais

Este tópico será dedicado à apresentação de trabalhos, também de cunho dialetal, que se baseiam na análise de dados orais recolhidos em regiões geográficas previamente definidas, mas que, no entanto, dispõem de uma metodologia distinta da adotada na elaboração dos atlas linguísticos anteriormente citados. São eles *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lúcio de Souza e *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro, dissertações de mestrado, defendidas em 2008 e 2010, respectivamente, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, sob orientação da Professora Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Tais dissertações apoiam-se nos ensinamentos da Antropologia Linguística e não fazem a adoção de questionários. Além disso, realizam-se gravações em áreas rurais, enquanto que o Projeto ALIB seleciona sua rede de pontos, ou seja, suas localidades, tendo em vista densidade demográfica, registrando assim a fala de pessoas pertencentes a centros urbanos.



Mapa 1

Localização do município de Águas Vermelhas¹⁷



Mapa 2

Localização do município de Passos¹⁸

Tanto o trabalho de Souza (2008) quanto o de Ribeiro (2010) tiveram como base o referencial teórico da Sociolinguística (Labov e Milroy), da Antropologia Linguística (Duranti e Hymes), da Lexicologia (Biderman, Barbosa), ensinamentos da Dialeto

¹⁷ Wikipédia. Acesso em: 28 out. 2011.

¹⁸ Wikipédia. Acesso em: 28 out. 2011.

(Cardoso, Ferreira, Isquierdo) e também basearam-se no conceito de regiões culturais (Diégues Jr.).

Em ambos os trabalhos, foram elaboradas fichas lexicográficas para fins de sistematização dos dados coletados, além de confecção de glossários tendo como lema as lexias recolhidas nas gravações orais.

Nossa proposta, nesta pesquisa, é dar continuidade a este Projeto que vem sendo desenvolvido neste Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Estudaremos o léxico de mais uma área rural do interior de Minas: a região da Serra do Cipó, municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas.



Mapa 3

Localização do município de Santana do Riacho¹⁹



Mapa 4

Localização do município de Jaboticatubas²⁰

No próximo capítulo, para embasar nosso estudo léxico-cultural, daremos enfoque aos aspectos históricos dessa região.

¹⁹ Wikipédia. Acesso em: 31 out. 2011.

²⁰ Wikipédia. Acesso em: 31 out. 2011.



FOTO 4: Fabricação de Rapadura
Fonte: Acervo Pessoal

CAPÍTULO 2 – ASPECTOS HISTÓRICOS DA REGIÃO DA *SERRA DO CIPÓ*

2.1. A OCUPAÇÃO DA *SERRA DO CIPÓ*

2.1.1. Região Cultural

Pode-se afirmar que o Brasil, por se tratar de um país de grandes dimensões, tem como característica acentuada a diversidade, seja ela social, cultural ou linguística. Entretanto, mesmo em meio a essa diversidade podem ser notados elementos comuns que são responsáveis pelo “sentimento” de unidade nacional. Com vistas a descrever e caracterizar essa pluralidade cultural do país, Manuel Diégues Júnior (1912-1991), em sua obra intitulada *Regiões Culturais do Brasil* esclarece pontos relativos a essa formação cultural e social.

Segundo Diégues Júnior (1960), tendo em vista o amplo território nacional assim como sua diversidade geográfica, torna-se necessária a definição de regiões culturais para que sejam possíveis realizações de determinados estudos, sobretudo os de âmbito cultural. Ainda segundo o autor, a realização de estudos regionais são fundamentais para a

[...] compreensão e entendimento dos fenômenos brasileiros, da diversificação de técnicas a serem utilizadas, da diferença de situações que decorrem, em grande parte, de estilos de vida peculiares mantidos nas diversas regiões e, às vezes mesmo, em subáreas ou subregiões.²¹

A caracterização das regiões culturais do país, realizada por Diégues Jr. (*op. cit.*), parte do processo de ocupação humana e da relação do colonizador com o ambiente físico. Ambiente este que gera relações geralmente diversificadas, considerando-se as peculiaridades do seu meio. Esse teórico afirma que:

Em parte um dos pontos de partida para essa conceituação – a de regiões culturais caracterizadas pelo processos de ocupação humana – encontrou o seu melhor apoio em ideias de Mukerjee [...]. O sociólogo hindu ao referir-se à importância do estudo regional, salientou que êste faz ressaltar a existência de uma conformidade entre as fases e tipos de evolução econômica e política e as de desenvolvimento social. O que nos pareceu serem justamente êstes elementos o conteúdo ou os fundamentos da região cultural.²²

Tendo em vista tais características – a ocupação humana e sua relação com o meio e sua economia – Diégues Jr. dividiu e caracterizou o país em dez regiões culturais: a do Nordeste Agrário, a do Mediterrâneo Pastoril, a da Amazônia, a da Mineração, a do Centro

²¹ DIÉGUES JR, 1960, p. 6.

²² DIÉGUES JR. 1960, p. 15.

Oeste, a Pastoril do Extremo Sul, a de Colonização Estrangeira, a do Café, a do Cacau e a do Sal, conforme podemos verificar no mapa, apresentado a seguir.



Mapa 5 – Regiões culturais do Brasil (Diégues Jr., 1960)

Nossa área de estudo, a *Serra do Cipó* se concentra na região acima denominada *Mineração*.

Com o processo de desbravamento realizado pelos bandeirantes foram-se abrindo novos caminhos e tornando mais “largos” caminhos anteriores utilizados pelos povos indígenas. Com isso a ocupação territorial se intensificou e houve o povoamento do interior do país. Os centros mineradores tornaram-se núcleos de povoamento. Nesses núcleos realizavam-se de maneira mais intensa as relações étnicas e culturais e a origem da base econômica das minas de ouro e diamantes.

A mineração foi, pois, o fator que possibilitou a ocupação na região central do país, “com ela, em particular dos fins do século XVII e começos do XVIII, cresceram o afluxo

de imigrantes para a região das minas; não apenas gente do Nordeste, em especial escravos negros, como também portugueses e outros.”²³

Com o aumento das explorações nas minas, nasciam os primeiros arraiais e neles “focos” de cultura iam se desenvolvendo.

Há que se destacar, nesse ambiente, os “cruzamentos étnicos”, fundamentais para a caracterização do povo mineiro. Tais cruzamentos, como denomina Diégues Jr., ocorriam entre paulistas, portugueses, mamelucos, indígenas, africanos e judeus.

De acordo com esse autor, essa “massa” isolada pela montanha carrega um espírito conservador ligado às tradições sociais e ao sentimento religioso que se conservam até a atualidade.

Em seu estudo, Diégues Jr. não se esquece de tratar da língua, constituída, como ele mesmo afirma, de uma “vasta variedade”. Para o autor a língua portuguesa também se adaptou ao ambiente, tomando feições próprias nas diversas regiões, porém essa diversidade, continua o autor, foi importante para a manutenção do sentimento de totalidade e de união nacional.

Foi essa diversidade cultural [...] e através do estudo das regiões onde surgem aspectos peculiares, — que tornou — possível evidenciarmos que a unidade brasileira é um produto dessa mesma diversidade, onde as condições físicas de ambiente deram o cenário para que o homem atuasse de acordo com os elementos proporcionados, por esse meio, para que ele pudesse fixar-se.²⁴

2.1.2. Esboço do povoamento das regiões mineradoras de Minas Gerais

Ao longo dos séculos sempre houve o questionamento de qual desses dois grupos teria primeiro adentrado ao território mineiro: o vaqueiro – “homem de chapéu de couro e de laço à garupa” – ou o bandeirante – “o gigante de botas, com o almocafre ao ombro e o carumbé ao colo” (VASCONCELOS, 1944, p. 9). Segundo Vasconcelos (1944), não há dúvida de que mesmo antes das bandeiras, já havia caminhos abertos por baianos e pernambucanos para passagem do gado para o sertão.

Antes, com efeito, que o almocafre de Fernão Dias, de Miguel Garcia de Almeida, de Bartolomeu Bueno de Siqueira, de Salvador Fernandes Furtado, de Antônio Dias de Oliveira e do padre Fialho, rangesse promissor nos cascalhos da Itacambira, do Itatiaia, do Riberião do Carmo, do Sabará e do Itacolomé; quando os “caçudos” do sul mal começavam a sair de matolotagem os seus surrões e aprestar as monções para madrugarem à tona do Tieté e do Paraíba, rumo ao sertão do ouro e dos seixos verdes – já os baianos e pernambucanos, cedendo ao passo tardo, mas seguro, dos seus rebanhos, “gemendo pelas chapadas, aos latidos da ventania e aos açoites do aguaceiro”, sulcavam de trilhos e de

²³ DIÉGUES JR. 1960, p. 243.

²⁴ DIÉGUES JR. 1960, p. 504.

corredores todo o vale imenso do rio Verde, do rio Pardo, do São Francisco e do Jequitinhonha, em busca dos altiplanos verdejantes do rio das Velhas e do Paraopeba.”²⁵

Contudo, foram as bandeiras responsáveis pelo povoamento mais efetivo das regiões mineradoras. No final do século XVI organizavam-se no interior da colônia as primeiras expedições, comandadas pelos bandeirantes, entretanto, a ocupação e o surgimento de redes “urbanas” no interior do Brasil só ocorreu no início do século XVIII com a descoberta de ouro no denominado Sertão dos Cataguases. Antes dessa fase, a ocupação se dava somente nas regiões costeiras do país e o sertão era povoado majoritariamente por grupos indígenas e raros povoados de colonização ligados, principalmente, à produção agropecuária. A Coroa tentava controlar a ocupação do interior, procurando concentrá-la no litoral tendo em vista o risco de invasão estrangeira em terras brasileiras.

Em fins do século XVI havia no interior da colônia um centro de organização situado próximo à Serra do Mar servindo como ponto de partida das primeiras bandeiras, que tinham como justificativa a captura de indígenas como mão de obra escrava. No final do século, o foco dessas entradas mudou e a principal desculpa para a entrada no sertão era a busca por minerais preciosos, ainda que a busca por escravos fosse elevada. Somente no século XVIII o foco das bandeiras deixou de ser a captura de indígenas e passou a ser, efetivamente, a procura do ouro.

Segundo Fonseca (2011, p. 24), “as primeiras grandes jazidas de ouro de Minas Gerais não foram encontradas por bandeirantes oficialmente designados pelo rei”, mas sim por inúmeras expedições de pequeno porte e informais oriundas, em sua grande maioria, da vila de Taubaté.

De acordo com essa mesma autora (FONSECA, 2011, p. 25), a região montanhosa e de difícil acesso, descoberta pelos paulistas e repleta de depósitos auríferos, não demorou a tomar o nome de “Minas Gerais”, nome que significava minas “contínuas” ou “justapostas”, território que rapidamente se constituiu em capitania e fez com que o centro econômico logo se deslocasse do Nordeste açucareiro para o sertão. A ocupação das Minas era impulsionada pelo desejo de riqueza alimentado pela crença em lendas indígenas que falavam sobre tesouros escondidos no interior do país.

Os primeiros arraiais surgiram com a abertura de caminhos pelos bandeirantes que utilizavam as margens como pouso e ponto de cultivo de roças. Esses caminhos foram

²⁵ VASCONCELLOS, 1944, p.10-11.

ficando cada vez mais movimentados e as pessoas começaram a estabelecer-se às suas margens criando povoados.

Foi a partir de 1693, aproximadamente, que os “descobertos” multiplicaram-se pelos afluentes da bacia do rio Doce – os mais espetaculares tendo sido os do vale do ribeirão de Nossa Senhora do Carmo e, não longe dali, da serra do Ouro Preto – verdadeiros Eldorados que atraíram um enorme fluxo de aventureiros [...] Entre muitos outros arraiais, surgiram ali dois povoados que, em 1711, transformaram-se nas duas primeiras vilas mineiras: Vila Rica (atual Ouro Preto) e Vila de Nossa Senhora do Carmo (atual Mariana).²⁶

Com as explorações, foi verificado que eram nas laterais da Serra do Espinhaço onde se concentravam as maiores poções de ouro. Segundo Fonseca,

Foi principalmente em torno deste eixo que outros depósitos auríferos importantes foram descobertos durante os primeiros anos do século XVIII. Ao sul, destaquemos as minas situadas nas campinas próximas ao rio das Mortes, afluente do rio Grande. Nos sertões áridos do norte (vale do Jequitinhonha), os bandeirantes descobriram, por volta de 1703, as minas do “Serro Frio”, onde, posteriormente, foram encontrados diamantes. Na mesma época, espalhou-se a notícia do descobrimento das “minas do Sabará”, no vale do rio das Velhas (bacia do São Francisco).²⁷

2.1.3. Serra do Cipó

Períodos marcantes da história do Brasil tiveram como cenário a Serra do Cipó. A região serviu como via de acesso aos Bandeirantes que partiam de São Paulo em busca de ouro e pedras preciosas. Era através dos caminhos da Serra do Espinhaço que os aventureiros buscavam acesso à Vila do Serro Frio (hoje município do Serro) até atingir o Arraial do Tejuco, atualmente denominado Diamantina. A colonização da região ocorreu a partir de 1700, usando as várzeas dos rios para formar pastos. A região foi grande produtora de charque, que ficou conhecido também como carne-do-sertão.

Inicialmente conhecida como Serra da Vacaria, teve no século XVIII seu nome mudado para Serra da Lapa. Com o estabelecimento da Fazenda Cipó, aparece, pela primeira vez, o nome, que é inspirado nas curvas do rio.

A Fazenda Cipó foi construída próxima a uma via secundária da Estrada Real, conhecida como *Caminho do Sertão*, que, apesar de não ser a rota oficial, era também extremamente movimentada. Por ela passaram importantes personagens da nossa história, dentre eles Saint-Hilaire, em 1817, e Langsdorff, em 1825, como pode ser comprovado nos relatos a seguir:

²⁶ FONSECA, 2011, p. 65.

²⁷ FONSECA, 2011, p. 66.

1) Trecho de *Os diários de Langsdorff – Caderno nº16 – folhas 1 a 28 5 a 24 de janeiro de 1825.*

De manhã cedo, ainda não era possível atravessar o rio Paraúna; por isso precisamos fazer um grande desvio, para cruzar o rio bem mais acima. Passamos por uma cabana pobre, onde mora um negro livre. Só fomos alcançar o rio $\frac{3}{4}$ léguas acima. No ponto em que o atravessamos, ele é largo e raso, de forma que os animais puderam atravessar sem molhar as caixas. Um quarto de légua adiante do rio, tomamos novamente o caminho bom e em linha reta que vem da fazenda do Mato Grosso. Seguindo por ele, chegamos, mais ou menos às 12h, ao rio Cipó, um rio grande e profundo, e o atravessamos pela ponte, próxima à fazenda do Cipó (Guarda Mor José dos Santos). Trata-se de uma fazenda nova, muito bonita e grande, onde logo se percebem muita organização e bem estar. Embora tenhamos sido recebidos com delicadeza e hospitalidade e convidados a montar lá nosso acampamento, vários motivos obrigaram-nos a prosseguir mais 2 léguas em direção à fazenda do Lixo, na divisa entre as Comarcas de Sabará e de Serro Frio.²⁸

2) Trecho de *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil (Saint-Hilaire) – capítulo IV – Viagem de Tijuco ao Morro de Gaspar Soares pela Serra da Lapa.*

Guiado por Barreto atravessei durante algum tempo ora matas muito pobres, ora pastagens artificiais, e enfim comecei a subir a Serra da Lapa. Não poderei dizer quais são os limites desse trecho da cadeia ocidental; mas, na direção de Gaspar Soares, não tenho dúvida que não termine senão depois de várias léguas, descendo sensivelmente em demanda da fazenda de Ocubas. De qualquer modo, a Serra da Lapa, um dos trechos mais elevados da cadeia, é um importante divisor de águas. Nenhum rio considerável aí nasce, é verdade, mas é aí que têm nascentes vários regatos, alguns dos quais correndo para oeste, como o Cipó, lançam-se direta ou indiretamente no S. Francisco, e, outros na vertente leste, tal o Ocubas, levam suas águas ao Rio Doce. De tempos em tempos experimentava na Serra da Lapa uma chuva fria que, mau grado estivéssemos no mês de novembro, era acompanhada de um vento muito frio. Tendo dado notícias de geadas anuais nos arredores de Congonhas, basta-me agora dizer que nas montanhas da Lapa a geada se faz constantemente sentir durante o mês de junho.²⁹

Segundo Christiano Ottoni (2005, p. 25), em 1731, em decorrência da presença de diamantes, já havia na região da Serra do Cipó três grandes caminhos que partiam do Pico do Itabirito (Ouro Preto), acompanhando a Serra do Espinhaço. O primeiro, denominado “Caminho dos Currais”, que seguia pela margem esquerda do Rio das Velhas; o segundo “Caminho de Dentro pelas Macaúbas”, que passava pela margem direita do Rio das Velhas, na região de Santa Luzia até o Riacho Fundo (Santana do Riacho) e seguia rumo à Gouveia, próximo ao Tejuco (Diamantina); e um terceiro caminho, o “Caminho do Mato Dentro”, também denominado Caminho do Distrito Diamantino, que passava por Santa Bárbara e Cocais, margeando a vertente leste do Espinhaço.

²⁸ SILVA, Org., 1997, p. 325.

²⁹ SAINT-HILAIRE, 1974, p. 50.

A *Fazenda do Cipó* servia como parada dos bandeirantes que iam de Sabará para o Serro Frio e também era um “grande estabelecimento agrícola”, como descreve Leônidas Marques:

Este estabelecimento agrícola ficava mesmo à beira do ribeirão, que tem o mesmo nome, quase no sopé da Serra do Espinhaço. // Foi fundada, nos fins do século 18, em terrenos adquiridos por Felício de Morais e seu irmão, João de Morais. // Cultivavam aí a mamona, quase que exclusivamente, razão por que a fazenda não prosperou, nem tão pouco adquiriu maior valor. // Mais tarde, já nos princípios do século 19, o Guarda-Mor José dos Santos Ferreira, tendo se casado com uma filha de Joaquim da Costa Viana, proprietário da Fazenda da Serra, comprou ao Morais os terrenos do Cipó e ali edificou, então, uma grande fazenda, no mesmo local, em que existiu a morada do mesmo. // Em 1829, existia a fazenda do Cipó, porquanto, por cima da porta do oratório, existente a um canto da varanda da frente, esta data se acha escrita, a tinta, perfeitamente legível. // O estilo, em que foi construída a casa de morada, demonstra perfeitamente que a sua construção se fez na última metade do século 18. O novo proprietário aproveitou a casa do seu antecessor e, apenas, melhorou-a. // Por morte do Guarda-Mor, a fazenda passou a pertencer aos seus filhos, Bernardo, Francisco, mais conhecido por Tico, Pe. José dos Santos, João Batista dos Santos Viana e Felicíssimo dos Santos Ferreira. // Estes homens, amantes do trabalho e ótimos administradores, fizeram de sua fazenda o maior centro de produção destes meios. Possuíam cem escravos de oito e numerosas escravas, animais e máquinas agrárias em abundância, embora rudimentares, como eram todas daqueles tempos. Cultivavam cereais, cana de açúcar, algodão e até mesmo o trigo. // Possuíam moinhos, engenhos de açúcar e atafonas. Exportavam de tudo e só importavam o sal e tecidos finos, pois, a roupa grosseira de trabalho era feita com pano de algodão, tecido pelas escravas, nos teares da fazenda, nos quais se empregava o algodão que ali era produzido. // A exportação se fazia nas tropas, que iam, às vezes, até perto do Rio.³⁰

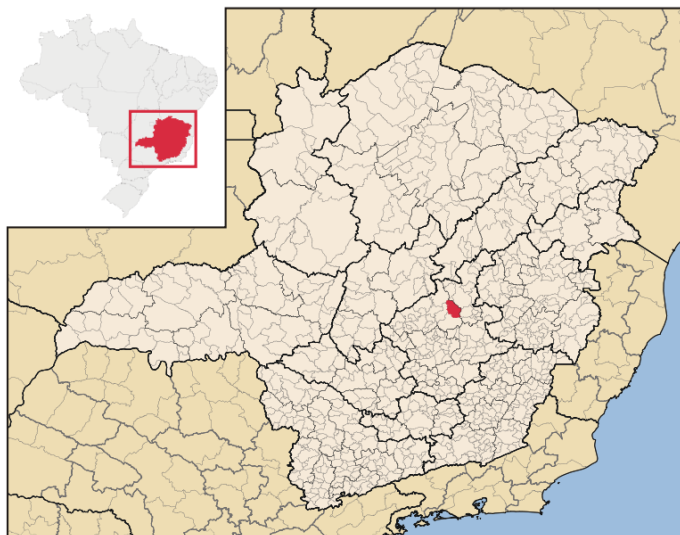
Como se pode observar nesse relato, a movimentação da fazenda era intensa, necessitando assim de um número de escravos significativo. Esses chegaram a essa região no início do século XIX e trouxeram consigo o “mundo cultural africano”. As terras cultivadas por eles em um local próximo à sede da *Fazenda Cipó* foram recebidas como doação após a abolição da escravidão. Ainda hoje vivem lá os descendentes desses escravos. O local, bastante tradicional em se tratando da conservação de costumes, é conhecido como comunidade do Açude.

A Sesmaria Cipó (posteriormente denominada Roça Santa Ana das Jaboticatubas e, depois, Fazenda Santa Cruz do Cipó) era muito extensa, ocupando as atuais localidades conhecidas como Jatobá, Vargem Grande, Curral Queimado, Espada, Usina, Vau da Lagoa, Palácio, Chapéu de Sol, Bandeirinhas, João Congo, Lapinha, Cardoso, Xiru, Açude, Campinho e Cardeal Mota/Serra do Cipó. Tais localidades pertencem hoje a dois municípios distintos: *Santana do Riacho* e *Jaboticatubas*, ambos situados no interior do estado de Minas Gerais.

³⁰ AFONSO, 1957. p. 18-19.

2.1.3.1 . Santana do Riacho

Localizado a 110 quilômetros da capital mineira, na Microrregião de Sete Lagoas e na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, o município de Santana do Riacho possui área total de 676,760 Km².



Mapa 3– Localização do município de Santana do Riacho³¹

O primeiro registro de ocupação no período colonial nessa região data de 22 de maio de 1744, por concessão de sesmaria ao Sargento Mor Antônio Ferreira Aguiar Sá, que deu o nome de *Fazenda do Riacho Fundo* ao local onde hoje se situa o município de Santana do Riacho, outrora pertencente à Comarca do Serro Frio. Tal sesmaria era limítrofe à Vila de Sabará, ao rio de Pedras e à Serra da Lapa. O arraial, que passou a ser chamado de Distrito do Riacho Fundo em 1759, surgiu nos arredores da capela dedicada à Nossa Senhora de Santana. Após inúmeros impasses políticos, em 1911, o distrito passa a fazer parte do município de Santa Luzia, entretanto, com a criação do município de Jaboticatubas em 1938, Riacho Fundo é anexado ao recém-criado município. A emancipação do distrito se deu em 1962, já com o atual nome de Santana do Riacho.

De acordo com descrição do Plano de Inventário do município, elaborado em 2006, no que tange à formação cultural em Santana do Riacho, são várias as formas de apropriação de seus habitantes. Destacam-se a culinária, a produção de cachaça, o artesanato e as festas populares, como o candombe, a cavalhada e a festa dos Reis Magos. As principais atividades econômicas do município, segundo fonte do Instituto Brasileiro de

³¹ Fonte: (Wikipédia, 31/10/2011).

Geografia e Estatística (IBGE), estão relacionadas à agropecuária, com o cultivo, principalmente, do abacaxi, da mandioca, da laranja e da cana de açúcar; e, também, à pecuária, com a criação predominante de bovinos, suínos e galináceos. Há que se destacar, ainda, as atividades turísticas, bastante importantes no município, devido principalmente aos atrativos naturais presentes na região.

2.1.3.2. Jaboticatubas

Localizado a 63 quilômetros da capital mineira, na Microrregião de Sete Lagoas e na Mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, o município de Jaboticatubas tem a área total de 1114,16 Km².



Mapa 4 – Localização do município de Jaboticatubas³²

O município foi criado onde, anteriormente, eram as terras pertencentes ao ermitão Félix da Costa, que as havia adquirido com o intuito de construir o Recolhimento de Macaúbas, convento para mulheres ainda existente no local, por meio de sesmaria solicitada em 1716 e confirmada por D. João V por Resolução de 28 de julho de 1728. Segundo Afonso (1957), as terras que foram concedidas a Félix da Costa denominavam-se *Serra da Montanha*. Posteriormente à fundação do convento, as recolhidas requereram ao Governador da Capitania outra sesmaria, à margem do Rio das Velhas, na região pela qual passava a movimentada estrada para o Serro. A sesmaria foi concedida por D. Lourenço de Almeida, em 1725. Após a morte de Félix da Costa, ainda foram concedidas ao

³² (Wikipédia, 31/10/2011).

Recolhimento de Macaúbas mais duas sesmarias: uma em 1760 e outra em 1790, esta última confirmada pela Rainha de Portugal D. Maria I.

Assim, com a concessão destas quatro sesmarias, passavam a pertencer a Macaúbas toda a bacia do ribeirão de Jaboticatubas, do córrego do Amaro, da Fazenda de Baixo e parte da bacia do ribeirão Cipó e dos córregos Pontal e Minhocas.³³

É consenso que dois elementos concorreram para o povoamento do interior do Brasil: o ouro e o boi. Para o povoamento de Jaboticatubas, influenciou o segundo. Devido à grande movimentação pecuária e a extensão de terras, foram organizados três estabelecimentos pastoris; um deles, localizado à margem da estrada do Serro, ganhou o nome de *Retiro das Jaboticatubas*, localidade que posteriormente foi denominada de *Fazenda das Castanheiras*, local onde hoje se encontra a sede do município. Em 1841, o então povoado torna-se curato, e, em 1858 transforma-se em paróquia, denominada Nossa Senhora da Conceição de Jaboticatubas. Em 1938, é elevado à categoria de município, já como o atual nome de *Jaboticatubas*.

2.1.1.3. Parque Nacional da Serra do Cipó

Destacamos, também, nessa região em estudo, o Parque Nacional da Serra do Cipó, uma extensão que ocupa parte significativa dos territórios dos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas.

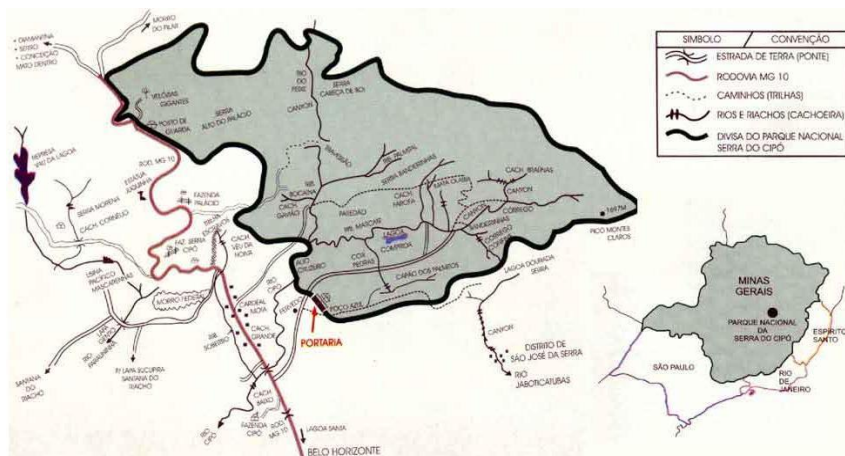
Além de Langsdorff e Saint-Hilaire, outras personalidades importantes do século XIX, como Peter Lund, Eugene Warming, I.B. Spix, C.F.P. Von Martius e Álvaro Silveira, destacaram em seus relatos as belezas e riquezas naturais da Serra do Cipó.

Na década de 1950, um movimento encabeçado pelos próprios moradores reivindicava a criação de uma Unidade de Conservação na região. Entretanto, somente em 1975 inicia-se, de fato, o processo de criação da referida Unidade: cria-se, então, o Parque Estadual da Serra do Cipó, com 27.600 hectares.

Em 1981, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) designa uma comissão responsável por analisar a possibilidade de transformar o até então parque estadual em nacional. O Decreto nº 90.223, referente a criação do Parque Nacional da Serra do Cipó foi publicado no Diário Oficial da União em 25 de setembro de 1984.

³³ AFONSO, 1957, p. 5.

O parque abrange, além de Santana do Riacho e Jaboticatubas, os municípios de Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro, possuindo, atualmente, uma área de 33.800 hectares.



Mapa 6 – Parque Nacional da Serra do Cipó³⁴

Grandes belezas naturais estão no Parque Nacional da Serra do Cipó, que possui um relevo acidentado e altitudes que variam entre 700 e 1700 metros. Dentre elas, pode-se citar a cachoeira da Farofa, que possui uma queda de mais de 70 metros e o *canyon* das Bandeirinhas. Destaca-se em meio à riqueza vegetal a *Vellozia pereseana*, popularmente conhecida como *canela de ema*, uma espécie de planta própria da Serra do Cipó.

Esse parque, como também, os municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas, integra hoje o circuito “Estrada Real”, programa criado em outubro de 1999 pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG).³⁵

Em abril de 2003, o Governo do Estado de Minas Gerais transformou a iniciativa em programa estruturante que foi implantado em 177 municípios, 162 pertencentes ao Estado de Minas Gerais, 8 ao Estado do Rio de Janeiro e 7 ao Estado de São Paulo.

Atualmente a Estrada Real é o mais amplo projeto turístico em desenvolvimento no país. Ela abrange 1400 quilômetros de rodovias e envolve 177 municípios através de três caminhos: o Caminho Velho, que liga Ouro Preto (MG) à Paraty (RJ), que foi a primeira via oficializada; o Caminho Novo, que liga a cidade de Ouro Preto (MG) à cidade do Rio de Janeiro (RJ), aberto no século XVII; e o Caminho dos Diamantes, que liga Ouro Preto (MG) à Diamantina (MG), criado em 1729 por ocasião da descoberta de diamantes na região do Serro Frio.³⁶

³⁴ Fonte: (www.serradocipo.com 31/10/2011).

³⁵ O Instituto Estrada Real (IER) é descrito como “uma sociedade civil sem fins lucrativos que tem por objetivo organizar, fomentar e gerenciar o produto turístico Estrada Real.”

³⁶ Instituto Estrada Real.

Ainda de acordo com dados do Instituto Estrada Real, dentre os recursos naturais, a exuberância das águas torna esse circuito singular, sendo que a parte mais significativa das atrações envolve rios, cachoeiras e lagos, destacadamente das regiões de Santa Bárbara, Diamantina, Carrancas e Serra do Cipó.



Mapa 7 Circuito Estrada Real (Instituto Estrada Real, 31/10/2011).

No próximo capítulo, enfocaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do nosso estudo.



FOTO 5 – Casa de adobe na Serra do Cipó/MG
Fonte: Acervo Pessoal

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sendo o léxico o subsistema da língua que mais se reporta a um “mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico em que atua o homem” (FERRAZ, 2006, p. 220), representando assim, de maneira clara, o ambiente tanto físico como social dos falantes; e, ainda, considerando a importância da correlação existente entre léxico, cultura e sociedade, surge o interesse em realizar um estudo lexical da Serra do Cipó/MG.

Acreditamos que a realização de uma pesquisa em uma região que se destaca por estar nos “caminhos” do ouro e do gado, desde os primórdios do Estado mineiro, pode contribuir, sobremaneira, para com um estudo linguístico cultural.

Acreditamos, ainda, que nossa familiaridade com a região pesquisada e com seus moradores contribuiu para a realização deste estudo, uma vez que nos integramos nas suas “redes sociais” (MILROY, 1987).

Cabe salientar que não existem registros de realização de estudos de cunho lexical focados nessa região. Com isso esperamos poder contribuir com os estudos dialetológicos e lexicais sobre comunidades presentes em território mineiro.

3.1 OBJETIVOS

Os objetivos norteadores da nossa pesquisa foram:

- realizar um estudo, sob o suporte teórico fundamentado na Sociolinguística, na Antropologia Cultural e na Lexicologia, portanto, de caráter lexical, histórico e cultural da região da Serra do Cipó/MG, focalizado na rede semântica do mundo rural;
- descrever o léxico coletado em entrevistas;
- procurar vestígios de vocabulário setecentista e oitocentista que pudessem configurar como casos de retenção linguística;
- levantar e analisar aspectos socioculturais da região pesquisada para posterior auxílio à análise de *corpus*;
- contribuir, através do material coletado, com um banco de dados para posteriores pesquisas linguísticas;
- relacionar os dados coletados à história e à cultura local;

- comparar os resultados da pesquisa com os dados apresentados por Souza (2008) e Ribeiro (2010), em suas dissertações de mestrado intituladas, respectivamente: *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas* e *O vocabulário rural de Passos/MG: o estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, e posteriormente verificar se há itens lexicais comuns;
- elaborar um glossário com o vocabulário coletado no município em questão.

3.2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

No capítulo I foram apresentadas as bases teóricas do trabalho e no Capítulo II os aspectos históricos e sociais da região pesquisada. Tais informações se mostram necessárias para o bom desenvolvimento da pesquisa do léxico regional.

Cumprimos as seguintes etapas:

- pesquisa de campo para a realização de entrevistas orais, como objetivo de coletar itens lexicais;
- transcrição das entrevistas selecionando as lexias peculiares do meio rural;
- preenchimento e análise de fichas lexicográficas;
- análise dos dados;
- elaboração de glossário.

3.2.1. Pesquisa de campo e coleta de dados

Primeiramente houve o deslocamento para a região pesquisada e, seguindo metodologia proposta por Labov (1972), realizamos 12 entrevistas orais, gravadas em ambientes familiares ao informante, ora em sua casa ou em seu local de trabalho (como foi o caso da realização de uma entrevista em um engenho de cana de açúcar). O tempo das gravações variou de 30 minutos a 1 hora e 15 minutos e foram realizadas por meio de conversa informal, sem a adoção de perguntas previamente elaboradas. Após as entrevistas, os dados foram transcritos, seguindo modelo previamente definido. Em seguida, realizou-se a seleção de lexias que pareciam retratar os costumes e a cultura local. Tal seleção só foi possível porque temos em conta a teoria laboviana que determina que:

O nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável está associado à classificação dos elementos variantes da língua face à avaliação social a que estão sujeitos. Tal classificação engloba os seguintes tipos: (i) *os indicadores*, que operam num nível inconsciente, dizem respeito aos elementos linguísticos sobre os quais haveria pouca força de avaliação, podendo haver

diferenciação social de uso destes elementos correlacionado à idade, à região o ao grupo social, mas não quanto a motivações estilísticas; (ii) *os marcadores*, que também permanecem abaixo do nível de consciência, correlacionam-se às estratificações sociais e estilísticas e podem ser diagnosticados em testes subjetivos; (iii) *os estereótipos*, que são formas socialmente marcadas e reconhecidas pelos falantes. Alguns estereótipos podem ser estigmatizados socialmente, o que pode conduzir à mudança linguística rápida e à extensão da forma estigmatizada. Outros estereótipos podem ter um prestígio que varia de grupos para grupos, podendo ser positivo para alguns e negativo para outros. (LABOV, 1979; 2001)

Selecionadas as lexias, realizamos a consulta em dicionários representativos dos séculos XVIII, XIX e XX, dicionários etimológicos e em glossários presentes em pesquisas similares recentemente realizadas.

3.2.2. Seleção de Informantes

A seleção dos informantes foi realizada tendo como parâmetro as normas propostas pelo Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*,³⁷ utilizadas em vários trabalhos desenvolvidos na UFMG, dentre eles os de Seabra (2004), Souza (2008), Menezes (2009) e Ribeiro (2010). Tais normas para seleção são as seguintes:

- a) ter idade igual ou superior a setenta anos;
- b) ser preferencialmente da zona rural;
- c) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município em estudo;
- d) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

Acredita-se que a escolha desse perfil para seleção dos informantes possa revelar um léxico próximo do vernacular e, ainda, acusar possíveis retenções lexicais.

Realizadas as 12 gravações, foram verificados os seguintes dados acerca dos informantes:

- Quanto à idade: 70-75 anos: 5 pessoas (41,7%); 76-80 anos: 3 pessoas (25%); 81-85 anos: 1 pessoa (8,3%); 86-90 anos: 2 pessoas (16,7%) e de 95 a 100 anos: 1 pessoa (8,3%).
- Quanto ao gênero: masculino: 4 (33,4%) e feminino: 8 (66,6%).
- Quanto ao grau de escolaridade: nenhuma: 10 (83,3%) e da 1ª a 4ª série: 2 (16,7%). Quanto à ocupação profissional: lavrador: 8 (66,6%) e do lar 4

³⁷ Projeto da FALE/UFMG, com o apoio da Fapemig, sob coordenação da Profª Drª Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

(33,4%). Quanto ao município em que reside: Jaboticatubas: 6 (50%) e Santana do Riacho: 6 (50%).

3.2.3. Transcrições

As transcrições seguem o modelo adotado por Amaral (2001), Seabra (2004), Souza (2008), Menezes (2009) e Ribeiro (2010), que, por sua vez, seguiram a proposta utilizada pela equipe do Projeto *Filologia Bandeirante*³⁸ e, depois, adaptada pela equipe do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*. O modelo não se refere a uma transcrição fonética, trata-se de uma transcrição ortográfica, com adaptações.

São orientações gerais: a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;

b) deve ser adequada aos fins;

c) deve permitir a compreensão do significado do texto;

d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica;³⁹

e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma 'imagem' do texto elaborado no plano da oralidade.⁴⁰

1- Nem tudo será registrado:

a) o alicamento das postônicas não será registrado.

ex.: diferente= diferente torrado= torradu

(A ideia é: o que é categórico, não-marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2- Será obrigatoriamente registrado:

a) alteamento/abaixamento das pretônicas.

piridi=perdi

reberão= ribeirão // premero= primeiro

b) a redução dos ditongos [ow];[ey]; [ay], serão grafados ortograficamente como pronunciados.

dotô= doutor;

falô= falou; primero=primeiro;

reberão=ribeirão

c) ausência do -r no final dos nomes: doutor = dotô

- ausência do -r final em verbos: falá=falar; comê= comer

- ausência do -r- no meio de vocábulos: pá= prá; madugada=madrugada

d) ausência do -m final, desnasalização: homem=home; garagem=garage

³⁸ COHEN, *et alli*, 1997.

³⁹ FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000, p. 172.

⁴⁰ FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000, p. 172.

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalados deverão ser marcadas com o til: assim termos *ĩlusão* e *ĩzame* . (Clicar em inserir símbolos, latim estendido e lá há todas essas possibilidades do ~ com vogais como e, i e u -Times New Roman).

f) prótese: as próteses serão marcadas ortograficamente, como pronunciadas:

Izé =Zé; ieu = eu; alembirá=lembrar

g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais, serão marcadas com '.

mai' ~ mais; ago' ~ agora

h) paragoge: mali = mal

i) iotização, grafando com i: fia = filha; jueio = joelho

j) aglutinação, com apóstrofo: dex'eu = deixa eu; pr'eu ~ para eu

k) pronomes *ele, ela, eles, elas* e *eu* serão grafados como realizados: Eis = eles;

ê = ele; ea = ela; eas = elas

l) casos de *uma, alguma, nenhuma, etc*, marcar com til: ãa ~ uma;

algãa ~ alguma

m) variação fonética do s – será grafada como efetivamente realizada.

Ex.: mermo ~ mesmo; memo

3) Indicações de:

- Pausa: reticências ...
- inaudível ou hipótese do que foi ouvido, parênteses simples: ()
- comentários: (())
- sobreposição de fala: { }
- discurso direto: " "
- ênfase: maiúscula
- truncamento: /
- alongamentos : repetir o segmento
- começar com minúsculas
- pontuação: apenas interrogação ?
- interjeição: com h

3.2.4. Fichas lexicográficas

Foram elaboradas 335 fichas lexicográficas, organizadas em ordem alfabética, contendo análise dos dados coletados nas entrevistas orais e transcritos seguindo metodologia adequada. Ressaltamos que foi elaborada uma ficha para cada lexia selecionada, conforme modelo a seguir:

Nº da ficha – lexia ⁴¹ (classificação morfológica) _____ Nº de ocorrências <i>abonação</i>
Registro em dicionários: 1. Bluteau: 2. Moraes: 3. Laudelino Freire: 4. Aurélio: 5. Cunha: 6. Amadeu Amaral:
Registro em glossários: 1. Souza (2008): 2. Ribeiro (2010):

- a) Do lado esquerdo, em primeira posição, apresentamos o número da ficha, seguido do vocábulo selecionado para análise. Esse vocábulo aparecerá na forma encontrada nas entrevistas, salvo os verbos que, por causa da diversidade de formas, optamos por colocá-los na forma infinitiva; e, entre colchetes, sua classificação morfológica, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus*.
- b) Do lado direito, em primeira posição, apresentamos o número de vezes que a lexia aparece nas entrevistas.
- c) Logo abaixo, no item “abonação”, apresenta-se, em itálico, um trecho da fala do entrevistado contendo uma mostra do *corpus* da lexia em estudo. No final desse item, são identificados o número da entrevista e a linha em que o vocábulo aparece nesse *corpus*.
- d) No item “registro em dicionários”, destaca-se como o vocabulário é descrito em cada obra. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra o termo, indicamos “n/e”.

⁴¹ *Lexema e lexia* são termos recorrentes na Lexicografia. O lexema seria uma palavra, ou parte dela, que carrega um significado próprio, já a lexia refere-se “ao uso que se faz de um lexema, como no caso das palavras flexionadas: casa e casas, cantar e contou.” (Ribeiro, 2010, p. 38).

- e) No item “registro em glossários”, verifica-se o registro das lexias nos glossários presentes nas obras *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lucio de Souza e *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro. Quando não há o registro da lexia no glossário, indicamos “n/e”.
- f) Algumas vezes, a entrada do verbete adotada pelos dicionários e glossários consultados não corresponde à nossa lexia. Há variações quanto ao gênero, número, ortografia. Nesse caso, optou-se por considerar a forma dicionarizada, pois essas variações não prejudicavam nossa análise.

A análise das fichas nos permite verificar se a lexia em questão é dicionarizada ou não, por um ou mais autores, ou por nenhum deles; se é comum em regiões distintas do Estado, ou não ocorre; se o vocabulário é considerado arcaico, se é um brasileirismo etc. A ficha lexicográfica constitui-se, ainda, como uma ferramenta eficiente na quantificação e comparação dos nossos dados.

3.2.4.1. Obras lexicográficas consultadas

As obras lexicográficas utilizadas neste trabalho foram selecionadas tendo em vista a afirmação de Matoré (1968) de que “o vocabulário é a expressão de uma sociedade.”

Adotamos para consulta:

- i) O *Vocabulário Portuguez e Latino* (1712-1721), de Rafael Bluteau: obra que inaugurou o movimento de dicionarização, contribuindo de maneira central na consolidação da noção do português como língua nacional. Verdelho (2009) aponta a obra de Bluteau como a “mais monumental da lexicografia portuguesa.”

A obra de Bluteau pode ser [...] categorizada como um dicionário enciclopédico que reflete a época em que o autor viveu, época cujo imaginário está ligado a reis, monarcas, rainhas, princesas, batalhas, cavalheiros e igreja. Neste sentido, transmite com fidelidade a mentalidade de seu tempo. A análise da obra possui, assim, um interesse sociolinguístico.⁴²

- ii) Em 1789 é publicada a primeira edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, uma obra monolíngue, que, apesar de ser uma continuidade da obra de Bluteau, traz inúmeros vocábulos inéditos. Segundo

⁴² MURAKAWA, 1997, p. 497.

Biderman (2003, p. 56) “podemos considerar Morais (SILVA, 1813) como um dicionário de língua, registrando o vocábulo mais usual da língua escrita e oral do seu tempo.”

- iii) *O Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* foi publicado no Rio de Janeiro de 1939 a 1944, sob a organização de Laudelino Freire. Trata-se de uma obra de referência do século XX por apresentar grande riqueza vocabular, além da inclusão de locuções e expressões, termos técnicos e neologismos.
- iv) Considerado como um “dicionário padrão da língua portuguesa” o *Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa* apresenta um diversificado repertório lexical. É uma obra que dispõe de um grande número de abonações de variadas obras, exemplos a partir de linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, concisão e clareza em suas definições. Entretanto, é um dicionário que ainda possui algumas limitações.
- v) O *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* foi escolhido com o objetivo principal de esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada de sua entrada na língua portuguesa, já que, parte desses vocábulos não estava registrada nos dicionários mais antigos. Identificar as formas variantes que os vocábulos adquiriram no decorrer do tempo e verificar se algumas delas coincidiam com as encontradas no nosso *corpus*, era outra finalidade da seleção deste dicionário.
- vi) O dicionário de Amadeu Amaral, presente na obra *Dialeto Caipira*, é importantíssimo para que sejam feitas comparações entre os itens lexicais característicos do meio rural, selecionados em nossas entrevistas e os itens contidos em sua obra que, conforme descrição do próprio autor, tem a pretensão de “caracterizar o dialeto ‘caipira’, ou se acham melhor, esse aspecto de dialeção portuguesa em S. Paulo.” Amaral, pioneiro no estudo do léxico rural, já apontava que os estudos regionais da língua portuguesa

[...]permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.⁴³

⁴³ AMARAL, 1976, p. 3.

Tendo em conta a visionária afirmação de Amaral, a consulta aos glossários presentes nas obras *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lucio de Souza e *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro são de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, já que, conforme citado no tópico 1.2.3.2.1, os itens lexicais presentes em ambos os glossários foram selecionados e analisados seguindo a mesma metodologia por nós utilizada. A partir de consultas a essas obras, podemos verificar semelhanças e diferenças lexicais em três zonas distintas do território mineiro.

3.3 MACRO E MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO

Para a elaboração do glossário, foram adotados como base alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia, dentre eles destacam-se Haensch (1982) e Barbosa (1995), que trazem uma definição consistente relativa ao termo *glossário*. O glossário, de acordo com Haensch (1982), é toda obra lexicográfica que registra e explica vocábulos usados por autores de uma obra literária. Para ele, não apenas o texto literário, mas inúmeros textos podem salientar palavras de significados difíceis; quando tais palavras aparecerem em ordem alfabética no final de um texto, chama-se de *glossário*.

Já para Barbosa (1995, p. 19-21),

o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, podendo ser classificado em *lato sensu* e *stricto sensu*. Ambos resultam do levantamento das palavras – ocorrências – e das acepções em um único texto.

Este trabalho teve como objetivo a confecção de um glossário onde fosse catalogado um número expressivo de lexias encontradas no *corpus*. Tais lexias foram organizadas de acordo com dois métodos: o onomasiológico e o semasiológico – o primeiro trata do conceito ao nome e o segundo do nome ao conceito. A escolha dos dois métodos se justifica pelo fato da “Onomasiologia e a Semasiologia, ao mesmo tempo que se opõem, complementam-se constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico.” (Seabra, 2004, p. 34)

3.3.1. A Macroestrutura

Após a realização das 12 entrevistas orais obtidas através de pesquisa de campo e das transcrições de tais entrevistas, houve a seleção de lexias que melhor caracterizassem o ambiente rural da região pesquisada.

Selecionadas as lexias que compõem o glossário, as entradas foram organizadas em ordem alfabética, mantendo a forma registrada nas transcrições para melhor consulta e identificação, com exceção dos verbos que foram alterados para sua forma infinitiva.

Seguindo o método onomasiológico, as lexias foram agrupadas em redes semânticas afins.

3.3.2. A Microestrutura

Para a elaboração da microestrutura do glossário presente neste trabalho, foi utilizado o seguinte modelo:

Forma do Verbetes

Lexia – (dicionarizada) • *Estrutura Morfológica* • *Origem* • *Definição* • *Abonação*.

As informações *Lexia*, *Registro em Dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem* e *Abonação* são consultadas nas fichas lexicográficas. A *Definição*, por sua vez, constará somente no glossário. Segue exemplo de verbete:

BRUACA • (A) • Nf[Ssing] • Cast. • Saco de couro cru para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas. • “*Aqueas bruaca né... bruaca de côro... aí inchia a bruaca... punha saco dent’ da bruaca um pegava e falava... ‘traz gente’*” (Ent. 09, linhas 05 e 06)

O próximo capítulo trata da descrição e análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas.



FOTO 6 – Vista Pedra do Elefante – Serra do Cipó/MG
Fonte: Acervo Pessoal

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1. FICHAS LEXICOGRÁFICAS

Este capítulo tem como objetivo descrever e analisar os dados retirados do *corpus*. Esses se encontram par consulta em CD-Rom anexo. Nele constam as transcrições relativas às 12 entrevistas orais realizadas para nosso estudo, na comunidade rural da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Minas Gerais, seguindo metodologia apresentada no capítulo III do trabalho. As 335 lexias selecionadas estão aqui apresentadas em fichas para fins de sistematização, organizadas em ordem alfabética e transcritas conforme as regras citadas nesse capítulo. Passemos à apresentação e análise das lexias.

1 ABISAR [V]_____01 ocorrência
<i>Tabaiava lá naquela época né...então e ele foi <u>abisado</u> que tava com...mas é num ligava pra coisa né pra pressão arta né</i> (Ent.07,linha 180)
Registro em dicionários: 1. Bluteau: <u>Avisar</u> Fazer Aviso 2. Moraes: <u>Avisár</u> v.at. Dar, fazer aviso; noticiar; amoestar. 3. Laudelino Freire: <u>Avisar</u> v. r. v. B. lat. <i>advīsare</i> . Dar aviso a, anunciar ou fazer saber a (<i>tr. dir.; bitr.</i> , com prep. <i>de</i>): “Elza, pronta, mandou a criada <i>avisá-lo</i> ” (C. Neto). 4. Aurélio: <u>Avisar</u> [Do fr. <i>aviser</i>] V.t.d. 1. Dar aviso a; fazer saber; anunciar a. 5. Cunha: <u>Avisar</u> <i>vb.</i> ‘informar, prevenir’ <i>avy-</i> XIV Do fr. <i>aviser</i> , deriv. do lat. <i>vīsum</i> , ‘ver, olhar’ avisADO XV, <i>havisado</i> XV etc. avisAMENTO XIV aviso <i>au-</i> 1572 Deverbal de avisar DESavisADO XV DESavisAMENTO <i>-vy-</i> XV. 6. Amadeu Amaral: n/e
Registros em Glossários 1. Souza: n/e 2. Ribeiro: n/e
Nota: abisar~avisar : degeneração
2. ABUSANTE Nm[ADJsing]_____01 ocorrência
<i>Cê faz ôta cumpá (C...) faz ôta dessa fica abusano cê é muito <u>abusante</u></i> (Ent. 10, linha 227)
Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Laudelino Freire: n/e 4. Aurélio: n/e 5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

3. ABUSCAR [V] _____ 01 ocorrência

Uai ô durmi na casa de (R...)...(R...L...)...(L...) do Morro fui buscá maco maco fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abuscá...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio (Ent.04,linha 152)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Buscar Fazer para achar

2. Moraes:

Buscár v. at. Fazer diligencia por achar alguma coisa. (*ital. Buscare*)

3. Laudelino Freire:

Buscar v.r.v. Tratar de adquirir, achar ou obter (*tr. dir.*; com prep. *em, entre*)

4. Aurélio:

Buscar [De or. incerta] **V.t.d 2.** Tratar de trazer ou levar.

5. Cunha:

Buscar *vb* ‘procurar’ XVIII. De origem duvidosa || **busca** XIII. Deverbal de *buscar* || **buscaDOR** XIV || **Rebuscar** XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Nota: abuscá~buscá : Prótese

4. ACUIER [V] _____ 01 ocorrência

Passado uma semana nós vortô ota vez aí o arroz que tinha ... que tava sem cortá levantô e nózi ... nós consiguu acuiê (Ent.07,linha 28)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Nota: acuiê~colher: Prótese

5. ADOBE Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

Fui embora pra casa de mamãe lá ê fez dois cômodo no Papagai num terreno que ê comprô...aí fez menina um trezím assim de adobe...adobe...primêro foi adobe...isso aqui essas parede é de tijolo e lá não nós rebocô ficô os dois quartim depois fez a cuzinha (Ent.06,linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Adobe, adobe. Espécie de ladrilho grosso, não cozido ao fogo, mas seco ao sol.

2. Moraes:

Adôbe s.m. tijolo de barro quadrado cru; as casas são de *adobes*.

3. Laudelino Freire:

Adobe s.m. Ár. *At-tob*. Tijolo grande, não queimado; tijolo cru.

4. Aurélio:

Adobe¹ (ô). [Do ar. *At-tūb*, ‘tijolo cru’, ‘ladrilho’.] **S.m. 1.** Pequeno bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol, e que também é feito misturado com palha, pra se tornar mais resistente; tijolo cru.

5. Cunha:

Adobe¹ *sm* ‘tijolo de argila misturado com palha e cozido ao sol’ | 1562, *adoue* XV | Do ár. *At-tūb*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Adobo• (A) •Nm [Ssing] •Ár. •Tijolo de argila misturado com palha e cozido ao sol. • *Adobo cê sabe que que é né? [...]* *Pra fazê parede, adobo que chama. [...]* *As casa, a maió parte era feita de pau-pique e adobo.* (Ent. 5, linhas 33, 40, 43)

6. ALEMBRAR [V]

24 ocorrências

Tirava pôco mas tirava...e era azedo...nó...cês alembra muito da cumá (D...)? (Ent.01, linha 39)

Meu jesus foi preso e foi morto deus me cunfessa todos meu pecado isquicido e alemrado...os presente e os passado (Ent.02, linha 20)

Dona (A...) perto dea morrê ea inda tava lúça...falano aí ea falô cumigo ô sá (A...) cê alembra do burrusquê? (Ent. 03, linha 56)

Eu alembro que uma vez ieu tava passano aí passô um tar de...comé que chama o home...que morava lá nas Areia (Ent.03, linha 28)

Minha históra dois livro é pôco tem que tê é tempo e eu alembra né (Ent. 04, linha 01)

A hora que ê calô eu alembrei que tava com uma caixa de fósfo tava iscuro né tirei o fósfo lumiei assim ó (Ent.04, linha 92)

Cê alembra (D...) quano passô uns três ano sem chuvê? (Ent. 05, linha 30)

Ocê é bem mais nova que ieu né...mais ocê alembra que ieu já tinha casado (Ent. 05, linha 32)

Seu vô mais seus ti tudo alembra ê já até me emprestô dinhêro (Ent. 05, linha 52)

Com padre (A...) cê num alembra dele não né? padre (A...) que fez meu casamento ê cabô de terminá o casamento e disse ‘aqui dois pombim tudo novo alá em agora num tem negócio de confusão de largá uns os ôto não trabaiá memo de soli a soli em nôte e dia sem pará prantá arroz feção mi’ (Ent.06, linha 128)

Dessa vez o (T...) andô na berada...andô na taba da berada depois sarô...sarô uai...ê teve um caso com a (M... R...) cê alembra num alembra? (Ent. 06, linha 164)

Mais pobre agora os rico comprava bacião eu alembro que até dona (A...) quano eu fui pra lá ea falava ‘ô (M...) essa bacia é no tempo que nós num tinha chuvero nós tomava bãim era nessa bacia’. (Ent. 06, linha 318)

Lovado seja deus nunca vi ô nêga ô sai daqui vô lá na Parmêra quarqué hora num vejo nada mais alembro da mamãe... era assim na vorta do dia ea ia buscá água chegava lá ea via (Ent. 06, linha 369)

Ele era fei menina em vida ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fiuzim né agachadim diz que puxano a camisa pra tampá as pirrinha de coque lá oiano pra mamãe. (Ent. 06, linha 375)

Num sei...até ainda alembro do (M...)....o (M...). era pequeno...ê sempre tava que ê fazia a quinta voze...alto mesmo cantava alto por cima dos ôto...que boiadêra cê num conheceu não? (Ent. 07, linha 127)

Eu pejejo pra lembrá mais minha cabeça negóço probrema na cabeça eu num alembro. (Ent. 07, linha 160)

Ocê alembra do seu (F...) que trabaiava na Sesarina? (Ent. 09, linha 70)

Mas isso passô muito tempo passô ano eu nem alembrei de (V...). (Ent. 09, linha 216)

Passado com o home lá...e ieu num alembrei mia fia vim simbora...d'cunjuero. (Ent. 09, linha 225)

Aí ê disse 'mais ocê num alembro/num sabe que foi lá que (V...) morreu não? lugá assim fica sombrado'. (Ent. 09, linha 232)

Eu alembro até do cume qu'eas fazia eas fazia um arroz um môi de batatinha pimetado mermo. (Ent.09, linha 373)

Agora que o (A...) alembro novo e ainda alembro foi pitá de noite lá botô fogo no mi lá nó mia fia foi uma zuêra (Ent. 09, linha 396)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alembra. "Vid. Lembrar."

2. Moraes:

Alembra, alembra. "&c. v. lembrado, lembrança, lembrar."

3. Laudelino Freire:

Alembra. V.r.v. O mesmo que lembrar: "Mais estancas cantara esta sirena em louvor do ilustríssimo Albuquerque, mas alembrou-lhe u'a ira que o condena, posto que a fama sua o mundo cerque" (Camões). "Alembra-me que outrora... conheci um corcício em anos já maduros, dono duma chãzinha ali desamparada"(Castilho).

4. Aurélio:

Alembra. "[De a-4 + lembrar.] V.t.d. / V.t. d. e i. / V. p. Ant. Pop. 1. Lembrar: "encanecidos" Pescadores de outrora alembra com saudade / As pescarias" (Vicente de Carvalho, Versos da Mocidade, p.124)" ; "Algumas vezes eu me alembro duma / tarde na roça" (Gilberto Mendonça Teles, Sociologia Goiana, p. 34)."

5. Cunha:

Lembrar. vb. 'trazer à memória, fazer recordar, notar, advertir' | XV, membrar XIII, nembrar XIII etc. | Do lat. *memorare*.

6. Amadeu Amaral:

Alembra: "lembrar, v. || Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop. Alembra-vos eu lá? (Gil V., "Auto da Índia")"

Registros em Glossários

1. Souza:

Alembra (A) v. Trazer lembranças à memória. Recordar-se. Variante de lembrar (lembrar > alembra – caso de prótese). "Eu alembro... um mucado eu alembro..." (Entr.7, linha 9)

2. Ribeiro:

Alembra (A)•[V]•Lat.•Recordar, vir à lembrança. • Cê num alembra dela não. Ele era muito chique. (Ent. 10, linha 332)

Nota: alembra~lembrar: Prótese

7. ALEVANTAR [V] _____ 01 ocorrência

Com deus me deito com deus me alevento...com a graça divina e o sinhô isprito santo (Ent.01, linha 333)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alevantar com os mais Vid levantar

Levantar coisa caída. Levantar do chão.

2. Morais:

Alevantar. “v. levantar. Cast.2. 161. a não carregava de poupa, e alevantava de proa. Neutramente. Cujas migalhas me criarão, e os benefícios alevantarão do poo em que nasci. Ined. 3.9.”

3. Laudelino Freire:

Alevantar. “v.r.v. De *a* + *levantar*. Levantar, erguer (tr. Dir.; bitr., com prep. a, em; pr. ; com prep. de): “O menor incêncio bastaria para alevantar as chamas” (Herculano). “Alevantem uma oração fervorosa ao senhor” (Id.). “O olhar celestes alevantando aos ramos do salgueiro” (Machado de Assiz)”

4. Aurélio:

Alevantar. “[De *a-4* + *levantar*] **V.t.d.** / V.p. **1.** levantar-se: “E um pássaro, com as asas espalmadas, / o vôo alevantou” (Múcio Teixeira, Brasas e Cinzas, p. 84); “Este Povo ressurgue e novas forças, / Muito embora contrárias, se alevantam.” (Teixeira de Pascoais, D. Carlos, p.18); “Quando o dia se alevanta, / Virgem Santa! / fica assim de sabiá.” (Heckel Tavares e Luís Peixoto, na canção Casa de Caboclo.)”

5. Cunha:

Levantar. “vb. ‘alçar, erguer’ XIII. Do lat. **levantare* (de *levare* ‘erguer’) || Alevantado XIV || Alevantamento XIII || Alevantar XIII || levantadiço XIV || levantamento XIV || levantante XIV || levante¹ sm. ‘orientes’ XIII. De *levantar*, usado originariamente como adj. Na expr. *Sol levante*, que se opõe a *sol poente* || levante² sm. ‘rebelião’ XVI || levantino XVI. Do it. *Levantino*. Cp. LEVAR, LEVE.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em dicionários:

1. Souza:

Alevantar (A) v. Colocar-se de pé. Variante de levantar (levantar > alevantar – caso de prótese). “... *quebrei o resguardo... mas eu alevantei inflada de camisa...*” (Entr.3, linha 105)

2. Ribeiro: n/e

Nota: alevantar~levantar: Prótese

8. ALEVAR[V] _____ 01 ocorrência

Ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô “nossa sinhora d’aparcida ondê que cês vão alevá ieu” aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso e ê viu que é o disco voadó memo (Ent.06,linha 139)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Levar tomar de hũ lugar para por em outro. Levar alguma cousa.

2. Morais:

Levár, v.at. Conduzir, ou fazer carregar, ou fazer transportar de um lugar para outro.

3. Laudelino Freire:

Levar v.r.v. Lat. *levare* Fazer passar de um para outro lugar; transportar (tr. dir.; bitr., com prep. a, com, de, para)

4. Aurélio:

Levar [Do lat. *levare*] **S.m.1.** Fazer levar de um lugar para outro; transportar.

5. Cunha:

Levar vb ‘transportar, retirar, afastar, induzir, tirar, roubar’ XIII. Do lat. *lĕvāre* || **ENleVAR** XIV || **Enlevo** 1881. Deverbal de *enlevar*.||

6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota: a levar~levar: Prótese

9. ANDAR IGUAL GALINHA TONTA Fras[V+Conj+Ssing+Adj]_____01 ocorrência

Aí nôto dia eu andava o terrero todo iguali galinha tonta mais depois que eu armucei que eu peguei o distino. (Ent.06,linha 270)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

10. ANDAR NA TÁBA DA BERADA Fras[V+(Prep+art)+Ssing+Adj]_____01 ocorrência

Dessa vez o (T...) andô na berada...andô na taba da berada depois sarô...sarô uai...ê teve um caso com a (M...R...) cê alembra num alembra? (Ent.06,linha 163)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registros

em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

11. ANDU Nm[Ssing]_____03 ocorrências

Cumia é fubá suado né...cumia andu...cumia andu...cumia feção miúdo chei de bicho...cumia fubá suado sem gurdura...ô cumia...fazê o quê né?(Ent.04, linha 77)

Ah armoço andu podre chei de bicho grudura de boi farinha de mǎidoca arrosi daquele arroz vermei cê podia sentá na testa dum qu'ê caía de costa (Ent.07, linha 250)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Andu. “s.m. Bras. Um legume vulgar, que nasce em um arbusto, tem flores amarellas, e de cada flor sai uma vagem.”

3. Laudelino Freire:

Andu s.m. Planta da família das leguminosas – papilionáceas, cujas sementes são comestíveis (*Cajanus indicus*, Spreng) || 2. Fruto ou semente dessa planta.

<p>4. Aurélio: <u>Andu</u>. “S. m. Bras. 1. Fruto do anduzeiro; guando, guandu, feijão-guando.” 5. Cunha: n/e 6. Amadeu Amaral: n/e</p>
<p>Registro em glossários: 1. Souza <u>Andu</u> (A) s. Espécie de um legume ou vagem, de cor esverdeada, arredondada, similar a uma ervilha. “Nós plantava tudo né... nós plantava as mesma coisa de hoje... era manaíba...feijão... milho... é cacatua... andu...” (Entr.5, linha 102) 2. Ribeiro: n/e</p>
<p>Nota: Castro: <u>Andu</u>. (banto) (°BR) s.m. fruto do anduzeiro (<i>Cajanus Indicus Lin</i>), leguminosa, espécie de lentilha. Var. ervilha-d(e)-angola, ervilha-do-congo, guandu.C.f. macundê. Kik./Kimb/Umb. <i>Wandu, guandu</i>.</p>

<p>12. ANDUZERO Nm[Ssing]_____ 01 ocorrência</p> <p><i>Nó...de tudo contuí que cê pensá...é feijão...é mio...mandiocal...anduzero...canavial bananal é...é...batatinha...batatinha nós plantava demais.</i> (Ent.07,linha 66)</p>
<p>Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: <u>Anduzèiro</u> s.m. O arbusto, que dá andús. 3. Laudelino Freire: <u>Anduzeiro</u> s.m. De <i>andu+z+eiro</i>. Arbusto da família das leguminosas que produz o andu. 4. Aurélio: <u>Anduzeiro</u> [De <i>andu</i>¹+zeiro] S.m. Bras. Bot. Planta arbustiva da família das leguminosas, subfamília papilionácea (<i>Cajanus indicus</i>), de flores amarelas, e sementes (uma espécie de feijão) comestíveis; guandeiro. 5. Cunha: n/e 6. Amadeu Amaral: n/e</p>
<p>Registros em Glossários 1. Souza: n/e 2. Ribeiro: n/e</p>
<p>Nota: Castro: <u>Anduze(i)ro</u>. (FB) (°BR) s.m. Ver andu +Port. -zeiro. Var. <u>ganduze(i)ro</u>.</p>

<p>13. ANIMAL Nm[Ssing]_____ 07 ocorrências</p> <p><i>Incantuei o burro o burro num deu ponto d’eu laçá ele é passô eu fui e peguei montei no <u>animal</u> que eu tava e freví atrás dele no mei do mato.</i> (Ent.10,linha 175) <i>Chegô ali na passage do (B...) tinha um poção menina mais um poção bunito cê jugava um <u>animal</u> lá é tampava ele...aí eu joguei a égua lá dentro lá tampô a égua eu peguei e lavei a cara.</i> (Ent.10,linha 218) <i>É...aí falava que quem envia da Lapinha pra Serra chegava nesse lugá num passava se fosse a cavalo...<u>animal</u> num passava.</i> (Ent.04,linha 269) <i>Uai <u>animal</u> num passava de jeito nenhum vortava pa trás foi o T que me contô aí...que tinha essa sombração lá.</i> (Ent.04,linha 270)</p>
--

Uai ela era um lençol branco...representava um lençol branco porque diz que era o lençol lá que num dexava os cavalo passá porque aquilo muvia lá de tal forma que animal num passava...falei “mais meu deus comê que vai fazê?”. (Ent.04,linha 285)

Aí vim vim vim passei pa Lapinha aí quano eu cheguei aqui ó ah papai já tava com os animal tudo arriado e chingano porque eu num aparícia. (Ent.04,linha 320)

Nem sei acho que ê nem veve mais andá duvidano até o lugá que ê morava cabô porque ê num tinha famía...alí tinha tudo tinha pasto punha animal no pasto. (Ent.04,linha 258)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Animal Qualquer besta

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Animal s.m. Lat *animal* 4. Cavalgadura

4. Aurélio:

Animal [Do lat. *animale*] **S.m. 9.** Animal cavalariço, principalmente o macho. [Aum.: *animalaço* e *animalão*; dim.: *animalzinho*, *animalejo*, *animálculo*.]

5. Cunha:

Animal sm. XIV, *animallia* XIII, *-alha* XIV, *-alia* XIV, *alimária* XIV, *alymaria* XVetc. | Do lat. *animālis*; as vars. *animalla*, *-lha*, *-lia* provêm do pl. lat. *animália*; as vars. *alimária*, *alymaria* etc. derivam daquelas por dissimilação (n/l →l/n) e rotacismo (l/n →l/r): n/l →l/n →l/r.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registros em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

14. ANTÃO [ADV] _____ 18 ocorrências

É...antão quano ti (R...)....(R...) de (J...)....e cumá (D...)....o prui que eu fazia era dela. (Ent. 01, linha 271)

Santo Antônio fazia o casamento São Vicente ia criá os menino...aí antão ês dois tivero uma discussão né...o São Vicente falô “Antônio ocê faz o casamento e os fio é eu que crio”. (Ent. 03, linha 10)

A fiadera era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a história é muito complicado sabe aí tem que levá pra roda e a roda tem o fuso. (Ent. 04, linha 11)

Porque do lado de cima e do lado de baxo era furniguêro puro antão o quê que conteceu antão ê prendeu ê só armuçava e jantava era lá de nove hora em diante ninguém passava lá mais porque ele ia pra lá e as furniga tava freveno lementá porque ê lementa só com formiga. (Ent. 04, linha 305)

Tinha um desses pau antigo trançado aqueas cabeça de pau assim trançado prum canto assim usava muito e usa até hoje antão tinha uma cabeça de pau uma distância como daqui naquele pau lá ó. (Ent. 04, linha 369)

A madêra ficava perfeita toda antão ês tirava as madêra e fazia a tal cerca de tisôra...já viu falá?. (Ent. 04, linha 422)

Antão União cê cunhece? (Ent. 06, linha 182)

Antão padrim num bibia e ()mamãe no papai papai toda vida bibia era doido apavorado né a pobe da mamãe era caçula nova casô nova a coitada. (Ent. 06, linha 382)

Antão eu lembro assim dessas passagem mais eu num lembro... a (L...) é que...é mais era uma farra um gritava pro ôto. (Ent. 07, linha 117)

Chorano ai eu andei um pedaço com ê assim ó e falei “antão já que o sinhô num vai vortá antão vai pra onde deus determinô” aí ê foi me largô assim infô a mão no borso e tirô a nota de mil e me deu a nota de mil era o dinhêro que ê tinha tomado na minha mão. (Ent. 07, linha 257)

Trazia tudo nos cavalo punha lá trazia o...tinha o jeito de cuzinhá né a fornáia...fornáia não era um trem pindurado assim ó que ês cuzinhava antão...ô nem sei qualé esse povo que trançava assim né (Ent. 07, linha 282).

Era difíci as pessoa num aceitava as coisa tinha aquea confiança antão se fez o mal era demais né antão o problema do papai foi esse que ê morreu novo por causa dessas coisa que aconteceu. (Ent. 07, linhas 329 e 330)

Antão vinha e trazia aquela turma toda do Açude tem uma dona lá no Açude que lembra disso até hoje lembra principalmente aquela a (V...) a (V...) irmã do (Z... A...) a (V...) era das mais nova né. (Ent. 07, linha 351)

Ti (R...) contava históra menina cada históra bunita eu sabia contá agora num sei contá mais antão eu sei que era até nós drumi nós drumia quano nós acordava ê tava assim “entrei por uma perna de pato saí por uma de pinto quem num iscutô essa me conta cinco. (Ent. 07, linha 377)

Quano chegô lá foi na casa da (L...) sabê se o (V...) ea disse ieu que ia priguntá ocê que ê num chegô aqui ainda...disse não...antão se num chegô antão tá morto. (Ent. 09, linha 264)

Antão mia fia era uma brigaiada que só cê vê que trem...ê ia separá...ê era juiz de paz memo...ê ia separá o trem virava por riba pricisava do cunhado dele entrá de dentro tamém pa judá separá né. (Ent. 09, linha 328)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Antão. adv. Lat. *intunc*. Pop. O mesmo que então.

4. Aurélio:

Antão. Adv. 1. Ant. Pop. Então: —já voltava para o Zeca Estevo, num passo ondulado e mole, quando este quis saber o nome da doença: — Antão, meu patrão velho, o que é que eu tenho?! (Valdomiro Silveira, *Os Caboclos*, p. 71.)

5. Cunha:

Então. adv. nesse ou naquele tempo, momento ou ocasião/*então* XIII, *enton* XIII etc./Do lat. *in tunc*.

6. Amadeu Amaral:

Antão. *então*, ad.: -*Antão* ela reparou bem em mim, não disse mais nada, e saiu adiantel. (V. S.) [Filhos forão, parece, ou companheiros, E nella **antão** os incolas primeiros. (Camões, —Lus.I.)

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Antão•(A)• [Adv]• (n/e) • O mesmo que então. • *Aí, antão eu acho que o meu pai/ a minha mãe é que tava certa e meu pai tava errado. Porque meu acho que eu ia ficá feinho.* (Ent. 2, linha 13)

15. ANTÉ [PREP] _____ 04 ocorrências

Ê mais o (C...) meu irmão nêga era a mema coisa de irmão as cunversa dês anté paricia né (E...)? (Ent.06, linha 85)

Anté o (C...) cê via (F...) conversano cê pensava que era o (C...) que conversa arto e fino e o (C...) gostava muito de i lá em casa mais por conta do (F...) e queria namorá a (D...). (Ent.06, linha 88)

Ti (M...) trabaiô anté no dia dea morrê é anté no dia dea morrê capinano a semente de mi dela ali ó deitô pra discansá diz que pôs a mãozinha assim ó aí ea fechô o oi deus levô ela isso é que gente boa né mia fia? num sofreu uai. (Ent.06, linha 217)

Os rico comprava bacião eu alembro que anté dona (A...) quano eu fui pra lá ea falava “ô (M...) essa bacia é no tempo que nós num tinha chuvero nós tomava bãim era nessa bacia. (Ent.06, linha 318)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Inté. prep. Ant. e pleb. O mesmo que até.

4. Aurélio:

Inté. Prep. Ant. Pop. **1.** Até: Inté veludos e crinolinas, sutaches e aljofres eram encontradiços nas vendas. I (Nélson de Faria, Cabeça Torta, p. 8).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Inté até, prep e adv.

Registro em Glossários

1. Souza:

Inté (A) Prep. Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). Cf. **anté**. "... () qu'eu tou aí com Deus... inté hoje... ainda vejo muita coisa..." (Entr. 8, linha 284).

2. Ribeiro:

Inté • (A) • [Prep] • Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). • Ah! Cidade é uma barueira danada, né? Às vez a gente ta durmino, acorda inté assustada, né? (Ent. 12, linha 206)

16. APERTO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

"Mais vô falá com cê uma coisa já passei muito aperto de difeurdade essa casião num era igual hoje em dia quano os trem cabava tinha que buscá trem lá em Vespasiano." (Ent. 05, linha 148)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Apérto. s.m. Pobreza. Falta do necessário. Res anguste. Horat. Rei familiaris angustia. Estar em grande aperto. *Cogi in angustian. Terent.*

2. Morais:

Apêrto. s.m. Pobreza, falta do necessário.

3. Laudelino Freire:

Apêrto. s.m. 9. Desgraça, dificuldades, embaraço grave. //10. Penúria, pobreza, indigência.

4. Aurélio:

Aperto. (ê) [Dev. de *apertar*.] Substantivo masculino. 5. Situação difícil, aflitiva, embaraçosa, perigosa, etc.; apertada, apertadela, apertado, apertão, abertura, apuro.

5. Cunha:

Aperto. Do lat. *appectorare*. Século XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Aperto • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pobreza, dificuldade, falta do necessário. • E criava aquê tanto de fio e aquea pobreza, aquele aperto. Oh, criô todo mundo. Todo mundo cresceu, cumeu, bebeu, prendeu trabaia. Tá tudo veio, graças a Deus. (Ent. 1, linha 584)

17. APIAR [V] _____ 04 ocorrências

Aí eu peguei e parei o burro apiei dele e virei pa ele e falei "monta"...ê disse "não num vô montá não"... "mais ocê num é pião?" (Ent. 02, linha 135)

Tinha que apiá ali na rodiviara e trevessá de banda e caminhá uma distância com o daqui a...como daqui lá na casa do (B...) pa podê chegá na casa dela. (Ent. 09, linha 141)

Lá de baxo eu vi um home lá na estada falei assim se aquele home dá sinal...se ele entrá ieu apeio. (Ent. 09, linha 161)

Eu vô apiá lá no arto da casa do (Z...) lá. (Ent. 09, linha 161)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Apear. Tirar a alguém o cavallo.

2. Moraes:

Apear. v. at. Fazer pór a pé.

3. Laudelino Freire:

Apear. v.r.v. De a + pé + ar. Fazer descer de cavallo, carro, trem, etc.; desmontar.

4. Aurélio:

Apear. **v.t.d. 3**. Descer de montaria ou viatura.

5. Cunha:

Apear. Do lat. *pes pedis*. XVI.

6. Amadeu Amaral:

Apeá(R). v. i. - voc. port., que no dial. apresenta a particularidade de envolver, correntemente, a ideia de —hospedar-sel: —Quando chegô? Adonde apeô? - *Apeei* na casa do Chico, perto de onde tenho meus que-fazêl.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Apiar• (A)• [V]• (n/e) • Descer de animal ou de veículo.

18. ARADO Nm[Ssing] _____ 08 ocorrências

Sirviço num mata home mesmo não se não num tinha em um osso meu mais...a minha vida se eu fô contá ea pro cês dois dia num chega...e pra gente prepará roça...num tinha arado. (Ent. 05, linha 414)

A primera roça que eu prantei aqui foi ali do ôto lado foi lavrado na enchada tinha que lavrá na enxada que num tinha arado...adubo...adubo foi de um certo tempo pra cá num tinha adubo que o povo estudo aí veio o adubo. (Ent. 05, linha 436)

Gastava cinco dia pra í e vortá...tinha que buscá arado...é bico de arado inxada de arado rudía cabo de arado é ruero de arado tudo tinha que buscá lá fora. (Ent. 05, linhas 150 e 151)

Lá na Pindaíba ele...ê arano a terra com arado tomô uma pedra. (Ent. 07, linha 192)

Tava lá no campo pelejano aí já num dava dano conta de mexê com arado mais ai (G...) tava mexeno ê tava só oiano os tabaiadô. (Ent. 07, linha 194)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arado Derivase do Grego *Aroein* que quer dizer *Arar*. He um instrumento, que serve de romper a terra, e de desarraigar a má erva, e dispor o terreno para receber as ferramneteiras. Lavra com dois Boys no que se differença da charrua, que lavra com seis, ou oito. Consta de dois páos, hum pegado no fim do outro, & no primeyro vay a sega no meyo que corta a terra por cima, no mesmo vão duas Aivecas, & no fim deste páo vai o ferro do arado, que tem bico, & rompe a terra por baixo. Os nomes dos páos, de que He composto, são Temão, Ouca, Chavilhão, Rabiça, Relhas, Meixilho, Teiró, Tempera Rabello, soles &c.

2. Moraes:

Arado s.m. Instrumento de abrir os regos na terra, para se semeyar; consta de peças cujos nomes são sega, aivecas, temão, ouça, tempera, Rabello, solles, dental do arado.

3. Laudelino Freire:

Arado s.m. lat. aratrum. Maquina agrícola usada para lavras a terra. //3. lavoura, vida agrícola.

4. Aurélio:

Arado [Do lat. *aratru*, com dissimilação.] **S.m. 1.** Instrumento para lavrar a terra.

5. Cunha:

Arado. Do latim *aratio onis* || sm. ‘instrumento agrícola para lavrar a terra’ XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Arado• (A)• Nm [Ssing]• Lat.• Máquina agrícola usada para lavrar a terra. • *E a roça de arado. Marrava o arado atrás dos boi. Cê num sabe que que é arado. Cê ainda num viu não.* (Ent. 4, linha 151)

19. AREAR DENTE Fras[V+Ssing] _____ 02 ocorrências

Ea ariava né...ariava dente com fumo cê sabe né? é...a eu prendi fumá foi com esse danado desse fumo ea ariava dente e jugava fora aquê bagaço. (Ent. 11, linhas 225 e 226)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Arear v.r.v. De *areia+ar* 3. Polir, esfregando com areia ou outro pó (*tr. dir.*): “Numa janela um sujeito, de óculos azues, areava os dentes” (Aluísio Azevedo).

4. Aurélio:

Arear¹ [De *areia+ar*²] **v.t.d. 4.** Escovar (os dentes)

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

20. ARMESCA Nf [Ssing] _____ 02 ocorrências

Pra baxo assim tinha um pé de armesca grande assim. (Ent. 09, linha 308)

(Tinha) um pé de armesca...e por baxo assim mia fia tinha um/o camim era limpim por conta daquele ingem. (Ent. 09, linha 308)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Almáçega V. *Almagega*: o primeiro é que se diz.

3. Laudelino Freire:

Almáçega Verdadeira s.f. Árvore grande da família das burseráceas, de que se extrai ótima resina; almecegueira, árvore do incenso, breu branco (*Protium ecicariba*, March).

4. Aurélio:

Almáçega [Do ar. *al-maçTaka*, pelo ar. vulg. *al-meçka*] **s.f. 1.** Resina de aroeira ou de lentisco amarelado, que se usa em mistura de tintas e com condimento: mástique. **2. Bras.** Espécie de goma [Var. *almáçega*. C.f. *almecega* do v. *almecegar*]

5. Cunha:

Almáçega *sf.* ‘resina de aroeira ou de lentisco | XIV. *almástica* XIII | Do ar. *al-mástaká*, deriv. Do gr. *Mastíchē* || *almecegEIRA* XIX.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

21. ARRANCHAR~RANCHAR [V] _____ 05 ocorrências

Mangangá miudinho tinha um grande né...ês arrancharo tudo lá dentro mais era cada um que gimia parece que tava cantano. (Ent.04, linha 383)

Tropa né ranchava lá aí nós tava nós duas cá em cima assim falei assim “(G...) óia papai lá” aí eu disse “cham’ele” aí eu fiz assim. (Ent.08, linha 256)

Cada lugá quês arranchava ês fazia uma garage grande assim pra ês chegá chegá e ranchá. (Ent.08, linha 277)

Ês passava nesses lugá e ranchava né e pagava ali dava um trôco né dali ia embora. (Ent.08, linha 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arranchar Derivase do Fracéz, *Arranger*. Val. o mesmo, que distribuir, ou dividir em ranchos. *Ex. ordine collocare*, com accusativo. Nestas barracas cada qual se *Arrancha* de hum esteio para outro. Vasconc. Notícias do Brasil, pag. 121. E como estivessem estes Gentios *Arranchados* junto ao lugar, em que eu dormia. Godinho, viagem da India, 50.

2. Moraes:

Arranchar v. at. *Arranchar alguém*; dar-lhe rancho, pousada, albergá-lo: dar-lhe sítio para vivenda, e lavouras. §. Distribuir em ranchos.

3. Laudelino Freire:

Arranchar **v.r.v. 5.** Estabelecer pouso provisoriamente (*pr.*; *intr.*; *pr.* ou *tr. ind.*, com *prep. em*): “*arranchar-me* para madornar um pedaço. Vamos *arranchar*. *Arrancharam-se* em um campo vizinho. Os ciganos *arrancharam* na clareira.”

4. Aurélio:

Arranchar [De *ar*¹+*rancho*+*ar*²] **6.** Hospedar-se ou estabelecer-se provisoriamente.

5. Cunha:

Arranchar →RANCHO

Rancho *s m* || **Ar.ranchAR** *vb* ‘reunir em ranchos’ ‘dar pousada’ 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza:

Arranchar (A) v. Estabelecer, morar. “...*hoje eu tou arranchado aqui...com tou até hoje...*” (Entr. 5. linha 58)

2. Ribeiro: n/e

22. ARREAR [V] _____ 05 ocorrências

Rapô e foi lá chegô lá pegô a égua monto arriô a égua puxô o burro. (Ent. 02, linha 104)

Arriei a égua papai tinha saído...montei e saí de galope pra Tabuquinha. (Ent. 02, linha 202)

Papai já tava com os animal tudo arriado e chingano porque eu num aparicia. (Ent. 02, linha 320)

Teve uma vez que eu peguei um burro aqui arriei ele...montei no lugá que eu montei ieu fiquei. (Ent. 05, linha 13)

Papai levantano ela levantava e sacudia a cama pos menino levantá pa pegá cavalo pos pasto afora chegava com o cavalo punha lá arriava. (Ent. 06, linha 391)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arrear. “Ornar. Adereçar. Enfeitar. Vid. Nos seus lugares. Arrease a noite, das esperanças, que pesa. Vieira, Oração fúnebre de D. Mar. De Attaide, 143.”

2. Morais:

Arreiar. “v. at., arraiar, ornar, ataviar as bestas.”

3. Laudelino Freire:

Arrear. “v. r. v. De *arreio* + *ar*. Colocar os arreios em (tr. dir.): “Felipe chamou à meia-noite oseu laçao, e mandou arrear os cavalos” (Camilo) // 2. Pôr enfeites em, adornar (tr. dir.; pr.; bitr. ou pr., com prep. de, com): “Arreavam os aposentos”. (Goulart de Andrade).”

4. Aurélio:

Arrear. “[Do lat. vulg. **arredare*, ‘prover’, < gót. **reths*, ‘conselho’; ‘provisão’.] **V. t. d. 1.** Pôr arreios em; aparelhar. **2.** Pôr arreios ou enfeites em; enfeitar, adornar, ataviar. **3.** Mobiliário, mobilhar. **V. p. 4.** Enfeitar-se, adornar-se, ataviar-se. [Conjug.: v. frear. Fut. do pret.: arreararia, etc. Cf. arriar, v. e arriaria, s. f.]”

5. Cunha:

Arrear. “vb. ‘pôr arreios em, aparelhar, adornar’ | *arrayar* XVI / Do lat. vulg. **arredare* ‘prover’, deriv. do gót. **reths* ‘conselho, previsão, provisão’ || arreamento XX || arreo sm. ‘conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do equídeo’ ‘adorno’ | -yo 1572 || arrieiro | arreeiro XVII || desarrear 1881.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza:

Arrear (A) v. Colocar os arreios em. “...*montou numa bestona bonita diacho/arreou bem arreado...e chegou lá na beira do rio...*” (Entr.4, linha 476)

2. Ribeiro: n/e

23. ARRÊI Nm [Ssing] _____ 16 ocorrências

O trem zuô travêz eu fui e garrei memo na cabeça do arrei...com essa mão eu garrei na cabeça do arrei aí a tontura foi passano. (Entr. 02, linha 58)

Eu lacei ele aí eu lacei ê peguei e tirei o arrei da égua. (Entr. 02, linha 78)

Eu tava montado numa égua tirei o arrei da égua e peguei e...e...botei o arrei nele marrei ê numa espirradêra grossa assim pus o arrei nele. (Entr. 02, linhas 78 e 79)

Aí eu falei pra ela e falei assim a isso é tombo o burro rebentô o arrei eu bati a testa lá e quebrei a cabeça. (Ent. 02, linha 100)

Pega essa égua aqui vai lá no arto do Lobo o burro tá queto lá sem o arrei...ocê coloca o arrei na égua e o cabresto cê põe no burro. (Ent. 02, linha 102)

Cheguei joguei o arrei no burro ali e montei...muntei risquei nesse burro passei ali subi saí na cabiçêra da Palma subi em São Vicente de São Vicente saí na no Carnero lá em cima saí no Tuti. (Ent. 02, linha 107)

Essa égua me enfia o pé lá e dá três cambãiota comigo eu num saí do arrei não ea deu três cambãiota cumigo. (Ent. 02, linha 205)

O burro rancô...pulô que rancô ieu com arrei e tudo e saiu pra essa fazenda afora aí com eu correno atrás dele. (Ent. 05, linha 14)

Tinha que sigurá pra num caí né mais graças a deus nunca caí...só desse burro que rancô dali uma vez ó...que rancô com o arrei todo é que eu caí mais já mansei muito burro pra esse morro afora aí. (Ent. 05, linha 87)

Deus judô qua a barriguêra rubentô o burro sai pelado pa lá eu saí po ôto lado moiado aí tinha uma correntezazinha o arrei lá ia rodano aí eu curri lá passei a mão no arrei saí segurano joguei tudo pra fora tornei jugá o trem tudo moiado pra cima. (Ent. 05, linhas 95 e 96)

O burro ali ali naquele pé de manga ali onde o tal me jugô no chão né com arrei e tudo aí minha dona viu e disse “é desse jeito cê num trata...cê num cria famia não”. (Ent. 05, Linha 99)

Ê jugava arrei no cavalo pros mais pequeno andá e carguero rôpa de cama trem de cumê né. (Ent.

05. Linha 256)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arreio Arrêio, ou Arryeio. Adereços ordinários do Cavallo. V.G. Arriata, Cabeçadas, Sustinentes, Frontal, Círgola, Redeas, Panno da Silha, Rabicho etc.

2. Moraes:

Arrêio, s.m. Peça de adornar, enfeitar, adereçar a pessoa, casas, &c. Resende, Chron. f.70. v. *espadas, punhães, cadeas, pontas*, e arreos *de ouro* (das pessoas). B. 4.3.9. *ibdc.* 14. “ElRei tinha vestida huma camisa de linho tinta de azul, e por cim ahuma algerevia de lâ, e na cabeça hũa grande e não mui delgada touca sem outro *arreo*.” § Hoje dizemos *arreyos*, das peças que adereçam as bestas de serviço, carga, carruages; e de dos coches, seges, &c.

3. Laudelino Freire:

Arreio ARREIOS, s.m.pl. Conjunto das peças com que se sela o cavalo para montaria; arreamento.

4. Aurélio:

Arreio [Dev. De *arriar*] **S.m. 2.** Conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do equídeo.

5. Cunha:

Arreio→ARREAR

Arrear || **arreio** s m ‘conjunto de peças necessárias ao trabalho de carga do equídeo ‘adorno’ | -yo 1572.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza:

2. Ribeiro: n/e

24. ARRENDAR~RENDAR [V] _____ 04 ocorrências

O (A...R...) mudô pra qui sabe...áí me animô a arrendá o terreno. (Ent.05, linha 41)

No ano que nós arrendô o terreno...que num tava dano nada o povo dismureceu prantá né. (Ent.05, linha 42)

Arrendô pa prantá rama de mãindoca...né...nós prantô menina mais...foi um tempo bão aí é que eu sarvei graças a deus. (Ent.05, linha 43)

Rendei um terreno na mão do (I...) aí do Cipó ficô comigo quarenta ano esse terreno rendado eu cuía tudo de lá mais dava mantimento demais. (Ent.05, linha 128)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arrendar Dar à renda. *Locare (loco avi, attum)* ou *Locitare* com accusat. da cousa e dat. da pessoa. Arrendoulhe humas terras. *Locitavit ipsi agros Terêt.*

2. Moraes:

Arrendar v. at. Dar, ou tomar de renda alguma herdade. §. *Arrendar em massa*; i. é, a totalidade das coisas, que rendem. §. *Arrendar em ramos*; i. é, porção das rendas. §. *Arrendar o milho*, na Agric. Arrancar os filhos, para dar melhor massaroca: *arrendar o bacello*; cavá-lo alguns dias depois de posto. *Alarte, pag. 17.* §. *não lhe arrendo o ganho, a medra, . não lho invejo, ou não o quero.*

3. Laudelino Freire:

Arrendar v.r.v. De *a+renda+ar*. Dar em arrendamento (*tr. dir.; bitr.*, com prep. *a*): “respondeu ao cura que *arrendasse a fazendinha*” (Filinto Elísio). “a vê-los *arrendar* os casais em cada renovação do aluguel auferirem muitas vezes o rendimento produzido pelas benfeitorias do locatório” (Rebêlo da Silva). “*Arrendou a casa a um desconhecido*” || 2. Tomar em arrendamento (*tr. dir.; bitr.*, com prep. *de*): “Para estabelecer o laboratório, *arrendou* uma grande *casa*. *Arrendou de* uma empresa de terrenos um pequeno sítio.”

4. Aurélio:

Arrendar¹ [De *ar*¹+*renda*¹+*-ar*²] v.t.d. T.d. e.i. 1. Dar em arrendamento.

5. Cunha:

Ar.rend.amento, -ar¹, atário→RENDER

Render || Ar.rendAR¹ 1813 || Ar.rendAT.ÁRIO 1773 || rendA¹. S f. 'resultado financeiro de aplicação de capitais ou economias, ou de locação ou arrendamento de bens patrimoniais XIII. Talvez do prov. *renda* (<lat.**rēndīta*)

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

25. ARRIATA Nf [Ssing]_____01 ocorrência

As coisa que tava no cavalo pôs no chão a arriata né de trem de fazê cumida essas coisa e...tirô a farinha uma pele e pôs na boca. (Ent. 08, linha 170)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arriata No arreio do Cavallo, he que fica ajustada nas argòlas, em que prendem as cinco peças, com os cortes do caprazão. Não tem palavra própria Latina. Aponta grande de apertar a *Arreata* terá hum pastador três dedos da fivela.

2. Moraes:

Arriáta s. f. Corda de cabresto, com cabo longo.

3. Laudelino Freire:

Arriata v. ARREATA

Arreata s.f. de *arreatar*. Correia ou corda com que se atam cavalos ou machos, para conduzi-los uns atrás dos outros.

4. Aurélio:

Arreata [Dev. De *arreatar*] S.f. Correia ou corda com que se prendem e por onde se conduzem as bestas; reata, reate.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

26. ARRIBA [ADV]_____05 ocorrências

A égua papai tinha saído...montei e saí de galope pra Tabuquinha arriba. (Ent.02, linha 203)

Sei só qu'ês era uns quatro home...e subiu pa estada arriba já foi direto pá estada arriba menina. (Ent.09, linha 121)

Mais quais que ês morre de medo é o (C...) e o (G...) aqui ó...subiu po córgo arriba foi subino po córgo arriba () chegô lá no poço diz que ê tava com o braço pa riba assim ó só o braço do lado de fora d'água. (Ent.09, linha 211)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arriba . Arríba. Preposição que denota superioridade de lugar. *Sursum* ou *sursum versus*, *Cic.* ou *sursum versũ Colum. Supra. Supernē.*

2. Moraes:

Arriba, adv.. A cima. § Para diante: em gráo superior. § Antecipadamente. § *Arriba de dez*;

passante. § *Boca arriba*; para cima. § *Rio arriba*; *água arriba*; para cima, contra a corrente.

3. Laudelino Freire:

Arriba, adv. Acima, para cima, para lugar elevado: “Que cuidados de montar *arriba*, que embarços de cair abaixo!” (Pe. Antônio de Sá)

4. Aurélio:

Arriba² [De *a*³+*riba*] **Adv. 1.** Acima; adiante.

5. Cunha:

Riba Do lat. *rīpa* –*ae* || **ARriba XIII.**

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

27. ATIVO Nm [ADJsing] _____ 03 ocorrências

No pasto que nós passava tinha um boi um garrote danado que pôs eu em riba do pau uma vez mais (R...) aí os menino que ês era mais ativo né...aí menina o menino vinha atrás de mim. (Ent.03, linha 142)

Aí...muito ativazinha né...ía teve lá no Belzonte estudano na casa do ti dela lá. (Ent.09, linha 31)

Aí meu marido pegô ê que foi ativo ê num quizi entrá no mei do cerrado eu que entrei. (Ent.10, linha 21)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Ativo, ou Activo, adj. Lat. *activus*. 4. Diligente, laborioso, expedito.

4. Aurélio:

Ativo .[Do lat. *activu*.] Adjetivo 3. Que se caracteriza principalmente pela ação, pelo movimento, pela diligência; vivo, ágil, enérgico, rápido (em oposição a lento, lerdo): *Insistiu para que no futuro fosse mais ativo, mais interessado nas tarefas a seu cargo.*

5. Cunha:

Ativo. *adj.* ‘que exerce ação, que age etc.’ ‘vivo, ágil’ | *activo XVI, autiuo XV* | Do lat. *āctīvus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Ativo• (A)• Nm [ADJsing]• Lat.• Vivo, ágil, enérgico, rápido. • *Não, ês é ativo. Essa raça de cachorro, ês é isperto.* (Ent. 1, linha 154)

28. ATURAR [V] _____ 05 ocorrências

Ê ficô bão nêga depois que ê parô de bebê e a doença montô nele ele virô ôto (T...) mais quê que resorveu aturô pôco. (Ent.06, linha 170)

No cumeço buscava água no reberão cê trazia uma lata d’água ea tinha que aturá aturava dois dia. (Ent.06, linha 289)

Quano nós vei pra qui o (T...) inventô de fazê um banherim pra véia né pra (C...) maisi quais no mês que ê inventô de querê fazê a (L...) “ê tem que fazê cumpade vamo juntá e fazê um banherim pa mamãe” ah foi até morré mai num aturô nada. (Ent.06, linha 306)

A baiana falô que ia arrumá um reimeído num lugá pra ele ê sarô mais atacô o coração num aturô mais. (Ent.06, linha 400)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Aturar. Perseverar, continuar em algum exercício, sofrer com paciência.

2. Moraes:

Aturar, v.ar. Continuar em fazer, ou sofrer alguma acção penosa, molesta: v.g. *aturar o fogo do inimigo; aturar o inverno, os calores do Sol, no passeio molesto, na penitencia*. V. de Suso, 28. *não lhe pode aturar o passo, que levava*.

3. Laudelino Freire:

Aturar v.r.v. Lat. *indurare* 6. Continuar, persistir, perseverar (*tr. ind.*, com prep. *a, em*): “Não *lhe atura* criado mais quinze dias” (Aulete)

4. Aurélio:

Aturar [Do lat. **atturare*, por **addurare*<lat. *durare*, ‘durar’.] **V.t.d 5**. Subsistir por longo tempo em determinada situação; perdurar.

5. Cunha:

Aturar vb. ‘sofrer, suportar’ ‘perseverar’ XIII. Do lat. *obtūrāre*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Turar • (n/A) • [V] • Durar, conservar. • *PESQ.: A Dercy da televisão. INF. 1: Ah! Quantos ano? PESQ.: 101. INF. 1: Ah, não. Aí é turá demais, né? (Ent. 12, linha 590)*

29. AVUAR [V]

02 ocorrências

Vinha um fogaréu memo e esse fogo diz ê que parô em cima dê menina e os cascai avuô assim um trem soprô ah menina diz ê que incostô a mão na cabeça dele diz ê que foi uma friage que foi fundano pro centro da cabeça dele adento. (Ent.02, linha 18)

Do jeito que ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô nossa sinhora d’aparcida ondê que cês vão alevá ieu aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso. (Ent.02, linha 26)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Avoar He pouco usado. No discurso familiar dizemos *Avoou*, por *Fugio*, *Desapareceo*. Dos transitorios, & breves goitos da vida diz Cicero, *Avolat voluptas*.

2. Moraes:

Avoár V. *Voar*. §. Fig. Vulg. Fugir.

3. Laudelino Freire:

Avoar v.r.v. de *a+voar*. *Ant.* e pop. O mesmo que *voar* (*intr.*; *tr. ind.*, com prep. *com*): “e o mais certo será que *avoe* e fuja delas” (F.M. de Melo). “Mais val pássaro na mão que dois ou três a *avoar*” (Castilho) “Cá fora tinha a mesma cor escura, as mesmas asas trepidas, e pôsto *avoasse* com elas, era como se fosse fixa.

4. Aurélio:

Avoar [De *a+voar*.] **V.int. Pop.** Voar (1)

5. Cunha:

a.vo.ado, -ante, -ar→**VOAR**

Voar || **Avoar** vb. ‘voar’ XVI.

6. Amadeu Amaral:

Avuá(R), v. i. | De **voar** com *a* explet. Conjuga-se: *avua, avuô, avuava, etc.; avuê, avuasse, etc.*

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e
Nota: avuá~vuá: Prótese

30. BAGACERA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência
<i>Oiava debaxo da fornáia aquês trem véi tudo que tinha aqueas <u>bagacera</u> véia dento da fornáia de cuzinhá garapa</i> (Ent.04, linha 162)
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes:
<u>Bagacêira</u> s. f. O lugar onde se lança, e ajunta o bagaço, v.g. das canas moídas, ou espremidas nos engenhos d'assucar.
3. Laudelino Freire:
<u>Bagaceira</u> s.f. 2. Monte de bagaço, arrumado debaixo de coberta enxuta, ou amontoado no campo ao sol nos engenhos de açúcar. 3. Pátio das fazendas onde são depositados os detritos da cana moída.
4. Aurélio:
<u>Bagaceira</u> [De bagaço + -eira.] S.f. 5.Bras. Local próximo ao engenho de açúcar onde se junta o bagaço de cana; bagaceiro.
5. Cunha:
<u>Bagaço</u> . Do lat. bãca Século XVIII.
6. Amadeu Amaral: n/e
Registro em Glossários
1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

31. BAGAÇO Nm[Ssing] _____ 06 ocorrências
<i>Eu peguei na cana que eu fui virá a cana quano pegô na ôtra muenda pra dobrá pra pegá o <u>bagaço</u>.</i> (Ent.02, linha 190)
<i>Quê que eu fiz furei ele busquei aquê <u>bagaço</u> véi de ano passado que ê tinha muído sabe e cubrí tudo com aquê <u>bagaço</u> lá é berrei fogo.</i> (Ent.04, linha 373)
<i>Tudo durmia lá no mei do <u>bagaço</u>((risos)) ô tempo bãn...durmia tudo lá memo.</i> (Ent.04, linha 411)
<i>Alí cê pó fazê uma carrera de cana dessa artura aqui que o trem romói tudo...cê pegava lá fazia a vorta passava o <u>bagaço</u> assim.</i> (Ent.11, linha 185)
<i>A eu prendi fumá foi com esse danado desse fumo ea ariava o dente e jugava fora aquê <u>bagaço</u>.</i> (Ent.11, linha 226)
Registro em dicionários:
1. Bluteau:
<u>Bagaço</u> . Bagâço. As pelles, cascas, folhelhos, & bagulho, que ficaõ no lagar despois das uvas espremidas.
2. Moraes:
<u>Bagaço</u> . s.m. A pelle, cascas, folhelhos e outros sobejos de frutas, e canas de assucar, azeitona, cujo succo se extrahio.
3. Laudelino Freire:
<u>Bagaço</u> . s.m. <i>De baga + aço</i> . Parte fibrosa da cana de açúcar depois de prensada. 2. Resíduo de frutos, de ervas ou de qualquer outra substância que foi espremida para lhe tirar o suco.
4. Aurélio:
<u>Bagaço</u> .[De baga + -aço.] S.m. 1.Resíduo de frutos ou de outras substâncias depois de extraído o suco; engaço.

5. Cunha:

Bagação. Do lat. *bāca* || Século XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Bagação• (A) Nm [Ssing]• Lat. • Resíduo de frutos depois de extraído o suco. • *Aí forra de bagação e põe melado ali. Aquê melado espaiado e põe mais bagação em cima e põe um barro bem limpinho por cima. (Ent. 11, linha 236)*

32. BAGE Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Mais o feijão era era feijão mulatim da bage rocha feijão tava assim de feijão. (Ent.05, linha 122)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Baje A bainha da semente da flor, a que chamão Carocoos.

2. Moraes:

Báje s. f. (alias *vagem*) Uma como bainha, ou casulo, onde estão os grãos dos feijões, favas, e outros legumes. §. A do feijão verde com o grão. *um prato de bajes guizadas.*

3. Laudelino Freire:

Bagem s.f. O mesmo que *vagem*

Vagem s.f. Invólucro das sementes ou grãos das plantas leguminosas.

4. Aurélio:

Bagem **S. f.** Bot. **1.** V. *vagem*.

Vagem

5. Cunha:

Vagem *sf.* 'fruto seco, que se abre por duas fendas, característico das leguminosas' 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

33. BAGO Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

Rendei um terreno na mão do (I...) aí do Cipó ficô comigo quarenta ano esse terreno rendado eu cuía tudo de lá mais dava mantimento demais eu num comprava um bago de nada uai. (Ent.04, linha 129)

INF.:Uai nós ficamo cunheceno macarrão ...ocê lembra do guela de pato?PESQ.:um viradim grande todo riscadim INF.:: É um bitelão memo assim ó ele era um caiau memo cê fazia ele quais que treis bago inchía a panela. (Ent.09, linha 445)

Nôto dia quand' disvasiô um pôco nós desceu num tinha um bago de arroz no terrero. (Ent.11, linha 08)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bago de uva. *Acinus, i.Mase. Acinum, t. Neut. Granum, i. Neut.* Estas tres palavras são de Columella em diferentes lugares neste sentido.

2. Moraes:

Bágo s. m. O grão succoso do cacho de uvas.

3. Laudelino Freire:

Bago s.m. de *baga* 2. Qualquer pequeno fruto redondo e carnudo, semelhante à uva. || 3. Grão de qualquer cousa, parecido àquele fruto.

4. Aurélio:

Bago [De *baga*] **S. m. 1.** Fruto ou grão que lembre a uva.

5. Cunha:

Bago → BAGA

Baga Do lat. *bāca*. *sm.* ‘cada fruto do cacho de uvas’

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

34. BAILE Nm[Ssing] _____ 12 ocorrências

Tinha dança com batuque tinha tudo todo sabo e dumingo tinha batuque la na casa do ti do (T...) ali dôto lado baile pos que tocava. (Ent.03, linha 157)

Baile era quais só que os nego dançava né...branco não marelo não...que ês é que sabia cantava e dançava né...os ôto num sabia ia pas roda de batuque roda de mão balanceio esses trem. (Ent.03, linha 157)

Eu era rapazim...e eu morava sozim mais papai aqui né e eu ia pra lá então...ia namorá dançá tinha baile todo dia de noite aquea dançarada danada era todo dia. (Ent.04, linha 247)

Era baile que tinha lá era baile...e nós memo tocava uai eu memo já cumí muita galinha ganhado ne serenata. (Ent.04, linha 250)

Nó baile...batuque nós aprendeu a dançá baile ali com as negada do Açude nó eu dançava que nem uma condenada iscundido. (Ent.06, linha 28)

Intrimiava no mei do povo e frivia no baile vinha um candonguero e contava “o (C...)...(C...) tá dançano” ê chegava eu tava serenano na mão dos menino ((risos)) oh medonha. (Ent.06, linha 30)

Mamãe gostava de um batuque nós dançava era tudo batuque e o baile era com nós mesmo. (Ent.06, linha 34)

PESQ.: e onde que tinha baile?INF.: uai na casa que tinha batuque tinha baile...onde tinha moda de batuque tinha moda de baile sanfona cumia menina num podia vê((risos)). (Ent.06, linha 36)

Agora num tem mais os tár de batuque porque virô só baile e candombe né num tem batuque. (Ent.06, linha 55)

Ocês que num conhece o batuque ocê larga o baile e vai dançá cês num tá veno essas dança aí quês fala ieu nem danço essas confusão de agora é só pulá pulá ah ieu não. (Ent.06, linha 62)

Nessa epra nós era menina...depois era o baile esse povo do Açude vinha fazê serenata aí e chegava ficava aí todo mundo dançava. (Ent.07, linha 305)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Baile Dança. *Vid.* no seu lugar.

2. Moraes:

Baile, ou bailo, s. m. Dança em geral.§. *Dar um baile*; i. é, função onde se dança. Bailo, *Ord.* L. 5. T. 70. §. 1.

3. Laudelino Freire:

Baile s.m. Reunião festiva, em que o fim principal é a dança.

4. Aurélio:

Baile [Dev. de bailar.] **S. m. 1.** Reunião dançante de caráter festivo e não raro formal. 2. Dança alegre e festiva; bailado; dança.

5. Cunha:

Bailar **baile** *sm.* ‘reunião em que se dança’

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

35. BALAGE Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Nôto dia vei cá pra igreja eu fiquei mais foi na igreja aí as menina me buscô pra murçá e vortei já dispidimo da dona né (E...)? juntô a balage jugô dentro do carro e vei embora. (Ent.06, linha 278)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Embalagem sf. ‘invólucro, embrulho, recipiente’ 1881. Do fr. *emballage*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

36. BALAI~BALAIM Nm[Ssing] _____ 06 ocorrências

Eu buscava mãidioca lá no balaim pá podê fazê farinha a meia c’ ê...esse dia eu tava cum esse balaim...aí..eu...na hora que já tinha a quantidade dele pegá... “isso aí...essa aí pra quê que é?”...falei “é pa mim levá la pa casa uai eu tamém mexo”. (Ent.01, linhas 108 e 109)

Os trem tava tudo dent’ do balai pegava punha no carguero e ia lá vai mamãe com menino inrolado as vez menino novo. (Ent.06, linha 391)

Uai tuia de balai...cê nunca viu né? faz um balai dum tipo assim duma mania né...até esses tempo ês modificô as mania lá em Lagoa Santa assim eu falei ó gente igual a uma tuia...trança assim os balai e faz as tuia ali cê pode lotá de arroz. (Ent.06, linhas 410 e 412)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Balayo. He a modo de cestinho de vimes pintados, mas tem tapador.

2. Moraes:

Baláio. s.m. Espécie de cesta de palhinha, de que usão as saloyas; outros há que vem do Brasil, matizados de cores, de palha, mais Gross, para vários usos. Leão, Orig. 6.5.lalquicé, filele, balaio.¶

3. Laudelino Freire:

Balaio. s.m. Cêsto de palha, taquara, cipó ou bambu, com tampa e semelhante na forma a um alguidar, para transportar ou guardar objetos miúdos.

4. Aurélio:

Balaio¹. [Do fr. *balai*, poss.] Substantivo masculino. 1.Cesto de palha, de talas de palmeira, ou de cipó, com tampa ou sem ela, geralmente com o formato de alguidar; patuá

5. Cunha:

Balaio. sm. ‘tipo de cesto de palha’ | -layo XVI | Do fr. Balai, de origem gaulesa.

6. Amadeu Amaral:

Balaio¹, s. m. - espécie de cesto de taquara, sem tampo, destinado a depósito ou condução de variados objetos, mas principalmente usado pelas mulheres para guardar apetrechos da costura.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Balaio• (A)• Nm [Ssing]• Fr. • Tipo de cesto de palha. • *É esses balaio de taquara. Cê cunhece esses balaio, né?* (Ent. 14, linha 173)

37. BALAÍM DE FULÔ Fras[Ssing +prep+Ssing]_____01 ocorrências

Nós fizemo o batuque o povo do Berto aí que sabe tocá o batuque...aí tinha o balaím de fulô tinha balancê...agora o balancê era assim cê balanceia. (Ent.08, linha 186)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Balaio s.m 3. Dança de pretos, espécie de fandango.

4. Aurélio:

Balaio [Do fr. balai, poss.] **S. m. 3.** Bras. RS Antiga dança, espécie de fandango, introduzida nesse estado pelos açorianos.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Balaio², s. m. - certa dança popular, que parece extinta. Dela se conservam reminiscências em algumas trovas:

Balaio, meu bem balaio,
balaio do coração

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

38. BALANCEIA [V]_____02 ocorrências

Balanceia...dona Chiquinha do tiá...cê nunca ôviu falá nisso? (Ent.03, linha 161)

Aí tinha o balaím de fulô tinha balancê...agora o balancê era assim cê balanceia...o balancê era os par um home com uma muié um home com uma muié agora um tocadô falava “balancê balancê” aí saía e trocava uma dama com ôtro trocava de lá pra cá...trocava de lá pra cá aquela roda boa era assim que era a festa. (Ent.03, linhas 182 a 184)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

39. BALANCÊ ~BALANCEIO Nm[Ssing]_____06 ocorrências

Os ôto num sabia ia pas roda de batuque roda de mão balanceio esses trem e isso era a nôte

interinha dançano. (Ent.03, linha 159)

Aí tinha o balaím de fulô tinha balancê...agora o balancê era assim cê balanceia...o balancê era os par um home com uma muié um home com uma muié agora um tocadô falava “balancê balancê” aí saía e trocava uma dama com ôtro trocava de lá pra cá...trocava de lá pra cá aquela roda boa era assim que era a festa. (Ent.03, linhas 182 a 184)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Balancê s.m Fr *balance*. 2. Passo de dança em que se balanceia o corpo compassadamente.

4. Aurélio:

Balancê [Do fr. *balancer*, 'balançar'.] **S. m. 1.** Mús. Passo de quadrilha, que consiste em movimentos balançados do corpo sem deslocamento dos pés.

5. Cunha:

Balança balancê sm. 'passo de quadrilha' 1884. Do fr. *balance*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

40. BAMBIAR [V] _____ 01 ocorrência

E o sal que põe e...agora na hora que tá pa rendê...na hora que tá socano lá...qu'ê cumeça a bambiá ai vai isquentano a mão de pilão de vez em quano. (Ent.01, linha 78)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Bambo bambEAR 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

41. BANDA~EM BANDA Nf [Ssing] _____ 02 ocorrência

Falei a só pode tá atrás da cabeça daquele tôco ali ó num tá em banda nenhuma o trem tá gemeno. (Ent.04, linha 369)

A hora que ocês passô pra cá tem um barzim assim de uma banda né. (Ent.05, linha 57)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

42. BARANDA Nf[Ssing] _____ 02 ocorrências

Cumpade meu sabe tinha uma menina que era minha fiada... mais daí se nós num toma ea pioi que matava ea...aquí nessa baranda aqui (D...) foi cuidá dela nó ês fartô até subi na baranda... pioi na menina aí a nossa fiada né...aí foi (D...) cuidô dela essa vez aí o coitado era muito pobrezim num cuidava dos menino. (Ent.04, linhas 87 e 88)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Varanda Obra sacada do corpo do edifício, cuberta, ou descoberta, na qual se costuma passear, tomar o Sol, o fresco.

2. Moraes:

Varanda s. f. Obra sacada na dianteira, ou trazeira, ou em todo o ambito das casas, com grades, balaustres, ou parede, de ordinário descoberta, onde se toma o sol, ou fresco.

3. Laudelino Freire:

Baranda, s.f. *Pop.* O mesmo que *varanda*.

Varanda s.f. Sânsr. *Veranda*. Balcão, sacada; obra praticada no sítio da abertura de uma janela rasgada cuja padieira forma sacada e sobra a qual se levantam em volta grandes ou balaústres ligados por um parapeito, servindo de guarda a quem ali se chega.

4. Aurélio:

Varanda [Do hindi *varanda*, 'balaustrada', poss.] **S. f. 1.** Balcão, sacada. **2.** Bras. Espécie de alpendre à frente e/ou em volta das casas, especialmente as de campo; varandado, avarandado, alpendre: "Telhado em duas águas, beirais salientes, sombreando a varanda larga que rodeava a casa." (Vasconcelos Maia, *O Leque de Oxum*, pp. 35-36.)

5. Cunha:

Varanda *sf.* 'balcão sacada, terraço coberto' XV. De origem incerta || **AvarandADO** XX || **varandIM** 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota: Baranda~Varanda: degeneração

43. BARRA DO DIA Ncf[Ssing+(prep+art)+Ssing] _____ 03 ocorrências

Ô minhas fia aí quano falava a barra do dia evem ((cantando)) a barra do dia evem é hora de nós embora vira o fundo da garrafa dêxa o povo disinganá a barra do dia evem ((risos)) a I já tá dançano. (Ent.06, linhas 49 e 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

44. BARRER FOGO Fras[V+Ssing] _____ 01 ocorrência

Óia só roçava os mato aí passano uns trinta dia que aqueas maderinha mais fina secava né barria fogo...quemava e ali sobrava madêra...a madêra ficava perfeita. (Ent.04, linha 420)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota: Barrer~Varrer: Degeneração

45. BARRIAR [V] _____ 02 ocorrências

TERC.: Mais essa tuia que ocês fazia era fechadinha ou tinha que passá barro nela? INF.: Não...muitos barriava mais nós nunca barriô...fazia ea de bambu bem fechadim que o mantimento num passava na greta (Ent.06, linha 415)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Barrear v. tr. dir. de *barro+ear*. Rebocar com barro, convenientemente amassado (paredes); barrar.

4. Aurélio:

Barrear [De barro + -ear²] **V. t. d. V. t. d. e i.1.** V. barrar1: "saiu à procura do companheiro e ambos tocaram a escolher o sítio, a desnudar árvores, a carpintejar, a barrear" (Almiro Caldeira, Maré Alta, p. 13).

Barrar [De barro + -ar²] **V. t. d. 1.** Revestir de barro; rebocar. **2.** Tapar, encher ou cobrir de barro; abetumar.

5. Cunha:

Barro barrEAR | *barear* XIV

6. Amadeu Amaral:

Barriá(R), *barrear*, v. i. - barrar, revestir de barra (muro ou parede): cobrir, revestir, besuntar (qualquer coisa, com alguma substância meio líquida) ; salpicar (de bagos de chumbo).

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

46. BARRIGA D'ÁGUA Fras.[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

A cachorra ficô esperano cachurrim dele...lobim dele todo mundo queria um lubim quano na hora...ea ficô com aquê barrigão...foi deu uma barriga d'água morreu cachorra com os bicho

tudo. (Ent.09, linha 461)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Barriga d'água, s. f. Hidropisia.

4. Aurélio:

Barriga d'água **S. f.** Pop. Ascite: "Manuel Fogueteiro morreu de barriga-d'água; estômago, fígado e intestinos duros que nem couro curtido de anta." (Nélson de Faria, Cabeça-Torta, p. 57.)

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

47. BARRIGUERA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

Montei nesse burro e ê urrô cumigo na cabicêra daquele arto ali nós rolamo a barriguera rebentô. (Ent.02, linha 83)

A barriguera rebentô e eu envinha desceno sozim aí...parece intê uma brincadêra ieu envinha desceno sozim peguei a barriguera e envinha desceno sozim com um pelego vermei na mão pra carçá a cabeça. (Ent.02, linhas 84 e 85)

((o burro))Caiu cumigo dent' do poço e rivirô e eu fiquei por baxo condafê levantei deus judô que a barriguera rubentô o burro sai pelado pa lá eu saí po ôto lado moiado. (Ent.05, linha 95)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Barrigueira s. f. 3. *Lus.* Peça do arreamento campeiro que, passando pela barriga ou tórax do animal, prende o serigote ou lombilho pelo travessão.

4. Aurélio:

Barrigueira [De barriga + -eira.] **S. f.1.** Bras. Peça do arreio que passa em volta da barriga do cavalo; cincha: "O mascate estava apertando a barrigueira da sela para continuar viagem" (José J. Veiga, A Máquina Extraviada, p. 11).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Barriguêra, s. f. - tira de couro ou de tecido grosso que passa por baixo da barriga da cavalgadura, firmando a sela. | Cast. **barriguera**.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

48. BARRO DE TÊIA NCm[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Cê põe ê lá enche as fôrma tudo agora trazia o barro de têia trazia aquê barro mole de teia forrava ê assim aquilo ali iscorria o tal melado azedo. (Ent.11, linha 196)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

49. BATEDOR Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

PES.: Essa quantidade de arroz com vara não dá pra batê. INF.: Não... não.. . num é desses que gosta de batê com batedô ... não... batia com boi.(Ent.11, linha 46)

Registro

em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Batedor s. m. O que bate.

3. Laudelino Freire:

Batedor s.m. Aquele ou aquilo que bate.

4. Aurélio:

Batedor (ô). [De bater + -dor.] **S. m.1.** Aquele ou aquilo que bate. **10.** Bras. Instrumento para debulhar milho.

5. Cunha:

Bater **batEDOR** XVII

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

50. BATEDOR DE CAIXA NCm[Ssing+prep+Ssing] _____ 02 ocorrências

O batuque é assim o violêro batedô de caixa sanfona pode entrá na roda de batuque e as dona cada um tem um par né tem o home e a dona aí vai rudiano.(Ent.06, linha 42)

Tava lá um batedô de caixa aí vinha um () dançá o candombe essas minina aí do Açude até dança até hoje. (Ent.07, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

51. BATER CABO Fras[V+Ssing] _____ 01 ocorrência

Meus irmão era...mũcho e mamãe mais papai num dava conta de mantê ês aqui ês vivia era pegano inchada memo bateno cabo essas coisa. (Ent.05, linha 04)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/c
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

52. BATER SABÃO Fras[V+Ssing] _____ 02 ocorrências

Na hora que tá bateno o sabão cê vê que ea foi pôca ali cê põe mais um poquim po sabão dá ponto. (Ent.01, linha 202)

Na hora que ê tá quais pronto () ali uns dois tanto assim ó...na base de um mei lito...de fubá...bem Ralim...tá bateno o sabão...e despeja lá na hora de batê aí o sabão já ta pronto pra usá...é o fubá é que dá ponto nele {caba de dá ponto né}. (Ent.01, linha 225)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

53. BATIDINHA Nm[Ssing] _____ 03 ocorrência

(L...) falô pra eu fazê batidinha...eu num faço proque num da tempo deu fazê...(L...) falô assim “a hoje cê traz uma batidinha pra mim” falei “a (L...) vê se dá tempo” as vez vê uma hora que tem uma pessoa lá dá pra fazê mas sozim num dá pa fazê não(Ent.11, linhas 59 e 60)

Aqui...a batidinha...ea tá boa pá cumê já tá...mió cê pô na sacola. (Ent.11, linha 118)

Registro

em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Batidinha s.f. 7. Certa espécie de rapadura, também chamada de *puxa*.

4. Aurélio:

Batida [De bater + -ida³] S. f. 17. Bras. N. N.E. Rapadura esbranquiçada, perfumada com erva-doce ou cravo-da-índia.

5. Cunha:

Bat.icum, -ida, -imento →BATER

Bater vb. De um lat. **battēre*, de *battēre* **batIDA** 1844.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

54. BATUQUE Nm[Ssing] _____ 28 ocorrências

Tinha muita festa com respeito...tinha dança com batuque tinha tudo todo sabo e dumingo tinha batuque la na casa do ti do (T...) ali dôto lado. (Ent.03, linhas 153 e 157)

Depois do tiá ia tê o batuque aí saía o recortado com as dançadera mesmo que tava ali ficava lá queta e os home rudiava fazia o batuque. (Ent.03, linhas 177 e 178)

Ah eu fiz aqui um ano aqui no São Pedro...eu fiz o batuque que o (P...) quiria muito o batuque aí nós fizemo o batuque o povo do Berto aí que sabe tocá o batuque...aí tinha o balaím de fulô tinha balance. (Ent.03, linhas 181 e 182)

Nóh baile...batuque nós aprendeu a dançá baile ali com as negada do Açude nó eu dançava que nem uma condenada iscundido meu irmão. (Ent.06, linha 28)

Mamãe gostava de um batuque nós dançava era tudo batuque e o baile era com nós mesmo. (Ent.06, linha 33)

Uai na casa que tinha batuque tinha baile...onde tinha moda de batuque tinha moda de baile sanfona cumia menina num podia vê. (Ent.06, linha 36)

Batuque é assim o violêro batedô de caxa sanfona pode entrá na roda de batuque e as dona cada um tem um par né tem o home e a dona aí vai rudiano...faz vorta...o violêro fala faz vorta abre roda era aquê rodona e rudeia a pessoa e sai e encontra com ôto. (Ent.06, linha 41)

Cê nunca viu batuque não? (Ent.06, linha 53)

Agora num tem mais os tár de batuque porque virô só baile e candombe né num tem batuque mais não. (Ent.06, linha 55)

Batuque era bão porque os pai num importava das fia dançá que o batuque num era negócio abraçado com o rapaz. (Ent.06, linha 56)

Na Lapinha do Riacho tem batuque ainda. (Ent.06, linha 61)

Que num conhece o batuque ocê larga o baile e vai dançá cês num ta veno essas dança aí quês fala ieu nem danço essas confusão de agora é só pulá pulá. (Ent.06, linha 62)

Se formá uma roda de batuque ieu danço...ieu danço até hoje o batuque dancei no (A...B...) uai vei um povo do Espada e tocô no (A...B...). (Ent.06, linhas 64 e 65)

Viola dele cunversava... nó ê gostava e o batuque...vinha aquê povão vinha povo dessas casa aí...vinha tocano viola e batuque tocá batuque. (Ent.07, linha 303)

Batuque num foi no meu tempo...nós era menina...mai assim memo a gente ainda entrava no mei né. (Ent.07, linha 304)

Eu era garotim gostava de í la chumbá uns gulim né...dançava um batuquezim...dançava um batuquezim até dez onze hora da noite né....aí eu fui e peguei dancei um batuque e bibi uns golim com (C...X...) lá né e vim 'bora. (Ent.02, linha 233)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Batuque s. m. Dança de negros com sapateados, palmas, cantigas e toque de tambor.

4. Aurélio:

Batuque [De bater.] **S. m. 1.** Designação comum a certas danças africanas e brasileiras acompanhadas de cantigas e de instrumentos de percussão: "Entrou na roda do batuque e bailou e cantou toda a noite." (Castro Soromenho, Rajada e Outras Histórias, p. 92.)

5. Cunha:

Batuqu.e, -eiro →BATER

Bater batuque 1837

6. Amadeu Amaral:

Batuque, s. m. - dança de pretos; pândega, folia (em sentido depreciativo) : "Na sala grande, o cururu; na salinha de fóra, os "modistas" contadores de façanha; e, no terreiro, o *batuque* da negrada e o samba dos caboclos". (C. P.) "Dança de pretos. Formam roda de sessenta e mais pessoas, que cantam em coro os últimos versos do "cantador", e ao som dos "tambus" requebram e saltam homens e mulheres, dando violentas umbigadas uns contra os outros" (C.P. "Musa Caip.") | Segundo Mons. Dalg., o t. nada tem com *bater*, mas é africano, provavelmente do ladim "batchuque", tambor, baile. Na Índia, para onde o vocáb. passou, diz o mesmo Mons. DaIg., ele é sinon. de "gumate", instrumento de música.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

55. BENZIM DO ASSUAIO NCm[Ssing+(prep+art)+Ssing] _____01 ocorrência

Todo dia nós ia dançá lá na casa do (Z...B...) dançava benzim do assuaio né. (Ent.08, linha 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

56. BERGONHA Nf[Ssing] _____01 ocorrência

Ah é nós tinha bergonha de vê ês lá em casa né aí subia na cama e oiava ês por riba ês contava "quê que cês tá fazeno?" eu e a (L...) oiano pra cima do...do teiado deitado no banco lá na sala. (Ent.06, linha 82)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vergonha Aspecto, que pertuba a alma, & dà no rosto sinaes desta pertubação, originada do desprezo, & infâmia, que resulta das màs acçoens que se abrão. Neste mundo o primeiro de todos os bens, He a innocencia, o segundo He a vergonha; quem hũa vez a perdeo, já não tem cousa que o desvie dos precipícios da iniquidade, porque com vergonha perde o freyo de todos os vícios. A vergonha He a guarda do decoro, & a mãy da honestidade. Ella não He propriamente virtude, mas he a cor.

2. Moraes:

Vergonha s. f. A paixão da alma causada pelo receio de coisa que deshonra, infama, desdeshonestas, e lasciva; de ordinário He acompanha de rubor no semblante.

3. Laudelino Freire:

Vergonha s. f. Lat. *verecundia*. Pudor, pejo honesto de ser visto em estado indecente; pejo de ação feita contra o decoro, contra a decência. || 2. Sentimento de desgosto que excita em nós a ideia ou receio da deshonra. || 6. Timidez, acanhamento.

4. Aurélio:

Vergonha [Do lat. *verecundia*, pela f. **verecunnia*.] **S. f. 3.** Sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo, por escrúpulos, etc.; timidez, acanhamento: Tem vergonha de falar em público.

5. Cunha:

Vergonha *sf.* '(sentimento de) desonra humilhante' | XIII, *uergonça* XIII etc. | Do lat. *vērēcūndia* || DES.*Avergonh*ADO XVI || EN*vergonh*ADO | *-nnado* XIII, *enuer-* XIV

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Nota: Bergonha~Vergonha: degeneração

57. BERRAR FOGO Fras[V+Ssing] _____ 01 ocorrência

Tava tudo dentro do toco bizôrrro de toda qualidade ((risos))aí quê que eu fiz furei ele busquei aquê bagaço véi de ano passado que ê tinha muído sabe e cubrí tudo com aquê bagaço lá é berrei fogo...ah menina mais foi uma gemeção. (Ent.04, linha 374)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

58. BESTIR~BISTIR [V] _____ 05 ocorrências

Era um dia de sábo e ê foi lá pra 'ssistí nossa coroação...e as preta menina as pretinha tudo bistiu. (Ent.03, linha 30)

Misturô todo mundo as pretinha com nóis né...aí depois que nós bistiu que nós desceu do artar...dom (C...) tava né ê oiô e falô assim "anjo preto é domônio...não beste mais menino preto". (Ent.03, linhas 30 e 31)

Quano nós cabô de bestí as menina tudo aí ô tô lá passano o pó de arroz na A ea era minha amiga né. (Ent.03, linha 36)

Nós é...bistia de verde no Cipó era dia de mês de maio. (Ent.03, linha 26)

Um home bistido de capa...e com uma toca marrom na cabeça bistido de amarrom e com uma sacola cor de rosa na mão e desceu berano aquê matão lá na cabicêra do capão. (Ent.09, linha 47)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vestir cobrir o corpo com vestido. Vestir alguém.

2. Moraes:

Vestir v, at. Cobrir o corpo com qualquer peça das que vestimos: v. g. vestir camisa, vestia, casaca, roupas.

3. Laudelino Freire:

Vestir v.r.v. Lat. *vestire*. Cobrir com roupa, com fato; envolver em roupa, em fato; ajustar as vestes ao corpo de (*tr. dir.*; *bitr.* com prep. *de*): “Foi a madrinha do casamento que ajudara a *vestir a nova*” (Camilo). “A Aurora em cróceo trono radiava: Circe de capa e túnica *vestiu-me*” (Odorico Mendes). “Maria Nazaré ajudou a *vestir a Custódia de nova*” (Camilo).

4. Aurélio:

Vestir [Do lat. *vestire*.] **V. t. d. 1.** Cobrir com roupa ou veste: A mãe vestiu a criança; "Tragicamente silencioso, olhando / O corpito esburgado e miserando / Da filha morta, resolveu tranqüilo / Pentear-lhe os cabelos e vesti-lo" (Conde de Monsaraz, Musa Alentejana, pp. 244-245).

5. Cunha:

Vestir vb. ‘cobrir com veste ou roupa’ XIII. Do lat. *vēstīre*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Nota: Bestir~Vestir: degeneração

59. BICA Nf[Ssing]

03 ocorrências

Punha a bica assim pra corrê o melado. (Ent.07, linha 53)

Forrava com bica de banana acho que era isso punha bica de banana assim que a fôrma tinha o lugá de pingá né. (Ent.07, linha 56)

Lá no engém lá tinha uma bica d’água assim...cumpá (A...) chegava lá com o dedo no ovido sacudino assim nos uvido assim. (Ent.04, linha 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bica. Canudo, por onde sahe a agoa da fonte.

2. Moraes:

Bíca. s.f. Cano por onde desemboca água de fonte, chafariz, tanques, &c. fig. As bicas dos olhos.

3. Laudelino Freire:

Bica. s.f. Tubo, pequeno canal, meia cana ou telha, por onde corre água, caindo dela de certa altura.

4. Aurélio:

Bica. [De *bico*1.] **S.f. 1.** Tubo, meia-cana, pequeno canal ou telha por onde corre e cai água. **2.** Fonte ou chafariz de água potável: *A bica da Rainha, na cidade do Rio de Janeiro, data do séc. XIX.*

5. Cunha:

Bica. sf. “torneira” XIV, do lat. *beccus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Bica• (A)• Nf [Ssing]• Lat. • Tubo, meia-cana, pequeno canal ou telha por onde corre e cai água. • Não, e outa. *Tomava água da bica memo, a gente nunca sabia que que vinha naquela água.* (Ent. 1, linha 486)

60. BICHIM/BICHO DE GUIZO/BICHO RUIM/BICHO DIABO/BICHIM QUE COME AGUIA VIRGE Nm[Ssing]/ NCm[Ssing+prep+Ssing]/ NCm[Ssing+Adj]/ NCm[Ssing+Ssing]/

Quano ea falô que era o bicho de guizo eu falei então se é de guizo tá fáci uai ah quano eu dei pro lado dês ês correu tudo pro lado da casa e batia o guizo que daqui iscutava os menino que tava tudo aqui iscutô. (Ent.04, linha 172)

Ah era o bicho ruim e daqui ês via o guizo batê lá eu cheguei...aí quano eu cheguei...eu pedi pra ea me contá comé que cumeçô...aí nós foi pra lá dento e esse dia como ea era mei cismada colocô os menino tudo lá perto dela. (Ent.04, linha 215)

Uai tava a cavalo mais o burro ficô com medo e ei tamém fiquei((risos)) é mais o lobo deu um urrado que só cê veno UAU e eu gritei "bicho diabo" é correu pra lá e eu ó rapo. (Ent.05, linha 164)

INF.: uai o josé ajuntô os josé e mijô na cabicêra do rio pa ê...ê num cridita em deus PESQ.: cabô com tudo INF.: tudo tudo tudo...os josé ajuntô lá em cima e fez o ri inche pra ele...pra ele prurque ninguém tinha cortado arroz só ele ê que foi avisado né...quem avisa amigo é né...num deu confiança nôto dia ele tombô foi chorá mas ê mixia com o bichim. (Ent.11, linha 153)

PES.: com o que? INF.: com bichim. (Ent.11, linha 155)

INF.: o bichim que come aguia virge...ê tinha ê no vidro é...pensô que ê ia judá ê né ficô lá PESQ.: e era muita gente que tinha?muita gente naquele tempo que tinha o bichinho? INF.: intê hoje por aqui tem...tem...tem por aqui mesmo tem uns treis ou quatro que tem ele no vidro aí. (Ent.11, linha 156)

O dinhêro que ê tinha ê tinha que o bichim punha pra ê...morreu...ê abriu/ê guardava o dinhêro era no aterro da fornaia sabe? ê fez um negôço igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinhêro lá dento punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntua era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza. (Ent.11, linha 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Bicho sm. Do lat. vulg. *bēstius*, de *bēstia* ‘animal’.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Bicho-da-carneira (n/d) s. Caso de assombração difundido em Pedra Azul (MG). Trata-se de um falecido que reaparece para as pessoas em forma de bichos como cachorro, porco, jegue, etc. “o povo fala que tem... esse bicho-da-carneira... os povo fala isso... que tem né...” (Entr.8, linha 209) “Tem um tal de homem de Pedra Azul que chama Joaquim Antunes... diz que ele chama bicho-da-carneira...” (Entr.9, linha 107)

61. BILA DERRAMADA NCF[Ssing+ADJ] _____ 01 ocorrência

Jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igalzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém. (Ent.09, linha 491)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bila Termo de Medicos, Alveitares.

2. Moraes:

Bila V. *Bilis*

Bilis s. m. t. de Med. Cólera. V

3. Laudelino Freire:

Bila s. f. *Ant.* O mesmo que *bile*.

Bile f. f. Lat. *bilis*. Matéria animal particular, líquida, amarga, amarelada ou esverdeada, que se gera no fígado, e passando ao duodeno auxilia a digestão; fel.

4. Aurélio:

Bílis [Do lat. *bilis, is.*] **S. f. 2 n. 1.** Líquido esverdeado, amargo e viscoso, segregado pelo fígado e que, por meio de sistema próprio de canais, é levado ao duodeno, participando, de modo importante, da digestão.

5. Cunha:

Bílis *sf.* 2n. 'líquido esverdeado, amargo e viscoso, segregado pelo fígado e que auxilia a digestão' | *bile* 1813. | Do lat. *bīlis* –is.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

62. BITELA~BITELÃO [ADJ] _____ 03 ocorrência

Cada mãindoca bitela memo...mãidoca cacau...mãidoca chitinha. (Ent.01, linha 94)

Tancava aqueas mãindoca bitela mesmo inchuta que tava uma beleza. (Ent.01, linha 103)

INF.: ocê lembra do guela de pato? PESQ.: Um viradim grande todo riscadim INF.: é um bitelão memo assim ó ele era um caiau memo cê fazia ele quais que treis bago inchía a panela. (Ent.09, linha 445)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Bitelo adj. *Pop.* 1. Grande. || 2. Vistoso.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Bitelo• (n/d)• Nm [Ssing]• (n/e) • Defunto grande. • *Fazia uma grade e punha o bitelo em cima da grade, punha no ombro assim...* (Ent. 4, linha 28)

63. BOCA DA FORNÁIA Fras[Ssing+(prep+art)+Ssing] _____ 06 ocorrências

Ea já tinha rezado a oração dela...e sentada na boca da fornáia num cepezim assim lá no cantim do atêrro...que o atêrro do fogão dela era grande. (Ent.01, linha 311)

Os menino deitava ()de brinquedo na boca da fornáia é num gostava com medo de pegá fogo na rôpa. (Ent.01, linha 313)

O menino saía da boca da fornáia menina mais com uma raiva saía da boca da fornáia porque tinha uns boi...no pasto que nós passava tinha um boi um garrote danado que pôs eu em riba do pau uma vez. (Ent.03, linha 140)

Aí tamo lá contano caso na boca da fornáia do quê que nós ia fazê nôto dia. (Ent.04, linha 346)

Nós sentô na boca da fornáia contano históra...e os menino tava durmino...já era mais ô meno

umas nove dez hora...garrô a gemedêra lá fora...mais gimia e todo jeito. (Ent.04, linha 350)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

64. BOCA DA NOITE Fras[Ssing+prep+Ssing]_____01 ocorrência

Tomava bãim em casa pa mim podê i pra lá...assim na boca da noite anti de ficá iscuero. (Ent.01, linha 316)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Boca da noite quando começa a anoitecer. A boca da noite. *Incubente vespre. Tacit.* Chegados allí à boca da noite, continuaraõ o seu caminho para Collacia.

2. Moraes:

Boca §. Boca: entrada, pricipio: v.g. a boca da noite, *huma boca da noite.*

3. Laudelino Freire:

Bôca da Noite s. f. Comêço da noite, o anoitecer.

4. Aurélio:

Boca da Noite O princípio da noite, o anoitecer; à boca da noite, à boquinha da noite.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

65. BOIADA Nf[Ssing]_____01 ocorrência

Esse ônis tá chei de mucinha mais tudo namorano diz que quano sorta...quano abre a porta do colêjo é a mesma coisa de sortá a boiada é uma bejação eu falei assim “cê tamém ficô com vontade de bejá?” “(M...) mas as menina tá numa bejação” eu falei é beja né...a velha históra né uma hora aparece((risos)) curuz credo ave maria. (Ent.06, linha 237)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Boyada. Muitos boys juntos. *Armentum boartum ou bubulum.* Boyadas de dez, & vinte mil cabeças. Godinho, Viagem a India, pag. 10.

2. Moraes:

Boiáda. s.f. Manada de bois.

3. Laudelino Freire:

Boiada. s.f. De boi + ada. Manada de bois.

4. Aurélio:

Boiada. [De *boi*1 + *-ada*1.] Substantivo feminino. 1.Manada de bois; boiama.

5. Cunha:

Boiada. do lat.*bovem*. Boy- XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Boiada• (A)• Nf [SSing]•Lat.• Manada de bois. • *É. Tocano boiada. Comprava boi aqui pa levá pa fora. Pro Estado de São Paulo. Pra/ dexa eu vê se eu lembro/ pra... acho que é Gaspar Lopes. (Ent. 14, linha 275)*

66. BOIADÊRA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

A boiadêra...nó era aquea filêra de quarenta e tantos home...capinano roça e cantano. (Ent.07, linha 122)

A boiadêra que ês tirava pra cantá na roça. (Ent.07, linha 125)

Ê fazia a quinta voze...alto mesmo cantava alto por cima dos ôto...que boiadêra cê num conheceu não? (Ent.07, linha 128)

Eu sabia até as música de boiadêra mais agora num lembro boba num lembro a musica dê não comé que era que ês cantava não. (Ent.07, linha 133)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

67. BRABO [ADJ] _____ 08 ocorrências

Labutava mesmo num tinha tempo pa nada não...e...ê fico brabo () “cê num tem pricisão disso não...seu pai tabaia”.(Ent. 01, linha 115)

A dindinha (V...). ficô braba cum ela né...dindinha (V...). era minha vó. (Ent.01 linha 154)

Ê ficava braba memo...á ea tomava o bāim dela e sentava lá na...que eu tomava bāim em casa pa mim podê i pra lá. (Ent.01, linha 315)

Quem papai? nó ê ficava brabo comigo. (Ent.10, linha 229)

Depois passei pra cê pra cê carrero...mansei mûcho boi mûcho burro brabo. (Ent. 05, linha 07)

Pegava boi lá...boi brabo juntô um puxano na frente ôtro tocano atrás. (Ent.05, linha 18)

Coisa tá feia num tá nega? tigamente era lá pra longe que conticía as coisa ruim lá longe as coisa braba agora é aqui memo. (Ent. 06, linha 207)

Não...chuva braba num é cumigo não. (Ent.06, linha 329)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Braba. s.f. Mulher de condição áspera.

3. Laudelino Freire:

Braba. adj. De bravo. O mesmo que bravo. II 2. Denso, selvagem (falando do mato). II 3. Que

causa dano; nocivo, prejudicial. II 4. Irado, sanhudo. II 5. Rixoso, brigador. II 6. Recém-vido. II 7. Inexperiente. II 8. Grosseiro. Obs.: “Toma-se bravo por corajoso, magnífico, áspero, ferino; brabo só é tomado no mau sentido.”(Odorico Mendes)

4. Aurélio:

Brabo. adj. 1. Bras. **V.** Bravo (1 e 2). Bravo. adj. **1.** Corajoso, intrépido. **2.V.** colérico (2)[Var., nessas acepç.:brabo] **3. V.** bravio (1 a 3) 4. Muito agitado, tempestuoso. **S.m. 5.** Homem bravo (1)

5. Cunha:

Bravo. adj. “feroz, selvagem” Do lat. *barbarus*”

6. Amadeu Amaral:

Brabo. q. - zangado, zangadiço, colérico; bravio (animal); denso, selvagem (mato). | Mais ou menos corrente no Bras. todo. Diz S. Lopes, no conto “Trezentas onças. (R. G. do S.)” “... sujeito de contas mui limpas e *brabo* como uma manga de pedras...” - Esta forma não parece mera variante de “bravo”, que é de importação francesa por um lado, e italiana por outro. Tirou-a talvez a língua, diretamente, de **bárbaro**, através da forma bárboro, com dissimilação do segundo *a*, que facilitou o encurtamento do vocáb. **Bárboro** encontra-se nos antigos; por ex., em D. João de Castro: “E asi me sertifiquei da longura que ha do brazil ao cabo da boa esperança e nisto estou tão costamte que me atreverei a o fazer confesar a omens **barboros** e a outros de gramde enjenho.” (Carta ao Rei, em Dom J. de C.. por M. de S. Pinto). A própria forma **brabo**, tal qual, se encontra na Eufros., p. 147.

Registro em dicionários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Braba (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Nervosa, colérica. • *As vaca lá de casa era braba e num era uma só não. Tinha vaca lá que invistia até na sombra. ... Jogava nós nos chifre da vaca braba.* (Ent. 11, linhas 221 e 259)

Nota: Brabo~Bravo: degeneração

68. BREIADO [Adj] _____ 01 ocorrência

Afiada dê () caiu na bêra do tacho de melado...quano eu vi que ea deu aquê grito menina...cô vi ea co a mão assim...passano na cuiva assim que pegô...agora...tirei a mão dea toda breiada agora num sabia se cuida cá ô cuida a menina (Ent.12, linha 03)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Breado. Coberto de breu.

2. Morais:

Breádo. p.pass. de Brear. Untado de breo. Da cor de breo.

3. Laudelino Freire:

Brear. v.tr.dir. De *breu+ar*. Passar breu em || 2. Sujar, emporcalhar.

4. Aurélio:

Brear. [De breu + -ar²] **Bras. N.E. MG Pop. V. sujar (1).**

5. Cunha:

Breu **breADO** | XV PAUL 8v26

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em dicionários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

69. BREJO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

“Papai fez o chiquêro aqui...á tocava os porco po brejo lá em cima e eu ficava aqui oiano aqui áí pegô andá no tempo que nem cachorro zangado.” (Ent. 09, linha 254)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Brejo. Terra baixa, e humida, ou cavidade, donde não dá sol. Lugar baixo muito humido, onde nace agoa, ou que de Verão, & Inverno, tem quase sempre, ou pouca, ou muita.

2. Moraes:

Brejo. s.m. Terra humida, lodosa, alagadiça, que serve para arzoaes.

3. Laudelino Freire:

Brejo. s.m. B. lat. *braium*. 3.Terreno alagadiço ou pantanoso; paul.

4. Aurélio:

Brejo. [De or. controvertida.] **S.m. 1.V. pântano. 2.**Terreno sáfaro, agreste, que só dá urzes; urzal. **3.P. ext.** Lugar úmido, frio e ventoso. **4.Bras. N.E.** Terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, e em geral fértil em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. **5.Bras. MA** Qualquer lugar baixo onde há nascentes, olhos-d’água, cacimbas.

5. Cunha:

Brejo. sm. ‘pântano’ XVI. De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Brejo • (A) • Nm [Ssing] • Cont. • Terreno pantanoso. • *Mai ‘ tinha aquês trem po meio do mato, pos brejo.* (Ent. 13, linha 445)

70. BRUACA Nf[Ssing]

04 ocorrências

Aqueas bruaca né...bruaca de côro...áí inchia a bruaca...punha saco dent’ da bruaca um pegava e falava...“traz gente”. (Ent.09, linhas 05 e 06)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Bruaca. s.f. Saco de couro cru, para condução de mercadorias e outros objetos sobre bēstas.

4. Aurélio:

Bruaca. [De *burjaca*, com metátese (**brujaca*) e síncope.] **S.f.** Bras. **1.**Saco ou mala de couro cru, para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas. [Var., MG: *buraca2*.] **2.**Bolsa de couro. [Cf. (nessas acepç.) *priaca*.]

5. Cunha:

Bruaca. sf. ‘saco ou mala para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas’ 1844. Do cast. *burjaca*.

6. Amadeu Amaral:

Bruaca. s. f. - surrão, saco de couro trazido por viajantes a cavalo. Também se aplica, insultuosamente, a mulheres. | Rub. dá —buracal, —pequeno saco de coiro que usam os tropeiros de Minas|. Lass. colheu no R. G. do S. forma idêntica à paulista, definindo-a —alforge de couro para condução de diversos objetos em cavalgaduras|. - O —Novo Dic. registra o port. **burjaca**, saco de couro de caldeireiros ambulantes, t. de origem cast. É claro que a forma brasil. se relaciona com essa; mas como explicar o desaparecimento de *J*?

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Bruaca • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Saco de couro cru para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas. • *INF.:* Comprava/ ês usava/ deles é a bruaca que era pra guardá as comida (). *PESQ.:* Bruaca? *INF.:* É um caxote quadrado cuberto cum corô de boi. ... Intão usava essas bruaca. Eu cheguei a cunhecê bruaca. Cheguei a vê. Num sei/ hoje/ num sei mais aonde tem mais. (Ent. 14, linhas 315 e 321)

71. BULANDERA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Engem de pau é treis moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui aí tem os dente põe a bulandera lá os cavalo vai tocano. (Ent.04, linha 183)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Bolandêira s. f. Roda do engenho de assucar, pegada no eixo do meyo; movida pelo rodéte.

3. Laudelino Freire:

Bolandeira s. f. Grande roda dentada, nos engenhos de açúcar, que trabalha horizontalmente, por impulso do rodete. || 2. Aparelho para descaroçar algodão.

4. Aurélio:

Bolandeira [Do esp. *volandera*.] **1.** Bras. Grande roda dentada do engenho de açúcar; volandeira. **2.** Bras. N. N.E. Máquina de descaroçar algodão.

5. Cunha:

Bolandeira *sf.* ‘grande roda dentada do engenho de açúcar’ 1813. Talvez relacionado com o cast. *volandera*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

72. BURRAI VERMEI NCf[Ssing+Adj] _____ 09 ocorrências

Torra com sal e um puquim de burrai vermei né?...quente...burrai quente mesmo com uma meia cuié de ferro assim. (Ent.01, linha 68)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Borrvalho Cinzas quentes, que ainda conservão em si alguma braza miúda.

2. Moraes:

Borrálho s.m. Resto de brazido, com cinzas que o cobrem.

3. Laudelino Freire:

Borrvalho s.m. de *bôrra*¹ 2. Cinzas quentes.

4. Aurélio:

Borrvalho [De *borra* (ô) + *-alho*.] **S. m. 3.** Cinzas quentes, rescaldo. [Sin., nessas acepç.: *borralha*.]

5. Cunha:

Bor. ainda, *-alha, -alhara, -alheiro, -alho, -ão, -ar* →BORRA

Borra: **borRALHO** *sf.* ‘cinza’ 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Dona (A...) era boa professora boa ela...ela num ricibia tamém ea passô treis ano sem recebê...recebia um burrusquê. (Ent.03, linha 48)

De primero tinha um burrusquê...cê já num oviu falá desse burrusquê não? (Ent.03, linhas 48 e 49)

Burrusquê era um cartãozim assim ó que vinha numerado...agora aquê burrusquê tinha que interá ê pra depois trocá por dinhêro. (Ent.03, linha 51)

Burrusquê...dona (A...) perto dea morrê ea inda tava lúça...falano aí ea falô cumigo “ô sá (A...) cê alembra do burrusquê?” falei “demais papai tamém ricibia ele”...papai trabaiava no DER né...aí ea disse (J...) saiu pa passia de canoa levô o saquim de burrusquê...a saculinha de burrusquê e jugô...caíu den’ do ri e cabô aí agora que ea num recebeu foi nada coitada. (Ent.03, linhas 54, 55 e 56)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Burrusquê [Do antr. *Barrus*, negociante francês que no séc. XIX introduziu em Diamantina (MG) o vale deste nome.] **S. m.** Bras.MG **1.** Vale que era emitido por negociantes, industriais, instituições beneficentes, para suprir a falta de troco, e circulava como dinheiro: "Vovó, todos os sábados, manda um de meus irmãos ao Palácio, que é perto da Chácara, trocar uma nota em burrusquês do Bispo." (Helena Morley, *Minha Vida de Menina*, p. 12.)

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Povo fazendêro aí trocava terra por uma cabaça de melado azedo. (Ent.11, linha 198)

Os pobre num tinha nada pa cumê ês ia lá com a cabaça e ês pegava pedaço de terra ()um cabaça de melado de abeia...é. (Ent.11, linha 199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cabaça. Espécie de abobara de carneyro; para a parte do pé, tem figura de pêra, & fazendo huma como garganta, se alarga em hum bojo.

2. Moraes:

Cabaça. s.f. Espécie de abobora, que tem a figura de pera.

3. Laudelino Freire:

Cabaça. s.f. Fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, em forma de pêra ou de um 8, cujos dois bojos desiguais são separados por um colo mais ou menos estreito.//2. Vasilha formada pela casca inteira e seca desse fruto.//3. Qualquer vaso do feitio daquele fruto.

4. Aurélio:

Cabaça. [De or. pré-romana, poss.] Substantivo feminino. 1.Bot. V. *cabaceiro-amargoso*. 2.V. *porongo*1 (1 e 2): —Uma cabaça foi posta contra os seus lábios, e bebeu dela, avidamente. (Eça de Queirós, *Últimas Páginas*, p. 317.)

5. Cunha:

Cabaça1. sf. ‘vasilha’/ XV, cabaacha XIII, baaça XV/ De origem desconhecida, certamente pré-romana.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Cabaça• (A)•Nf [Ssing]• Desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • INF. 1: *Cuié de pau e a foia de cabaça né? PESQ.: Cabaça é aquele?... INF. 1: Cabaça é aquela abroba que a gente num come. PESQ.: Aquela dura? INF. 1: É. PESQ.: Que serve de enfeite? INF. 2: Não, a foia da cabaça eu num lembro não. Eu lembro é da (). (Ent. 1, linhas 452, 454 e 458)*

75. CABRESTO Nm[Ssing] _____ 07 ocorrências

Peguei levantei passei esse braço pra trás achei o cabresto do cavalo. (Ent.10, linha 46)
Eu peguei o cabresto dele joguei na cacunda e falei caminha. (Ent. 10, linha 55)
A égua num tinha cabresto num tinha nada eu caminhei de gatinho assim montei na égua. (Ent. 10, linha 97)
Ocê coloca o arrei na égua e o cabresto cê põe no burro. (Ent.10, linha 102)
Falei com ela ó ti (R...) pucha o cabresto dela...da cabeça dela aí as vez ela acorda quano ea puxô a o cabresto da cabeça da égua ea cordô levantô (Ent. 10, linha 112)
A mão no cabresto fui lá pegá o cavalo truxe ele intreguei lá ê disse arrei o cavalo. (Ent. 10, linha 241)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cabresto A corda, cõ que se prende a besta na estrebaria, & que tem lugar de freo. *Capistrum, i. Neut. Virg* Catão no seu livro de agricultura diz *Capistra* no plural. Logo com mayor segurança se pôde fazer este nome de genero neutro, porque os que querem, que seja de genero masculino, não tem com que provalo. Também Santo Isidoro diz *Capistrum* no nominativo singular. Por cabresto a hum macho. *Mulum capistrare. Plin. Hist.*

2. Morais:

Cabresto s.m. Corda, com que se prende a besta na estrebaria, e com que se governa a que não se leva freyo, cabeções.

3. Laudelino Freire:

Cabresto s.m. Lat. *capistrum*. Arreio de couro ou de corna, com que se prendem ou conduzem as cavalgaduras pela cabeça, e sem freio.

4. Aurélio:

Cabresto (ê) [Do lat. *capristu*, com metátese] s.m. espécie de bucal (1) mais grosso, com todos os componentes da cabeçada (9), exceto a embocadura.

5. Cunha:

Cabresto s.m. ‘arreio, freio’ XIII, *-bestro* XIV | Do lat. *capistrum*|| **cabrese**ADOR XX|| **cabrest**EAR 1899|| DES. EN**cabrest**AR 1815 EN**cabrest**AR XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

76. CABRITA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

Era uma turma boa aí ês virô e falô “ó cê paga a cabrita?” falei “pago” que a cabrita era pá comprá o lito de cachaça pa fazê o negócio tem que passá () tinha que pagá a cachaça pro povo né...é pagá a cabrita. (Ent.02, linha 139)
PESQ.: Ah então quer dizê que a cachaça é a cabrita? INF .: é a cabrita...aí ês pegô e bebeu a

catchaça. (Ent.02, linha 145)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cabrita s. f. 12. *Lus.* Bebida dada pelo comprador de uma junta de bois, na feira, aos que entram na transação.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Cabra **cabrITO** *sm.* ‘pequeno bode’ XVI. Do lat. tard. *caprītus*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

77. CACHAÇA Nf[Ssing]

26 ocorrências

Cabrita era pá comprá o lito de catchaça pa fazê o negóço. (Ent.02, linha 140)

Tinha que pagá a catchaça pro povo né...é pagá a cabrita. (Ent.02, linha 140)

Eu falei “pago se ocês fazê do jeito que eu quizé eu pago” ês disse “então tá feito” aí eu fui e falei com o (G...C...) o (G...C...) “enche um lito de catchaça pra ês aí (G...)” (G...) pegô em encheu e falô “eh cê vai dá ês o lito de catchaça?” falei “vô dá ês o lito de catchaça e ()” aí eu peguei dei ês o lito de catchaça. (Ent.02, linhas 142 e 143)

Aí ês pegô e bebeu a catchaça e eu...eu era sortêro...tinha umas menina lá aí nós ficô bateno papo alí até mais ô meno dez onze hora. (Ent.02, linha 145)

Papai morô lá uns tempo quano papai morô lá já num foncionava mais mais antes lá tinha engem de fazê rapadura muê cana fazê catchaça. (Ent.04, linha 232)

Padim (E...) num bibia catchaça nunca bebeu casô com a dindinha A a mãe da (A...). (Ent.06, linha 381)

Forrava com bica de banana acho que era isso punha bica de banana assim que a fôrma tinha o lugá de pingá né?. PESQ.: é INF.: Aí ela ia pingano pingava na fôrma caía na vazia e fazia catchaça esses trem. (Ent.07, linha 59)

Morreu...acharo ê morto.caiu que caiu...mais a catchaça era demais o home caiu que caiu morto...fraqueza. (Ent.08, linha 97)

Cachaça...a catchaça ela quema cê põe ela na boca ela quema mais ela é fria ela ...ea é a água do capelo comé que ela pode sê quente? (Ent.08, linha 99)

Era ieu e cumá (D...) judava padim (Z...) mexê com catchaça. (Ent.08, linha 101)

Dava nós “toma bebê cês vê que gostosa” a primera cabeça da catchaça menina nós bibia e subia o morro cabava de subí o morro...lá tinha uma pataiada e um pé de rosa assim...na bera do rego nós só cabava de travessá o rego assim ô fup eu mais cumá dica lá debaxo do pé de rosa tonto de catchaça quente. (Ent.08, linhas 109 e 111)

Ê...seu avô fazia muita catchaça divera...rapadura mia fia é só muê a cana põe no tacho...bota fogo na fornaia...dexa quano ea dá aquea iscuma grossa assim cê panha. (Ent.09, linha 172)

Ago’ que eu lembro seu avô fazia muita era catchaça. (Ent.09, linha 180)

Lá num tinha venda não eu ia fazê catchaça boba. (Ent.09, linha 377)

Quano mamãe bibia quano ea bibia pinga...ago’ é crente né já tem uns quarenta ano que ea num bebe catchaça. (Ent.10, linha 50)

Cê lembra (B...) daquês treis quarto?...treis quarto comprei um treis quarto assim de catchaça...bibi um golo lá e vim embora. (Ent.10, linha 138)

PESQ.: e o quê que o povo fazia com esse melado seu (C...)? INF.: Cachaça...ô a catchaça mió que tem é a catchaça de melado uai. (Ent.11, linha 204)

É só botá pra freventá lá no tampão lá e dexá o trem corrê lá no capelo uai tocá fogo é...ô cachaça. (Ent.11, linha 206)

Mais lá ês misturava é com airco misturava...botava airco botava laranja creme...ficava gostosa proquê era doce botava um adocicado nela é por isso que ea subia ea tiha doce cachaça num pode num pó vê doce. (Ent.11, linha 211)

Não lá em casa num mexia com cachaça não. (Ent.11, linha 222)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Cachaça. “s.f. vinho das borras. No Brasil, aguardente do mel, ou borras do melaço.”

3. Laudelino Freire:

Cachaça. “s.f. Aguardente extraída das borras do melaço e das limpaduras do suco da cana de açúcar.”

4. Aurélio:

Cachaça. “[De or. controvertida.] **S. f.** Bras. **1.** Aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel (4), ou borras do melaço. [Sin. (pop. ou de gir., e bras. Na maioria, muitos deles regionais): abre, abrideira, aca, aço, a-do-ó, água-benta, água-bruta, água-de-briga, água-de-cana, (...) tira-teima, tiúba, tome-juízo, três-martelos, uca, veneno, xinapre, zuninga.]”

5. Cunha:

Cachaça. “sf. ‘aguardente de cana de açúcar’ 1711. De origem controvertida.”

6. Amadeu Amaral:

Cachaça. “s.f. – aguardente de cana.”

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Cachaça (A) s. Aguardente extraída da cana de açúcar; pinga. “...era divertido demais moço... e ês tinha uma cachaça pura...” (Entr.1, linha 464)

78. CACUMBU Nm[Ssing]_____02 ocorrências

INF.: Visitano os cacumbu. *PES.*: Visitano o que? *INF.*: Os cacumbu ((risos)). (Ent.06, linhas 241 e 243)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cacumbú s. m. Ferramenta reduzida quase ao encadouro.

4. Aurélio:

Cacumbu [Do quimb. ka, 'pequeno', + kimbu, 'machado'.] **S. m.** Bras. S. MT. **2.** Machado ou enxada já gasta e imprestável.

5. Cunha:

Cacumbu sm. ‘machado ou enxada já gasta ou imprestável’ 1899. Provavelmente do quimb. *kakimu*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Nota: Castro:

Cacumbu (*banto*) 1. (°BA) – s.m. faca ou machado velho, já gasto pelo uso. Var. **cucumbu**. Cf. **caxirenguengue, quicé**. Kik. *Mukubul* Kimb. (*ka*)*mumbumbu*.

79. CACUNDA Nf[Ssing] _____ 07 ocorrências

Aquea roda assim de mãidoca no pé a gente via a cacunda dela ((risos)) terra muito boa. (Ent.01, linha 97)

Mãindoca chitinha ea dá é grossa e curta...ea ficava c' a cacunda de fora assim...no pé...rancava aqueas mãindoca bitela. (Ent.01, linha 102)

Eu peguei o cabresto dele juguei na cacunda. (Ent.02, linha 55)

Abria os cochete era com a cacunda encostava no cochete assim com essa mão sigurava o cavalo e com essa mão ô abria o cochete. (Ent.02, linha 55)

Fui caçá tatu tava com uma ispingarda vinte e oito na cacunda. (Ent.02, linha 275)

Pus o rabo dele na cacunda aqui ó truxe a bunda dele a eu truxe a bunda dele aqui ó o rabo dele bateu aqui na frente assim ó mais eu caminhava uma distância como daqui no curral e tinha que sentá pesado demais. (Ent.04, linha 315)

Ea agachô pra passá debaxo da ceica muntei na cacunda dea ((risos)) agora cê num vai agora cê num vai aí mamãe vortô pra trás tirá ieu de riba dela. (Ent.08, linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cacunda. —s.f. Corr. de *carcunda*. Costas, dorso. |

4. Aurélio:

Cacunda. [Do quimb. *kakunda*.] **S.f.** Bras. **1.**Dorso, costas. [Sin. (bras.): *canastra*.]

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Cacunda. —s.f. – costas: —... e ela se ponhou outra vez de cacunda, que é como dormia quase que a noite inteirinhall. (V. S.). —Para dor de peito que responde na cacunda, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L.). // Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de *corcunda*, passando por *carcunda*, como querem outros.

Registro em Glossários

1. Souza:

Cacunda (A) s. Costas, dorso. “...por fim eu casei foi com esta aí... minha prima carnal aí...porque... que eu carreguei até na minha cacunda.” (Entr.4, linha 83)

2. Ribeiro:

Cacunda • (A) • Nf [Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • **PESQ.:** *E a água? Tinha água encanada ou não? INF. 1: Não. Era do corgo mia fia. PESQ.:* *Mas como fazia pá buscá? Ia no corgo? INF. 1: Era na cacunda mia fia.* (Ent. 9, linha 214)

Nota:

Castro:

Cacunda (banto) (°BR) s.f. costas, dorso; corcova, giba. Var. **cadicunda**, **car(i)cunda**, **corcunda**. Kik. *Kakulumonga*. Port. caco.

80. CADÊ [Pron] _____ 05 ocorrências

Subi no artá né aí nha (R...) priguntô “uai (M...A...) quede sá (A...)? é ea que envem na frente mais (S...) pra coroa cadê ea?” aí chegô lá eu tava lá encostada na parede. (Ent.03, linha 40)

Eu falei “ah nêgo cê vai derrobá esse coquero pra mim” ...ê disse “cadê a foice?” (Ent.04, linha 106)

Tava com umas criação pra vendê aí ê falô assim “(G...) cê num sabe quem é que qué comprá umas criação não? eu vendo barato porque ô tô pertado” eu falei “cadê eas ô vô arrumá compradô pro cê” quano eu cheguei lá que eu vi as criação menina amei. (Ent.05, linha 65)

Dindim (M...) chegava lá na berada do barranco via padim (Z...) lá lambicano “o (Z...) cadê as

menina?” “uai muito tempo (M...) eas subiu pra lá” didim (M...) vortava no ea vortá via nós duas deitada lé debaxo do pé de rosa drumino. (Ent.08, linha 112)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Cadê. Bras. Fam. Pop. 1. V. quede²: —Ó Fulô? Ó Fulô? / Cadê meu lenço de rendas, / Cadê meu cinto, meu broche, / Cadê meu terço de ouro / Que teu Sinhô me mandou?! (Jorge de Lima, Obra Completa, 1, p.293).||

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza:

Cadê (A) Pron. Interrog. Onde está; quede. “...ela falou: ‘Cadê a menina?... ela passou melhor?’...” (Entr.6, linha 411)

2. Ribeiro:

Cadê• (A) • [Pron]• (n/e) • Onde está; quede. • *Eu cheguei, pelejei pa tirá esse gado. Cadê se dá jeito d’eu tirá. Aí chegô um cumpade meu e ajudô a tirá o gado da horta.* (Ent. 15, linha 629)

81. CAIAU Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

((o macarrão guela de pato)) *É um bitelão memo assim ó ele era um caiau memo cê fazia ele quais que treis bago inchá a panela.* (Ent.09, linha 444)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

82. CAMBADINHA Nm [Ssing] _____ 01 ocorrência

Esses cambadinha ês era piquinim (N...) com sete ano (A...) com sete ano o ôto cinco ano a menina com dois ano. (Ent.10, linha 117)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Cambada s.f. Ramal, v.g. – de peixes, enfiados; e de outras coisas unidas como a cambada de peixes. V. *Cambo*

3. Laudelino Freire:

Cambada s. f. De *cambo*+*ada*. 3. Agrupamento de pessoas.

4. Aurélio:

Cambada [De *camba*1 + *-ada*1.] **S.f. 2.** P. ext. Porção de coisas; *cambulha*, *cambulhada*,

encambulhada.

5. Cunha:

Camb.a, -ada, -ado, -aio, -al, -alacho, -alear, -alhota, - ao, -apé, -ar →CAMBIAR

Cambiar cambADA *sf.* ‘porção de coisas’ XVI; ‘*fig.* corja’ 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

83. CAMPANHA¹ Nf[Ssing] _____ 03 ocorrências

Lá a gente tomava bãim de copo era cimentado né? ah mais era uma campanha hoje eu tem dois.
(Ent.06, linha 327)

Ê tava passano mal e disse assim “uai eu pirdi o...eu pirdi o jogo eu pelejo pa mim jugá na boca e num pega” aí que foi dá as providença né...foi a campanha. (Ent.07, linha 175)

Coitado ê era mindingo né num gostava nem de tomá banho pa tomá banho era uma campanha menina. (Ent.09, linha 405)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

84. CAMPANHA² Nf [Ssing] _____ 03 ocorrências

INF.: Tempo ruim era bão não cumia assim cumia nas campanha...campanha cê sabe o que que é né?

PESQ.: não. INF.: Tabaiadô na roça ês fala é campanha falava assim ó amanhã é campanha de um ôto dia campanha de ôto.(Ent.11, linhas 247, 249 e 250)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

85. CAMPIAR [V] _____ 03 ocorrências

Uma vez ô tava...campiano num lugá que chamava Lagoa Seca aqui ó terreno desse povo do Cipó

a hora na hora que eu pulei que o burro pulô a moitazinha assim do cipó prata tinha um lobo deitado debaixo.(Ent.05, linhas 247, 249 e 250)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes:

Campear Correr o campo a cavallo

3. Laudelino Freire:

Campear v. r. v. De *campo+ar*. 5. Andar no campo a cavalo em procura ou tratamento de gado (*intr.*)

4. Aurélio:

Campear [De campo + -ear².] V. t. d. 6. Andar a cavalo no campo ou no mato, em procura do gado, ou para prestar-lhe assistência.

5. Cunha:

Campear →CAMPO

Campo **camp**EAR XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

86. CANCA Nf[Ssing]_____01 ocorrência

Eu tomei uma canca de tempestada uma vez subino no (A...R...) com menino (A...) nas cadêra com o saco dos trem de cumê.(Ent.06, linha 356)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

87. CANDEIA Nf [Ssing]_____01 ocorrência

Quano ele entrô que bateu com o oi ne mim menina ê virô cada candeia desse tamãe com o oi assim. (Ent.09, linha 162)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Candeia. Candeia de garavato. He uma candeia pequena sem pe, & que tem hum ganchosinho, donde se pendura.

2. Moraes:

Candeia. sf. Ant. vela. vaso de metal para luz; e a luz: v.g. —apagar a candeia

3. Laudelino Freire:

Candeia. —s.f. Lat. *candela*. Vaso de barro ou de folha que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar a luz na torcida que sai por um bico

do mesmo vaso: —Pelas frestas das casas contíguas às de Álvaro Pires bruxuleava o clarão das candeias e tochas|| (Herculano).

4. Aurélio:

Candeia. [Do lat. *candela*, _vela de sebo ou de cera_.] **S.f. 1.**Pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de folha-de-flandres, barro ou outro material, abastecido com óleo, no qual se embebe uma torcida, e de uso em casas pobres; *candela*, *candil*: —Leva a candeia e vê se os alumia.|| (Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade embora tarde*, p. 34.) [Cf. *lamparina* (2).]

5. Cunha:

Candeia sf. ‘pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ vela de cera / XVI, *candea* XIII / Do lat. *candela*.||

6. Amadeu Amaral:

Candeia s. f. - árvore da fam. das Linantéias. Há *grande* e *mirim*, / O nome provém de que o pau é facilmente combustível, dando uma luz viva.

Registro em Glossários

1. Souza:

Candeia (A) s. Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. “É... *candeia*... *naquele tempo num tinha vela... alumiaava com azeite e cera do mato né...*” (Entr.6, linha 15)

2. Ribeiro:

Candeia• (A)• Nf [Ssing]• Lat.• Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato.• *E o oto é candeero. O candeero é esse/ é acendia/ chamava candeia. Uma peça de ferro assim feita de/ feita na ferraria. Intão punha um pavio grande nela e enchia de azeite. ... Candeia...* (Ent. 14, linhas 212 e 217)

88. CANDOMBE Nm[Ssing] _____ 06 ocorrências

Agora num tem mais os tár de batuque porque virô só baile e candombe né num tem batuque mais não. (Ent.06, linha 56)

Ia dançá candombe tocá viola a noite toda. (Ent.07, linha 137)

Esses ôto tava tocano candombe e ês deitô...ês muntuario naquele quarto...naquele quarto daqui aquê quarto mesmo. (Ent.07, linha 140)

INF.:O candombe uai tinha o candombe PESQ.: e a senhora lembra como é que era o candombe? comé que era o que que ês fazia? INF.: É caxa...batia a caxa e fazia...tava lá um batedô de caxa aí vinha um

() dançá o candombe essas menina aí do Açude até dança até hoje. (Ent.07, linhas 148 E 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Candombe s.m. O mesmo que *candomblé*

Candomblé s.m. Espécie de batuque dançado pelos negros, com exercícios de feitiçaria; macumba: “viviam em feitiçarias e *candomblés*” (Afrânio Peixoto).

4. Aurélio:

Candombe [Do quimb.] **S. m. Bras. 1.** Dança e música de negros e escravos.

5. Cunha:

Candombe sm. ‘antiga dança de escravos das fazendas, espécie de batuque’ XX. Do quimb. *Ka’nome*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

89. CANDONGUERO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Eu intrimiava no mei do povo e frivia no baile vinha um candonguero e contava “o (C...)...(C...) tá dançano” é chegava eu tava serenano na mão dos menino. (Ent.06, linha 30)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Candongueiro adj. ch. Lisongeiro, enganador.

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Candongueiro¹ [De candonga1 + -eiro.] **S. m. 1.** Aquele que faz candonga¹

5. Cunha:

Candongue *sf.* ‘lisonja enganosa’ 1813. De origem controvertida; talvez do quimb. *Ka’nene* (de *Ka* ‘pref. Diminutivo’ + ‘nene ‘menor, pequeno’) || **candongAR** XX || **candonguEIRO** 1813|| **candonguICE** 1881.

6. Amadeu Amaral:

Candonguero, q. -intrigante, arteiro. Nesta última acepção empregou-o S. Lopes no Rio G. do S.: "A Tudinha era a chinoca mais *candongueira* que havia por aqueles pagos ". | Cast."candonguero".

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

90. CANGA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Sabe que que nós teve que fazê? tirô as canga dos boi dexô os boi imhora e trepô ... era rancho trem di cumida tava tudo lá dento sabe? que que nós fez ... nós teve que trepá no pau a inchente tapô tudo (Ent. 11, linha 05)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canga. —He hum pao grosso com faces, o qual puxão os boys, para levare o carro, com os pescoços numas travessas, a que chamão *cangalhos*. Jug. i. Neut. Cic.¶

2. Moraes:

Cãnga. —*sf.* O jugo, com que se jungem os bois para a lavoira.¶

3. Laudelino Freire:

Canga. —*s.f.* Jugo de madeira, com que se prendem os bois para o trabalho.¶

4. Aurélio:

Canga. [Do celta **cambica*, ‘madeira curva’, poss.] Substantivo feminino. 1. Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado; jugo: —um boi magro esticava o pescoço esfolado pela canga e mugial (Coelho Neto, *Sertão*, p. 79).

5. Cunha:

Canga¹. — ‘peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado’ 1813. Provavelmente do célt. **cambica* ‘madeira curva’, de *cambus* ‘curvo’.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Canga• (A)• Nf [Ssing]• Cel.• Peça de madeira que une os bois pelo pescoço e é acoplada ao carro

de boi. • *Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pá depois pô a canga. (Ent. 4, linha 141)*

91. CANGAIA Nf [Ssing] _____ 03 ocorrências

Sabe quanto que nós vindia? oito mil réis o saco...oito eu tem muita coisa aí resto de cangaia coisa que eu vendi com essa farinha desse preço comprei cangaia essas coisa era um home que vinha lá de Taquaraçu com a tropa dele comprava nossa farinha. (Ent.04, linhas 402 e 403)

Ferramenta dexô as ferramenta cangaia...arrêi tudo la dento do rancho foi 'bora. (Ent.11, linha 145)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cangalhas. Armadilha de paos, q fromaõ como huma grade larga, para sustentar as quartas, que os Aguadeiros carregaõ nas bestas.

2. Moraes:

Cangalhas. s.f. pl. Duas como canastras de grades de páo, que se accomodaõ no seladouro das bestas, pendendo de cada ladoduas, para estas cargas.

3. Laudelino Freire:

Cangalhas. s.f. pl. Armação que se coloca sobre o dorso das bêtas e em que se sustenta e equilibra a carga de um e outro lado.

4. Aurélio:

Cangalhas. [Pl. de *cangalha*.] **S.f.** pl. **1.**Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro; cangalha.

5. Cunha:

Cangalhas. 1813||, provavelmente do célt. **cambica* 'madeira curva', de *cambus* 'curvo'

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza:

Cangaia• (A)• Nf [Ssing]• Cel.• Armação de madeira ou de ferro e que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro lado. • *Laçava, marrava, punha uma cangaia no pescoço dele assim. Ele ficava dereiano caquela cangaia até tirá corda do pescoço pa depois pô a canga. (Ent. 4, linhas 140 e 141)*

2. Ribeiro: n/e

92. CAPADO Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrero é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim. (Ent.09, linha 449)

INF.: Mas lá em casa não lá em casa num era assim não lá era de mês em mês era capado é... mais tinha porco demais matava boi nesse tempo.PES: mais o quê que é capado?INF: é o porco engordado uai. (Ent.11, linha 258).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Capado. —Filho da cabra, já mayor, passando de anno, ordinariamente são capados.||

2. Moraes:

Capado. —Substantivamente se entende do porco, e talvez do bode, castrados, e dos homens capados.||

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Capado. [Part. de *capar*.] Adjetivo. **S.m. 3.**Bras. Porco castrado que se destina a engorda.

5. Cunha:

Capado. —v. capão¹ —capão¹ sm. ‘galo castrado’ XIII. Do lat. *cappō –ōnis (class. Cāpō –ōnis)

6. Amadeu Amaral:

Capado s.m. Porco castrado.

Registro em Glossários

1. Souza:

Capadão (A) s. Porco grande e castrado para engorda. “... ês chegava aqui / aqueles capadão gordo / naquele tempo tinha fartura demais... atirava na cacunda de um porco...” (Entr.12, linha 227)

2. Ribeiro:

Capado • (A)• Nm [Ssing]• Lat. • Porco grande e castrado para engorda. • *Ingordava o capado. Matava o capado tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuia lá no canto.* (Ent. 11, linha 113)

93. CAPANGA Nf[Ssing] _____ 02 ocorrências

Punha os trem tudo na capanga pa juntá pa pô no carguero de madugada. (Ent.06, linha 389)
Papai achô a capa achô a capanga com a merenda dele cuié...tudo os trem dele que ele largô lá. (Ent.09, linha 131)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Capanga. “s.f. Pequena bolsa que se leva a tiracolo; bocó: “pôs-se a remexer numa capanga de baeta a tiracolo” (Afrânio Peixoto).”

4. Aurélio:

Capanga. “[De or. afr.] S. f. 1. Bras. Espécie de bolsa pequena que os viajantes usam a tiracolo para conduzir pequenos objetos.”

5. Cunha:

Capanga. “sf. ‘espécie de bolsa’ 1881; De origem africana, mas de étimo indeterminado.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza:

Capanga (A) s. Espécie de bolsa rústica, geralmente de couro, que os caçadores levam quando saem para caçar. “... a pessoa panhava uma espingarda... dava uma voltinha...quando pensava que não enchia a capanga...” (Entr.4, linha 298)

2. Ribeiro: n/e

94. CAPÃO Nm[Ssing] _____ 16 ocorrências

Nôto dia eu peguei e rapei fui nele lá no Capão das Péda juntá uns gado lá. (Ent.02, linha 166)
Eu vô lá po Capão Redondo...chega no Capão Redondo e vô pegá uma égua. (Ent.02, linha 195)
(J...) era mais vêi que os ôto (J...) e (A...)...á um dia...ê era mei lerdo da cabeça...conforme morreu lerdo memo...tinha um ranchim lá no Capão Redondo. (Ent.03, linha 94)

Ninguém tinha medo iguali eu tinha não mais meu medo ficô todo lá numa sombração que tinha aqui no Capão da Lenha. (Ent.04, linha 239)

Daqui lá tinha mais de uma légua ondê que ê tinha que í né...levava de madugada...era lá na cabiçêra das Guariba ino do Capão Grosso. (Ent.04, linha 255)

Tem uma sombração no Capão da Lenha onde que tem aquea incruziada. (Ent.04, linha 266)

Uai o Capão da Lenha tanto tem de lá aqui como de lá na Serra. (Ent.04, linha 279)

Era o Risfriado cê cunhece lá? alí pra frente do Capão Grosso entre o Capão Grosso e a Serra ranchão de capim eu fiquei lá quase um mese cūzinhanu pá tabaiadó. (Ent.06, linha 135)
Buscava água no reberão cê trazia uma lata d'água ea tinha que aturá aturava dois dia a gente cuzinhava uma água ruim agora pra bebê era no capão. (Ent.06, linha 150)
Um home bistido de capa...e com uma toca marrom na cabeça bistido de amarrom e com uma sacola cor de rosa na mão e desceu berano aquê matão lá na cabicêra do capão. (Ent.09, linha 49)
Ê foi mancô assim e disse "ieu sô do Capão Grosso"... "fí de quem?" mastigô mastigô depois disse "sô fí do (G...)". (Ent.09, linha 109)
Descê passá pa 'qui abaxo no capão abaxo né aí...essa estada num tava boa inda não tava só batida. (Ent.09, linha 158)
Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu. (Ent.09, linha 199)
Tabaiei lá na Caiana marrá cana...é...tabaiei no Capão Grosso Risfriado Capão da Serra. (Ent.10, linha 97)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Capão. Vid. Tom. 2. Do Vocabulário.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Capão. s.m. Tupí-guar. *caá-paun*. Bosque insulado em meio de um descampado.

4. Aurélio:

Capão. [Var. de *caapuã*.] **S.m.** 1. Bras. Porção de mato isolado no meio do campo; capuão de mato, caapuã, capuão, ilha de mato: —Tinham chegado à beira do capão de mato. (Franklin Távora, *O Cabeleira*, p. 104.) [Dim. irreg.: *caponete*. Cf. *rebolada* (2).]

5. Cunha:

Capão¹. sm. 'pequeno bosque insulado num descampado' 1624 Do tupi *kaa 'pau*.

6. Amadeu Amaral:

Capão s. m. - mato pequeno e isolado. | Tupi —caapuanl.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Capãozinho• (A)• Nm [Ssing]• Ind.• Mato pequeno e isolado. • *E ê foi correno lá po capãozinho e meu pai chego lá pois ele/ () ele entro dento da canoa e saiu po meio do rio. —Cê tá é doido D. num tem jeito de mexê cocê não. (Ent. 7, linha 59)*

95. CAPELO Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

A cachaça ela quema cê põe ela na boca ela quema mais ela é fria ela ...ea é a água do capelo comé que ela pode sê quente?. (Ent.08, linha 99)

Ah é o azidume da garapa é que sobe no capelo e vira aquea aguinha branquinha...é pinga. (Ent.08, linha 107)

A cachaça mió que tem é a cachaça de melado uai... ea faz igualzim a ôta ea já é azeda...ea já é azeda memo é só botá pra freventá lá no tampão lá e dexá o trem corrê lá no capelo uai tocá fogo. (Ent.11, linha 205)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

96. CAPINERA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

Lá debaxo ali tinha uma capinera grande ê tocô po mei da capinera ê foi e ficô isperano ê lá pá ê saí lá aí ê trepô na capinera saiu lá por baxo lá saiu lá na casa dele coitado e o ôto ficô lá esperano na boca da capinera lá pa vê se ê saia lá né. (Ent.09, linhas 345 a 349)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Capineira [De capim1 + -eira.] S. f. Bras. SE BA 1. V. capinzal.

Capinzal [De capim1 + -zal.] S. m. Bras. Angol. Cabo-verd. Guin. Moç. Santom. 1. Terreno coberto de capim de qualquer espécie.

5. Cunha:

Capim sm. 'nome de diversas plantas das fam. Das gramíneas e das ciperáceas; erva, mato em geral' 1618. Do tupi *ka'pii* || capina sf. 1899. Deverbal de capinar || **capinAÇÃO** 1895 ||

capinAD.EIRA XX || **capinADOR** 1895 || **capinALa** 1871 || **capinAR** 1871 || **capinEIRA** XX || **capinEIRO** 1871 || **capinZ.AL** 1869.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

97. CAPITÃO Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

A massa num pó sê muito rala não senão ea fica lavada...põe a água ali de jeito que enfia a mão na massa assim torce ea assim ea dá um capitão e a água desce branquinha. (Ent.01, linha 244)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Capitão s.m. 11. Bolinho de feijão com farinha, que se côm com a mão.

4. Aurélio:

Capitão [Do b.-lat. capitānu, pelo it. capitān.] S. m. 19. Bras. Bocado de comida que tenha molho, amassado com farinha, entre os dedos, à moda de bolo, e levado com a mão até à boca; capetão: "Derrubou farinha de mandioca em cima [do feijão], mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra." (Bernardo Élis, Ermos e Gerais, p. 79.)

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Capitão, s. m. - bocado de feijão com farinha, que se prepara entre os dedos, dando-lhe uma forma alongada. | C. Ramos colheu em Goiás "capetão". Talvez seja a forma mais próxima da orig.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

98. CAPUERA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Bateu uma catinga de enxofre um trem fez um ridimuim lá que saiu troceno a capuera toda. (Ent.09, linha 232)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Capueira. “s.f. Tupi-guar. *capuera*. Floresta que substitui a mata secular depois de ser esta derrubada. 2. Mata que se roça ou derriba para lenha, para cultivar a terra ou para qualquer outro fim. 3. Roça abandonada. 6. Mato miúdo.”

4. Aurélio:

Capoeira². “capoeira2 [Do tupi = 'mata que foi'.] **S. f. 1.** Bras. Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim. **2.** Bras. Santom. Mato que nasceu nas derrubadas de mata virgem.”

5. Cunha:

Capoeira². “sf. ‘terreno onde já houve roça e que foi reconquistado pelo mato’ / 1577, *capuera* 1579, *quapoeira* 1581, *copuera* c1584 etc. / Do tupi *ko'puera* (< 'ko'roça' + 'puera' 'que já foi')”

6. Amadeu Amaral:

Capuera. “s.f. – mato que nasceu em lugar de outro derrubado ou queimado. // De “*caapuanuera*”, mato isolado que foi, antigo mato virgem. – A forma culta é *capoeira*, assimilada a palavra já existente na língua.”

Registro em Glossários

1.Souza:

Capoeira (A) s. Lugar onde o mato cresceu após a derrubada da mata original. “...*isso aqui era um matão... esquisito... que tinha aqui... aquela capoeira esquisita que tinha aqui tudo.*”(Entr.14, linha 229)

2. Ribeiro: n/e

99. CARANGONÇO Nm[Ssing] _____ 04 ocorrências

A qui em casa num parece iscurpião não num tem não...o carangonço tamém não...o carangonço é um bicho desse tamãim assim cumprido perna pum lado e por ôto e ele é roxo da core dos seus ôi assim então ele...ê tem uma truquesa na frente assim e ôta no rabo se ocê mexê cum ele ê morde com a truquesa e morde com o rabo. (Ent.09, linhas 478 e 479)

Parece iscurrupião...ê é dê's tamãim assim ó...parece iscurrupião é parece carangonço. (Ent.10, linha 108)

PESQ.: comé que é esse carangonço? INF.: Carangonço é chei de perna...venenoso é uai ele né venenoso mesmo ele é pirigoso o bicho. (Ent.10, linha 110)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Carangonço s.m. Variedade de escorpião.

4. Aurélio:

Carangonço [De caranguejo, poss.] S. m. Bras. MG Zool. **1.** V. escorpião (1).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota:

Castro:

Carangonço (banto) (LS) s. escorpião. Kik./kimb. *mbalanganzu*.**100. CARGA DE RAPADURA** NCm[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Quano eu comprei um engem de ferro eu fiz duzentas e vinte rapadura sozim...num é fáci não...fazê quato carga de rapadura...quato carga de rapadura pá um home sozim fazê...ô gente...num é fáci. (Ent.12, linhas 84 e 85)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

101 CARGUERO Nm[Ssing] _____ 19 ocorrências

Aí cumecei a trabaiá tocava burro né carguero busquei cana mais o (D...) o ano todo que nós muia cana direto. (Ent.02, linha 249)

Que ô levava cumida as vazia no carguero sabe levava pra roça no carguero eu tinha rancho lá aí eu pus ele na garupa do cavalo tamém...e os ôto já guentava andá...levei lá pra roça. (Ent.04, linha 98)

Nós saía daqui e ia lá levá...mais levava no carguero...ê foi e falô comigo falô ó eu prciso do cê amanhã cedo de madrugada ocê num fica lá não. (Ent.04, linha 257)

Aí contei o cara que eu tinha que í embora levá com papai os negóço e vortá com os carguero pra trás. (Ent.04, linha 262)

Ê passava a carga pro caminhão e eu vortava com os carguero pra trás. (Ent.04, linha 263)

Ê falô “a lenha dô a lenha até picada e puxo pro cê carguero...cana cortada dô tudo”. (Ent.04, linha 341)

Fechei o negóço com ele aí fui lá rumei a lenha troxe os carguero puxei truxe tudo pro engem. (Ent.04, linha 342)

Quano deu no domingo juntei os trem tudo pus no carguero né e fui pra lá e os dois menino. (Ent.04, linha 344)

Padrim (E...) deus que ê cumeçô criá o premero fio e pareceu o bom jesus lá ê jugava arrei no cavalo pros mais pequeno andá e carguero rôpa de cama trem de cumê né isso embalava subia a Serra. (Ent.06, linha 246)

Quano ea tava quereno deitá...e punha os trem tudo na capanga pa juntá pa pô no carguero de madrugada quereno deitá papai levantano ela levantava e sacudia a cama pos menino levantá pa pegá cavalo pos pasto afora. (Ent.06, linha 389)

Os trem tava tudo dent’ do balai pegava punha no carguero e ia lá vai mamãe com menino inrolado as vez menino novo. (Ent.06, linha 392)

Ê chegô depressa assim desceu a ca/ o...o...carguero os coisa que tava no cavalo pôs no chão a arriata né de trem de fazê cumida essas coisa. (Ent.07, linha 169)

Um dia nós pegano...é...carregano carguero de...de mio....de mi não de mãindoca lá do...lá do

Mata Mata lá pra cá lá é...do/carregano...rancano mãindoca debá” de chuva ieu mais cumpade (A...) meu irmão. (Ent.09, linha 01)

Passava no passa um...pá pudê pô no carguero lá em cima...tudo isso eu fiz...hoje eu tô pagano...é...tudo cô cê faz na mocidade...na viiça cê paga. (Ent.09, linha 09)

Ieu saía na frente porque num tinha menino pa fazê as coisa pa judá papai iguali eu judava não ô/ o papai mandava puxá o carguero manso na frente pra levá lá pa onde o...(T...C...) tinha uma casa. (Ent.09, linha 364)

Puxava tudo dento do córgo aí ieu saía tocano o carguero na frente e papai tocava cinco atrás chegava lá é só enquanto eu chamava assim ó na porta do engém chegava lá largava o carguero lá. (Ent.09, linhas 367 e 368)

Papai me levô me largô na cuzinha lá com (D...) e saiu com os carguero cascô fora né. (Ent.09, linha 427)

Quano ieu saí cá fora e dei farta dos carguero eu dei um tiro atrás de papai...rapei atrás de papai...num quis ficá lá não. (Ent.09, linha 429)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cargueiro s.m. animal que transporta carga sobre o dorso.

4. Aurélio:

Cargueiro [De carga + -eiro.] S. m. **2.** Besta de carga.

5. Cunha:

Carg.a, -o, -osear, -oso, -ueiro →CA.RRO.

Carro cargueIRO 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

102. CARIANGOLA Nf [Ssing]_____01 ocorrência

Pescava nesses corgo tudo aí ó nesses córgo das Péda nesse córgo dos Barro aí ó aquea cariangola desse comprimento assim pareceno cobra. (Ent.08, linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

103. CARNE QUEBRADA Fras. [Ssing +Adj]_____03 ocorrências

INF.: {quê que cê arrumo no calcanhá}...é...machucado? a junta do osso ta criscida. TERC.: tá...a senhora benze pra mim? INF.: pá benzê carne quebrada né? (Ent.01, linha 290)

PESQ.: com quem a senhora aprendeu a benzê? INF.: uai de carne quebrada ieu prendí foi

com...(C...L...) no ê benzê pra mim um jeito nas cadêra do lado esquerdo. (Ent.01, linha 294)
Fala assim...ê me benze...de carne quebrada...veia rôta...nervo assombrado...ê...junta
iscunjuntada...osso ringido...assim mesmo jesus me cura. (Ent.01, linha 366)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Carne Quebrada s.f. Entorse, miosite. || 2. Alquebramento de forças físicas.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

104. CARRERO Nm [Ssing]_____01 ocorrência

*Pegava boi de quarquê tipo no pasto depois passei pra cê pra cê carrero...mansei mûcho boi
mûcho burro brabo. (Ent.05, linha 07)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Carreiro. —[De *carro* + *-eiro*.] **S.m. 1.** Guia de carro de bois; guieiro.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Carrero• (A)• Nm [Ssing]• Lat.• Guia de carro de bois. • *O Zé Coração é carrero. (Ent. 4, linha 169)*

105. CARRO~CARRO DE BOI Nm [Ssing]/ NCm[Ssing+prep+Ssing]_____10 ocorrências

*Só o feijão deu pa nós pagá as conta tudo inda sobrô o mi todo pra nós....deu duas carroça de sacco
de feijão deu seis carro de mio. (Ent.03, linha 124)*

*Um puxano na frente ôtro tocano atrás ôtra hora puxava na frente ôtra tocano atras lutano no
cerrado quebrano cana tombano carro ô chegava aqui de noite gritano demais da conta cê era
gritadô. (Ent.05, linha 19)*

*Foi lá na...no Mato da Moenda pra...ê tinha prantado roça grande na Pindaíba e cuieu o mio já
tava cueno cuieu uns dez carro de mio. (Ent.07, linha 167)*

*Defé oiei assim ê tava lá encostado ondê que tinha assim uma garajona assim onde carro...coisa
de tropa né ranchava. (Ent.07, linha 254)*

*Ê tinha um rancho muito grande lá ê cuía quatro cinco carro de mio ê cuía e dexava guardado lá
no rancho. (Ent.07, linha 370)*

Soprava insacava jugava no carro de boi ... carro de boi cê sabe num sabe? (Ent.11, linha 52)

*Passava com o carro de boi lotado de arroz ... nós passava de baixo dele ... é ... eu tô com setenta e
dois ano. (Ent.11, linha 57)*

Inchia quas' caminhão quas' um carro de boi d' melancia iscundida no chão. (Ent.11, linha 80)
Meu tio num era fáci trabaiava mais trabaiava demais...ê guardava cinquenta sessenta carro de mio...cento e tanto saco teve uma vez que ê vendeu quatrocento saco de arroz pro (J...N...). (Ent.11, linha 233)

Buscava carro assim de tabatinga quebrava ea toda penerava bem peneradinha jugava o feção na tacha e mexia aquês pôdi separava tudo jugava fora jugava no terrero aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano podia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá um bicho. (Ent.11, linha 238)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carro. Carruagem de carga tirada por boys. Consta de leito, chaveiros, fueiros, chamaceiras, mesas, cadeas, cavalares, gatos, burros, xalmas, pernas, rodas, rodeiras, caibnas, eixo, tamoeiros, relhos, brochas, canga, cangalhos, &c.

2. Moraes:

Carro. s.m. Instrumento de carregar; consta de rodas, leito, apeio, &c. é tirado por bois, ou cavallos.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Carro de boi. **S.m.** 1. Carro (1) movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parelhas de bois, e guiado por carreiro (1).

5. Cunha:

Carro. sm. 'veículo de transporte terrestre' XIII. Do lat. *carrus*.

Boi 1. sm. 'mamífero artiodáctilo, ruminante, da fam. Dos bovídeos' XIII. Do lat. *bovem*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Carro de Boi• (A)• NCm [Ssing + prep + Ssing]• Lat.• Carro movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parelhas de bois, e guiado por carreiro.• *PESQ.: O senhor fazia o quê? INF. 1: Mixia cum carro de boi, candiero. (Ent. 9, linha 11)*

106. CARTUCHERA Nf [Ssing] _____ 03 ocorrências

Ê passô a mão na cartuchera do irmão dele eu passei a mão na foice foi os dois bobo pa lá. (Ent.09, linha 98)

(I...) abaxô a cartuchera armô ela ficô cum ela armada...falô uai moço quê tá arrumano por aqui? (Ent.09, linha 104)

(I...) foi saino de banda assim mas ficô com a cartuchera armada nós saímo por baxo passemo lá perto daquela casa daquele S. (Ent.09, linha 117)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

107. CATINGA Nf [Ssing] _____ 02 ocorrências

Bateu uma catinga de inxofre...inxofre mia fia e um trem fez assim com a moita pareceno um ridimuim num tava ventano nem nada mas fez assim mesmo com a moita. (Ent.09, linha 119)
Falei assim ó as vaca ta lá mais eu num pude chegá lá não proquê...bateu uma catinga de inxofre um trem fez um ridimuim lá que saiu troceno a capuera toda. (Ent.09, linha 231)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Catinga. Palavra de Angola, fedor de Negros.

2. Moraes:

Catinga. s.f. Transpiração fetida dos sovacos, & c.

3. Laudelino Freire:

Catinga. s.f. Cheiro desagradável da pele dos negros; murrinha.

4. Aurélio:

Catinga¹. [Do guar. *kati*, 'cheiro forte'] **S.f.** Bras. 1.Cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo; bodum; murrinha.

5. Cunha:

Catinga. sf. 'cheiro forte e desagradável que exala do corpo humano suado ou pouco limpo' 1813. De origem incerta; talvez se relacione com CAATINGA.

6. Amadeu Amaral:

Catinga. s.f. mau cheiro de gente, roupa suja, etc.

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Catinga• (A)• Nf [Ssing]• Inc.• Cheiro forte e desagradável que exala do corpo humano. • *Decerto os vizinho viu a catinga, né? (Ent. 13, linha 202)*

Nota:

Castro:

Catinga (banto) 1. (°BR) s.f. cheiro fétido e desagradável do corpo humano, de certos animais e de comidas deterioradas. Cf. **buzum, inhaca**.

108. CEPO~CEPOZIM Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Já tinha rezado a oração dela...e sentada na boca da fornáia num cepozim assim lá no cantim do aterro. (Ent.01, linha 311)
A ê tinha um engem mas era um cepo de engem num é engem de ferro não aquele de gritá engenho de pau. (Ent.11, linha 182)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes:

Cèpo s.m. Toro, tronco de madeira.

3. Laudelino Freire:

Cepo s.m. Lat. *cippus*. Peçaço de tronco de árvore, cortado transversalmente.

4. Aurélio:

Cepo (ê). [Do lat. *cippu*.] **S. m. 1.** Toro ou pedaço de toro cortado transversalmente.

5. Cunha:

Cepo sm. 'galho de árvore' XIII. Do lat. *cippus*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

109. CERCA DE TISORA Fras[Ssing+prep+Ssing] _____ 03 ocorrências

Quemava e ali sobrava madeira...a madêra ficava perfeita toda antão ês tirava as madêra e fazia a tal cerca de tisora...já viu falá? (Ent.11, linha 421)

Num existia arame não e cerca de tisora...a cerca de tisora é o seguinte...aí ês bate as furquía aqui...e ôta aqui e põe o varão. (Ent.11, linha 424)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro:

Cerca de Vara (n/d) s. Cerca feita de varas finas extraídas das matas. "É... e fazendo cercade-
vara". Entr: Cerca-de-vara? Inf: "É... porque num tinha condição de fazer outra cerca né..."
(Entr.7, linha 46)

110. CHAMAR NA RÉIDA Fras.[V+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Chamei esse burro menina chamei esse burro na réida ê bateu em cima da cisterna eu bati de lado e fiquei siguro na cabeça desse burro. (Ent.02, linha 155)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

111. CHIATA Nf [Ssing] _____ 02 ocorrência

Garrei o burro nas espora e falei se levá ieu vai tê que levá o burro tamém aí ê pelejô pelejô com aquea chiata feia dê assim pra cima de mim. (Ent.02, linha 262)

Ê ficava naquele quarto lá dentro cê iscutava a chiata dele falava quê que tá aconteceno (C...) ea falava "ah meu menino ê hoje num tá bão". (Ent.06, linha 397)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Chiada s.f. de *chiar* +*ada*. Ato de *chiar*

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

112. CHUCHO Nf [Ssing] _____ 01 ocorrência

Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu com gaiola e inxadão lamparina chucho tudo. (Ent.06, linha 199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:

Chúço s.m. Haste de pão armada d'uma choupa no extremo superior.

3. Laudelino Freire:

Chucho s.m. Vara ou pau armado de agulhão ou ponta comprida de ferro, com cabo ou hste de madeira, usado à guisa de lança na pesca.

4. Aurélio:

Chucho² [De chucho, com assimilação.] **S. m. 2.** Bras. Em algumas zonas agrícolas, pau de ponta com que o lavrador abre na terra preparada um buraco onde se deposita a semente.

5. Cunha:

Chucho sm. 'ant. arma composta duma ponta de ferro encastoadada em um bordão' 'vara ou pau armado de agulhão' XV. De origem obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

113. CHUMBAR UNS GULIM Fras[V+artigo+Ssing] _____ 02 ocorrências

Eu era garotim gostava de í la chumbá uns gulim né... dançava um batuquezim... dançava um batuquezim até dez onze hora da noite. (Ent.02, linha 235)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Chumbar v.r. de chumbo+ar. 16. Pop. Embriagar.

4. Aurélio:

[De chumbo + -ar²] **V. t. d. 11.** Embebedar, embriagar.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza:

Chumbar (A) v. Embriagar, embebedar. "... o povo de vez em quando tomava uma pinguinha... mas num bebia que nem hoje pra chumbar não..." (Entr.1, linha 465)

2. Ribeiro: n/e

114. CINCERRO Nf [Ssing] _____ 02 ocorrências

Cheguei lá na porta assim vei treis bicho ne mim e vei assim pilililimpilim bateno cincerro...bateno um guizo. (Ent.04, linha 162)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cincerro s.m. Cast. *cencerro*. Campanha grande, ao pescoço do animal que serve de guia aos outros: "ouvira-se de quando em quando o cincerro de um cavalo" (Afrânio Peixoto)

4. Aurélio:

Cincerro (ê). [Do esp. plat. *cencerro*.] S. m. Bras. MG S. 1. Campanha grande pendente do pescoço da besta que serve de guia às outras: "Os cincerros tilintavam sempre, marcando o passo cansado das bestas." (Lúcio Cardoso, *Maleita*, p. 14.)

5. Cunha:

Cincerro sm. 'campanha grande pendente do pescoço da besta que serve de guia às outras' 1899. Do cast. *cencerro*, de formação onomatopaica, talvez deriv. do basco *zinzerrri*.

6. Amadeu Amaral:

Cincêrro, s. m. - campana que se coloca ao pescoço das *madrinhas* de tropa, das vacas leiteiras, etc. | Usado em todo o sul do Bras. - Do cast. **cencerro**.

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

115. CINCO SALAMÃO NCm [Ssing+Ssing] _____ 05 ocorrências

INF.: Ê tem que sabê pá atirá porque diz que é pá levantá da cama faz os cinco salamão pa levantá da cama PESQ.: faz o quê? INF.: cinco salamão cê num sabe não? (Ent.09, linhas 463 e 466)

Cinco salamão é assim ó pa fazê cinco salamão ((desenha)) cê vai aqui vorta aqui depois que de modo que fica cinco ponta...assim é que é o cinco salamão é isso que é a defesa dele. (Ent.09, linhas 479 e 478)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Signo de Salomão s.m. O mesmo que signo-salomão

Signo-Salomão s.m. Espécie de talismã ou amuleto, constituído por dois ou três triângulos entrelaçados em forma de estrela: "zombando dos *signos-salomões* constitucionais" (Rui)

4. Aurélio:

Signo-de-salomão S. m. V. estrela-de-davi.

Estrela-de-davi [De estrela + de + o antr. Davi, rei da Judéia e de Israel.] S. f.1. Estrela de seis pontas, ou hexagrama, formada pela união de dois triângulos equiláteros entrelaçados ou superpostos, considerada atualmente símbolo judaico; signo-de-salomão (q. v.).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

116. CIPÓ DE FOGO NCm [Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

PESQ.: “com quê que cê curô” INF.: “com aquê cipó de fogo...todo trem...crara d’ovo esses negoço aí cusigui curá” (Ent.12, linha 11)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cipó de fogo s.m. Trepadeira da família das vitáceas, também chamada de *uva branca* (*Cissus erosa*, Rich).

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

117. COCHO Nm [Ssing] _____ 06 ocorrências

Eu tinha era maquinário de fazê farinha até a roda ta enconstada alí ainda de resto bola de sentá no cocho essas coisa tudo. (Ent.04, linha 399)

Uai nós fazia é...tomava aquele ponto assim...de malado maisi...mais ralo...e punha no cocho...cocho de pau. (Ent.07, linha 47)

Punha no cocho...pra ea taiá quando ela taiava tinha a fôrma a fôrma de pau um trenhal assim ó. (Ent.07, linha 49)

Chegava lá ê mandava botá fogo na fornaia nós botava fogo ê botava panelão lá pa í...judá ê carregá garapa do cocho eu e cumá (D...) nós carregava iscuma botava a garapa pra fervê. (Ent.08, linha 103)

Aí açúca menina é a fôrma...a fôrma de tába agora tem uns buraco embaxo na taba ocê tira o melado num é no ponto de rapadura de batê não é ralo...o melado ralo...cê põe...cê põe no cocho no lugá de batê a rapadura enche aquê ê dexa lá...e dexa lá com dois dia cê pega aquê melado...põe na forma. (Ent.11, linha 195)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Cocho. s.m. 4. Espécie de vasilha oblonga, onde se põe água ou comida para o gado, e que serve também para a lavagem da mandioca ou fabrico da farinha.

4. Aurélio:

Cocho. (ô) Substantivo masculino. 3.Bras. Cabo-verd. Espécie de vasilha, em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou a comida do gado, para se lavar mandioca, etc.: —Come a ração no cocho da mangueira / Um velho pangaré. (Ricardo Gonçalves, *Ipês*, p. 44.)

5. Cunha:

Cocho. sm. ‘tipo de vasilha para uso do gado’ XVI. De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro:

Cocho• (A)• Nm [Ssing]• Cont• Espécie de vasilha em geral feita com um tronco de madeira escavada, para a água ou comida do gado. • Não, é assim ó: a árvore é reta né? Corta reto assim

depois corta assim chanfrado assim? Aí, que fica tipo dum cocho aí a resina vem e para aqui onde cortô reto. (Ent. 1, linha 426)

118. COCORAR [V] _____ 01 ocorrência

Era mais véia que ieu ea ficô com medo de batê ne mim mamãe cocorava ieu muito né ea ficava com medo de mamãe batê nea. (Ent.08, linha 53)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

119. COIVARA Nf[Sing] _____ 01 ocorrência

O home bateu bateu pra quemá sapecaro o trem que o trem deu muita coivara aí fez a...arrumô a roça quas todo (Ent. 03, linha 113)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Coivara. “s.f. Guar. *có + ibá*. Montinho de galhos ou gravetos, incompletamente queimados na roça, a que se deitou fogo, e que se juntam para serem reduzidos a cinzas: “O fogo foi uma fâisca da coivara” (J. A. de Almeida).”

4. Aurélio:

Coivara. “[Do tupi.] S. f. 1. Bras. Restos ou pilha de ramagens não atingidas pela queimada, na roça à qual se deitou fogo, e que se juntam para serem incineradas a fim de limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas, para uma lavoura. [Cf. paulama (2).]”

5. Cunha:

Coivara. “sf. ‘técnica indígena, ainda hoje empregada no interior do Brasil, que consiste em pôr fogo em restos de mato, tronco e galhos de árvores para limpar o terreno e prepará-lo para a lavoura; terreno coberto de galho e troncos quebrados’ / 1863, *coibara* c1607 / De provável origem tupi.”

6. Amadeu Amaral:

Coivara. “s.f. – paus meio carbonizados que restam de uma queimada: “Assaltava, aqui, um monte de coivara velha; além, o sapê...” (C.P.). // Do tupi “co-ybá”, mato seco, gravetos.”

Registro em Glossários

1. Souza:

Coivara (A) s. Terreno coberto de galhos e troncos que restaram de uma queimada. “... *ês jogava os cavaco tudo em cima... das coivara né...*” (Entr.6, linha 258)

2. Ribeiro: n/e

120. CONTAR UM PÉ DE MISÉRIA Fras[V+art+Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Ê pegô o cavalo dele risquei mais ele chegô lá em casa menino mais esse home contô um pé de miséria e o papai num respondeu nada. (Ent.02, linha 227)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

121. CORGO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

“Fui lá no corgo tomei bãim passei um trem na cabeça assim o sangue taiô” (Ent.02, linha 106)
“Muita gente ficava era sem tomá banho memo ia lá no corgo e lavava a perereca((risos))ia lá e lavava a cara dela né” (Ent.06, linha 302)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Corgo. s.m. Pop. O mesmo que córrego.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Córrego. sm. ‘riacho’ XVI. Do lat. **corrugus*.

6. Amadeu Amaral:

Córrego *córrego* s. m. - riacho. | F. J. Freire dá o t. como antiq. e equivalente 'a —regueirol. Ad. Coelho, na —Ling. l, dá esta palavra entre as que —estão realmente caídas em desuso ou vivem só como termos provinciais.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Corgo• (n/A)• Nm [Ssing]•Lat.•Riacho• Ê. *Aí ês rezava, cantava, pidia um pai-nosso e umas três ave-maria pas arma. E tale coisa. E diz que num podia incontrá. Aí se tivesse ota turma rezano de lá do corgo...* (Ent. 13, linha 437)

122. CRIAÇÃO Nf[Ssing] _____ 20 ocorrências

“Teve um que fez pirraça comigo no camim dobrei a vara de ferrão na custela ê me largô lá no mato fiquei sozim lá com as criação mais penei demais da conta” (Ent.05, linha 26)

“Um cara tava agora cê vê pertado tamém com o banco do brasil e tava com umas criação pra vendê tava com umas criação pra vendê aí ê falô assim “(G...) cê num sabe quem é que que comprá umas criação não? eu vendo barato porque ô tô pertado”” (Ent.05, linhas 64 e 65)

“Quano eu cheguei lá que eu vi as criação menina amei” (Ent.05, linha 65)

“Eu fui e falei assim pensei o (A...) compra criação e é irmão dele ô vô comprá essas criação e vendo pro (A...) e o (A...) paga ele né?” (Ent.05, linha 67)

“Ô tô com uma criação...num falei cô tinha arrumado o cobe emprestado não...ô falei “ó eu vim aqui pra combiná com ocês” (Ent.05, linha 70)

“Tem um home lá que tá quereno me imprestá um mucado do dinhêro mais ê tem só criação pa vendê” (Ent.05, linha 73)

“Ocê comprá as criação eu vô arrumá um jeito de pagá essas criação dôtro jeito e ocê disconta aí pra mim” (Ent.05, linha 73)

“Mecheno com criação lá d’ôto lado e pus um laço na nuvia lá ia leveno ea né ela foi deu uma viravorta assim cumigo ó me jugo menino lá no chão” (Ent.07, linha 04)

“Eu mexia com criação iguali home...eu mixia...laçava euaçava...eu mansava vaca tudo isso eu fazia” (Ent.07, linha 14)

“Mais era criação que ê mixia com porco galinha” (Ent.07, linha 89)

“Eu tinha as criação que era minha né ê pegô o dinheiro né “me empresta aí depois a hora que dá direito eu te pago” (Ent.07, linha 240)

“Ieu que sobrava pa môde í lá po...oiá criação” (Ent.09, linha 16)

“As criação de papai eu que tomava conta dês né...mais eu que oiava” (Ent.09, linha 218)

“Quano foi de tarde ê pidiu pa caçá as criação pa ele...eu fui caçá as criação...mas isso passô muito tempo passô ano eu nem alembrei” (Ent.09, linhas 219 e 220)

“Ê mixia muito com seu avô...ê...na Vargi Grande...ê ê comprava muita criação na mão de seu avô” (Ent.11, linha 64)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Criação. s.f. Lat. creatio. 10. Animais domésticos que se criam para alimento do homem, como coelhos, galinhas, etc.

4. Aurélio:

Criação. [Do lat. *creatione*.] Substantivo feminino. 10.O conjunto dos animais domésticos que se criam, principalmente para fins lucrativos: *A peste dizimou a criação da fazenda*.

5. Cunha:

Criação. Do lat. *creare*. / -çon XIII, -ço XIV etc.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Criação• (A)• Nf [Ssing]• Lat. • O conjunto de animais domésticos que se cria. • *Aí mamãe falô que ia lá. () tava aqui veio cá e comprô umas criação. ... E ê foi ajudá a levá as criação pa podê chegá lá em casa. (Ent. 15, linhas 486 e 488)*

123. CUCHICHÓ Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Os menino durmia lá no quarto lá no fundo...ea foi já num queria rumá a cama dês lá no fundo e rumô foi cá perto dela...mais lá era um cuchichó um barracão a toa todo isburacado assim. (Ent.04, linha 201)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes:

Cochichola s.f. Casa mui pequena.

3. Laudelino Freire:

Cochicho s.m. 6. Casa ou quarto pequeno, cochicholo.

4. Aurélio:

Cochichó S. m. Bras. PB 1. V. cochicholo.

Cochicholo (ô). [De cochicho² (3).] S. m. 1. Casinhola ou aposento muito apertado; cochicho, cochichó, cachichola: "Estava morando no Méier. A casa era um cochicholo" (Gastão Cruels, De

Pai a Filho, p. 50).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Nota:

Castro:

Cochichó (banto) (°BR) s.m. Ver. Cochicolo.

Cochicolo (banto) (°BR) s.m. casinhola, aposento apertado, sem luz e ar. Var. **cochichó**. Cf quinchó. Kik. *Kanjololo,olo*, casinhola.

124. CUIA Nf[Ssing] _____ 02 ocorrência

PESQ.: e comé que era esse fuso? INF.: ê tá aí enrolado...não é uma tábuá quarquê sabe o povo fazia até de caco de cuia na época até de caco de cuia ês fazia o fuso. (Ent.04, linhas 19 e 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cuya. Vaso de barro, em que bebe o Gentio do Brasil. Rede, cabaço, & cuya.

2. Moraes:

Cuia. V. *Cuya*.

3. Laudelino Freire:

Cuia. s.f. 2. Casca do fruto da cuieira, que depois de seca é empregada na fabricação de pratos, púcaros e outros utensílios.

4. Aurélio:

Cuia . [Do tupi.] Substantivo feminino. 2.Vaso feito desse fruto maduro depois de esvaziado do miolo. [Sin. (nessas acepç.): *cabaça* ou *cabaço*, *coité*, *cuieté* ou *cuietê*, *cuité* ou *cuitê*.]

5. Cunha:

Cuia. sf. 'vasilha feita com a casca da cuieira.'/1587, cuya c1584 etc. /Do tupi 'kuia.

6. Amadeu Amaral:

Cuíá s. f. - metade de um fruto de cabaceira, ou **cuietê**, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinha. | T. corrente em todo o Brasil com ligeiras variações de sentido. - Dão-lhe orig. tupi-guar.: —iacuill, - o que faz pensar no celebre epigrama: —Il a bien changé sur la routel...

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Cuia• (A)• Nf [Ssing]• Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • *É desajeitado/tinha que carregá assim ó. Ai é tinha um biquinho tarrancava naquilo ali./Pirigo cai c'aquilo/quebrá a cuia e ainda perdê o cumê. (Ent. 1, linha 711)*

125. CUMÁ~CUMADE Nf[Ssing] _____ 51 ocorrências

PESQ.: cê tirava porvilho tamém? INF.: tirava pôco mas tirava...e era azedo...nó...cês alembra muito da cumá (D...)? a esposa de (L...) do(Z...) é...ela que comprava meus purvio. (Ent.01, linha 139)

Antão quano ti (R...)....(R...) de (J...)....e cumá (D...)....o pruví que eu fazia era dela. (Ent.01, linha 271)

É eu tinha que guardá um poquim pra mim fazê pipoca papai gostava muito né e o mais era dela era dois treis quilo...até mais pa cada uma...é...pois é ti (R...) e ti (L...) e cumá (D...) num dexava meu pruví sobrá mesmo. (Ent.01, linha 283)

A cumade era muito...tinha uma cumade aí que era muito de duda né...num dava muito certo com quase...com ninguém. (Ent.04, linhas 134 e 135)

Ela era assim ea oiava pra gente notava uma coisa e saía falano de um trem que a gente num pensô aquilo...então o cumpade (H...)...ele...ea era minha cumade. (Ent.04, linha 138)

E esse dia ea fez o quarto...a cama no quarto que tem nome de quarto de cumá N até hoje...lá embaxo era o quarto de cumá (N...) aí nós fez a cama foi aí quano foi lá pás meia noite mais ô meno eu cordei com uma pessoa chamano. (Ent.04, linha 145)

Tava bateno um guizo e foi e ea me chamano sem pará falei “cumade eu tô aqui ea o quê que é cumade? o quê que é?” e ea gritano. (Ent.04, linha 164)

Ô na hora que tocava as caxa nos vizim nós era as primera a ta lá eu mais cumade nós ia depressa memo tinha muito moço bunito. (Ent.06, linha 03)

A mais véia a mais antiga era a cumá (I...) essa saiu de casa foi trabaiá pros ôto. (Ent.06, linha 13)

Depois que ea saiu aqui da cumade (Z...) ea ficô uns tempão lá na cumade...cá dindinha minha madrinha...depois ea vei embora. (Ent.06, linha 19)

Vivê no estranho...é a coisa mais triste mia fia eu num sei comé que eu ainda num murri eu sufria demais fiquei oito ano sem vê ninguém meu via só quem fosse lá mim vê...cumá (E...)... cumá (E...) nunca dispresô ieu...e o irmão dela ela rancava de Belorizonte e se ea tivesse companhia ea ia. (Ent.06, linha 159)

Pois é minhas cumade...minhas véia morreu tudo lá ficô...ô tem menino que batizô lá né essa menina tamém tem ea num conhece nem o padrim. (Ent.06, linha 186)

Ea num tem nimação pra levá a gente na casa de gente...meus amigo não eu falei com eas eu quiria eu tinha vontade de i pra vê as cumade se não vai tudo embora...morreu tudo uai. (Ent.06, linha 193)

(M...) da (C...) tinha vez que ela vinha pra í pra Serra vinha drumia na casa da cumá (D...) nôto dia cumá (D...) rapava pra í afora e levava ela lá pra casa dela lá na Serra a pé longe demais. (Ent.06, linha 253)

Mais a gente compra bambu faz um istalêro assim ()faz fuganzim arto quem qué fazê faz um giralzim a cumá (F...) fazia num giralzim agora ela leva fugarero né ea comprô um trenzim. (Ent.06, linha 287)

Uai teve uma vez seu vô ia lá em casa namorá cumá (V...) e nós tinha uma maritaca a maritaca ondê que via a gente ea tava junto com a gente. (Ent.08, linha 01)

Aí ficô tarde mamãe falô o (Z...) num vai embora não tá tarde fica aí memo...aí mamãe fez a cama a...a...a cumá (V...) fez a cama pra ê lá botô uma fronha branquinha que ea memo bordava. (Ent.08, linha 03)

Ondê que tá essa maritaca? a maritaca foi lá menina parmiô e cagô a fronha toda e vortô e escondeu ninguém viu a maritaca ondê que ea tava aí cumá (V...) ô danada...foi lá tirô a fronha porca trocô botô ôta fronha. (Ent.08, linha 10)

Quano é de manhã cedo cumá (V...) bateu de madugada e pegô essa maritaca de purrete bateu na maritaca enquanto teve pena ea bateu. (Ent.08, linha 11)

Eu tinha ido no córgo buscá água quano ô cheguei cumá (V...) tava lá bateno na maritaca ô peguei a cumá (V...) pás oreia ô joguei cumá (V...) pra todo lado a maritaca tava quas morta...morreu memo...“por conta daquê cunçuçu aquê trem feio ...e ocê ainda fica gostano daquele cunçuçu conão conem co marrado no pau”...briguei com cumá (V...) demais.(Ent.08, linha 13)

Quano ê envinha eu gritava assim ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá a cumpá (Z...) de (F...) ó cascava na perna quano eu falava evem o minagerá. (Ent.08, linha 19)

Eu pintava c'ele aí um dia eu fui caçá papagai mais mamãe né e achei uma curuja no oco e a cumá (V...) num tava namorano compá (Z...) de (F...) mais não tava namorano um ôto home que ficô viúvo e tava ino lá pa mode cumá (V...) (Ent.08, linhas 30 e 31)

Eu pintava com cumá...pintava com ea demais gostava dea demais. (Ent.08, linha 34)

(R...) do (Z...B...) gostava de dançá com nós condafê falava a agora nós já dançô mucho vão fazê agora é tatu passa aqui...esse tatu passa aqui era a cumá (Z...) era a (M...) era aquea rodada era (R...) do (Z...B...) o (J...) tudo de mão dada dançano tatu passa aqui. (Ent.08, linha 37)

Dava a mão assim e ia passá debaxo do braço do ôtro e falava tatu passa aqui passa não quano a cumá (V...) vinha passá pa rancá minha mão da mão da cumá (J...) eu dei um arranco assim bati

com a cabeça fez PÁ partiu o beijo ela aqui. (Ent.08, linha 41)

Eu sô a terceira...mais eu era ruim eu era ruim memo judiava memo...cumá (D...) eu num gostava da cumá (D...) de jeito nenhum brigava que nem cachorro...mamãe tava criano ieu e a cumá (D...) né aí mamãe falô “o (L...) leva a (D...) pra lá se não a (V...) mat’ela”(risos) eu dava surra na cumá (D...) todo dia. (Ent.08, linhas 56, 57 e 58)

Falô “o troxe essa melancia pro cê e ôta pá (D...) que eu truxe uma melancia pro cê e ôtra pra ela” eu fiz assim com a melancia e caiu aquela água preta pode...melancia pode por dentro e a da cumá (D...) diz que tava boa falei ah com cumá (D...) cê dá certo que a cumá (D...) já casô duas vez com cê intéra treis. (Ent.08, linha 87)

Ah não eu falo porque eu judava o... era ieu e cumá (D...) judava padim (Z...) mexê com cachaça. (Ent.08, linha 101)

Tava mexeno com armoço falava assim “vai judá (Z...) lambicá lá embaxo”...discia eu e cumá (D...). (Ent.08, linha 102)

Botava fogo ê botava panelão lá pa í...judá ê carregá garapa do cocho eu e cumá (D...) nós carregava iscuma botava a garapa pra fervê. (Ent.08, linha 104)

Na bera do rego nós só cabava de travessá o rego assim ô fup eu mais cumá (D...) lá debaxo do pé de rosa tonto de cachaça quente. (Ent.08, linha 110)

Cê num pó fazê extravagância proquê...ô...a cumade (J...)...minha irmã...ela num sofreu muito...ela num sofre muito dôre assim pro corpo fora. (Ent.09, linha 13)

Ela num sofre muito dôre assim pro corpo fora...pro todo canto pruquê...ela trabaiava na cūzinha...cê vê que cuzinhêra é...cūzinha é mais leve...e a cumá (B...)...minha irmã...ea tabaiava é só olhá menino. (Ent.09, linha 14)

Ieu levantava de madugada mais esse (A...)...coitado...da cumá (L...) e ê ta aí mia fia..de noite num tem sono de dia que tem sono...de dia ta cuchilano assim ô. (Ent.09, linha 25)

Passemo ali pa baxo da casa da cumá (M...) casa dê ali tinha um pé...ês morava...é...ês num morava aí não...pra baxo assim tinha um pé de armesca grande assim. (Ent.09, linha 307)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

126. CUMÊ Nm[Ssing] _____ 08 ocorrências

Desceu lá pra fazê companhia quano nós chegemo lá e cabô o cumê nós tava encardino no doce. (Ent.03 linha 13)

Prantei arroi...mais foi gostoso demais a nossa vida hoje ninguém qué né...se falá num dô cumê fala “pra quê que pôs no mundo”...num é “pa quê que cê pôs eu no mundo”. (Ent.03, linha 126)

Lá em casa era muito menino era nove...tinha que fazê as panelada de cumê...tinha dia que mamãe fazia uns cumê engraçado né um mamão com aquê trem...tinha dia que num discia não. (Ent.03, linha 133)

Cotchada né...vinha dava o cumê dela e ficava aí...depois que ea sumiu mia fia. (Ent.09, linha 57)

Eu alembro até do cumê qu’eas fazia eas fazia um arroz um môi de batatinha pimetado mermo. (Ent.09, linha 374)

Punha pra mim o cumê...a pimenta tava que eu num tava guentano. (Ent.09, linha 375)

Tamém vivia assim cumia o que os ôto dava né é...ela vinha aqui eu dava cumê fazia o cumê tirava a vaziinha dela dexava aí ficava esperano ela. (Ent.09, linha 390)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Comer. O que se come.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Comer. S.m. Comida, alimento. || 2. Refeição usual.

4. Aurélio:

Comer . [Do lat. *comedere*, pela var. vulg. **comere*.] **S.m. 20.** Comida (1 e 3).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Cumê• (A)• Nm [Ssing]• Lat.• Comida. • *Quando eu vô lavá aquê tanto de trem cum coisa que feiz cumê prum povão. Agora é bão. Nós vai pus café. Só faço arroz, feijão e carne. (Ent. 12, linha 30)*

127. CUMPÁ Nf[Ssing]

26 ocorrências

Essa epra que eu ranquei essa carga de mândoca pa cumpá (C...) fazê farinha. (Ent.01, linha 103)

É bem pa cima...do ôto lado da onde é que era o mândocal nosso que ieu ranquei mândoca pa cumpá (C...) buscá. (Ent.01, linha 108)

Eu falei “eu já tive na casa do (A...) saí na Pindaíba vô sai lá em casa agora”...ê disse “num pode eu vô lá levá ocê...e vô xingá o cumpá (C...)”...ê pegô o cavalo dele risquei mais ele. (Ent.02, linha 224)

Contô papai um pé de miséria e disse “cê faz ôta cumpá (C...) faz ôta dessa fica abusano cê é muito abusante”. (Ent.02, linha 226)

Eu tinha um bananal lá num lugá chamado Tamanduá aqui em São José da Serra a meia com cumpá (D...) né e no ôto dia eu ia pá roça. (Ent.04, linha 96)

Eu tinha uma irmã que tinha casado com aquele cumpá (C...) fi daquele do cumpá (J...) ali...e papai morava ali ainda morava naquele pé de manga. (Ent.04, linha 149)

Ea gritava tudo conté santo e me gritava uai...tudo conté santo gritava... e disse “cumpá (J...) é o trem de guizo que tá me sombrano aqui é”. (Ent.04, linha 166)

Fechô a vorta...quano o e guizo...era pra ficá/prá fazê a vorta com ele ea foi e cumpá (J...)...ea resorveu sai com a image. (Ent.04, linha 175)

Nessa hora é que o cumpá (C...) chegô aí ea falô “cumpade aí um trem aí ô”...ieua ia matano o cumpá (C...) uai ((risos)) lá ia sentano a foice na cabeça dele uai. (Ent.04, linhas 193 e 194)

Cumpá (C...)...se ê num fala menina...tinha cumido a foice nele mais ia batê pra matá. (Ent.04, linha 197)

Aí ea ia me contá o caso...aí ea mandô eu passá com cumpá (C...) aí ea foi abriu a porta aí fui entrá dent’ de casa oiei falei a iscangaiei a foice aquea foice moladinhazinha vazadinhazinha. (Ent.04, linha 204)

Andei pô terrero aquê terrero que cumpá (D...) fez po lado né a festa era lá oiei assim deus ajudô que eu achei um pedaço de pau. (Ent.04, linha 274)

Eu fiquei lá bem dizê quas dois mesi muí a cana do cumpá (C...) toda dos vizim tudo lá eu muí tudo com a tropa do cumpá (C...). (Ent.04, linha 377)

E o cumpá (C...) fez isso é porque mandaro...é porque ê num guentô ficá lá. (Ent.04, linha 387)

Cumpá (T...) já veio aqui duas vez....cumpá (T...) batizô foi o (T...) ê já veio aqui já descubriu ê já veio trabaiano sim mais parô o caminhão ali carregano poste de luz. (Ent.06, linha 185)

Na epra num tinha banhêra né incarriava todo mundo os menino na gamela ea era como daqui lá ó ês fizero mesmo de propósito uma pra ê porque cumpá (E...) que comprô essas gamela. (Ent.06, linha 314)

Quano cumpá (Z...F...) foi deitá que foi lumiá com a lamparina assim pra deitá ((risos)) a fronha

era bosta pura da maritaca. (Ent.08, linha 07)

Quano ê envinha eu g ritava assim “ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá a cumpá (Z...F...)” ó cascava na perna quano eu falava evem o minagerá. (Ent.08, linha 20)

Quano o cumpá (Z..F..) chegava lá ea falava assim “ah o garrote de nhô (C...) evem...(V...) o garrote de nhô C evem”. (Ent.08, linha 29)

Lá tinha uma bica d’água assim...cumpá (A...) chegava lá com o dedo no ovido sacudino assim nos uvido assim. (Ent.09, linha 34)

Cumpá (A...) meu irmão tava puxano mi lá do Cardoso pra cá pro (Z...) falô assim “o gente cês abre os óio aí um ladrão bateu lá na cabicêra do Papagai lá na casa do (C...M...) robô dinheiro dele robô ispingarda robô raído robô uma pursão de trem dele lá”. (Ent.09, linha 94)

“Ô cumpá (A...) es viu ele mais foi de longe num cunheceu” falei “ês falô a cor da rôpa desse home não?”. (Ent.09, linha 95)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

128. CUNGUÇU Nf[Ssing] _____ 02 ocorrências

A maritaca tava quas morta...morreu memo... “por conta daquê cunguçú aquê trem feio e ocê ainda fica gostano daquele cunguçú conão conem co marrado no pau”...briguei com cumá (V...) demais. (Ent.07, linhas 14 e 15)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Laudelino Freire:

Canguçú s.m. **2.** Caipira, tabaréu.

4. Aurélio:

Canguçu [Do tupi = 'cabeça grande'.] S. m. Bras. **2.** SP V. caipira (1).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

129. CUNTU Á Loc. Pron[pron+V] _____ 01 ocorrência

Ê fez um negócio igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinheiro lá dento punha o dinheiro lá tinha lambique tinha tudo cuntú á era home forte escondeu dinheiro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza. (Ent.09, linha 175)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

130. CURIANGO Nf[Ssing] _____ 06 ocorrências

O povo sabia divertí num tinha esse garra garra o povo sabia dançá a noite interinha menina...tinha o...tinha o....o....curiango da mata envem esse aí desde pequinininha assim ó esse aí eu dancei. (Ent.03, linha 186)

(R...) me levô numa festa aqui na Vage Bunita a nôte intera dançano o curiango ea pôs nome ne mim de curiango ((risos)) ea botô porque eu gostava do curiango...curiango da mata envem vem matá meu bem curiango da mata envem mais só cê veno aquli era gostoso demais a gente pruveitô hoje ó tem essas bobajada. (Ent.03, linha 189)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Curiango s.m. Ave noturna do Brasil, do bico muito largo e fendido, da família dos caprimúlgidas; bacurau. || 2. Nome comum a três aves da família dos caprimúlgidas, também chamadas *curiangú*.

4. Aurélio:

Curiango [Do quimb.] **S. m.** Bras. Zool. **1.** Ave caprimulgiforme, caprimulgídea (*Nyctidromus albicollis*), uma das mais comuns, distribuída desde o S. do México até o N.E. da Argentina, de coloração pardo-amarelada finamente pintada de preto e com manchas pretas maiores, rêmiges pretas com fita branca.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota:

Castro:

Curiango (banto) (°BR)s.m. espécie de ave. Var. **curiangu**, **mariangu**. Kik. Ki-, pl. *ma-dyangu*.

131. CURISCO Nf [Ssing] _____ 01 ocorrência

Num sobrô nem uma muenda pra contá caso...quebrô as treis muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele. (Ent.02, linha 192)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Corisco s.m. De coriscar. Faísca elétrica. || 2. Centelha que rasga as nuvens eletrizadas, sem que se ouçam trovões: “Volteavam em redor de minha inteligência uns corpos, em redor de minha inteligência uns corpos, ora negros como o recesso dos abismos, ora ígneos como as fitas dos

coriscos” (Camilo)

4. Aurélio:

Corisco [Dev. de *coriscar*.] **S. m. 1.** Faísca Elétrica. **2.** Centelha que fende as nuvens eletrizadas sem se ouvirem trovões. [Sin. pop. (nesta acepç., no RS): mandado-de-deus ou apenas mandado.]

5. Cunha:

Coriscar vb. ‘brilhar como corisco’ ‘faiscar, relampejar’ XVI. Do lat. *coruscāre* || **corisco** XIII. Der. Regress. De *coriscar*. Cp. CORUSCAR.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

132. DANÇADERA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Depois do tiá ia tê o batuque aí saía o recortado com as dançadera mesmo que tava ali ficava lá queta e os home rudiava fazia o batuque. (Ent.03, linha 177)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Dançadeira Bailadeira. Diz-se particularmente das mulheres pebléas, que vão dançando com arcos de flores nas proffissoens. *Saltatrix, icis. Fem. Cic.*

2. Moraes:

Dançadêira s.f. balaideira.

Bailadêira s.f. Mulher que na Ásia vive de bailar. § A que baila.

3. Laudelino Freire:

Dançadeira s.f. de *dançar* + *eira*. Mulher que dança. || 2. Mulher que gosta de dançar. || 3. Dançarina, bailarina.

4. Aurélio:

Dançadeira [De *dançar* + *-deira*.] Adj. (f.) Diz-se de mulher que dança ou gosta de dançar: "eram graciosas, os diabos das cunhãs, animadas, dançadeiras " (Milton Dias, *As Cunhãs*, p. 50).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

133. DANÇADOR Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Dançava com ôtro dançadô quano era uns dançadô bão pra dançá era bão demais. (Ent.06, linha 60)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Dançador Dançadôr & dançadora. *Vid.* Dançante.

Dançante Homem, ou mulher que dança.

2. Moraes:

Dançador Bailador.

3. Laudelino Freire:

Dançador s.m. de *dançar* + *dor*. Aquele que dança. || 2. O que gosta de dançar. || 3. Aquele que dança por ofício; bailarino, dançarino.

4. Aurélio:

Dançador (ô). [De dançar + -dor.] **S. m.** Aquele que dança ou que gosta de dançar.

5. Cunha:

Dançar vb. 'oscilar, saltar, girar, mover-se com cadência' || **dançADOR** XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

134. DANÇARADA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Eu era rapazim...e eu morava sozim mais papai aqui né e eu ia pra lá então...ia namorá dançá tinha baile todo dia de noite aquea dançarada danada era todo dia papai já sabia que eu gostava de lá né. (Ent.04, linha 247)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

135. DAR DE BUNDA Fras[V+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Quano é envinha eu gritava assim “ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá a cumpá (Z...F...)” ó cascava na perna quano eu falava evem o minagerá((risos)) dava de bunda ê num gostava de mim não. (Ent.07, linha 20 e 21)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

136. DAR ESCOLA Fras[V+Ssing] _____ 01 ocorrência

Esse tempo (D...) tava dano escola...no Cipó e passava é por cima lá...o (G...) tava na escola da (D...). (Ent.09, linha 122)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e.
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

137. DAR NA BASE Fras[V+(prep+art)+Ssing] _____ 01 ocorrência

Ô drumi quano deu na base assim de...de...três hora eu cordei o tempo tava tudo marelo o tempo tava tudo marelo marilim eu falei “é tá danado” pelejei pa levantá num levantava de jeito nenhum. (Ent.02, linha 43)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

138. DE BANDA Loc.Adv [prep+Ssing] _____ 05 ocorrências

Levei o pedaço de pau assim de banda...tava pareceno um home...tomô que ê rivirô lá no chão assim ó e continuô chau chau meti o pau até ê calá. (Ent.04, linha 291)

Caiu dois pé de coquêro aquê cuquirinho e um pé de laranja menina tudo nôto dia amanheceu de banda. (Ent.06, linha 340)

Ieu fui passano e oiano ê de banda rudiei ê por cima. (Ent.09, linha 115)

(I...) foi saino de banda assim mas ficô com a cartuchera armada nós saímo por baxo passemo lá perto daquela casa daquele (S...)...saímo na estrada viemo simbora. (Ent.09, linha 116)

Tinha que apiá ali na rodiviara e trevessá de banda e caminhá uma distância com o daqui a...como daqui lá na casa do (B...) pa podê chegá na casa dela. (Ent.09, linha 140)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Banda. Parte, ou lugar. De huma, & outra banda. *Utrinque.* Ex. *utraque* parte. Da outra banda, defronte. Ex adversa parte. A *prya* da banda de alem. Ulterior *ripa*. A *prai* da *bãda* de aque. *Ripa* citerior. Vid. Parte. Vindo á banda, diz Francisco de Sá de aquelle, que claramente se mostra inclinado para alguma coisa.

2. Moraes:

Bãnda. s.f. Lado: v.g. desta banda, d'aquela. (*Ital. banda*)

3. Laudelino Freire:

Banda. s.f. B. lat. *Banda*, do gót. Parte lateral; lado.

4. Aurélio:

Banda. [Poss. do provenç. *banda*, 'lado', < gót. *bandwa*, 'estandarte'] **S.f.** 1. Parte lateral; lado: *Caminhava pela banda da estrada.* 2.V. *lado* (7): *Foi excluído da chapa do partido porque passou para a banda dos dissidentes.*

5. Cunha:

Banda¹. sf. 'lado (de navio), parte, margem'| bamda XV. Origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Banda• (A)• Nf [Ssing]• Prov.• Lado, parte lateral. • *A pessoa chega na porta e oia aquilo lá já é uma sombração. Porque o pé do difunto fica anssim pa banda da porta ó. O nariz fica anssim debaxo do lençole. Ah, gente mais é feio difunto lá na roça. Mais é muito feio. Só de chegá na porta representa que é uma sombração. (Ent. 4, linha 22)*

139. DE COQUE Loc. Adv[prep+Ssing]_____02 ocorrência

Ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fiuzim né agachadim diz que puxano a camisa pra tampá as pirninha de coque lá oiano pra mamãe. (Ent.06, linhas 383)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Cocoras s.f.pl. Termo usado na expressão adverbial *de cócoras*.

4. Aurélio:

De cócoras Sentado no chão ou sobre os calcanhares; agachado; a cócoras, em cócoras: "De cócoras, em linha, os calceteiros, / Com lentidão, terrosos e grosseiros, / Calçam de lado a lado a longa rua." (Cesário Verde, Obra Completa, p. 98.)

5. Cunha:

Cócoras (de-) loc. 'sentado ou agachado sobre os calcanhares' XVI. De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

140. D'CUNJURO Loc. Adv[prep+Ssing]_____01 ocorrência

Ieu num alembrei mia fia vim simbora...d'cunjuro até...de galopada. (Ent.09, linha 230)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Cunjuro s.m. Imprecação feita com palavras superticiosas, a que o vulgo crê que obedecem as coisas naturais, ou os Demonios invocados por feiticeiros.

3. Laudelino Freire:

Conjuro s.m. De *conjurat*. 2. Palavras imperativas que se dirigem ao demônio ou às almas do outro mundo; exorcismo.

4. Aurélio:

Conjuro [Dev. de *conjurat*.] **S. m. 1.** Palavras autoritárias para esconjurar o Demônio ou as almas do outro mundo; exorcismo.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

141. DE PRIMERO Loc. Adv[prep+Ssing] _____ 02 ocorrências

De primero era no pilão né...pilão igual esse aí ó...ca gente socava...agora tem o aranholi enche o tambori e roda pa podê tirá o azeite. (Ent.01, linha 08)

É só a gente tê fé e a cabeça...a ideia boa pra podê aprendê...né...de primero...até hoje eu sei uma oração...de...confissão...rezô ela tá confessado...num gasta ir no padre pra confessá não...divinha como que eu aprendi ela. (Ent.01, linha 297)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

De primeiro. "loc. adv. Primeiramente, antes de tudo ou de todos: "de primeiro, Vasco Fernandes a puras bombardas impedia que o abordassem" (Aulete) // 2. Antigamente."

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza:

De Primeiro (n/A) loc. adv. Anticamente; outrora. "O forró... de primeiro... num tinha esse negócio de... de... mulher num dançava não..." (Entr.4, linha 100)

2. Ribeiro:

142. DEREITO [Adj] _____ 01 ocorrência

O vento batia na boca do vido e fazia assim u u e eu com a ideia quente lembrano pensano que era o home que tava gritano né peguei corrê ah quano eu corri aí que ê grito dereto. (Ent.05, linha 130)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Dereito e, deriv. V. Direito.

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Dereito [Do lat. vulg. *drectu.] Adj. S. m. Ant. Pop. **1.** Direito.

5. Cunha:

Dereito adj. 'justo, correto' | XIV, *dereito* XIV, *dereyto* XIII.

6. Amadeu Amaral:

Dereito, *direito*, q. | Diz L. de Vasc. nas suas "Lições", referindo-se à linguag. arcaica: "A forma corrente era **dereito**, representada hoje na voz do povo em algumas regiões por "dreito"; cf. esp. **derecho**". E diz J. J. Nunes, referindo-se a *i* átono proveniente de *i* breve latino: "na linguagem desafetada, embora se escreva *i*, há tendência para pronunciar *e*: assim se diz **imperador** e **emperador**, **imbigo** e **embigo**, **infusa** e **enfusa**, etc. É de crer que a influência erudita tenha tido parte na transformação do *e* em *i*, a julgar pela pronúncia atual de **direito**, v. g. e a arcaica **dereito**". - Cp. *dereitura*, *endereitá(r)*, *desposto*, etc.

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e

143. DERROBAR [V] 01 ocorrência

Preguntô “e eu seu (J...) o que cô vô fazê?” ah nêga tinha um coquêro grande assim na porta do rancho eu falei “ah nêgo cê vai derrobá esse coquero pra mim”... “ê disse cadê a foice?”. (Ent.04, linha 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Derrubar ou derrubar. Por terra.

2. Moraes:

Derrubar v.at. Deitar a baixo, o que está erguido.

3. Laudelino Freire:

Derrubar v.r.v. deitar por terra, fazer cair, derrubar, porstrar. (tr. dir.; bitr., com prep. de, em).

4. Aurélio:

Derrubar [Do lat. vulg. *derupare, 'despenhar', < lat. rupes, 'rochedo'; 'desfiladeiro', 'precipício'.] V. t. d. **V. derrubar**.

Derrubar [Do lat. vulg. *deripare < lat. ripa, 'margem', 'ribanceira'.] V. t. d. **1. Lançar por terra; fazer cair; abater: Derrubou o inimigo com um murro violento.**

5. Cunha:

Derrubar vb. 'derrubar' | XIV, *derubar* XIII | Do lat. med. *dirupare*, de *rupes* –is 'rocha, penedo' || **derrubADA** XX. Cp. DERRIBAR.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

144. DESMORECER [V] 01 ocorrência

O povo dismureceu prantá né...arrendô pa prantá rama de mãindoca...né...nós prantô menina mais...foi um tempo bão aí é que eu sarvei graças a deus. (Ent.05, linha 42)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Esmorecer Perder animo. *Animo cadere. Cic. Animo costenari.*

2. Moraes:

Esmorecêr v.n Perder os sentidos ficar como amorrecido, desmayar, desfalecer.

3. Laudelino Freire:

Esmorecer v. r. v. Perder o ânimo, o entusiasmo, a coragem, o vigor; desanimar-se (intr.; tr. ind., com prep. em): “Êle anteviu, sem dúvida, tôda a extensão e acerbidade do seu martírio; e não esmoreceu” (Castilho).

4. Aurélio:

Esmorecer [De esmorir, 'desmaiar', 'desfalecer', do lat. mori, 'morrer', ou do lat. morere, + -ecer.] **V. t. d. 1. Tirar o ânimo a; desalentar; afrouxar, entibiar.**

5. Cunha:

Esmorecer vb. 'desalenta, afrouxar, deslutar' XIII. Do ant. esmorir (também do séc. XIII), com troca de sufixo, relacionado com o lat. *mori* 'morrer' || **esmorecimento** XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

145. DEUS~DÊSI~INDEUS [Prep] _____ 05 ocorrências

“*Uai ti (A...) mais deus daqui que nós foi que ê ficô me chamado de macarrão de santa casa marelão da infança pinico da cagança*”. (Ent.03, linha 106)

(G...) *é canhoto...mas...indeus de a escola que ê já...que já cumeçô/cumeçô a usá a mão esquerda pá escrevê na mesma linha da mão direita...é assim é...com a mão direita*. (Ent. 01, linha 161)

E deus que ê cumeçô criá o premero fio e pareceu o bom jesus lá ê jugava arrei no cavalo pros mais pequeno andá e carguero rôpa de cama trem de cumê né isso embalava subia a Serra pelos ataio. (Ent.03, linha 255)

Até contei dom (S...) aqui ó pra ê me dá uma pinião...dêsi dos seis ano que eu guardo isso na minha cabeça e tinha que falá com um padre mais era véio que esses novo...é tudo de quarqué jeito. (Ent.04, linha 106)

Pois é deus do princípio do mundo né...eu chorava quano chuvia mamãe falava isso com nós...contava né ficava com aquilo na cabeça cada gota de chuva era...aí nós ficava pensano nossa sinhora o mundo vai cabá gente? até lá será que nós já ta grande? (Ent.06, linha 350)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Dês. prep. antig. V. desde.

3. Laudelino Freire:

Dês prep. o mesmo que *desde*, antes da conjunção que: “*Dês que homem nasce te que morre, não trata cousa de mor peso que a do seu casamento*” (Sá de Miranda)

4. Aurélio:

Dês [Do lat. de ex.] Prep. Ant. 1. Desde.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

146. DIA DE SABO NCm[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Um dia de sábo e ê foi lá pra ‘ssistí nossa coroação...e as preta menina as pretinha tudo bistiú...porque...misturô todo mundo as pretinha com nós né....aí depois que nós bistiú que nós desceu do artar. (Ent.03, linha 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

147. DIBUIAR [V] _____ 01 ocorrência

Ê tava dibuiano pra cá aí a (C...) falô assim “o (P...) pra quê que cê faz isso (P...) bebe não” aí é falô assim “não (C...) num bibi não eu vim aqui pra sinhora falá pra (P...) que é num fica incomodada comigo não porque eu num tô bebendo não”...tonto((risos))tonto que tava rolano “ô num tô bebendo não e pra sinhora falá pra ela que ô tô aqui rezano pra ela pra ela sará”((risos)) ô coitado...num levô três dia o home morreu. (Ent.08, linha 92)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Debulhar v.r.v. 2. Desfazer-se, desatar-se (*pr.*, com prep. *em*). “Tétrico Heitor em sonhos se me antolha, *em* choro a *debulhar-se*” (Odorico Mendes)

4. Aurélio:

Debulhar [Do lat. *depoliare < lat. despoliare, 'espoliar'.] **V. t. d. e i. 5.** Fig. Desfazer-se, desmanchar-se, desatar-se: Debulhou-se em lágrimas.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

148. DICUMENTO Nm[Ssing] _____ 04 ocorrências

O resto num tem pobrema não no dia que que ocê caba de pagá nós dá seus dicumento...nós assina pro cê os dicumento” aí eu cheguei aqui consurtei a dona ea falô assim “ah cê que sabe”. (Ent.05, linha 60)

Foi e dei ele prazo aí né no dia que tratô o (J...) o (T...) me dá o dicumento a dona dele dueceu ea ficô lá pro Curralim pra casa da mãe dela a dona dele. (Ent.05, linha 74)

Ê ruim quano se num vê nada pro cê assiná tem que marcá o dedo mas tem muitos dicumento que gasta tempo dedo também né? (Ent.11, linha 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Documento Documentos (Termo forense). Papéis, com que nas demandas se prova a sua razão. *Litis instrumenta, orum. Neut. Quintil.* Alguns usão da palavra *documentum*, mas a palavra *instrumentum* he mais própria porque sempre suppoem provas escritas. Ajustar documentos.

2. Moraes:

Documênto s.m. Instrumento, que serve de instruir o processo e provar que nelle se allega.

3. Laudelino Freire:

Documento s.m. Lat. *documentum*. Declaração escrita para servir de prova ou título.

4. Aurélio:

Documento [Do lat. *documentu* < lat. *docere*, 'ensinar', 'mostrar'.] **S.m. 2.** Escritura destinada a comprovar um fato; declaração escrita, revestida de forma padronizada, sobre fato(s) ou acontecimento(s) de natureza jurídica.

5. Cunha:

Documento sm. ‘título ou diploma que serve de prova, declaração escrita para servir de prova’ XV. Do lat. *documentum* -i, de *docere*. || **DocumentAÇÃO** XX || **documentAL** xx || **documentAR** 1802. Do fr. *documenter* || **documentÁRIO** XX || **documentáVEL** XX.

6. Amadeu Amaral:

Documento, Dicumento, documento, s. m.

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro:

149. DISARRIAR [V] _____ 02 ocorrências

Esse home contô papai um pé de miséra e o papai num respondeu nada...ê contô papai um pé de miséria e disse “cê faz ôta cumpá (C...) faz ôta dessa fica abusano cê é muito abusante” aí que é pegô e vortô pra trazi e eu disarriei a égua levei nove dia pra essa cara disinchá. (Ent.02, linha 227)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio:

Desarrear [De des- + arrear.] **V. t. d. 1.** Tirar os arreios a: "Enquanto se punha a janta, desarreou a besta" (Lúcio de Mendonça, Horas do Bom Tempo, p. 223).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

150. DISORDE Sf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Vivia mais tranqüilo num tinha esses negóço de coisa tão ruim que tem hoje né tanta disordi. (Ent.08, linha 368)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desordem Falta de ordem. Desarranjo de cousas, que não estão no estado, & no lugar, que houverão de ter. *Confusio*, ou *pertubatio*, onis. *Fem. Cic.*

2. Moraes:

Desórdem s.f. Falta de ordem, perturbação das coisas que estavam dispostas, e ordenadas no mundo físico, ou moral ou nas coisas arranjadas por arte, e conselho humano.

3. Laudelino Freire:

Desordem s.f. de *dês* + *ordem*. Falta de ordem; desarranjo, confusão.

4. Aurélio:

Desordem [De des- + ordem.] **S. f. 1.** Falta de ordem; desarranjo, desarrumo, desorganização.

5. Cunha:

Dês.ord.eiro, -em, -enado, -enança, -enar →ORDEM

Ordem sf. ‘disposição, regra, disciplina’ | XIV, *orden* XIII etc. | Do lat. *ordo ordīnis* || **DESordem** XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

151. DISPESA Sf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Fui buscá maco maco fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abuscá...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio. (Ent.10, linha 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

152. DISTINO Sm[Ssing] _____ 03 ocorrências

Aí nôto dia eu andava o terrero todo iguali galinha tonta mais depois que eu armucei que eu peguei o distino...pirdi o distino todo...fiquei sem distino de tudo...o trem entrô aqui dent' da cabeça que virô uma cachoêra d'água. (Ent.02, linha 271)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
Destino s.m. 5. Direção.
4. Aurélio:

Destino¹ [Dev. de destinar.] **S. m. 4.** Lugar aonde se dirige alguém ou algo; direção.

5. Cunha:

Destinar **destino** 1572. Deriv. regressivo de *destinar*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro:

153. DISVAZIAR [V] _____ 01 ocorrência

Nós teve que trepá no pau a inchente tapô tudo cê via só gai de pau balançan' nós lá em cima iguali soim sigurado e o trem ia lá e vortava cá ... nôto dia quand' disvasiô um pôco nós desceu num tinha um bago de arroz no terrero. (Ent.11, linha 08)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Esvaziar v.r. v. De *es* + *vazio* + *ar*. Tornar *vazio* (tr. dir.; pr.) : “Sus, malandros fatais, raça de infames, o *templo esvaziai!*” (Pôrto Alegre)

4. Aurélio:

Esvaziar **V. t. d. 1.** Tornar *vazio*; evacuar, desocupar: Mandaram que os alunos esvaziassem o pátio.

5. Cunha:

Esvazi.amento, -ar →VAZIO.

Vazio ESvaziAR || -suar 1844

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

154. DIVA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Teve uma casião que eu passei dois mês cumeno...angú com café fubá suado farinha...trabaiano de picá lenha pá podê fazê carvão pá podê pagá a diva né paguei tudo graças a deus. (Ent.06, linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

155. DIVERA [Adv] _____ 03 ocorrências

PESQ.: a sinhora falô que fazia rapadura comé que faz rapadura? INF.: seu avô fazia menina PESQ.: mas eu num cheguei a vê ê fazê não eu só vi ele fazendo cachaça INF.: é...seu avô fazia muita cachaça divera (Ent.09, linha 173)

Ah foi aqui em casa aqui ê botô fogo no paió...foi divera ê ficava aqui aí e ê disse “não vo drumí é lá”...é lá que ê drumia aí druimiu em riba do mio quano pensa que não...agora que o (A...) alembrô novo e ainda alembrô... foi pitá de noite lá botô fogo no mi. (Ent.09, linha 394)

TER.: coitada essa muié já judô ieu demais menina esse trem aí já me judô panhá café quano ô tô panhano café ô vejo ea gritano da minha oreia...ea já tabaiô INF.: tabaiei divera...minha vida era só tabaiá fora num parava den’ de casa não. (Ent.10, linha 86)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Deveras. “Verdadeiramente. Sem ficção. Ex animo, ou bonafide. Terent.”

2. Moraes:

Devéras. “v. véras.”

3. Laudelino Freire:

Deveras. “adv. De *de* + *veras*. Verdadeiramente, realmente: “É deveras lamentável esse caso da absorção do gênio do bom gosto pela clínica” (C. Neto).”

4. Aurélio:

Deveras. “[De *de* + *veras*.] Adv. 1. A valer; verdadeiramente, realmente; muito, em alto grau: “Tu crê deveras nessas cousas?” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p.4).

[Cf. *deveras* (ê), do v. *dever*.]”

5. Cunha:

Deveras. “adv. ‘a valer, verdadeiramente’ XVI. De *de* + *veras* (v. *verdade*).”

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza:

Devera (n/d) adv. Realmente, com certeza. Variante de deveras (deveras > devera – caso de apócope). "... “Ô meu filho foi ele... ele representa que nem um cachorro... ele representa que nem um porco... representa que nem um jegue”... “Ô pois eu topei um jegue”... e lá num tinha jegue... pois foi ele... foi ele devera...” (Entr.12, linha 275)

2. Ribeiro: n/e

156. EITO Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

Pois é...num existia arame não e cerca de tisôra...a cerca de tisôra é o seguinte...aí ês bate as furquía aqui...e ôta aqui e põe o varão agora o () vai na tisôra que era as vara mais fina assim e incruzava com a ôta assim e ia assim com ôto lá e lá...aí vem com ôto pau e põe aí em cima...e num gasta nada e lá dentro é a mesma coisa e fecha a redó...e prantava o eito. (Ent.04, linha 427)

Eu lembro que nós ia trabaía no eito e ela ia cantano aqueas coisa da ti (Z...) mais num sei nem contá ocê o que que é porque minha cabeça é muito ruim pirdi tudo passô tudo as coisa ea cantava...agora num sei se ea lembra né eu sei que nóisi trabaiano no eito e ea trabaiano e cantano...cantano...era um história cantada. (Ent.07, linhas 384 e 386)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Èito s.m. Série de Coisas. v. g. de espigas no campo.

3. Laudelino Freire:

Eito s.m. Lat. *ictus*. **3.** Roça onde trabalhavam escravos.

4. Aurélio:

Eito [Do lat. *ictu*.] **S. m. 2.** Bras. Limpeza de uma plantação por turmas que usam enxadas. **3.** Bras. Roça onde trabalhavam escravos: "Em alguns engenhos do Nordeste a cachaça era fornecida aos negros do oito logo com a primeira refeição do dia" (Mário Souto Maior, Dicionário Folclórico da Cachaça, p. 16).

5. Cunha:

Eito¹ sm. 'limpeza de uma plantação por turmas que usam enxadas' XIII. Do lat. *ictūs-us* 'golpe'.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

157. ENCARAR [V] _____ 02 ocorrências

Não ê num gostava de moça menina não nunca gostô...(C...) era isquisito o distino dele era ficá sortêro memo....é num encarava ninguém não. (Ent.06, linha 76)

Nós era apaxonada com ele todo mundo era lá no Cardoso ele era sapeca ê invocava com as menina e num firmava com nenhuma né mais eu nunca encarei ê não do (E...) eu gostava. (Ent.06, linha 80)

Registro

em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Encarar →CARA

Cara ENcarAR XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

158. ENCARDIR [V] _____ 01 ocorrência

Aí foi um teatro muito bunito assim...cabô o teatro nós viemo embora...passemos lá no casamento eu fiz eas passá lá porque nós teva lá sozinha eas desceu lá pra fazê companhia quano nós chegemo lá e cabô o cumê nós tava encardino no doce e o home vai tirá lá o recortado. (Ent.03, linha 13)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Em.card.ido, -ir →CARDO

Cardo sm. EN**card**IR 1873.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

159. ENCARNAR [V] _____ 01 ocorrência

Chega no Capão Redondo e vô pegá uma égua esse home tinha uma vaca preta...uma vaca preta igual aquela chifruda e essa vaca encarna atrás de mim e eu era muito esperto subi no pé de cagaitêra. (Ent.02, linha 197)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Encarnar [Do lat. incarnare.] **10.** P. ext. Bras. Pop. Perseguir, ou desfrutar de (alguém); importuná-lo como que encarnando [v. encarnar (7)] nele.

5. Cunha:

En.carn.ação, -ado, -ador, -ar, -eirado, -eirar →CARNE

Carne EN**car**AR 1881.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

160. ENCRENCAR [V] _____ 01 ocorrência

Risquei o burro vei do (G...C...) cá na casa do (Z...)...chegô na casa do (Z...) esse burro andava iguár tamanduá andava ne dois pé só quano ê chegava no (Z...) ê levantava as mão pro arto assim

ó e saía caminhano e ia lá pro lado da casa do (O...) lá na Palma lá embaxo...áí ê pegô e encrencô comigo. (Ent.02, linha 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Encrencar v.r.v. Tornar difícil ou complicada (uma situação)

4. Aurélio:

Encrencar [De or. obscura.] 2. V. t. d. Bras. Gír. Pôr em dificuldade; embaraçar, complicar: Com tão mau conselho, terminou encrencando o amigo.

5. Cunha:

Encrencar vb. ‘tornar difícil, embaraçar, complicar’ XX. De etimologia obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

161. ENCRUZIAR [V] _____ 01 ocorrência

Cheguei lá em cima eu tava no mei da estrada quano ê largô ieu oiei pros lado era grotá áí quê que eu fiz encruziei o braço em cima do burro o burro ficô quitim. (Ent.02, linha 261)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Encruzar as pernas, assentandose no estrado a modo de molher.

2. Moraes:

Encruzar v. at. Cruzar, atravessar uma peça sobre a outra; como as que compõem cruz.

3. Laudelino Freire:

Encruzilhar v.r.v. O mesmo que *encruzar*.

4. Aurélio:

Encruzilhar [De en-2 + cruz + -ilhar.] V. t. d. 1. Encruzar (1 e 2).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

162. ENFEZADO [Adj] _____ 01 ocorrência

Ê quebrô meu nariz eu fui e fiquei enfezado de mais da conta quebrei a cara dele. (Ent.02, linha 171)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Enfezar (Termo do vulgo) Enfadar muyto. Encher de cólera. *Movere alicui bilem. Cic. Alicui stomachum movere. Plin.*

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Enfezado **adj.** 2. Aborrecido, irritado.

4. Aurélio:

Enfezar [Part. de enfezar.] Adj. **3.** Fig. Aborrecido, amolado, irritado.

5. Cunha:

Enfezar vb. 'irritar-se' 1813. De etimologia desconhecida || **enfe**ADO XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

163. ENGEM Nm[Ssing] _____ 19 ocorrências

O vovô é disse “ó (C...) cê num vai tabaiá amanhã não que é dia de São Bernabeu...não dia de São Lorenzo” aí papai virô e falô assim “eu pego ele e marro na ponta do lenço” ((risos)) “eu pego ele e marro na ponta do lenço” e pegô e rapô e foi embora pro engem. (Ent.02, linha 186)

Eu cheguei era de madrugada era duas hora da madrugada e peguei lá e enfiei a junta de boi no engem o boi de dentro quis falá com papai. (Ent.02, linha 187)

Quano manheceu papai disse “ó vai lá na casa do (A...) e eu vô cortá o pau ali pa fazê ôto engem que nós tá com cento e oitenta quilo que cana no engem”. (Ent.02, linhas 194 e 195)

A mãe do (C...) é ali papai morô lá uns tempo quano papai morô lá já num foncionava mais mais antes lá tinha engem de fazê rapadura muê cana fazê cachaça. (Ent.04, linha 232)

Tinha a roda tacho tava tudo lá...de noite engem muíta ratava tacho pra...tudo isso...tava foncionano. (Ent.04, linha 234)

Meu cumpade (C...Q...) cês tudo deve tê visto falá nele ele vei aqui...ê tinha fazenda lá na Serra de ta/tinha muito tacho tudo sentado engem muito bão tudo era só muê cana a vontade e ê tinha muita cana. (Ent.04, linha 331)

Aí quano é um belo dia ê chega aqui se eu quiria muê uma cana que eu tinha com ê la a meia que ê tinha bastante cana a meia com ele que ê me dava os engem tudo com uma tropa a lenha me dava a cana cortada era só eu puchá a cana e muê. (Ent.04, linha 335)

Fui lá rumei a lenha troxe os carguero puxei truxe tudo pro engem falei agora...marquei o dia de i pra lá pra ele í cortá a cana no domingo eu vi ê na venda...“no dumingo que vem eu vô pra lá e segunda fêra se pode cortá a cana...vô domingo cedo pra lá”. (Ent.04, linha 342)

Uai nós tinha engem inda tem até resto de caco de...nesse pé de manga ali comé que tá com trem aí isso ainda é do tempo que eu tava mueno cana aí ó mui muiita cana muiita cana memo fazia rapadura e tempo bão criava a meninada tudo pequena. (Ent.04, linha 407)

Ninguém aqui num tinha engem não...depois argúem andô fazeno um engém de pau aí essas coisa assim...aí...aí...o (J...C...) meu ti tamém fazia...no engem de pau...rapadura. (Ent.07, linhas 94 e 95)

Ê tinha um engem ali do ôto lado eu até inda lembro quano papai...levantava de madrugada pra...pra cumeçá muê a cana né...aí na hora que ia cumê o quebra torto aí o (J...C...) de lá falava “ô (F...) ((risos)) tá na hora do quebra torto vem cá tem quentão tem num sei o quê uma purção de coisa aqui”. (Ent.07, linha 97)

Meu pai morava ali onde que tem aqui casa de (C...)...do lad' de cá da casa da (C...)...meu pai morava ali...do lado de cima naquele bananal tinha o currá e pa baxo assim tinha o engem. (Ent.09, linha 23)

Ê tinha um engem mas era um cepo de engem num é engem de ferro não aquele de gritá engem de pau...engem de pau é treis moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui. (Ent.11, linha 182)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Engenho. Engenho de açúcar.

2. Moraes:

Engenho. Máquina.

3. Laudelino Freire:

Engenho. s.m. Lat. *ingenium*. 10. Estabelecimento agrícola, destinado à cultura da cana e fabricação do açúcar.

4. Aurélio:

Engenho. [Do lat. *ingeniu*.] Substantivo masculino. 7. Bras. Moenda (1) de cana-de-açúcar. 8. Bras. Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar.

5. Cunha:

Engenho. Sm. 'maquina' 'oficina'/XIV, engeo XIII, *engeyo* XIII, *engeno* XIV/Do lat. *ingenium*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

164. ENGENHOCA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Ês enconstô tudo debaxo duma engenhoca né...que cumpade (H...) tinha na porta da cuzinha. (Ent.04, linha 169)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Engenhoca s.f. de engenho. 3. Pequeno engenho, destinado especialmente à fabricação de açúcar, rapaduras e aguardente.

4. Aurélio:

Engenhoca [De engenho + -oca.] **S. f. 3.** Bras. N.E. Pequeno engenho que, destinado sobretudo à fabricação de aguardente, também serve para a de açúcar e rapadura.

5. Cunha:

Engenho sm. **EngenhOCA** XIX.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

165. ENQUENTE [ADJ] _____ 01 ocorrência

Nós num encontrava não ê num vinha aqui não nós encontrô...a primera vez que nós encontrô foi na casa do veí (L...) vô dele depois a mãe dele já tava enquente pra mim...pra arrumá uma moça pra ele pra ê sussegá pra ele num i embora pra Belo Horizonte. (Ent.06, linha 102)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

166. ENTENDER [V] _____ 01 ocorrência

Esse burro andava iguár tamanduá andava ne dois pé só quano ê chegava no (Z...) ê levantava as mão pro arto assim ó e saía caminhano e ia lá pro lado da casa do O lá na Palma lá embaxo...aí ê pegô e encrencô comigo nesse trem eu envinha pra lá pra São José de Almeida né ê foi e entendeu de caminhá comigo entendeu de caminhá comigo e saiu caiminhano com os dois pé. (Ent.02, linhas 152 e 153)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

167. ENTREGA DE PÉ DE MILHO Fras.[Ssing+prep+Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Quano foi no dia da capina a mais foi penado demais quano foi do dia da capina teve quarenta trabaiadô...quarenta home pra capiná roça aí nós cabô a capina menina tinha o tinha o...a entrega de pé de mio que eu fiz lá em casa teve doce. (Ent.03, linha 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

168. ENVIR [V] _____ 18 ocorrências

Eu envinha lá do Cardoso eu fui lá fiquei conversano com o (A...B...) chamano ê pra vim trabaiá e vim trabaiá junto com a turma de segunda fera. (Ent.02, linha 31)

A barriguêra rebentô e eu envinha desceno sozim aí...parece inté uma brincadêra ieu envinha desceno sozim peguei a barriguêra e envinha desceno sozim com um pelego vermei na mão pra carçá a cabeça menina...esse burro me panhô pro pé e eu subí otro tanto pra riba. (Ent.02, linhas 84 e 85)

Aí foi envim embora o (G...) foi e virô assim “ó torna panhá o burro nós consome ê” aí fui e peguei e falei “cê qué uma égua nele? cê me deu três burro novo por ele mais cê qué só uma égua só nele aí eu dô”. (Ent.02, linha 124)

Ê pegô e encrencô comigo nesse trem eu envinha pra lá pra São José de Almeida né ê foi e entendeu de caminhá comigo. (Ent.02, linha 152)

Depois eu inda fui caçá tatu...fui caçá tatu tava com uma ispingarda vinte e oito na cacunda vô caçá tatu aqui nos () aí quano tô caçano tatu lá vô lá vô lá vô aí o cachorro chegô ali no arto

deu uma batida deu uma batida até bunita falei ô vai saí aqui aí quano eu oiei envia uma luz igual aquela lá aí ea enfeitô pro meu lado assim. (Ent.02, linha 276)

Subi no artá né aí nha (R...) priguntô “uai (M...A...) quede sá (A...)? é ea que envem na frente mais (S...) pra coroa cadê ea?”. (Ent.03, linha 39)

O povo sabia divertí num tinha esse garra garra o povo sabia dançá a noite interinha menina...tinha o...tinha o...o...curiango da mata envem esse aí desde pequinininha assim ó esse aí eu dancei. (Ent.03, linha 186)

Eu gostava do curiango...curiango da mata envem vem matá meu bem curiango da mata envem mais só cê veno aqui era gostoso demais a gente pruveitô hoje ó tem essas bobajada. (Ent.08, linha 188)

Falava que quem envinha da Lapinha pra Serra chegava nesse lugá num passava se fosse a cavalo...animal num passava...num tava passano e da Serra que viesse de lá tamém pa Lapinha que chegasse lá a sombração tava lá. (Ent.04, linha 268)

Não envinha embora num tinha asfalto não. (Ent.06, linha 251)

Eu envinha trazeno ela no laço e ele me deu uma viravorta assim ó que ô bati lá mais depois eu levantei sozinha...levantei e num teve nada não. (Ent.07, linha 15)

Ô peguei ela no currali e envinha trazeno ele pra ‘qui ela foi e deu esse gorpe ne mim lá eu fui e tirei a força. (Ent.07, linha 20)

A mais era assim ê pensava nó essa menina é depravada...quano ê envinha eu gritava assim “ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá a cumpá (Z...F...)”. (Ent.08, linha 19)

Mamãe falava assim “ó o danado do garrote envem”...vai chegado e quebrano a cerca e passano pra dentro menina a vez mamãe marrava o bizerro na corda pro lado de dentro né o boi jugava a ceica no chão. (Ent.08, linha 26)

Tinha ôns que vinha pra cá mais vinha pro cima num passava por aqui embaxo não aí quano eu envinha no ôns lá em baxo dava um sinal de pará lá em cima. (Ent.09, linha 158)

Nós envem quano pensa que não um lençóli ispichadim la no mei do camim...ispichado pa ninguém passá memo...ráh mia fia nós viemo. (Ent.09, linha 311)

O pai dele saíu foi lá pás venda quano foi de noite envinha com um queijo falô assim levanta pro cê cumê um pedacim do queijo mardita hora. (Ent.09, linha 486)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Envir• (n/d)• [V]• O mesmo que vir. • E daí quando nós todo mundo () nós envinha embora, os cachorrinho da C... envinha um grandão (Ent. 1, linhas 124 e 125)

169. FARINHA D’AMENDOIM Ncf[Ssing+prep+SSing]_____01 ocorrência

No tempo que nós tava na escola era pobreza demais num tinha merenda nessa epra não num tinha nada nós levava batata assada ôta hora farinha d’minduim...e as muié rica as fia dos rico levava queijo com marmelada. (Ent.03, linha 17)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

170. FEBRE CALATINA Ncf[Ssing+SSing] _____ 02 ocorrências

Porque ea vei primero né aí ês truxero ele aí um dia ê num quis embora mais e ê tinha aquea febre calatina ficava barrigudo todo inchado se ê num fica aí ê tinha murrido. (Ent.04, linha 92)

Eu tinha uma menina que ea tinha tido a febre calatina e tinha um resto do reimeído...ea já tava boa e tinha um resto dum reimeído. (Ent.04, linha 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Escarlatina s.f. *Febre Escarlatina*; que faz grandes manchas vermelhas, ou pintas pelo corpo.

3. Laudelino Freire:

Escarlatina s.f. 2. Doença febril e contagiosa, caracterizada por manchas vermelhas e irregulares, difundidas pelo corpo.

4. Aurélio:

Escarlatina [Do fr. scarlatine, latinização do fr. ant. escarlate (v. escarlate).] **S. f. Med. 1.** Doença infecciosa aguda, de origem estreptocócica, que incide preferentemente em criança, e que se caracteriza por febre, fenômenos inflamatórios no nariz, boca e faringe, sob a forma de exantema de pequenos pontos vermelhos, e por manifestações toxêmicas, etc.

5. Cunha:

Escarlata sf. **escarlatINA** 1813. Do fr. *scarlatine*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

171. FEJÃO MIÚDO NCm[Ssing+Adj] _____ 02 ocorrências

Cumia é fubá suado né...cumia andu...cumia andu...cumia fejão miúdo chei de bicho...cumia fubá suado sem gurdura...ô cumia...fazê o quê né? (Ent.10, linha 77)

Minha mãe esse dia num foi não to panhano panhano tô panhano panhano intirtida sem jeito de cumê aquê fejão miúdo chei de bicho. (Ent.10, linha 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Feijão Miúdo s.m. O mesmo que *fava de cavalo*.

Fava de Cavalo s.f. Planta da família das leguminosas, forrageira, medicinal e boa para adubação verde (*Vicia faba* var. *minor*, L.). || Sinôn.: *Fava cavaleira, fava cavalina, fava da Holanda, feijão de cavalo, feijão de porco, feijão forrageiro, feijão miúdo*.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

172. FEJÃO MULATIM NCm[Ssing+Adj] _____ 01 ocorrência

Menina mais o feijão era era feijão mulatim da bage rocha feijão tava assim de feijão...é menina mais só o feijão deu pa nós pagá as conta tudo. (Ent.03, linha 122)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Feijão Mulatinho s.m. Variedade de feijão.

4. Aurélio:

Feijão Mulatinho **S. m.** Bot. Variedade de feijoeiro de semente clara.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

173. FÉRA Nf[Ssing] _____ 02 ocorrências

Meus menino tava tudo lá pa fora (I...) mesmo tava aqui de féra que é tabaiava com taxi né tava aqui de féra. (Ent.09, linhas 89 e 90)

Quano foi de tarde...chegô na casa do (Z...) chegô o fi dele que tava aí tamém de féra tamém chegô o (G...)...o (M...) e tinha mais ôto tamém com o (I...) juntô mais um tamém. (Ent.09, linha 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Férias Férias, que se concedem todos os annos no mesmo tempo. *Ferie slative Macrob lib.1. Saturnal. Cap.16.*

2. Moraes:

Féria Férias: os tempos de vacações, em que não há estudos, nem exercício de alguns tribunaes

3. Laudelino Freire:

Féria Férias, s.f. pl. Dias feriados em que há cessação de trabalho por prescrição religiosa ou civil. || 2. Descanso, repouso, interrupção de trabalho manual ou intelectual.

4. Aurélio:

Férias [Do lat. ferias.] **S. f.** pl. Certo número de dias consecutivos destinados ao descanso de funcionários, empregados, estudantes, etc., após um período anual ou semestral de trabalho ou atividades.

5. Cunha:

Féria(s) s.f. (pl.) 'período destinado ao descanso do trabalhador ou do estudante' XVII. Do lat. féria.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Aí nem um pedacim assim da marmelada nem do queijo num dava pra nós e eu era afiada da mãe delas....quano foi um dia ieu falei assim ó hoje nós vão levá um mucado de farinha de minduim. (Ent.03, linha 19)

Uma menina que era minha fiada mais daí se nós num toma ea pioi que matava ea... aquí nessa baranda aquí (D...) foi cuidá dela nó ês fartô até subi nas baranda pioi na menina aí a nossa fiada né. (Ent.04, linhas 87 e 88)

Coitado era muito pobrezim num cuidava dos menino dê os menino passava fome dum dava rôpa dirêcho então ê ficô aí e a ôtra é minha fiada. (Ent.04, linha 91)

Eu ficava lá debaxo das cama assim...tanto que deu ieu pa cê fiada dele quano eu chegava lá ê num me achava me procurava embaxo das cama me caçá lá mas era padrim bão que eu tiva. (Ent.09, linha 424)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Afilhada, & afilhado no sacramento do Bautismo. *Lustralis filia. Lustralis filius lustrali adoptione, ou Baptismi agnatione filia, filiusue.*

2. Moraes:

Afilháda s.f. de Afilhado

Afilhádo s.m. que tem parentesco espiritual com o padrinho.

3. Laudelino Freire:

Afilhado s.m de a+filho+ado. O que recebe o batismo ou confirmação em relação ao padrinho ou madrinha.

4. Aurélio:

Afilhada [Fem. de afilhado.] **S.m.1.** A mulher em relação a seu padrinho e/ou a sua madrinha.

5. Cunha:

Filho-a do lat. *fīlius fīlia* || **AfilhADO** 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

O algodão pra gente panhá ele tem que panhá ele da roça e trazê pra casa né e depois tem que discaroçá ele que eu tinha o discaroçadô tamém aí e todos usava o discaroçadô...discaroçava o gudão né aí depois bateno batia no suai assim ó usava uma espéci de bodoque era assim um arco sabe com um cordão que batia o gudão...até ê ficô bunitão depois de discaroçado aí agora ia pá roda depois dele discaroçado então aí ia pá fiadera tirava pá fiá ôto ia fiá e ia. (Ent.04, linha 07)

A fiadera era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a históra é muito complicado. (Ent.04, linha 11)

A roda tem o fuso cê tem que colocá a linha ali e agora foncioná a roda então agora a fiadera vem e vem sortano o gudão assim e fiano a linha e a roda ia puxano ia enrolano a linha toda lá...sabe...a roda mesmo. (Ent.04, linha 13)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Fi.and.eira →FÍO

Fio **fi**AND.EIRA XVI

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

176. FIAR [V] _____ 05 ocorrências

Batia no suai assim ó usava uma espéci de bodoque era assim um arco sabe com um cordão que batia o gudão...até ê ficá bunitão depois de discaroçado aí agora ia pá roda depois dele discaroçado então aí ia pá fiadera tirava pá fiá ôto ia fiá e ia. (Ent.04, linha 07)

Fazia o fuso a roda embaxo aí tinha que fazê uma vara desse tamãim assim ó do tamãim que queira o menô ô maió e pa i fiano o gudão né ali cê cumeçava a linha ali e trucia ê ia penerano lá () cê puxano a linha cá e ê rodano lá...no fuso isso é fiano na mão...isso é fiano na mão agora na roda é diferente. (Ent.04, linhas 21e 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fiar linho. Reduzilo a linhas, estendendo-o, & torcendo o fuso. Huma das occupaçoens, próprias da molher.

2. Moraes:

Fiár v.at. Reduzir a fio, puxando, estendendo, e torcendo as fibras: v.g. *fiar linho, lã, algodão*.

3. Laudelino Freire:

Fiar v.r.v. Lat. *filare*. Reduzir a fios (as febras ou filamentos das matérias têxteis) (*tr. dir.*): “Ela, ao fogão, fiava lã purpúrea entre as servas” (Odorico Mendes)

4. Aurélio:

Fiar¹ [Do lat. *filare*.] V. t. d. Reduzir a fio (substâncias filamentosas): "tirara um fuso da cintura, e começara a fiar as pastas de algodão que estavam dentro de uma cabaça" (José de Alencar, O Sertanejo, p. 102); fiar algodão.

5. Cunha:

Fi.and.eira, -eiro, fiapo, fiar¹ →FÍO

Fio **fiar**¹ XVI. Do lat. *filāre*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

177. FIRRUJAR [V] _____ 01 ocorrências

A quano eu fui pra lá ea falava “ô (M...) essa bacia é no tempo que nós num tinha chuvero nós tomava bãim era nessa bacia” e a dela era boa menina de cobe num firrujava né...boa memo ela deve tá lá até hoje. (Ent.06, linha 320)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Enferrujar Causar ferrujem.

2. Moraes:

Enferrujár v.at. Fazer criar ferrugem: v.g. *os ácidos enferrujão o ferro*.

3. Laudelino Freire:

Enferrujar v.r.v. De *em+ferrugem+ar*. Criar ferrugem; encher-se de ferrugem (*intr.; pr.*): “O aço

enferrujou”.

4. Aurélio:

Enferrujar [De en-² + ferrugem + -ar².] **V. t. d. 1.** Fazer criar ferrugem; oxidar: A umidade enferruja certos metais.

5. Cunha:

Em.ferruj.ado, -ar →FERRO

Ferro ENferrUJ.AR 1883

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

178. FISGAR [V] _____ 01 ocorrência

Deu uma batida até bunita falei ô vai saí aqui aí quano eu oiei envia uma luz igual aquela lá aí ea enfeitô pro meu lado assim ea fisgô ne mim ondê que ea tava e evem. (Ent.02, linha 277)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Fisgár v.at. *Fig.* Ver coisa que se esconda.

3. Laudelino Freire:

Fisgar v.tr.dir. 4. Apanhar rapidamente; perceber no ar (tr.dir.): “*Fisgar notícias, fisgar intenções.*”

4. Aurélio:

Fisgar [Do lat. vulg. *fixicare < lat. fixus, part. pass. de figere, 'cravar'.] **V. t. d. 3.** Tocar, alcançar, atingir, rapidamente: "A unha do tatu, fisgando-lhe a munheca, entrara-lhe rápida na palma da mão" (Herberto Sales, *Histórias Ordinárias*, p. 170).

5. Cunha:

Fisgar vb. ‘prender, apanhar com rapidez’ XVI. Do lat. *fixicare, de fixus, part. de figēre, ‘cravar’.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

179. FOICE Nf[Ssing] _____ 21 ocorrências

Menino duente daquele jeito daquele tamãim ficô em pé perto de mim assim e preguntô “e eu seu (J...) o que cô vô fazê?” ah nêga tinha um coquêro grande assim na porta do rancho eu falei “ah nêgo cê vai derrobá esse coquero pra mim”...ê disse “cadê a foice?” e eu levei uma fuicinha pra cortá cana. (Ent.04, linhas 106 e 107)

Né aí ê foi falei “tá ali nego”...ê saiu caladim assim passô a mão na foice e foi pra lá pra perto do coquêro. (Ent.04, linha 108)

Ê pegô e deu uma foiçada no pé do coquêro levantô a foice deu ôtra foiçada em ante de enterá a tercêra eu falei “o nêgo vem cá cê num vai fazê nada não cê vai ficá vigiano é (D...) aqui ó”. (Ent.04, linha 109)

Passô a mão na fuicinha pra cortá o coquêro o sirviço dele era esse né cortá...mais esse era um menino bão que eu tive aqui e hoje graças a deus o menino hoje tá bem...bem hoje viu que ele merece mesmo viu. (Ent.04, linha 115)

Eu tinha uma fuicinha...eu comprei uma fuicinha nova molei...vazadinha...tava vazadinha moladinhazinha e com um cabo desse tamãim assim ó aí (D...) falô leva essa foice que eu tava tão aflito que tava com a mão abanano trôsse a fuicinha. (Ent.04, linha 158)

Aí falei então se é de guizo tá faci uai ô já tinha retirado ês com a foice assim ô tava com a foicinha toquei ês assim ês enconstô tudo debaxo duma engenhoca. (Ent.04, linha 168)

Quano eu dei pro lado dês ês correu tudo pro lado da casa e batia o guizo que daqui iscutava os menino que tava tudo aqui iscutô... foi drimmmm e eu atrás...passava a foice nês assim passava no vento. (Ent.04, linha 172)

Fui berano a parede berano a parede berano a parede assim e midi a foice na cabeça dele assim aí Tá ah menina mais bateu numa péda. (Ent.04, linha 184)

Nessa hora é que o cumpá (C...) chegô aí ea falô “cumpade aí um trem aí ó”...ieua ia matano o cumpá (C...) uai ((risos)) lá ia sentano a foice na cabeça dele uai. (Ent.04, linha 193)

Se é num fala menina...tinha cumido a foice nele mais ia batê pra matá. (Ent.04, linha 197)

Fui entrá dent’ de casa oiei falei a iscangaiei a foice aquea foice moladinhazinha vazadinhazinha ô tinha comprado na () tava até...essas fuicinha pequena de cortá cana. (Ent.04, linha 205)

A foice tava no/ num enconstô em nada dessa vida tava moladilha do jeito...do memo jeito que ea tava...ô tem essa fuicinha até hoje num bateu em nada. (Ent.04, linha 206)

Ê passô a mão na cartuchera do irmão dele eu passei a mão na foice foi os dois bobo pa lá. (Ent.09, linha 99)

Uai a coiêta cê cortava o arroz na foice marrava o feche ... o feche de arroz... aí cê faz o terrero GRANDI GRANDI mesmo aí cê faz o pião. (Ent.04, linha 31)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fouce. Instrumento de ferro, de folha delgada, & quase circular, com dentes miúdos, & ponta no cabo. Serve de segar os paens, cortar erva, feno, &c.

2. Moraes:

Fouce. s.f. Instrumento curvo de ferro com córte, ou com córte de serra; a primeira se diz fouce roçadoura, tem alvado que se embebe em seu cabo; a segunda é de segar pães, tem espiga que se enxere no cabo.

3. Laudelino Freire:

Foice. s.f. Lat. *falx*; *flacem*. Instrumento curvo para cortar erva nos prados, pastagens, cereais, etc.

4. Aurélio:

Foice. [Var. de *fouce* < lat. *falce*.] Substantivo feminino. 1. Instrumento curvo para ceifar.

5. Cunha:

Foice. Sm. ‘instrumento curvo para ceifar’/fouce XIII, ffoiçe XIV/Do lat. *falx* –cis.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Foice• (A)• Nf [Ssing]• Lat.• Instrumento curvo usado para ceifar.• *Naquela época usava/ as pessoa/ os homi ia roçá pasto, usava foice. Ia capiná, usava inxada. Ia torá mato, usava serrote. Serra, né?* (Ent. 10, linha 354)

180. FONCIONAR [V]

05 ocorrências

A fiadera era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a história é muito complicado sabe aí tem que levá pra roda e a roda tem o fuso cê tem que colocá a linha ali e agora foncioná a roda. (Ent.04, linha 13)

Papai morô lá uns tempo quano papai morô lá já num foncionava mais mais antes lá tinha engem de fazê rapadura muê cana fazê cachaça. (Ent.04, linha 231)

Nessa época já tava tudo acabado as roda d’água aquea roda de muê cana já tava tudo aterrada por baxo...tinha a roda tacho tava tudo lá...de noite engem muía ratava tacho pra...tudo isso...tava foncionano. (Ent.04, linha 234)

PESQ.: uai então tava desativado e quando era de noite o engenho e tudo funcionava?INF.: foncionava...foncionano tudo. (Ent.04, linha 236)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Funcionar, ou Funcionar v.intr. Lat. *functio*; *functionem+ar*. Estar em exercício; exercer as funções de algum cargo ou emprego: “Havia duas horas que funcionava o conselho secreto na casa indicada” (Rebêlo da Silva).

4. Aurélio:

Funcionar [De função + -ar², seg. o padrão erudito; fr. *fonctionner*.] **V. int. 1.** Mover-se bem e com regularidade; realizar os seus movimentos; trabalhar: "libertou da gaveta da cômoda o relógio dourado, que botou para funcionar." (Edilberto Coutinho, Onda Boiadeira, p. 93).

5. Cunha:

Funcion-al, -alidade, -alismo, -amento, -ar, -ário →FUNÇÃO

Função **funcionAR** | *funcion-* 1858 | Do fr. *fonctionnaire*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

181. FORNÁIA Nf[Ssing]

16 ocorrências

Já começa assim deus pai me cunfessa...é o nome da oração né...e...no ela rezá pra deitá...tava ino deitá falava “agora nós vai deitá os menino tudo já deito já drumiu nós vai drumi tamém” ea já tinha rezado a oração dela...e sentada na boca da fornáia num cepozim assim lá no cantim. (Ent.01, linha 311)

O aterro do fugão dela era grande...os menino deitava ()de brinquedo na boca da fornaia é num gostava com medo de pegá fogo na rôpa. (Ent.01, linha 312)

O menino saía da boca da fornaia menina mais com uma raiva saía da boca da fornaia porque tinha uns boi...no pasto que nós passava tinha um boi um garrote danado. (Ent.03, linha 141)

Deu a noite e tali...aí os menino deu sono (D...) arrumô as cama pra ês lá perto de nós la na cozinha mesmo que era só treis mesmo...aí tamo lá contano caso na boca da fornáia. (Ent.04, linha 346)

Sentô na boca da fornáia contano históra...e os menino tava durmino...já era mais ô meno umas nove dez hora. (Ent.04, linha 350)

Oiava debaxo da fornáia aquês trem véi tudo que tinha aqueas bagacera véia dento da fornáia de cuzinhá garapa. (Ent.04, linha 363)

Tinha o jeito de cuzinhá né a fornáia...fornáia não era um trem pindurado assim ó que ês cuzinhava. (Ent.07, linha 281)

Eu e cumá (D...) discia o murrim pra lá chegava lá ê mandava botá fogo na fornaia nós botava fogo ê botava panelão lá pa í...judá ê carregá garapa do cocho. (Ent.08, linha 103)

Seu avô fazia muita cachaça divera...rapadura mia fia é só muê a cana põe no tacho...bota fogo na fornaia...dexa quano ea dá aquea iscuma grossa assim cê panha. (Ent.09, linha 174)

(T...C...) tinha uma casa e tinha a fornáia lembo da fornáia dele a fornáia dele...boca dele era pa dento do córgo assim. (Ent.09, linha 365 e 366)

Ê guardava o dinhêro era no aterro da fornáia sabe? ê fez um negócio igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinhêro lá dento punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntúá era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza. (Ent.11, linha 274)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: *Fornax, acis. Fem. Cic. Caminus, i. Mac. Virgil.*

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Fornalha [Do lat. fornacula.] **S. f. 1.** Forno grande.

5. Cunha:

Forn-ada, -alha →FORNO

Forno **fornALHA** XIV. Do lat. *fornācula*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

182. FRAGELO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Eu quando era mais novo tava casado de pôcos mês tava () assim aí eu peguei e...falei com (M...) ó eu vô pegá um burro lá embaxo na Laje...a (M...) disse “ó lá vai caçá fragelo”...falei “não”. (Ent.02, linha 72)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Flagello Açoute, no sentido figurado. *Vid.* Açoute.

2. Moraes:

Flagélllo s.m. Açoute; usa-se no fig.

3. Laudelino Freire:

Flagelo, ou Flagello s.m. Lat. *flagellum*. 3. Castigo, tortura.

4. Aurélio:

Flagelo! [Do lat. flagellu.] **S. m. 1.** Desgraça, adversidade.

5. Cunha:

Flagelo *sm.* ‘(fig) calamidade, castigo, tortura’ | *flagello* XIV. | Do lat. *flagellum* –i.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

183. FRESCÃO [Adj] _____ 01 ocorrência

Tempestada menina e lá era bêra de linha de trem de ferro menina é serra e quando dá um istrondo cê pensa que tá abalano tudo cê pensa que tá passano um furacão no terreno aí a parede caiu...caiu dois pé de coquêro aquê cuquirinho e um pé de laranja menina tudo nôto dia amanheceu de banda e o (T...) frescão lá em Belorizonte. (Ent.06, linha 340)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fresco Não cansado. Que teve tempo para descansar

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Fresco adj. Ant. Al. *frisc*. 6. Folgado, poupado, que ainda se não fatigou, que não está cansado.

4. Aurélio:

Fresco! (ê). [Do germ. *frisk*.] **Adj. 9.** Que ainda não se cansou; em boa disposição.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

184. FREVER [V] _____ 09 ocorrências

Burro num deu ponto d'eu laçá ele ê passô eu fui e peguei montei no animal que eu tava e freví atrás dele no mei do mato. (Ent.02, linha 75)

Gritei “o (C...B...)” a ti (R...) era surda aí o cachorro freveu lati aí ti (R...) veio... “o quê nego?” rastano a manguara ainda... “o quê nego que que foi?” (Ent.02, linha 211)

Quano foi de nôte...nós freveu na festa tava um trem doido ((risos))mais o trem tava bão demais. (Ent.04, linha 259)

Tirei o fósfo lumiei assim ó tava aquê cuê de bicho pro chão fora...formiga tava assim ó cabiçuda...freveno pro chão fora assim. (Ent.04, linha 294)

Guardava a cumida dela diariamente...ea num é nada meu não ela é/é parente lá da família do meu marido lá na Serra né...mas ea chegava na Serra as muié da Serra mandava os menino freve nea de pedrada. (Ent.09, linha 68)

Seu avô fazia muita cachaça divera...rapadura mia fia é só muê a cana põe no tacho...bota fogo na fornaia...dexa quano ea dá aquea iscuma grossa assim cê panha e iscuma tudo e depois cê dexa...ali ea vai freveno...vai freveno quano ea vai subino. (Ent.09, linha 175)

Depois tinha os concorrente do difunto lá um falava “ah o cara era bão” o ôto “ah é num valia nada” aí frevia brigá. (Ent.09, linha 338)

Aí cê tem que jueiá ... era ... num era dois pessoa não era umas dez pessoa ao redó do ... aí ia sacudino ... sacudino o arroz o arroz ia desceno ... () a paia pum lado e muntuava quano cê muntuava é ... a () de arroz ficava da artura dess' teiado ó ai deixava as muié freve. (Ent.11, linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Ferver estar em grande agitação, trabalho ou ação.

3. Laudelino Freire:

Ferver v.r.v. Lat. *fervere*. 12. Concorrer em grande número; amontoar-se, aglomerar-se (*intr.*): “tocam a arma, feve a gente, as lanças e arcos tomam, tubas soam” (Camões).

4. Aurélio:

Ferver: [Do lat. *fervere*.] **V. int.7.** Excitar-se, inflamar-se, exaltar-se, espumar, fervilhar: No comício, a multidão fervia. **10.** Animar-se, estimular-se, excitar-se: A discussão fervia.

5. Cunha:

Ferver *vb.* ‘agitar-se, excitar-se, exaltar-se’ XIII. Do lat. *fervere*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

185. FUBÁ SUADO NCm[Ssing+Adj] _____ 03 ocorrências

Teve uma casião que eu passei dois mês cumeno...angú com café fubá suado farinha...trabaiano de picá lenha pá podê fazê carvão pá podê pagá a diva. (Ent.05, linha 49)

É fubá suado né...cumia andu...cumia andu...cumia feção miúdo chei de bicho...cumia fubá suado sem gurdura...ô cumia...fazê o quê né? (Ent.10, linha 77)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Fubá: [Do quimb. fuba, com hiperbibasmo.] **S. m.1.** Bras. Farinha de milho ou de arroz. [Há o fubá grosso e o fino, a que chamam mimoso. No N.E. do Brasil pronuncia-se também (com rigor etimológico) fuba (parox.), pronúncia esta que parece ser a única nas antigas províncias ultramarinas portuguesas.]

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Fubá s. m. - farinha de arroz ou de milho cru, com que se fazem várias papas, bolos e outras confecções culinárias. | É t. afric. (B.-R.).

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro:

Fubá: • (A) • Nm [Ssing] • Afr. • Farinha de milho usada para fazer mingau ou angu. • *Aí mandô pô aquê angu de fubá de munho nas costa. Eu tenho o sinale até hoje, quemado, a mancha. ... Angu de fubá de munho nas costa. (Ent. 2, linhas 74 e 77)*

186. FUGARERO Nm[Ssing]_____01 ocorrência

Faz fuganzim arto quem qué fazê faz um giralzim a cumá (F...) fazia num giralzim agora ela leva fugarero né ea comprô um trenzim ea leva...agora banho num paga nada não mais no cumeço buscava água no reberão. (Ent.06, linha 287)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fogareiro instrumento de cozinha, para brazas, com que se guiza, ou se requenta o comer.

2. Moraes:

Fogareiro s.m. Vaso de barro, cobre ou ferro em que se accende lume em brazas.

3. Laudelino Freire:

Fogareiro s.m. do lat. **focarium*. Utensílio portátil de barro ou ferro, com fornalha, para cozinhar ou para aquecer.

4. Aurélio:

Fogareiro [Do ant. fogar, 'casa', 'fogo', 'lar' (lat. tard. [petra] focaris), + -eiro.] **S. m. 1.** Pequeno fogão portátil, de barro ou de ferro, para cozinhar ou para aquecer.

5. Cunha:

Fogo sm. **fogAR.EIRO XVI.**

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

187. FUMO Nm[Ssing]_____02 ocorrências

*O povo lá num bebia só minha vó que gostava só ela mas o resto num bibia não ea dexô herança pramim ((risos))...ea bibia e ariava né...ariava dente com fumo cê sabe né? (Ent.11, linha 225)
*Eu prendi fumá foi com esse danado desse fumo ea ariava o dente e jugava fora aquê bagaço...ô pegava ê dexava /punha lá dexava secá e fazia cigarro pitava pitava aprendi. (Ent.11, linha 226)**

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Fumo s.m. Lat. fumus. 7. Tabaco preparado para se fumar.

4. Aurélio:

Fumo¹ [Do lat. fumu.] **S. m. 1.** Tabaco para fumar; tabaco. [Sin., bras., nesta acepç.: petum, petume, petema, petima, pitura.]

5. Cunha:

Fumo *sm.* 'tabaco' XIII. Do lat. *fūmūs -i*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

188. FURQUIA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Num existia arame não e cerca de tisôra...a cerca de tisôra é o seguinte...aí ês bate as furquia aqui...e ôta aqui e põe o varão. (Ent.04, linha 424)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Forquilha. He hum páo de três pontas, que serve de tirar a palha mais miúda do trigo, depois de tirada a grossa, lançando na Eira a palha no ar.

2. Moraes:

Forquilha. s.f. Páo com três pontas de apartar herva miúda na eira, e lançá-la ao vento, para a separa do trigo.

3. Laudelino Freire:

Forquilha. s.f. Lat. furcilla. Forcado com três hastes agudas, com que se remexe a palha e o mato nos estabelecimentos agrícolas; garfo.

4. Aurélio:

Forquilha. [Do esp. *horquilla*.] Substantivo feminino. **1.**Pequeno forcado de três pontas. **2.**Vara bifurcada na qual descansa o braço do andor; descanso. **3.**Pau ou tronco bifurcado; forqueta.

5. Cunha:

Forquilha. 1813||, Esp.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Furquia • (A) • Nf [Ssing] • Esp. • Pequeno pedaço de madeira de três pontas. • *É, estaleiro. Acho que era num barranco. E punha umas furquia, sei lá.* (Ent. 1, linha 643)

Era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a históra é muito complicado sabe aí tem que levá pra roda e a roda tem o fuso cê tem que colocá a linha ali e agora funcioná a roda então agora a fiadera vem e vem sortano o gudão assim e fiano. (Ent.04, linha 12)

Fuso eu tenho um fuso aí que eu fiz pôco tempo pra mim mesmo fazê uma linha fazê um cordão que eu num tinha mais minhas linha cabô tudo. (Ent.04, linha 16)

Até de caco de cuia ês fazia o fuso a roda embaxo aí tinha que fazê uma vara desse tamãim assim ó do tamãim que queira ô menó ô maió e pá i fiano o gudão né ali cê cumeçava a linha ali e trucia ê ia penerano. (Ent.04, linha 20)

Cê puxano a linha cá e ê rodano lá...no fuso isso é fiano na mão...isso é fiano na mão agora na roda é diferente. (Ent.04, linha 22)

Tinha um fuso lá na roda agora depois da linha tá cheia mesmo podia sinhora parava a roda...parava a roda e agora aí enrolá aquela roda toda e fazê aquês nuvelo es falava uma libra...uma libra um nuvelo desse tamãim assim. (Ent.04, linha 31)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fuso de torcer linhas. “He hum fuso mais grosso em cima, que em baixo, & em cima tem huma rodinha, & na ponta do fuso, que vay por cima da rodinha, tem hum ganchosinho de ferro, ou arame, onde se prendem as linhas, para não escaparem, & se torcerem.”

2. Moraes:

Fuso. “sm. Peça de páo roliça grossa na base, que vem afinando-se, e adelgçando-se para cima. Alguns tem uma ponta de ferro com corte espiral até a ponta, e outros cabecinha nella. Deste instrumento usão as mulheres para torcer o fio, que fião, e enrolá-lo nelle até fazer certa grossura. O fuso de torcer linha, é mais grosso em cima onde tem uma roda, e sobre ella um ganchinho, onde se prende a linha.”

3. Laudelino Freire:

Fuso. ‘s.m. Lat. *fusus*. Peça de pau roliça que vai adelgçando para uma das extremidades a ponto de acabar quase em bico, e que serve para fiar e enrolar o fio até formar a maçaroca.”

4. Aurélio:

Fuso. “[Do lat. *fusus*.] **S. m. 1.** Instrumento roliço sobre o qual se forma, ao fiar, a maçaroca: “Ela dando alguns passos, ... com a sua roca, e fiando, com os dedos tão trêmulos, que o fuso lhe caía na relva.” (Eça de Queirós, Últimas páginas, p.376). [Aum.: fuseira.]”

5. Cunha:

Fuso. “sm. ‘instrumento roliço sobre que se forma a maçaroca ao fiar’, séc. XV. Do lat. *fusus*, -i.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza:

Fuso (A) s. Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. “... *mamãe punha uma linha... enfiou no fuso / que eu (pus pé num fuso)... eu quero mandar fazer um fuso assim pra mim...*” (Entr.6, linha 316)

2. Ribeiro: n/e

Quano ele de lá viu nóisi ê largô lá a sacola de trem largô tudo e juntô de galopada foi po lado do Jatobá foi rudiô lá por detrás foi isperá o ôns lá no camim do Cardoso. (Ent.09, linha 124)

Ieu num alembrei mia fia vim simbora...d’cunjuro até...de galopada até pra cima...de galopada saí no campo vim correno quano eu cheguei cá mais em cima mia fia...deu embaxo dum pau santo lá um inchadão dele pindurado lá no pau santo aí que o medo cabô de trepá. (Ent.09, linha 126)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Galopado p.p. de galopar. Andado de galope.

3. Laudelino Freire:

Galopada s.f. 2. Percurso efetuado a galope sem interrupção.

4. Aurélio:

Galopada [De galopar + -ada¹.] **S. f. 1.** Corrida a galope: "guapos e emplumados cavaleiros em grande galopada de altivo e marcial arranque" (Ramalho Ortigão, Arte Portuguesa, II, p. 175).

5. Cunha:

Galope sm. **galopADA** 1844.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

191. GAMELA Nf[Ssing] _____ 05 ocorrências

No torcê a massa aquela água vai...o purví vai assentano ô numa gamela ô no tacho que parô ea o purví vai assentano...no fundo. (Ent.01, linha 156)

Ô menina todo mundo tinha a bacia o rico...o mais que podia tê cobe pra comprá ela nós era gamela e a gamela era de tomá bãim quano chegava vizita tinha até veigonha de pô pro povo lavá pé. (Ent.06, linha 309)

Mamãe comprô uma cumprida é pa enchê d'água na epra num tinha banhêra né incarriava todo mundo os menino na gamela ea era como daqui lá ó ês fizero mesmo de propósito. (Ent.06, linha 313)

Cumpá (E...) que comprô essas gamela falô "o cumpade (P...) leva lá pros seus menino tomá...lavá pé e tomá bãim" aí quano era de noite mamãe ichia ea de água morna todo mundo encarriava. (Ent.06, linha 314)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Gamella. "Vaso de pao concavo, ou tronco vasado, comprido em que comem os porcos. // gamella também he outro vaso de pao cavado em redondo, largo, & pouco fundo, em que as mulheres costumaõ trazer maõs de carneiro."

2. Morais:

Gamella. "s.f. Vaso de páo como alguidar, ou côncavo por igual em redondo para banhos, ou lavar o corpo; para dar de beber as bestas, &c."

3. Laudelino Freire:

Gamella. "s.f. Lat. *camella*. Vasilha em forma de tigela muito grande ou alguidar, ordinariamente de madeira, em que se dá a comer aos porcos e outros animais, e serve também para banhos, lavagens e outros fins."

4. Aurélio:

Gamela². gamela² [Do lat. vulg. **gamella*, cláss. *camella*, 'certo vaso de madeira'.] **S.f. 1.** Vasilha de madeira ou de barro, com a forma de alguidar ou de escudela grande, us. para lavagem (4) e/ou para dar comida aos animais domésticos.

5. Cunha:

Gamela. "sf. _espécie de alguidar feito de madeira" XIII. Do lat. *camella*, dimin. de *camëra* "vaso para beber"

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza:

Gamela (A) s. Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar

alimentos ou mesmo para servi-los. "() *lá na parambeira / o machado tenho / pra cortar madeira / pra fazer gamela pra vender na feira / pra comprar sapato pra dançar rancheira...*" (Ent.6, linha 136)

2. Ribeiro:

Gamela • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos ou mesmo para servi-los. • *PESQ.*: *Cortava a árvore? INF. 2: Fazia uma gamela lá. (Ent. 1, linha 419)*

192. GANHAR DIA~GANHAR UM DIA Fras[V+Ssing]/ [V+art+Ssing]_____04 ocorrências

Arrumô a roça quas todo prantô... ah mia fia mais quano nós foi...foi ganhá dia...era pa muié ...eu...era dois dia pra ganhá um dia dum home...dois dia pa ganhá um dia dum home...que um home ganhava dois mirreís e a muié ganhava um. (Ent. 03, linhas 113 e 114)

Tinha uma (M...C...) que morava com nós tamém aí nós foi ganhá dia era home prum lado nós por ôto aí quano foi no dia da capina menina nós prantemo. (Ent. 03, linha 116)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

193. GARAPA Nf[Ssing]_____05 ocorrências

Oiava debaxo da fornáia aquês trem véi tudo que tinha aqueas bagacera véia dento da fornáia de cuzinhá garapa aquês trem véi tudo. (Ent. 04, linha 362)

Nós botava fogo ê botava panelão lá pa í...judá ê carregá garapa do cocho eu e cumá (D...) nós carregava iscuma botava a garapa pra fervê aí ê falava “bota o fogo mais num aperta muito não se fervê gumita”. (Ent. 08, linha 104)

Aí nos prendeu...ah é o azidume da garapa é que sobe no capelo e vira aquea aguinha branquinha...é pinga. (Ent. 04, linha 107)

Ea fica branquinhazinha ‘inda mais se pô no soli quente assim dexa ea secá fica crarinhezinha aquilo dá uma garapa mia fia mas só veno. (Ent. 09, linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Garapa. s.f. Bebida feita de calda, ou melaço com água, e limão no Brasil.

3. Laudelino Freire:

Garapa. s.f. Bebida refrigerante que se extrai da cana de açúcar. 138

4. Aurélio:

Garapa. [Der. regress. do esp. *garapiña* < esp. *garapiñar*, ‘solidificar um líquido, de modo a formar grumos’.] **S.f. Bras.** 1. Bebida refrigerante, de mel ou de açúcar com água, a que algumas vezes se adicionam gotas de limão; jacuba.

5. Cunha:

Garapa. sf. “Bebida formada pela mistura de mel ou açúcar com água” “o caldo de cana” XVI. De origem controversa. Em 1638, em carta escrita da Bahia, lê-se: “Vinho de assucar[aguardente de

cana-de-açúcar] a q cá chamão garapa[...]”.

6. Amadeu Amaral:

Garapa, Guarapa. s. f. - caldo de cana de açúcar. | É t. também corrente no Norte do Br., com ligeiras variantes. Parece que a ideia central é a de bebida melosa. Em Angola, seg. Capelo e Ivens, citados por B. - R., designa uma espécie de cerveja de milho e outras gramíneas. O fato de ser o t. conhecido há séculos no Br., e também na África, parece indicar que é de importação lusitana. Talvez originado do fr. **grappe**, ou do it. **grappa**. Garcia, seguindo a B. Caetano, dá-lhe étimo tupi-guarani.

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Garapa • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Bebida proveniente da cana-de-açúcar. • *Chegava de madrugada () ficava pono o cavalo no ingenho, um punha a cana e o oto tocava o cavalo. Chegava manhecia o dia aquela caxa grande cheia de garapa. Punha nas caxa e ia apurá! (Ent. 5, linha 320)*

194. GARRAR [V]

05 ocorrências

INF. 02: Rapei e vim bora...cheguei aqui eu priguntei quem é que morava aqui. INF. 01:: Garrô foi chutá a porta. (Ent. 02, linha 268)

Santo Antôni fazia os casamento quano a muié garrava a ganhá os menino e num queria mais os menino porque o trem era difícil né...levava de dava São Vicente pra criá...Santo Antônio fazia o casamento São Vicente ia criá os menino. (Ent. 03, linha 08)

Nós sentô na boca da fornaia contano história...e os menino tava durmino...já era mais ô meno umas nove dez hora...garrô a gemedêra lá fora...mais gimia e todo jeito tava de fazê medo memo...cê sabe aquele gimido terno que pessoa quano tá muito ruim dá. (Ent. 04, linha 350)

Quano eu entrava dent' de casa que iscuricia lá fora garrava gemê de novo. (Ent. 04, linha 355)

Quano eu chegava lá ê num me achava me procurava embaxo das cama me caçá lá mas era padrim bão que eu tiva mia fia né depois garrô ê quiria me tomá mia fia mas ô sô boba. (Ent. 09, linha 425)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Agarrar. De um célt. *garra, XVI.

6. Amadeu Amaral:

Garrá(R), agarrar. v. t. - principiar;- tomar (uma direção, um caminho); entrar, enveredar: —...garrei o mato porque num gosto munto de guerreá...! (C. P.) - —I nós ia rezano, e Sinhá, no meio da reza, garrava chingá nós...! (C. P.) —I tudo in roda daquêle garrava gritá...! (C. P.) - —Garrei magrecê de fome, mais a minha pió agonia era a sodadel. (C. P.) - —Se o negro garrá cum choradêra, botem pauzinho no uvido pra não uvi, u tampem a boca dêle...! (C. P.) - —Num garrecum molação cumigo!! (C. P.).

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Garrar • (n/A) • [V] • Celt. • Principiar, começar, iniciar alguma coisa. • *Garrá diante da inxada, hein? (Ent. 15, linha 786)*

Tinha uns boi...no pasto que nós passava tinha um boi um garrote danado que pôs eu em riba do pau uma vez mais (R...) (Ent. 03, linha 142)

Tô veno um trem iscuero era um garrote do...acho que é do (A...B...) eh mia fia eu num podia vortá pra entrá no (P...B...) ai num achava nem a portêra nem o cochete da casa do ti (T...)...iscuero mia fia aí deus ajudô que o boi foi desceno pra baxo e zuni cheguei. (Ent. 06, linha 363)

O nhô (C...) tinha um garrote quano ê precebia que as vaca la do...pra cima de casa vaca que tava no viço lá né o boi fazia assim vuvutibufu...vuvutibufu mamãe falava assim “ó o danado do garrote envem”...vai chegano e quebrano a cerca e passano pra dentro. (Ent. 08, linhas 24 e 25)

Quano o cumpá (Z...F...) chegava lá ea falava assim “ah o garrote de nhô (C...) evem...(V...) o garrote de nhô (C...) evem”. (Ent. 08, linha 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Garrote. s.m. De *garrão*. Diz-se do bezerro que completou um ano de idade.

4. Aurélio:

Garrote .[Do fr. *garrot* (< provenç. *garrot*), poss.] Substantivo masculino. **1.**Bezerro de dois a quatro anos de idade. [Fem. (bras.): *garrota* (q. v.).]

5. Cunha:

Garrote². sm. “novilho” XX. Do fr. *garrot*.

6. Amadeu Amaral:

Garrote. s. m. - bezerro novo.

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro:

Garrote • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Bezerro de dois a quatro anos de idade. • *E ê era assim gambilero. Gambilero é gente que comprava garrote, boi, porco, breganhava, vindia, comprava. (Ent. 8, linha 5)*

A lua tava inguali um dia tô ovino lá um tum tum passei a mão na garrucha aí eu abri a porta num buraco assim eu entupia um buraco assim com um trem branco que ficava pareceno um barro aí eu oiei assim falei “é um home que tá ali eu num posso atirá não”. (Ent. 02, linha 10)

O home dela...ê era mei bravo né...quano ea via que a sala tava chei de gente ê chegava tonto...espaivava nós tudo...nós tudo tinha que corrê com a garrucha no mei de nós nós ia ficá queto? (Ent. 11, linha 105)

Bebo com garrucha na mão num é? aí eu falei ó num vô vortá mais não e num vortei mais ‘té hoje...tive no Cipó uns tempo lá na...naquele trem mais a gente ia na escola tonto...cê num aprende é bosta. (Ent. 11, linha 114)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Garrucha s.f. Pistola grande: “andava armado de faca e *garrucha*” (Afrânio Peixoto).

4. Aurélio:

Garrucha [Do esp. *garrucha*.] **S. f. 1.** Bras. Pistola de carregar pela boca. [Sin., pop., nesta acepç.: *combléia*, *perereca* (bras.) e *cu-de-boi* (bras., BA).]

5. Cunha:

Garrucha *sf.* ‘pistola de carregar pela boca’ XX. Do cast. *garrucha*.

6. Amadeu Amaral:

Garrucha, s. f. espécie de pistola de cano longo: "Cheguei lá, inzaminei a casa, botei a *garrucha* in baxo do travessero... (C. P.). | É t. usual em todo o Br. Existem na língua **garrucha** e **garruncha**, com outras e várias significações.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

197. GASTAR [V] _____ 10 ocorrências

Eu ói lá na hora que...custuma na hora que ê tá bõ o ôto cá tá melado tamém...aí ê fala assim...fala ó num gasta tirá o coco não. (Ent. 01, linha 55)

Eu sô de mil novecentos e trinta e treis...num gasta nem oiá documento ((risos)) tem a minha cirtidão de casamento tem a data que eu nasci e tudo mas num pricisa. (Ent. 01, linha 189)

Se panhasse o dinhêro desse sirviço tudo que eu já fiz num gastava nem posentá ((risos)) tava rica...tava rica que nem precisava nem posentá. (Ent. 01, linha 250)

É só a gente tê fé e a cabeça...a ideia boa pra podê aprendê...né...de primero...até hoje eu sei uma oração...de...confissão...rezô ela tá confessado...num gasta ir no padre pra confessá não. (Ent. 01, linha 298)

É só pesá uma cuberta que sabia quantos quilo que gasta pra fazê uma cuberta. (Ent. 04 linha 298)

Vai na tisôra que era as vara mais fina assim e incruzava com a ôta assim e ia assim com ôto lá e lá...aí vem com ôto pau e põe aí em cima...e num gasta nada e lá dentro é a mesma coisa e fecha a redó...e prantava o eito. (Ent. 04, linha 425)

Uai gastava pinga aí pra bebê pra tê menino essas coisa pá tê corage pa tê menino fazia chá com arruda e tudo mais aí fui lá aí pus um vido no borso em vez de levá uma vazia maió lembrei foi do vido. (Ent. 05, linha 121)

Partiu o beijo dea aqui embaxo () ea saiu com o beijo tudo chei de sangue o beijo dea pindurô pra cá virô aquea broca gastava quatro ponto pra pregá mamãe mueue caivão botô gudão quemado caivão no beijo da cumá (V...) (Ent. 08, linha 43)

Batê ne mim nunca incostô a mão ne mim pa batê...não...num gastava né? tem uns que gasta coro mesmo num é? (Ent. 11, linha 94)

Pelejô mais num cheguei no lugá não falei dexe do jeito que tá...iscreveno meu nome e oiano quorqué letra aí cunheceno os número de quorqué carro aí né já tá bõ demais...num é? é ruim quano se num vê nada pro cê assiná tem que marcá o dedo mas tem muitos dicumento que gasta tempo dedo tamém né? (Ent. 11, linha 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Gastar 11. Servir-se de; usar, empregar (*tr. dir.;* *bitr.*, com prep. *em*): “Conhecemo-nos há muito para que hajamos de *gastar* mútuos *disfarces*” (Herculano)

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Gastar *vb.* Dop lat. *vastāre*, com influência do germ. *wōstjan* ou *wostan*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

198. GENEBRA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Chegô na porta do (C...B...)...menina...mais esse burro virô genebra cumigo na porta daquele (C...B...) ali. (Ent. 02, linha 160)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

199. GIMIDURA [Adj] _____ 01 ocorrência

Com de fé aí cumeçava a gemê de novo aí tornava sái com a luzi num tinha gimidura num tinha nada ea la ia quano eu ia assim pra fora ea ia junto comigo. (Ent. 04, linha 360)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

200. GOLO~GULIM~GOLIM Nm[Ssing] _____ 06 ocorrências

Eu era garotim gostava de í la chumbá uns gulim né...dançava um batuquezim...dançava um batuquezim até dez onze hora da noite né....aí eu fui e peguei dancei um batuque e bibi uns golim com (C...X...) lá né e vim bora de lá da casa do (C...X...) pra casa de quatro pé. (Ent. 02, linha 233 e 234)

Teve um que eu fui...bibi uns gulim né é...nessa casião eu tava até sortêro ô fui num córgo que tinha aqui embaxo aqui ó...nessa bêra do (J...L...) aqui embaxo tinha um córgo lá e um posso aí tinha umas moça. (Ent. 05, linha 90)

Meu pai prantava cana de fora a fora ali...meloso tava dessa artura assim ó...ieu que ia pa lá judá ê capiná...capiná o meloso...era assim mia fia cê frentava lá...ê bibia um gulim né...animava né...pobe de eu num bibia nada. (Ent. 09, linha 18)

Chegava lá largava o carguero lá papai...enquanto papai ia descarregá o cavalo e bebê um golo mais (T...C...) né...eu chuchava lá pa casa do ...da dona dele. (Ent. 09, linha 370)

Fui pra lá menina...eu bibia um golo na epra enchi...comprei os trem de cume e inchí o...eu fui mais o (E...)...enchí o saco marrei pela boca. (Ent. 10, linha 134)

Cê lembra (B...) daquês treis quarto?...treis quarto comprei um treis quarto assim de cachaça...bibi um golo lá e vim embora ((risos)) com o saco na cabeça e o menino atrás no trio. (Ent. 10, linha 138)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Golo. s.m. Pop. O mesmo que gole.

4. Aurélio:

Golo .[De *gole*.] **S.m. 1.** Pop. V. *gole*: — Quincas Borba está muito impaciente? perguntou Rubião bebendo o último golo de café (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p. 3). [Pl.: *golos*. Cf. *golo* (ô) e pl. *golos* (ô).]

5. Cunha:

Gole. 1813. De origem controversa.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Golo • (n/A) • Nm [Ssing] • Cont. • Um trago de uma bebida ou remédio qualquer. • *Intão, Nossa Senhora da Parecida. Cê custava a tomá um golo de urina. Era um santo remédio.* (Ent. 1, linha 468)

201. GRAVATÁ Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Um senguê do lado de cima era um senguê gravatá só e cipó num tinha pra onde corrê (Ent.04, linha 281)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Gravatá V. *Caravatá*, ou *Carauatá*

3. Laudelino Freire:

Gravatá s.m. Nome por que são conhecidas numerosas plantas da família das bromeliáceas, dos gêneros *AEchmea*, *Ananas*, *Nidularium*, *Bromélia*, *Dyckia*, *Hohenbergia*, *Nidularium*, *itcairna*, *Quesnelia*, *Vriesia*, algumas das quais também chamadas *caraguatá*, *caruá*, *caruatá*, *crauí*.

4. Aurélio:

Gravatá [De or. Tupi.] s.m. *Bras. Bot* V. *caraguatá*

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

CARAGUATÁ, CRAUATÁ, GRAVATÁ, s. m. - bromeliácea vulgar.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

202. GROTA Nf[Ssing] _____ 06 ocorrências

Pelejô com aquea chiata feia dê assim pra cima de mim aí eu num fui aí ê rancô foi embora foi embora mais acho que ê levô ieu porque quano eu cheguei lá em cima eu tava no mei da estrada quano ê largô ieu pros lado era grotá aí quê que eu fiz encruziei o braço em cima do burro. (Ent. 02, linha 264)

Eu lá ia lá buscá lenha e tinha um pé de coquêro cá pa baxo assim né...e lá em cima tinha um pé de coquêro e uma grotá 'ssim...tinha uma varginha tinha um lugá pertado d'subí assim. (Ent. 09, linha 42)

Ô tô oiano ele e veio te cá em baxo na berada do pé desse/dessa grota aqui desse buêro aí ó do lado de cá berano aqui do lado de lá mais berano a grota...vei chegô lá...chegô lá mia fia quano ê chegô cá ê baxô. (Ent. 09, linhas 83 e 84)

Terreno até no (T...F...) até naquele arto virano de cá da Vage Grande pra lá num tem um morro arto ali daquele pique arto lá da Varge d'Emá até naquea grotão de lá vino da (R...) pra cá aquê grotão aquê mei tudo aquê varjão era dela. (Ent. 09, linha 422)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Grota s.f. Abertura feita pelas águas na ribanceira, ou margem de um rio, e pela qual elas saem, alagando os campos marginais. || 2. Terreno em plano inclinado, na intersecção de duas montanhas; vale profundo.

4. Aurélio:

Grota [Do it. grotta (v. gruta).] **S. f. 2.** Bras. Vale¹ (1) profundo. **3.** Depressão de terreno úmida e sombria: "Durante a seca as boiadas refugiavam-se nas serras, e escondiam-se pelas lapas e grotas, onde passavam os rigores da estação ardente, que abrasa a rechã." (José de Alencar, O Sertanejo, p. 197.)

5. Cunha:

Gro.a, -ão, -esco→GRUTA

Gruta *sf.* 'caverna natural ou artificial, lapa, antro' XVI. Do napolitano antigo *grutta* (it. *gròtta*) e, este, do lat. vulg. *crypta* (cláss. *crypta*), do gr. *krýpte* 'cripta'.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

203. GRUDURA Nf[Ssing] _____ 05 ocorrências

Torra com sal e um puquim de burrai vermei né?...quente...burrai quente mesmo com uma meia cuié de ferro assim...dess' cuié da gente fazê cumida...do burrai quente pro pilão num chupá a grudura...enquanto isso tá cabano a rema do coco. (Ent. 01, linha 69)

A grudura fica iguali o ói de...fica/é o chêro dela sempre é diferente do ói de soja mais num tem rema nenhuma. (Ent. 01, linha 71)

Vai isquentano a mão de pilão de vez em quano...a hora que ea soa toca lá depressa...soca soca soca...vorta lá torna isquentá nem a mão de pilão chupa a grudura e nem o pilão tamém...conserva só quente né. (Ent. 01, linha 79)

Com essa fartura e o povo ainda passava fome...passava tinha gente que cūzinhava fazia cumida com grudura de boi...é de boi o tempo ruim era bão não cumia assim cumia nas campanha. (Ent. 11, linha 247)

O armoço andu podre chei de bicho grudura de boi farinha de mǎidoca arrosi daquele arroz vermei cê podia sentá na testa dum qu'ê caía de costa. (Ent. 11, linha 251)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Gordura s.f. A exundia, bahas, o toucinho, e a corpulência, que causa a muita celular no corpo do animal.

3. Laudelino Freire:

Gordura s.f. 2. Substância untuosa, de pouca consistência, fácil de derreter, que se encontra em diferentes partes do corpo humano e dos animais e principalmente debaixo da pele; sebo, tecido

adiposo, unto, banha.

4. Aurélio:

Gordura [De gordo + -ura.] **S. f. 1.** Quím. Designação genérica dos triacilglicerídeos ger. sólidos, que fornecem, por hidrólise, glicerina e ácidos graxos de cadeia saturada longa (p. ex., os ácidos mirístico, palmítico e esteárico) e encontrados nos tecidos adiposos dos animais (banha) ou extraídos de certos vegetais (p. ex., gordura de coco); triacilglicerídeo.

5. Cunha:

Gordo *adj.* **gordURA XIV**

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

204. GUDÃO Nm[Ssing] _____ 10 ocorrências

Pra gente panhá ele tem que panhá ele da roça e trazê pra casa né e depois tem que discaroçá ele que eu tinha o discaroçadô tamém aí e todos usava o discaroçadô...discaroçava o gudão né aí depois bateno batia no suai. (Ent. 04, linha 04)

Usava uma espécie de bodoque era assim um arco sabe com um cordão que batia o gudão...até é ficá bunitão depois de discaroçado aí agora ia pá roda depois dele discaroçado então aí ia pá fiadera tirava pá fiá ôto ia fiá e ia. (Ent. 04, linha 06)

A fiadera era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a história é muito complicado sabe. (Ent. 04, linha 11)

A fiadera vem e vem sortano o gudão assim e fiano a linha e a roda ia puxano ia enrolano a linha toda lá...sabe...a roda mesmo. (Ent. 04, linha 13)

É uma tábua quarqué sabe o povo fazia até de caco de cuia na época até de caco de cuia ês fazia o fuso a roda embaxo aí tinha que fazê uma vara desse tamãim assim ó do tamãim que queira ô menó ô maió e pá i fiano o gudão. (Ent. 04, linha 21)

La puxano aquê gudão aqui coisava ele pono é na grussura cirtinha sabe? (Ent. 04, linha 25)

Punha da grussura que queria...e a roda ia puxano...tudo que o cê tivesse boa aqui na mão cê sortava e ia ispixano o gudão e toda a linha que já tava pronta a roda ia enrolano ela lá no...ia enrolano ea sabe. (Ent. 04, linha 28)

Eu vistí muita carça de gudão camisa...nessa época fazia né. (Ent. 04, linha 54)

Cuberta de gudão branquinha né e a fronha bordada de crivo quano cumpá (Z...F...) foi deitá que foi lumiá com a lamparina assim pra deitá ((risos)) a fronha era bosta pura da maritaca. (Ent. 08, linha 06)

O beijo dea pindurô pra cá virô aquea broca gastava quatro ponto pra pregá mamãe mueue caivão botô gudão quemado caivão no beijo da cumá (V...) (Ent. 08, linha 44)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Algodam Especie de carepa, ou lanugem, muito fina, branda, & branca, como neve, que depois de caída a flor da planta, que a produz, fahe de hũ fruto semelhante à Avelãa barbada, o qual se abre em tres, ou quatro partes, & expõem à vista hum frocosinho, que com o calor se incha, & se faz do tamanho de huma noz, & o que do ditto fruto se separa, he o Algodão, chamado com nome grego *Xilon* do verbo *Xyem*, que val o mesmo, que *Rapar* porq delle fica o Algodão separado, como se o raparão. Fiase o Algodão, & com elle se fazem roupas, & serve para varias cousas.

2. Morais:

Algodão s.m. Fruto do algodoeiro; é um casulo oval, mas mais agudo, verde, que em seco descobre uma matéria de fibras tenuíssimas, que se fia, para tecido, e é mui alva; a qual tem uns caroços negros a que está pegada.

3. Laudelino Freire:

Algodão s.m. Ár. *Alkutun*. Fibra vegetal muito alva e fina que, em um casulo, rodeia as sementes

do algodoeiro.|| 2. Fio feito com essa fibra 3.|| Tecido fabricado com esse fio.

4. Aurélio:

Algodão¹ [Do ár. al-qu+n ou al-qu+un.] **S. m. 1.** Bot. Conjunto de compridos pêlos alvos e entrelaçados, macios, que revestem a superfície das sementes do algodoeiro. Aparecem em outras malváceas e em plantas de variadas famílias, onde podem receber nomes especiais, como paina, por exemplo.

5. Cunha:

Algodão. *sm.* ‘conjunto de fios alvos, macios e compridos, que envolvem as sementes do algodoeiro’ | *algodõ XIII, -dom XIII –dam XV etc. / Do ár. Hisp. al-qutun (cláss. qutn)*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

205. GUELA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

INF.: Uai nós ficamo cunheceno macarrão ...ocê lembra do guela de pato? PESQ.: um viradim grande todo riscadim. INF.: é um bitelão memo assim ó ele era um caiau memo cê fazia ele quais que treis bago inchía a panela. (Ent. 09, linha 44)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Goela. s.f. Cast. *goliella*. Entrada dos canais que poem em comunicação a bôca com o estômago e os pulmões.

4. Aurélio:

Goela .[Do lat. **gulella*, dim. de *gula*, ‘garganta’, ‘goela’.] Substantivo feminino. 1.V. *garganta* (1).

5. Cunha:

Goela. sf. *_garganta’/guela XVII/Do lat. *guella, dimin. de gula _esôfago’.* 140

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Guela • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O mesmo que garganta. • É. *A (jojo) que ês fala. Intão toca ê lá e ê já tem o lugázinho dele de chegá lá no canto. Põe a sogá. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na guela dele aqui. (Ent. 4, linha 211)*

206. GUMITAR [V] _____ 02 ocorrências

Nós carregava iscuma botava a garapa pra fervê aí ê falava “bota o fogo mais num aperta muito não se fervê gumita” aí nós falava assim “uai padim (Z...) esse trem gumita tamém?” ((risos)) que que é cumeu? ê falava “não é que tá azedo” (Ent. 08, linha 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vomitar lançar pela boca o comer, ou os humores que estão no estomago.

2. Moraes:

Vomitar v. at. Lançar o que está no estomago com esforço, pela boca.

3. Laudelino Freire:

Gomitar v.r.v. Pop. O mesmo que *vomitar*.

4. Aurélio:

Vomitar [Do lat. vomitare.] **V. t. d. 6.** Expelir com ímpeto; jorrar, verter: O ferimento profundo vomitava sangue.

5. Cunha:

Vomitar *vb* 'expelir pela boca (substâncias que já estavam no estômago)' XVII. Do lat. *vomĭtare*, interativo de *vomere*.

6. Amadeu Amaral:

Gumita(R), *vomitar*, v. t. | É forma pop. também em Port. (J. J. Nunes, p. LXXX). Cp. "goraz", de **vorace(m)**, "**golpelha**", de **vulpecula**, "**gastar**" de **vastare**; aqui mesmo, em S. P., *guapô*, "vapor".

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

207. HISPITALI [V] _____ 02 ocorrências

A minha dona ta duente ta fazeno tratamento nessa casião num tinha nem hispitali pra interná né tratava dent' de casa memo fazia consurta no dotori e vinha embora pra casa. (Ent. 05, linha 78)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Hospital Lugar público onde se curão doentes pobres.

2. Moraes:

Hospital s.m. Casa onde se curão doentes pobres.

3. Laudelino Freire:

Hospital s.m. Edifício ou estabelecimento onde se recebem e se tratam os doentes pobres em enfermarias próprias, e os que o não são em quartos ou enfermarias reservadas, onde pagam certa quota.

4. Aurélio:

Hospital [Do lat. tard. hospitale, 'hospedaria'.] **S. m. 1.** Estabelecimento onde se tratam doentes, pessoas acidentadas, etc., internados ou não; nosocômio.

5. Cunha:

Hóspede s2g. *hospital* |XIII, *espital*, XIII, *spital* XIII, *espiritual* XIV etc. | Do lat. *hospitalis* (*domus*)

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

208. HORMÔNIO DA CABEÇA NCm[Ssing+Prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Uai minha fia é por causa de burro ê istorô o hormônio da cabeça dele aí cresceu um tumore que tirô pelo nariz mais num podia tirá não. (Ent. 02, linha 180)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

209. ICARRIADO [ADJ] _____ 01 ocorrência

De tudo contuá que cê pensá...é feção...é mio...mandiocal...anduzêro...canavial bananal é...é...batatinha...batatinha nós plantava demais...melancia MENINA...lá onde nós tá falano...ocê/ocê contava eas assim ó...icarraiado. (Ent. 11, linha 78)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Encarrilhado adj. P.p. de *encarrilhar*.

4. Aurélio:

Encarrilhado [Part. de *encarrilhar*.] **Adj.** Bras. N. N.E. **1.** Seguido, ininterrupto: Choveu três dias encarrilhados.

5. Cunha:

En.carrilh.ado, -ar →CARRO

Carro ENcarrILH.AR XVIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

210. IDEIA Nf[Ssing] _____ 03 ocorrências

“Quem subé fazê a conta é...eu só de mil novecentos e trinta e três faz a conta que cê fica sabeno...a é rapidim falava “ah cê tá com a ideia boa pa fazê conta”. (Ent. 01, linha 193)

É só a gente tê fé e a cabeça...a ideia boa pra podê aprendê...né...de primero...até hoje eu sei uma oração...de...confissão. (Ent. 01, linha 297)

O vento batia na boca do vido e fazia assim u u u e eu com a ideia quente lembrano pensano que era o home que tava gritano né peguei corrê ah quano eu corri aí que ê grito derêto. (Ent. 05, linha 129)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Ideia s.f. Lat. *idea*. 9. Mente, imaginação.

4. Aurélio:

Ideia [Do gr. *idéa* < v. gr. *ideîn*, infinitivo aoristo de *horân*, 'ver'; lat. *idea*.] **S. f. 14.** Bras. Pop. V. cabeça (1): Levou uma pancada na ideia e caiu duro.

5. Cunha:

Ideia *sf.* *Idea* 1572 | Do lat. *idea*, deriv. do gr. *idea*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

211. ILUDIDO [ADJ] _____ 03 ocorrências

Falei com a mamãe “ô mãe tô com uma vontade de matá o papai mais de que tudo” ea foi e falô “(P...) dexa de bobage...dexa de bobage” num fica iludido com isso não morre esse trem. (Ent. 02, linha 244)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

212. IM ANTE [Loc.Adv] _____ 03 ocorrências

Ê pegô e deu uma foiçada no pé do coquêro levantô a foice deu ôtra foiçada im ante de enterá a tercêra eu falei “o nêgo vem cá cê num vai fazê nada não cê vai ficá vigiano é (D...) aqui ô”. (Ent.04, linha 109)

Eu tava mexeno com tratamento falei “ah eu vô no jubileu agora í mais dia levá ô barraca ô lugá um quarto lá mais tem que í bem im ante porque se í perto muito num acha barracão não. (Ent.06, linha 281)

Quano mamãe bibia quano ea bibia pinga...ago’ é crente né já tem uns quarenta ano que ea num bebe cachaça...ea foi fazê zuêra naquela igreja evangélica né aquê trem todo lá tonta né aí ea foi atravessá um negoço assim um povo pôs um cipózão na estrada assi im ante dea chegá perto assim ea falava ô piso nesse cobra. (Ent.10, linha 52)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

In antes. em antes, loc., usada as vezes pela forma simples —antes! —Estive lá ainda *em antes* que ele chegassel.

Registro em Glossários

1. Souza:

Em antes (n/d) loc.adv. Antes, anteriormente. “... *mas em ante dessa barragem aí esse rio dava enchente de fazer medo viu?*” (Entr.4, linha 231)

2. Ribeiro:

Em antes• (n/A)• [loc adv]• Antes, anteriormente. • *Eu vô fazê só mais uma verdura e o arroz. É iguale ieu. Se eu fô fazê, tem o arroz pronto, se o L. num fô sai trabuçano em antes do armoço, ieu isquento aquele ali que eu fiço onti. (Ent. 13, linha 10)*

213. IMBIGADA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

O home vai tirá lá o recortado lá pra dançá pegô riscô o dedo na viola e deu a imbigada na (L...)

caiu teso virado pa trás. (Ent. 03, linha 14)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Umbigada [De umbigo + -ada¹.] **S. f. 3.** Bras. Nas danças de roda trazidas pelos escravos bantos, pancada que o dançarino solista dá, com o umbigo, na pessoa ou nas pessoas que vão substituí-lo.

5. Cunha:

Umbigo **sm. umbigADA XX.**

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

214. IMBIGO Nm[Ssing]

03 ocorrências

O menina mais num tem muitos ano que ea morreu...(T...) cortô o imbigo do (L...) que ti (M...G...) quebrô o braço e num pode vim assim mesmo ea brigô de ciúme que os premero é pirigoso. (Ent. 06, linha 146)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Umbigo. “Embigo. Vid no seu lugar. O primeiro parece mais próprio pela analogia, que tem com *umbilicus*, que em latim significa o mesmo. Porém o uso he por embigo.”

2. Moraes:

Umbigo. “V. *Embigo*, como se diz ordinariamente.”

3. Laudelino Freire:

Umbigo. “s.m. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical.”

4. Aurélio:

Umbigo. “[Do lat. *umbilicu*, pela f. **umbiigo*.] **Substantivo Masculino 1.** Anat. Cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical. 2. Bot. Formação mais ou menos desenvolvida que se nota no centro e na base de certos frutos, como, p. ex., a laranja-da-baía.¶

5. Cunha:

Umbigo. **sm.** ‘cicatriz no meio do ventre, originada pelo corte do cordão umbilical’ / XVI, *embiigo* XIII, *yubiigo* XIV, *embijgo* XIV etc. / Do lat. *umbilicus* –i.

6. Amadeu Amaral:

Imbigo. “s.m. //”Embigo é forma popular

Registro em Glossários

1. Souza:

Imbigo (n/A) s. Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigo – caso de assimilação). “...quando eles cortava imbigo a gente fazia era azeite... () pra passar no imbigo... e era assim... aí com três dia... quatro... o imbigo caía..” (Entr.9, linha 123)

2. Ribeiro:

Imbigo • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat. • Cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical. Variante antiga de umbigo (Umbigo > imbigo – caso de assimilação). • *Aí fazia também um de pô no imbigo/redondinho/vai as tirinha por riba/sabe como a mãe fazia aquilo/fazia pos quarto iscondida. Enfiava de baixo da cama. Óia o tanto que nós era bobo.* (Ent. 1, linha 575)

215. IMBIRA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Um dia passô ês dois conversano aí ês falô assim é “Cipó já foi cipó mais hoje ela é imbira...virô imbira” (Ent. 03, linha 132)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Embira s.f. Planta, cuja casca tem uma fibra branda, e rija, da qual já se teceu bom breu, e póde suprir canamo. Dá-se no Brasil, e serve lá de atar: há várias espécies, a uma das quaes lhe camão *guachima*, e desta se teceu em Hollanda para amostra, por diligencias de um nosso Official da Marinha, tão bom Official, como Fidalgo, e patriota. H. Naut.

3. Laudelino Freire:

Imbira s.f. *Bot.* O mesmo que *ibira*.

Ibira s.f. Arbusto anonáceo, também chamado *coajerucú* (*Xylopia frutescens*, Aubil.). || 2. Fibra da casca dêsse vegetal.

4. Aurélio:

Embira [Do tupi.] **S. f. Bras. 3.** Qualquer casca ou cipó usado para amarrar.

5. Cunha:

Embira *sf.* ‘fibra vegetal usada como corda’ |1574, *envira* 1587, *jmvera* 1618, etc.

6. Amadeu Amaral:

Imbira s. f. fibra vegetal que se emprega como corda.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

216. IMBORBUAR [V] _____ 01 ocorrência

Nessa noite num drumí nada pr’ela...o trem imborbuiô tudo...é. (Ent. 09, linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Borbulhar Borbulhar sahir a borbotens. Diz-se da agoa fervendo, ou a crespidão, quando nace agoa com fúria para cima.

2. Moraes:

Borbulhar v.n. Rebentar, sair em borbulhas algum líquido, agitar-se fazendo-as.

3. Laudelino Freire:

Borbulhar v.r.v. De *borbulha+ar*. Sair em borbulhas, em bolhas ou em gotas frequentes (*intr.*; *tr. ind.*, com prep *de*, *em por*): “as águas *borbulhavam*, como se fervessem” (C.Neto)

4. Aurélio:

Borbulhar [Do esp. *borbollar*.] **V. t. c. 1.** Sair em borbulhas, bolhas, ou gotas frequentes: “gotas de suor borbulhavam na raiz de seus belos cabelos negros.” (José de Alencar, Senhora, p. 232).

5. Cunha:

Borbulhar *vb.* ‘sair em, ou formar borbulhas, bolhas ou gotas frequentes’ XVIII. Talvez do cast. *borbollar*, de uma reduplicada **bobollar*, deriv. do lat. *bullāre* ‘ferver, formar bolhas’ ‘cobrir-se de bolhas’, de *bullā*, ‘bolha’

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

217. ICANJICADA [ADJ] _____ 01 ocorrência

Mamãe tava tomano o reméido dela a mamãe intuxicô tudo né ficô toda incanjicada assim ó coçano sangue saía que só cê veno. (Ent. 09, linha 134)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

218. ÍGUALI [ADJ] _____ 01 ocorrência

Ê sabia do modo nosso de abri porta né...num tinha chave não aí tô durmino a lua tava íguali um dia tô ovino lá um tum tum passei a mão na garrucha. (Ent.02, linha 09)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Igual Iguál (Termo relativo). O que he do mesmo tamanho, que outro, o que tem a mesma quantidade, ou qualidade.

2. Moraes:

Igual adj. Que tem a mesma grandeza contínua, ou numérica, que outro.

3. Laudelino Freire:

Igual Tem a mesma quantidade, qualidade, valor, forma ou dimensão que outro. || 2. Que é da mesma condição, da mesma categoria.

4. Aurélio:

Igual [Do lat. aequale.] **Adj.** 2 g. **1.** Que tem a mesma aparência, estrutura ou proporção; idêntico, análogo: Esta casa é igual àquela.

5. Cunha:

Igual *adj.* 'idêntico, que tem as mesmas características, uniforme, inalterável' | XIII, *yigual* XIII etc. | Do lat. *aequālis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

219. INCERRAÇÃO DE CAPINA NCmf [Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

INF.:...Eu sabia até as música de boiadêra mais agora num lembro boba num lembro a musica dê não comé que era que ês cantava não. TERC.: nó gente se lembrasse né...é interessante. INF.: é...comé que era...depois tinha incerração de capina...tinha doce. (Ent. 07, linha 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

220. INFEITAR [V] _____ 03 ocorrências

Peguei esse burro menina tinha uma moça lá na fazenda do home a moça foi e trepô na régua do curral e esse burro infeitô bunito. (Ent. 02, linha 128)

Infeitô bunito cortei esse burro na taca quano chegô perto da moça eu fui e levei a mão pra pegá no braço da moça o pai dela gritô "num faz isso c'ela não que ocê me mata ela". (Ent. 02, linha 130)

O cachorro chegô ali no arto deu uma batida deu uma batida até bunita falei ô vai saí aqui aí quano eu oiei envia uma luz igual aquela lá aí ea infeitô pro meu lado assim ea fisgô ne mim. (Ent.02, linha 277)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Enfeitar v.r.v. Lat. *infectare*. 8. Tomar confiança; atrever-se (*pr.*)

4. Aurélio:

Enfeitar [Do port. (ant.) afeitar (q. v.).] **V. p. 10.** Bras. Esquecer-se de sua posição inferior; tomar confiança; atrever-se: "Andava-se enfeitando para uma roxinha, noiva dum vaqueiro." (Coelho Neto, Treva, p. 74.)

5. Cunha:

Enfeitar *vb.* 'ornar, embelezar' XVII. Do a. port. Afeitar (séc. XIII), com troca de prefixo.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

221. INHAMBU Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Tinha muito passarim codorna perdiz tinha muita aqui num tô veno mais...os passarim que existia inhambu num tem mais...codorna nós chegava como daqui ali eas chegava até ali ó piano um tanto de codorna aí ó era perdiz num tem nada mais. (Ent.04, linha 394)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Inhambú s.m. O mesmo que *inambú*

Inambú s.f. Do *tupi*. Nome de várias espécies de aves perdíceas.

4. Aurélio:

Inhambu [Do *tupi*.] **S. m.** Bras. Zool.1. Designação comum às aves tinamiformes tinamídeas, gêneros *Tinamus* e *Crypturellus*, características da região neotrópica, e desprovidas completa ou quase completamente de cauda: "Piava inhambu por tudo quanto é lado" (Carmo Bernardes, Jurubatuba, p. 45).

5. Cunha:

Inambu *sm.* ‘ave da fam. Dos tinamídeos’ | *nambu* 1587, *inhambu* 1618, *nābu* 1624 etc. | Do tupi *ina’mu*.

6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

222. INJUNTAR [V] _____ 01 ocorrência

Agora cabava de sai a água...a massa ficava ‘té quente...bem ispaiadinha no saco...que se ela injuntá assim no mei do saco ea num ‘perta não ea fica mole. (Ent.01, linha 249)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Juntar humas cousas com outras.

2. Morais:

Juntar v.at. V. Ajuntar. Cam. Son. 44.*aquelle saber grande, que juntou esprito, e corpo em liga generosa.*

3. Laudelino Freire:

Juntar v.r.v. De *junto+ar*. O mesmo que ajuntar: “A aliança *juntava* o sangue das duas casas inimigas” (Rebêlo da Silva)

4. Aurélio:

Juntar [F. aferética de ajuntar, ou de junto + -ar².] V. t. d. **1.** Ajuntar (q. v.)

5. Cunha:

Junto **juntAR XIII**

6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

223. INRESTAR [V] _____ 01 ocorrência

Quano nós inrestava pra í num lugá e tinha que levá e ela já tava cansada mia fia que penô muito com marido e penô com a famía pra cabá de criá nóisi. (Ent.06, linha 12)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

224. INTÉ¹ [Prep] _____ 02 ocorrências

Cê põe quato ... quato feche de arrozí em pé pa cima e vai tazeno os ôto aqui assim ó ... ó... ó... vai

desceno vai rudiano ruidiano rudiano ele vai desceno inté ê ficá dessa artura. (Ent.11, linha 35)
PESQ.: E era muita gente que tinha?muita gente naquele tempo que tinha o bichinho? INF.: Inté
hoje por aqui tem...tem...tem por aqui mesmo tem uns treis ou quatro que tem ele no vidro aí.
(Ent.11, linha 159)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Inté. “prep. Ant. e pleb. O mesmo que até.”

4. Aurélio:

Inté. “Prep. Ant. Pop. **1** .Até: ‘Inté veludos e crinolinas, sutaches e aljofres eram encontradiços nas vendas.’(Nélson de Faria, Cabeça Torta, p .8).l

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Inté. “até, prep. e adv.”

Registro em Glossários

- 1.Souza:

Inté (A) Prep. Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). Cf. **anté**. “... () qu’eu tou aí com Deus... inté hoje... ainda vejo muita coisa...” (Entr.8, linha 284).

2. Ribeiro:

Inté • (A) • [Prep] • Limite em um espaço de tempo. Variante de até (até > inté – caso de alçamento com nasalização). • Ah! Cidade é uma baruieira danada, né? Às veiz a gente ta durmino, acorda inté assustada, né? (Ent. 12, linha 206)

225. INTÉ² [Adv] _____ 06 ocorrências

Parece inté uma brincadêra ieu envinha desceno sozim peguei a barriguêra e envinha desceno sozim com um pelego vermei na mão pra carçá a cabeça. (Ent.02, linha 84)

Já deu inté o indereço pra menina mais a (N...) acho que tem assim ah num sei ea num tem nimação pra levá a gente na casa de gente...meus amigo. (Ent.06, linha 188)

Lá mamãe morô até casá morô dindim (E...) morô lá inté fazê o casamento de mamãe. (Ent.06, linha 380)

Tinha dinhêro dê mesmo comprô inté essa máquina que ô tenho aí te hoje tenho ea té hoje aí. (Ent.07, linha 266)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Inté. “prep. Ant. e pleb. O mesmo que até.”

4. Aurélio:

Inté. “Prep. Ant. Pop. **1** .Até: ‘Inté veludos e crinolinas, sutaches e aljofres eram encontradiços nas vendas.’(Nélson de Faria, Cabeça Torta, p .8).l

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:

Inté. “até, prep. e adv.”

226. INTRAMIAR~INTRIMIAR [V] _____ 03 ocorrências

Dêxa um poquim só da água...que no ele inchugá pá podê aquela aguinha intrameia...dêxa só um

poquim. (Ent.01, linha 263)

A água intrameia né a gente já num vê ela mais na hora que o pruví azeda...é o purvi mió que tem. (Ent.01, linha 268)

Nós aprendeu a dançá baile ali com as negada do Açude nó eu dançava que nem uma condenada iscundido meu irmão prometeu de atirá nas mias perna e eu intrimiava no mei do povo e frivia no baile. (Ent.06, linha 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Entremear Estar no meyo de duas cousas. Ser entremedio.

2. Moraes:

Entremeiar v.n. Estar de permeyo.

3. Laudelino Freire:

Entremear v.r.v. De *entremeio*+ar. Pór de permeio (*tr.dir*): “e ei-lo *que* pelos termos vis que êle *entremeia* destrue tudo” (Filinto Elísio)

4. Aurélio:

Entremear [De entr(e)- + meio¹ + -ar².] **V. t. d. e i. 2.** Meter de permeio; misturar, entressachar; intermeter, intermediar: entremear trigo com cevada; "uma certa maneira de exprimir as ideias, entremeando calemburgos com palavrões sonoros" (Inglês de Sousa, O Missionário, p. 80).

5. Cunha:

Entre.mear, -meio →MÉDIO

Médio ENTREMEAR XVII. Forma divergente popular de *intermediar*.

6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

227. INTUXICAR (/ʃ/) [V] _____ 01 ocorrência

Mamãe tava tomano o reméido dela a mamãe intuxicô tudo né ficô toda incanjicada assim ó coçano sangue saía que só cê veno. (Ent.09, linha 136)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Intoxicar (e der). Grafia errônea de *entoxicar* (e der).

Entoxicar v.tr.dir. de em+tóxico+ ar. O mesmo que envenenar.

4. Aurélio:

Intoxicar (cs). [De in-¹ + tóxico + -ar².] **V. t. d. 1.** Envenenar, toxicar.

5. Cunha:

In.toxic.ação, -ar →TÓXICO

Tóxico INTOXICAR 1874. Do fr. *intoxiquer*, deriv. do lat. med. *intoxicāre*.

6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

228. INXADA DE ARADO NCf[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

Em carroça de burro gastava cinco dia pra í...dois dia e mei pra lá dois dia e mei pra cá gastava

cinco dia pra í e vortá...tinha que buscá arado...é bico de arado inxada de arado rudía cabo de arado é ruero de arado tudo tinha que buscá lá fora. (Ent.05, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

229. INXADÃO Nm [Ssing] _____ 02 ocorrências

Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu com gaiola e inxadão lamparina chucho tudo tava com ês chegô lá menina cachorro...cachorro pegô o tatu. (Ent. 09, linha 199)

Cheguei cá mais em cima mia fia...deu embaxo dum pau santo lá um inxadão dele pindurado lá no pau santo aí que o medo cabô de trepá mais eu tava no arto do campo.(Ent. 09, linha 227)

Registro

em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Enxadão s.m. V. *Alvião*.

Alvião s.m. Espécie de enchada, que tem uma ponta na parte na parte oposta ao dente, ou pá.

3. Laudelino Freire:

Enxadão s.m. O mesmo que *alvião*.

4. Aurélio:

Enxadão [De enxada + -ão¹.] **S. m.1.** Instrumento encabado, de ferro, com uma extremidade larga terminada em gume e a outra estreita como o bico da picareta, usado na agricultura ou no desaterro; alvião, marraco.

5. Cunha:

Enxada sf. **enxadÃO** | *exadões* pl. XIV.

6. Amadeu Amaral:n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

230. INXEMPRO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Era assim agora quano fosse no ôto ano por inxempro que cê fosse prantá ali...aquea cerca...sê podia prantá naquele lugá uns dois ô treis ano...mais aí se ocê prantava ali uns dois treis ano cê num ia prantá aquí mais cê roçava um ôtro pedaço. (Ent.04, linha 430)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Exemplo s.m. Lat. exemplum. 5. Causa semelhante ou análoga àquilo de que se está tratando ou falando.

4. Aurélio:

Exemplo¹ (z). [Do lat. *exemplu*.] **S. m.** Por exemplo . **1.** Expressão que antecede a menção de um ou mais casos individuais e ilustrativos de uma ideia ou conceito geral. [Abrev.: p. ex.]

5. Cunha:

Exemplo *sm.* ‘modelo’ | XIV, *exemplo* XIII, *eixeplo* XIV, *eyxemplo* XIV etc. | Do lat. *exēplum*.

6. Amadeu Amaral:

Inzemplo, *exemplo*, s. m. | "E porque he cousa muy proveitosa seguir o enxemplo desta honrada senhora..." ("Castelo Perigoso". séc XIV).

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Inxemprar • (n/A) • [V] • (n/e) • Aprender com os próprios erros. • *Aí pegô, ê num ixemprava não.* (Ent. 2, linha 225)

231. ISCAMUÇAR [V] _____ 02 ocorrências

A menina tinha tava com menos de dois ano...cobra iscamuçô menina...iscamuçô que eu andei/me trôxe até ali ó...mais um cobruço cobra preta. (Ent.10, linhas 05 e 06)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

232. ISCANGAIAR [V] _____ 01 ocorrência

Ea foi abriu a porta aí fui entrá dent’ de casa oiei falei “ah” iscangaiei a foice aquea foice moladinhazinha vazadinhazinha ô tinha comprado. (Ent.04, linha 206)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Escangalhar v.r.v. Corr. De *escanganhar*. Desconjuntar, desmanchar (tr.dir.; pr.): “*Escangalho as cadeiras e não arranho nada*” (C. Neto)

4. Aurélio:

Escangalhar [De es- + *cangalho*1 + -ar2.] **V. t. d.2.** Estragar, arruinar, destruir: *escangalhar um brinquedo; escangalhar a saúde.*

5. Cunha:

Escangalhar →CANGA¹

Canga **EScangALH.AR** vg. ‘desconjuntar, arrebentar’ 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

A gurdura já cumeça subí...aquea iscuma crarinha...do jeito que tá a iscuma fica a gurdura...é crarinha mermo...ah pa fazê fritura nem tem melori que a gurdura que/faz aqui. (Ent.01, linha 42)

Discia eu e cumá (D...) discia o murrim pra lá chegava lá ê mandava botá fogo na fornaia nós botava fogo ê botava panelão lá pa í...judá ê carregá garapa do cocho eu e cumá (D...) nós carregava iscuma botava a garapa pra fervê aí ê falava “bota o fogo mais num aperta muito não se fervê gumita”. (Ent.08, linha 104)

Seu avô fazia muita cachaça divera...rapadura mia fia é só muê a cana põe no tacho...bota fogo na fornaia...dexa quano ea dá aquea iscuma grossa assim cê panha e iscuma tudo e depois cê dexa...ali ea vai freveno...vai freveno quano ea vai subino. (Ent.09, linha 174)

Se dexá a iscuma ea num dá rapadura que presta...aí quano ea /depois que vai dano iscuma cê vai panhano...até ficá limpinhazinha depois ea vai subino subino e depois ea pega a pitá pitano pitano assim ó quano ea pega pitá ocê pega uma vazia d'água e pinga lá dento cê mexeu lá a puxa tá dura assim ó cê pó tirá fora. (Ent.09, linha 177)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Escuma Escúma. Efferevecencia, ou fervura da agoa violentamente agitada como a escuma do mar na tormenta, ou superfluidade excrementícia, & ventosa, que se separa da sua matéria, & sobe à superfície pella força do calor, como escuma da penella, que começa a ferver. Fingem os Poetas, que naccera Venus da escuma do mar. *Spuma*, & *Fem. Virgil*.

2. Moraes:

Escuma s.f. (do Bretão *scum*) As bolhas, que se fazem na superfície d'água anassada, principalmente, em que se desfez sabão, e assim em outros líquidos. “já na água erguendo vão...Com as argêntas caudas branca *escuma*” *Lus. II. 20*.

3. Laudelino Freire:

Escuma s.f. Provn. *Escume*. Agrupamento de pequenas bôlhas cheias de ar ou de um gás que se forma num líquido quando êste é agitado, quando se ferve ou fermenta; espuma.

4. Aurélio:

Escuma [Do germ. skûms.] **S. f. 1. V.** espuma: "Da branca escuma os mares se mostravam / cobertos" (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, I, 19).

5. Cunha:

Escuma *sf.* ‘espuma’ XIV. Do lat. med. *schuma*, deriv. do frâncico **skūm*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

Lá no engém lá tinha uma bica d'água assim...cumpá (A...) chegava lá com o dedo no ovido sacudino assim nos uvido assim ((risos)) e rapadura na grade lá já...nóis iscumava tacho com a lanterna...quano tava ventano iscumava co'a lanterna...inquanto tava de soli...quano num tava ventano...nós escumava com lamparina. (Ent.09, linha 35)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Escumar Tirar escuma. *Spuma eximere*. Escumar a panella.

2. Moraes:

Escumar v.at. Limpar da escuma: v.g. *escumar a calda, a panella*.

3. Laudelino Freire:

Escumar v.r.v. De *escuma*+ar. 3. Tirar escuma a (tr. dir) “*Escumar a panela*”.

4. Aurélio:

Escumar [De *escuma* + -ar¹.] **V. t. d. 1.** V. espumar: "Mastigam os cavalos escumando / Os áureos freios, com feroz semblante" (Luís de Camões, *Os Lusíadas*, VI, 61); "os cavalos nitriam e escumavam de impaciência." (Álvares de Azevedo, *Obras Completas*, II, p. 138).

5. Cunha:

Escumar **escumAR XVI.**

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

235. ISCURRUPIÃO Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

Ô num sei nem ispricá que o bicho que pulô ne mim...ô tava aqui ó lá no terrero ê pulô ne mim...um bicho assim ó num sei que bicho que era não...é isperto demais...tem uns bicho isperto demais...né rato não num sei que bicho parece iscurrupião. (Ent.10, linha 106)

Parece iscurrupião...ê é dê tamãim assim ó...parece iscurrupião ê parece carangonço. (Ent.10, linha 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Escorpião Vid. tom.3 do Vocabul. O Adagio Portuguez diz: Quem do escorpião está picado, a sonbra o espanta: *Porque qualquer petição/ (Seja qual for a razão)/ Traz a peçonha no cabo/ Como traz o escorpião.* Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thal. fol 209. Vid. lacrao. Tom. 5 do Vocabul.

2. Moraes:

Escorpião s.m. Lacrao.

3. Laudelino Freire:

Escorpião s.m. Lat. *scorpio*; *scorpionem*. Zool. Aracnídeo da família dos pedipalpos, que tem uma cauda terminada por dardo, na basa do qual existem dois orifícios por onde se escapa um líquido venenoso; lacrau.

4. Aurélio:

Escorpião [Do lat. *scorpione*.] **S. m. 1.** Zool. Designação comum aos animais artrópodes, escorpionídeos, providos de 12 segmentos abdominais, dos quais os cinco posteriores formam com o telso uma cauda terminada em aguilhão, através do qual é inoculada a peçonha. [Sin.: carangonço, lacrau, rabo-torto.]

5. Cunha:

Escorpião sm. ‘lacraia’ | *escorpyom XIV* | Do lat. *scorpīō – ōnis*, deriv. do gr. *skorpíos*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

236. ISMURRAR [V] _____ 01 ocorrência

Fazia era assim sozinha e deus ismurrava com essas coisa é...quan’ eu morava com o pai né...sortera...fazia farinha de mǎidoca...mǎidoca buscada na cabeça bem longe ieu mesmo rancava...levava pa casa. (Ent.01, linha 84)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Esmurrar MURRO

Murro sm. ESMURRAR XVIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

237. ISPARRELA Nm[Ssing]_____01 ocorrência

A pessoa quano cai nalgum isparrela eas tá ino é por gosto né (D...)? cê entendo o que que é o bãõ e o que que é o ruim né. (Ent.06, linha 123)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Esparella Vit. Tomo 3 do Vocabulario: *Anda armandolhe* Esparrela/ *Cuma filha bonitinha/ Que eu fico que caia nela.* Obras Metric. de D. Franc. Man. Viol. de Thal. pag.237.

2. Moraes:

Esparrélla s.f. *Cair na esparrela*, no fig. No engano, logração.

3. Laudelino Freire:

Esparrela s.f. 3. Engano, logro, cilada: “*Não entrarás em tua casa sem cair numa esparrela!*”

4. Aurélio:

Esparrela [De or. obscura.] S. f. **Cair em esparrela** 1. Deixar-se lograr; deixar-se pegar; cair no logro; cair no anzol; cair na ratoeira; ir na onda.

5. Cunha:

Esparrela sf. ‘logro, engano’ XVII. De etimologia obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

238. ISPINHELA CAÍDA Fras[Ssing+Adj]_____01 ocorrência

Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igalzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém...jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora. (Ent.09, linha 491)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Espinhela Espinhéla. He huma cartilagem, ou uma espécie de osso brando, & flexível que esta no fim do peito, pegada ao osso *Stenon*, a qual cartilagem chamão os médicos *Cartilago enfi formis*, ou *mucronata*, ou *Xifoís*, do grego *Xiphos*, que val o mesmo que *Espada*, como também porque serve para escudo, e defesa da boca do estomago; alguns lhe chamão *Propugnatum Stomachi*, outros por outras razões lhe chamão, *Malum granatum*, & *malum punicum*. Cahe a Espinhela, ou para melhor dizer relaxase, ou torcese, por causas, extrinsecas, como, quedas, forças, pesos, ou por causas intrinseca, como tosses violentas, copia de humores, alimentos e bebidas muito humidadas, &

frias, & relaxandose ofende as partes sobre que está caída, ou dobrada.

2. Morais:

Espinhela s.f. Cartilagem, que remata interiormente o *Sternon*. §*Cair a espinhela*; relaxar-se a tal cartilagem.

3. Laudelino Freire:

Espinhela caída s.f. Expressão inexacta com que o vulgo ignorante define a dor no esterno, causada por doença ou fadiga: “O doente de *espinhela caída* acusava um peso muito forte e perene no peito e a impossibilidade de levantar as mãos juntas à mesma altura.” (V. de Taunay).

4. Aurélio:

Espinhela [De espinha + -ela.] **S. f. Espinhela caída.** Bras. Pop. **1.** Designação comum a numerosas doenças atribuídas pelo povo à queda da espinhela.

5. Cunha:

Espinha sf. **espinhELA** | *espinhella* XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

239. ISPRITO Nm[Ssing]_____05 ocorrência

Com deus me deito com deus me alevanto...com a graça divina e o sinhô isprito santo. (Ent.01, linha 333)

Assim mesmo jesus me cura...isso aí...com {deus pai deus filho deus isprito santo amém}(Ent.01, linha 378)

Isso...quem pricisa tem falá é assim...com deus pai deus filho deus isprito santo amém. (Ent.01, linha 443)

Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fi da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura E de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igalzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém....jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora. (Ent.09, linha 490)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Espirito Espírito. Substancia vivente, incorpórea & immaterial. Dizse de Deos, dos Anjos e dos Demonios.

2. Morais:

Espirito por *Espirito*.

3. Laudelino Freire:

Espirito s.m. *Pop.* O mesmo que espírito.

4. Aurélio:

Espirito [Var. sincopada de espírito.] **S. m. 1.** Ant. Pop. Espírito.

5. Cunha:

Espírito *sm.* ‘parte imaterial do ser humano, alma’ | XIII, *spi-* XIII, *esperito* XIII etc. | Do lat. *spīritus* – *ūs*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

240. ISPRIVITADINHAZINHA [ADJ]_____01 ocorrência

Falava as palavra ispprivitadinhazinha...dava pra aprendê uai. (Ent.01, linha 327)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

241. ISTALERO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Mais a gente compra bambu faz um istalero assim ()faz fuganzim arto quem qué fazê faz um jirauzim a cumá (F...) fazia num jirauzim agora ela leva fugarero. (Ent.06, linha 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Estaleiro [F. metatética de asteleiro < astela, lat. *astella, por *astula, por assula, 'lasca'.] **S. m. 2.** Bras. N.E. Leito de paus sobre altas forquilhas, que é uma espécie de jirau onde se põe a secar milho, carne, etc.

5. Cunha:

Estalar **estalEIRO XIII**

6. Amadeu Amaral:

Estalêro, s. ra. - armação de madeira para plantas que trepam, como abóboras; espécie de jirau.

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

242. JAPONA Nf[Ssing] _____ 02 ocorrências

Foi o quê que ê fez tirô a japona ê tava com dois japona né... tiro uma japona dê e deu pra ea bistí pês ea no carro levô ea no Conceição do Serro e tôrxe ea ...sortô no mesmo lugá. (Ent. 09, linha 62)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Japona s.f. Ital. *gippone*. Pop. Espécie de jaquetão ou camisola.

4. Aurélio:

Japona¹ [Subst. de japona, fem. ant. de japon (o moderno é japo -- q. v.).] **S. f. 1.** Mar. Abrigo de frio, curto, espécie de jaquetão em geral de pano azul-ferrete, us. por oficiais e praças por cima do uniforme: "Moços e marinheiros, encolhidos e trêmulos de frio, nas suas já alagadas japonas d'oleado, cantavam pressagamente" (Virgílio Várzea, Nas Ondas, p. 16). **2.** Casaco esportivo, de lã grossa, inspirado no modelo da japona (1), e adotado na indumentária masculina e feminina.

5. Cunha:

Japona sf. 'espécie de jaquetão' XIX. Do top. *Japão*.

6. Amadeu Amaral:

Japona, s. f. - espécie de capa de baeta.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

243. JARACUÇU CABEÇA DE PATO Ncf[Ssing+Ssing+prep+Ssing]_____01 ocorrência

Inventei de fiá essa mão aqui ó...a mão esquerda essa é a mão esquerda...enfiei a mão assim ó quano eu enfiei a mão assim ó saiu aquê bicho/aquea BICHONA com aquê cabeção assim ó ((risos))côba jaracuçu cabeça de pato. (Ent. 10, linha 31)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Jararacuçu s.m. Cobra venenosa, comprida e verde-negra (*Lachesis alternatus*).

4. Aurélio:

Jararacuçu [De jararaca + -uçú.] **S. f. e m.** Bras. Zool. 1. Reptil ofídio, crotalídeo (*Bothrops jararacussu*), comum nas regiões baixas e alagadiças desde o litoral S. e L. até a região C.O. do Brasil, de dorso amarelo-escuro com largas manchas laterais levemente unidas ou confluentes; comprimento: até 2,20m.

5. Cunha:

Jararaca **jararacUÇU** c 1584.

6. Amadeu Amaral:

Jararacuçu, s. f. - jararaca grande.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

244. JIRAU Nm[Ssing]_____02 ocorrências

A gente compra bambu faz um istalêro assim ()faz fuganzim arto quem que fazê faz um jiralzim a cumá (F...) fazia num jiralzim agora ela leva fugarero. (Ent. 06, linha 286)

Eu chuchava lá pa casa do ...da dona dele chegava lá tinha aquela purção de cama de jirau assim ó 'quea purção cada cama tinha um balaím d'buneca dibaxo. (Ent. 06, linha 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Jirau s.m. 3. Palanque, dentro de casa, entre o pavimento e o teto, para arrumação de objetos vários.

4. Aurélio:

Jirau [Do tupi.] **S. m.** Bras. 1. Estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão, us. para guardar panelas, pratos, legumes, etc.: "Em frente, ou no chão, ou sobre um jirau de madeira, vasos, paineiros, pedaços de panelas, restos de potes, cheios de flores." (José Veríssimo, *Cenas da Vida Amazônica*, pp. 342-343.)

5. Cunha:

Jirau sm. 'espécie de estrado' |1587, *iurao* c 1596, *juraó* 1627 etc. | Do tupi *iu'ra*.

6. Amadeu Amaral:

Jirau, s. m. - estrado de varas ou tábuas, colocado sobre esteios, ou na parte superior de uma parede, para nele se depositarem objetos quaisquer, ou para se fazer algum serviço, como de serra, que demande altura para o competente manejo.

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

245. JUNTA DE BOI NCf[Ssing+Prep+Ssing]_____01 ocorrência

Enfiei a junta de boi no engem o boi de dentro quis falá com papai (Ent.10, linha 187)
Cortô arrozî nós ispaiô arrozî no terrero com seis junta de boi (Ent. 07, linha 02)
Cê foi rudiano rudiano até cê vê a cuntidade de cabê quato ... cinco junta de boi (Ent.07, linhas 36 e 37)
E caminhava/botava umas cinco junta de boi e ê memo ia rodano e ocê sentado só fazeno a vorta (Ent. 07, linha 38)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
Junta de boys Dous boys juntos ao carro, ao arado, &c. *Boum jugum, i.Neut. Cic ou Boum juntura, λ Femin. Columel*
2. Morais:
Junta *Uma junta de bois; um par, um jogo*
3. Laudelino Freire:
Junta de bois s.f. Reunião de dois bois ajoujados para trabalharem
4. Aurélio:
Junta de bois Parelha de bois ajoujados para trabalharem: “os carros tirados por juntas de bois avançavam na estradas trazendo festivos matutos” (Melo Morais Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, p.151)
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

246. JUNTA DO OSSO NCf[Ssing+(prep+art)+Ssing]_____02 ocorrências

{Quê que cê arrumo no calcanhá}...é...machucado? a junta do osso ta criscida. (Ent. 01, linha 288)
Por isso que tem que benzê na frente...daqui assim ó e o cê ispichá a junta do osso aqui...ta grosso é...deus abençoa que cê vai miorá. (Ent. 01, linha 448)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Junta O lugar, em que se juntão, & se unem os ossos do corpo.
2. Morais:
Junta Articulação dos ossos
3. Laudelino Freire:
Junta s.f. Fem. De *junto*. Articulação; o complexo das superfícies e ligamentos por que dois ou mais ossos se articulam entre si.
4. Aurélio:
Junta [F. subst. do adj. junto (q. v.).] **S. f. 1.** Articulação, juntura: "retorcia-se, rilhando os dentes; as suas juntas estalavam como em deslocamento." (Coelho Neto, *Obra Seleta*, I, p. 789).

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

247. JUNTA ISCUNJUNTADA Ncf[Ssing+Adj] _____ 03 ocorrências

Jesus é nascido [...] Jesus nascido é [...] fí da Virge Maria [...] sem pecado é [...] me cura essa ringidura [...] Jesus Nazaré [...] ê me benze [...] de carne quebrada [...] veia rota [...] nervo assombrado [...] junta iscunjuntada [...] osso ringido [...] assim mesmo Jesus me cura. (Ent. 01, linhas 371, 404 e 435)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

248. JUNTAR DE GALOPADA Fras[V+prep+Adv] _____ 01 ocorrência

Esse tempo (D...) tava dano escola...no Cipó e passava é por cima lá...o (G...) tava na escola da (D...)...aí quano ele de lá viu nóisi ê largô lá a sacola de trem largô tudo e juntô de galopada foi po lado do Jatobá foi rudiô lá por detrás foi isperá o ôns lá no camim do Cardoso. (Ent. 09, linha 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

249. LABUTAR [V] _____ 01 ocorrência

Minha mãe já tinha falecido...já tinha... ah já tinha bem tempo já essa epra né...e eu/labutava mesmo num tinha tempo pa nada não. (Ent. 01, linha 115)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Labutar. “Lidar. Trabalhar daqui, dali. No seu commento da canção 15. de Camoens, Estanc.7, diz Man. de Faria, que catar por buscar, & labuatr por lidar, são palavras de Lisboa, & juntamente

estranha muito, que em hua Corte, tam presumida de fallar bem, se usem palavras tam impróprias, & grosseiras. Mas hoje são pouco usadas as ditas palavras. Vid. Lidar. (E com as mesmas ansias; com que estava labutando. Vasconc. Vida do Padre João de Almeida, pág.130.)”

2. Morais:

Labutar. “v. n. Lidar, trabalhar, lutar.”

3. Laudelino Freire:

Labutar. “v. r. v. Lat. *laborare*. Trabalhar penosamente e com perseverance (intr.; tr. ind., com prep. *em, por*): “Vivemos labutando”. “Labutamos na cratera de um inferno” (Rui).”

4. Aurélio:

Labutar. “[De *labor*, poss.] **V. int. 1.** Trabalhar duramente e com perseverança; lidar, laborar. **2.** Esforçar-se, empenhar-se. / **V. t. d. 3.** Levar, suportar, viver.”

5. Cunha:

Labutar. “v. labor” “labutar / lavutar XVI / O termo, que parece de criação vernácula, talvez se tenha originado do cruzamento de lab(or) com (l)utar, dada a sua acepção ‘trabalhar penosamente e com perseverança’.”

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

250. LAJIADO Nm[Ssing]_____03 ocorrências

Viu um baruião lá tinha uma barrancêra medonha e um cipó assim ó depois papai foi lá ãzaminô o lugá lá tinha uns cipó assim e foi correno chegô lá infiô o sapato assim ó e caiu de cabeça pa baxo po lajiado abaxo...caiu den’ do poço lá meu fi...morreu. (Ent. 09, linha 207)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Lageado, *part. pass.* de Lagear.

3. Laudelino Freire:

Lajeado s.m. 2. Regato cujo leito é de rocha.

4. Aurélio:

Lajeado [Part. de lajear.] **S.m. 2.** Pavimento lajeado; lajedo, lajeiro, lajeamento.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

251. LAMBICAR [V]_____02 ocorrências

Dindim (M...) tava mexeno com armoço falava assim “vai judá (Z...) lambicá lá embaxo”...discia eu e cumá (D...). (Ent. 08, linha 100)

Aí dindim (M...) chegava lá na berada do barranco via padim (Z...) lá lambicano “o (Z...) cadê as menina?” “uai muito tempo (M...) eas subiu pra lá”. (Ent. 08, linha 112)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Alambicar v.at. Distillar por alambique.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Alambicar [De alambique + -ar².] **V. t. d. 1.** Destilar no alambique.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

252. LAMBIQUE Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Ê tinha até uns lambiquim assim é...aqui pas bêra do cóigo né mas só pá pruveitá as cana mas quano era mais gente pra fazê ê dava pa ôtra gente. (Ent. 07, linha 41)

Punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntuaá era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza. (Ent. 11, linha 175)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Alambique s.m. Vaso, que consta de recipiente, onde se põe o que há de distillar-se, e de cabeça, ou capitel, onde se ajunta o vapor, que condensado em líquido sahe polos canos, ou gargalos.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Alambique [Do gr. *ámbyx*, 'vaso de beira levantada', pelo ár. *al-anbCq*, 'vaso de cobre, ou de vidro, em que se destilam ervas, flores e licores'.] **S. m. 1.** Aparelho de destilação, constituído por uma caldeira na qual se depositam os materiais por destilar, e onde se desprendem e acumulam os vapores que, por meio de uma tubulação especial, chegam ao condensador, e aí tornam, pelo resfriamento, ao estado líquido; destilador.

5. Cunha:

Alambique sm. 'aparelho para destilação' XVI. Do Gr. *ámbox -ikos*. pelo ar. *al - 'ambīq*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

253. LAMPARINA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

Dexô lá tudo era cuberta de gudão branquinha né e a fronha bordada de crivo quano cumpá (Z...F...) foi deitá que foi lumiá com a lamparina assim pra deitá ((risos)) a fronha era bosta pura da maritaca. (Ent. 08, linha 07)

Quano num tava ventano...nós escumava com lamparina...lumiava com lamparina né...porque ninguém aqui tinha luzi. (Ent. 09, linha 36)

Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu com gaiola e inxadaõ lamparina chucho tudo tava com ês. (Ent. 09, linha 199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Lamparina. s.f. De *lâmpada*. Aparelho composto principalmente de um reservatório onde se contém azeite ou outro líquido apropriado, e munido de torcida que se acende para alumiar.

4. Aurélio:

Lamparina .[Do esp. *lamparilla*.] **S.f.** 1.Pequena lâmpada. 2.Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária: —no pequenino oratório florido, a lamparina de azeite coava a sua luz longínqua para um crucifixo doloroso (Enéias Ferraz, *Adolescência Tropical*, p. 15). [Cf. *candeia*1 (1).]

5. Cunha:

Lamparina. 1858. Do cast. *lamparilla*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro:

Lamparina • (A) • Nf [Ssing] • Cast. • Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada; luminária. • *O que eu sei contá é no começo da vida da gente na roça, era muita dificuldade. Lá num tinha nada, num tinha luz num tinha nada. E era tudo cum lamparina de querosene.* (Ent. 5, linha 6)

254. LANÇADERA Nf[Ssing] _____ 07 ocorrências

O tia é assim tinha um tanto de gente de um lado um tanto do ôto e os violêro agora ficava assim um mucado de lá um mucado de cá agora tinha as lançadera do lado da...da roda ficava de cá as lançadera eas tinha que cê iscuída porque eas tinha que fazê na hora que tocava a dona Chiquinha do arrozá passa pra lá passa pra cá. (Ent. 03, linhas 165 e 166)

O tia era a mesma coisa menina bõo pa dançá o tia todo mundo era o/tiá dançava a mesma coisa desse...tinha as lançadera tinha...é uai as lançadera. (Ent. 03, linha 169)

Era bunito demais o povo sabia brincá sabia brincá e nós ficava menina ah eu gostava da dona chiquina e do tia...eu gostava de sê lançadera. (Ent. 03, linha 176)

Eu num errava um ponto a hora que ia as lançadera né...e na hora..que vinha passava por baxo das lançadera né pra...pra cá a ôta ia pra lá...depois do tia ia tê o batuque aí saía o recortado. (Ent. 03, linha 177)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Lançadeira Instrumento, com que o tecelão vay lançando no tear os fios transversaes da sua obra. *Radious ii. Masc. Virgil. (Com sua lançadeira trabalha o tempo na teia da vida. Lenitivo da dor, 158)*

2. Moraes:

Lançadeira s.f. Instrumento de tecelão, em que vai eleyado o fio, com que se tece o panno, passando-a por entre os fios do ordume.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Lançadeira [De lançar + -deira.] **S. f.** 1. Peça de tear, que contém um cilindro ou canela por onde passa o fio da tecelagem.

5. Cunha:

Lança **lanç**AD.EIRA XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

255. LARANJA CREME Ncf[Ssing+Ssing] _____ 01 ocorrência

Ês misturava é com airco misturava...botava airco botava laranja creme...ficava gostosa proquê era doce botava um adocicado nela é por isso que ea subia ea tinha doce cachaça num pode num pó vê doce. (Ent. 11, linha 211)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

256. LAVRAR [V] _____ 04 ocorrências

Lavrá...lavrado que preparava a terra e tinha mais o fazendêro prantava a roça mais era roçado...roçava o mato num tinha arame pra fechá a roça tamém não. (Ent. 04, linha 416)

A primera roça que eu prantei aqui foi ali do ôto lado foi lavrado na enchada tinha que lavrá na enxada que num tinha arado...adubo...adubo foi de um certo tempo pra cá num tinha adubo que o povo estudo aí veio o adubo. (Ent. 04, linha 435)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Lavrar. Lavrar madeira. Vid. aprainar.

2. Morais:

Lavrár. v. at. Fazer qualquer obra de mãos, v.g. obra de marceneiro.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Lavrar. v.t.d. 3. Lapidar.

5. Cunha:

Lavrar. Do lat. laborare. XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Lavrar • (A) • [V] • Lat. • Aprainar, tornar a superfície plana. • *Aí ês riscava assim/vamo supô que a /ês lavrava o pau que é redondo, né? (Ent. 1, linha 672)*

257. LEMENTAR [V] _____ 01 ocorrência

A unha dê é des' tamãim uai...cavaca e ê vai com a língua assim e ea fica grossa memo quano ê vê que a formiga ô o cupim já juntô ea vorta pra dentro e vorta limpa pa trás né ê lementa assim a boca dele é redonda assim. (Ent. 04, linha 306)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais:

Lementação s.f. antiq. Alimento. *Nobiliar*.

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

258. LIBRA Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Tinha um fuso lá na roda agora depois da linha tá cheia mesmo podia sinhora parava a roda...parava a roda e agora aí enrolá aquela roda toda e fazê aquês nuvelo es falava uma libra...uma libra um nuvelo desse tamãim assim. (Ent. 04, linha 32)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Libra [Do lat. libra.] **S. f. 1.** Unidade de medida de massa, igual a 0,45359237kg, utilizada no sistema inglês de pesos e medidas; libra-massa[símb.: lb].

5. Cunha:

Libra sf. 'peso, moeda' | XIII, *livra* XIII etc. | Do lat. *libra*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

259. LOBO GUARÁ NCm[Ssing+Ssing] _____ 02 ocorrências

Larguei tudo tinha medo...tinha medo tava sozim diz que lobo guará assim se ocê mexê com ele ê ataca mesmo. (Ent. 05, linha 159)

PESQ.: e bicho? diz que aqui tinha muito lobo. INF.: ah cabô tudo...ieu atirei num aqui ê tava atrás da cachorra...menina todo dia ê vinha cumpanhano a cachorra né...o guará. (Ent. 09, linha 455)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Guará² [Do tupi gwa'rá.] **S. m. Zool. 1.** Mamífero carnívoro, canídeo (*Chrysocyon brachyurus*), das regiões abertas do N. da Argentina, do Paraguai e do Brasil, especialmente nos cerrados, de coloração pardo-avermelhada, mais escura no dorso, pés e focinho pretos, com mancha branca na garganta. Mede 1,45m de comprimento e 45cm de cauda; alimenta-se de pequenos mamíferos, aves e frutas. Extremamente arisco, tem hábitos noturnos. É um dos maiores e mais belos canídeos.

5. Cunha:

Guará³ *sm.* 'mamífero carnívoro da fam. dos canídeos (*Chrysocyon brachyurus*)' | 1817, *aguará* 1618, *avara* c 1777 | Do tupi *aüa'ra*. V. JAGUARAGUAÇU.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

260. LORO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

“*Topázio caminha dois passo pra frente*” é *caiminhô mais dois passo pra frente eu pequei no loro e levantei... com essa mão daqui sigura levantei uma dor...levantei de novo o trem zuô travêz eu fui e garrei memo na cabeça do arrei.* (Ent. 02, linha 51)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Loro Correia em que se prende o estribo à sella. *Lorum, i. Neut.* Del Rey D. João de boa memória se escreve, que antes que fosse a memorável batalha de Aljubarrota, foy em romaria a Abrantes encomendar o bom sucesso da sua jornada a S. João Bautista cuja igreja he huma das quatro Freguesias da dita Vila, & ainda hoje mostram os moradores a pedra a porta da mesma Igreja donde se pos o cavallo, & contão, que quebrandose-lhe hum loro do estribo, julgado do seus a maõ prognostico, disse: *calaivos, que quando que me não aguardão, os losos, menos me aguradarão os Castelhanos.* (As cilhas moderadamente apertadas os losos em seu ponto. Cavallar de Rego, 116.)

2. Moraes:

Lóro s.m. Correyá dobrada, que sostêm o estribo, e o prende à sella da besta.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Loro [Do lat. loru.] **S. m. 1.** Correia dupla afivelada à sela ou selim para sustentar o estribo: "passou revista nos arreios do baio e da rosilha, depois nos cascós; e foi aqui apertando um loro, ali afrouxando uma cilha" (José de Alencar, Til, p. 43).

5. Cunha:

Loro sm. ‘correia dupla que sustenta o estribo’ XIV. Do lat. *lōrum* –i ‘correia’.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

- 1.Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

261. LUBISOME~LOBISOME Nm[Ssing] _____ 06 ocorrências

O menina ô andava nesse mato aqui iguali lobisome...mema coisa de lobisome andano de noite. (Ent. 02, linhas 285 e 286)

Lobisome eu já vi com os meus dois ôio. (Ent. 09, linha 244)

Era lubisome boba aí depois...agora que cabô essas históra de lubisome mais antigamente andava lubisome e...mula sem cabeça...minha mãe viu mula sem cabeça. (Ent. 09, linhas 270 e 271)

Numa família que tinha sete muié num tinha um home no meio a que interava sete era mula sem cabeça e também lubisome também era a mesma coisa o que interava sete ((risos)) eas num intende nada disso não né ((risos)) home também se interasse sete sem tê uma muié no meio era lubisome cê sabe que tivamente andava isso mas hoje em dia é raro. (Ent. 09, linhas 302 e 304)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Lobisomem Vid. Lubisomen.

Lubisomem ou Lobishomem. Na opinião popular he espírito maligno q’ anda de noite pelas ruas, & pelos campos. Mas na realidade não he outra cousa, que algum homem doudo melancólico, ou furioso, que anda correndo de noite huivando, & maltratando aos que topa. Os médicos chamão

esta doença com o nome Grego *Lycantropia*. De maneira que lobshomem val tanto como homem lobo, ou homem furioso como lobo.

2. Morais:

Lobishomem. V. Lupishomem

Lupishomem s.m. ou lubishomem, O homem de quem o vulto crê, que se transforma em lobo, ou outro animal, e anda vagando de noite até que alguém o fera, e assim tome a sua primeira forma, quebrando-lhe fadário.

3. Laudelino Freire:

Lobishomem s.m. Homem que, segundo a credence popular, se transforma em lobo ou outro animal.

4. Aurélio:

Lobisomem [Alter. do lat. *lupus homo*, 'homem lobo'.] **S. m. Folcl. 1.** Homem que, segundo a credence vulgar, se transforma em lobo e vagueia nas noites de sexta-feira pelas estradas, assustando as pessoas, até encontrar quem, ferindo-o, o desencante.

5. Cunha:

Lobo¹ sm. **lobisOMEM** | *lobishomem* XVI | De um lat **lupis hominem* 'homem-lobo'.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

262. LUMIAR [V]

03 ocorrências

Tava iscuero né tirei o fósfo lumiei assim ó tava aquê cuê de bicho pro chão fora. (Ent. 04, linha 294)

(Ent. 04, linha 294)

Quano cumpá (Z...F...) foi deitá que foi lumiá com a lamparina assim pra deitá ((risos)) a fronha era bosta pura da maritaca. (Ent. 08, linha 07)

Nóis iscumava tacho com a lanterna...quano tava ventano iscumava co'a lanterna...inquanto tava de soli...quano num tava ventano...nós escumava com lamparina...lumiava com lamparina né...porque ninguém aqui tinha luzi. (Ent. 09, linha 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Lumiar. “v. at. V. Allumiar. Arraes, 3. 10. “O sol lumia.” E 3.3. “lumiar o entendimento.””

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Alumiar [Do lat. *iluminare*.] **V. t. d. 1.** Dar luz ou claridade suficiente a; iluminar, (desus.) alumiar

5. Cunha:

Iluminar **alumiar** | -mear XIII | do Lat. **allūminātĭo*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza:

Lumiar (n/A) v. Tornar claro algum lugar. Variante antiga de alumiar (alumiar > lumiar – caso de aférese). Cf. **alumiar**. “... era bem pequenininho e tinha as cancelinha assim ao redor... e botava as candeia pra lumiar.” (Entr.6, linha 13)

2. Ribeiro: n/e

263. MACO-MACO NCm[Ssing+Ssing]

02 ocorrências

PESQ.: chuveu? e quê que aconteceu I? INFO.: uai ô durmi na casa de (R...)...(R...L...)...(L...) do Morro fui buscá maco maco fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abusca...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio. (Ent. 10, linhas 151 e 152)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

264. MÃE DE PRIMERO LEITE NCm[Ssing+Ssing] _____ 01 ocorrência

Tia e mãe de primero leite né...quano eu nasci ela que me deu primêro leite. (Ent. 01, linha151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Mãe-de-leite S.f 1. V. ama-de-leite.

Ama-de-leite S.f 1. Mulher que amamenta criança alheia; ama, babá, criadeira, mamã, mãe-de-leite.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

265. MÃIDOCA~MÃINDOCA Nf[Ssing] _____ 29 ocorrências

Na péda que torrava a farinha a gente num faz/é a gente num faz farinha de mãindoca mais né...era trucido no pano. (Ent. 01, linha 21)

Quan' eu morava com o pai né...sortêra...fazia farinha de mãidoca...mãidoca buscada na cabeça bem longe ieu mesmo rançava. (Ent. 01, linha 85)

Ranquei uma carga de mãindoca pa ê uma vez...porque...meu marido mandô...meu pai mandô...ieua era casada não...o (C...L...) quereno uma carga da mãindoca pa fazê farinha a meia. (Ent. 01, linha 90)

Era pôco pra cima da onde nós morava...pé de mãindoca dessa grussura assim. (Ent. 01, linha 92)

Cada mãindoca bitela memo...mãidoca cacau...mãidoca chitinha. (Ent. 01, linha 94)

Mãidoca chitinha ela dá bem dizê é redonda e ea num entra no chão tamém não é...ea fica/dava...dava aquea roda assim...aquea roda assim de mãidoca no pé a gente via a cacunda dela. (Ent. 01, linhas 96 e 97)

Agora a mãidoca cacau ela já dá mais cumprida e mais pro chão adentro...a mãindoca chitinha ea dá é grossa e curta...ea ficava c' a cacunda de fora assim...no pé...rancava aqueas mãindoca bitela mesmo inchuta que tava uma beleza. (Ent. 01, linhas 100, 101 e 102)

Essa epra que eu ranquei essa carga de mãidoca pa cumpá (C...) fazê farinha era casião dela inchutinha e todas duas qualidade era boa. (Ent. 01, linha 103)

Tava c'um balaím que eu tinha costume...buscava mãidoca nele lá no..na casa do (Z...). (Ent. 01, linha 104)

Bem pa cima...do ôto lado da onde é que era o mãindocal nosso que ieu ranquei mãidoca pa cumpá (C...) buscá...eu buscava mãidoca lá no balaim pá podê fazê farinha a meia c'ê...esse dia eu tava cum esse balaim. (Ent. 01, linha 108)

Pois é tinha vontade de tabaiá...ralava mãidoca no ralo ruco ruco...é um aqui ó que é igualzim o que eu tinha lá em casa. (Ent. 01, linha 119)

Só cê veno mia fia ea levava um dí intirim torrano uma torrada de farinha d'mãidoca...eu tinha dó dea que ea era muito mole. (Ent. 03, linha 97)

Num tava dano nada o povo dismureceu prantá né...arrendô pa prantá rama de mãindoca...né...nós prantô menina mais...foi um tempo bõo aí é que eu sarvei graças a deus. (Ent. 05, linha 43)

Carregano carguero de...de mio...de mi não de mãindoca lá do...lá do Mata Mata lá pra cá lá é...do/carregano...rancano mãindoca debá' de chuva ieu mais cumpade (A...) meu irmão. (Ent. 09, linhas 01 e 02)

Nós tinha mãidoca...nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrero é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim. (Ent. 09, linhas 449 e 450)

Mas agora mia fia ninguém...cê pranta uma mãindoca num pega cê pranta uma rosa num tá pegano mais. (Ent. 09, linha 451)

Uai fazia tudo conté sirviço...machado não...ajudano os ôto fazê farinha de mãindoca...rancano mãindoca pos ôto...é fazeno tudo...quebrava mio. (Ent. 10, linha 102)

O armoço andu podre chei de bicho grudura de boi farinha de mãidoca arrozí daquele arroz vermei cê podia sentá na testa dum qu'ê caía de costa. (Ent. 11, linha 251)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Mandioca Raiz como cinoura, ou nabo, que he toda a fartura do Brasil. Produz um talo direito da altura de hum homem, ornado de folhas repartidas a modo de estrelas. A flor, & a semente são pequenas. Tem a Mandioca de baixo de si nove espécies.

2. Moraes:

Mandioca s.f. Raiz farinácea Brasilica, de que se faz a farinha, com que lá comem o conduto.

3. Laudelino Freire:

Mandioca s.. Planta do Brasil, da familia das *euforbiáceas*, chamada também *maniva*, *manuba* e *manduba* (*Manihot utilissima*).

4. Aurélio:

Mandioca [Do tupi.] **S. f. Bras. 1.** Bot. Planta leitosa, da família das *euforbiáceas* (*Manihot utilissima*), cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação, e da qual há espécies venenosas, que servem para fazer farinha de mesa.

5. Cunha:

Mandioca sfg. 'planta da fam. das *euforiáceas* (*Manihot utilissima*), raiz tuberosa, comestível, que fornece amido, tapioca e farinha e com a qual se preparam inúmeras iguarias' | 1549, 1557 etc., *mandioqua* 1556 etc. | Do tupi *mani'oka*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1.Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

266. MÃIDOCA CACAU NCf[Ssing+Ssing] _____ 02 ocorrências

Cada mãindoca bitela memo...mãidoca cacau...mãidoca chitinha. (Ent. 01, linha 94)

Mãidoca cacau ela já dá mais cumprida e mais pro chão adentro...a mãindoca chitinha ea dá é grossa e curta...ea ficava c' a cacunda de fora assim. (Ent. 01, linha 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

267. MÃIDOCA CHITINHA Ncf[Ssing+Ssing]_____ 03 ocorrências

Cada mãindoca bitela memo...mãidoca cacau...mãidoca chitinha. (Ent. 01, linha 94)

A mãidoca chitinha ela dá bem dizê é redonda e ea num entra no chão tamém não é...ea fica/dava...dava aquea roda assim...aquea roda assim de mãidoca no pé a gente via a cacunda dela. (Ent. 01, linha 96)

Mãidoca cacau ela já dá mais cumprida e mais pro chão adentro...a mãindoca chitinha ea dá é grossa e curta...ea ficava c' a cacunda de fora assim. (Ent. 01, linha 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

268. MAISI¹ [Conj]_____ 24 ocorrências

Inquanto eu guentei eu judei né...muê coco no aranholi...a mão...é...melá coco d'gurdura...maisi...eu só torro ali pra ê ((referindo-se ao filho))...ê torra uma torrada e põe lá no pilão. (Ent. 01, linha 50)

Panhei pobrema de coluna num guento qualquer coisa maisi...num posso ficá isforçano. (Ent. 01, linha 128)

Maisi... história é no tempo que nós tava na escola era pobreza demais num tinha merenda nessa epra não num tinha nada nós levava batata assada. (Ent. 03, linha 15)

Ea falô assim “nossa que farinha de minuim cherosa cês podia me dá uma cuierada dessa farinha de minuim” aí eu falei assim... “maisi ocês deu pra nós o queijo mais a marmelada? pois ocês num vai ganhá nem um tiquim dessa farinha de minuim”. (Ent. 03, linha 23)

Maisi ô menina mais era uma coisa impussívi viu...que ela era diferente...de tudo...ela pá morrê ela chamô...pidiu a neta dela pa pidi nós pa i lá rezá o ofiço. (Ent. 03, linha 57)

Mudô pá Pedro Leopoldo inventô de fazê um munho lá...um...um...munho d'vento era um trem de ar...maisi...mudô pa Pedro Leopoldo. (Ent. 03, linha 68)

Agora que eu num faço azeite mais num mexo com isso mais que eu tô sozim né...maisi a gente quebra o coco leva lá pro tem até o aranholi. (Ent. 04, linha 66)

Quano nós vei pra qui o (T...) inventô de fazê um banherim pra véia né pra (C...) maisi quais no mês que ê inventô de querê fazê a L “é tem que fazê cumpade vamo juntá e fazê um banherim pa

mamãe” ah foi até morrê mai num turô nada. (Ent. 06, linha 305)

Ês prifiria esse açúca...ele era de preferência memo fazia era saco de açúca memo e ê ficava branquim quebrava todo e secava no...no...côro no pano...no pano mesmo...colocava assim no sol ficava sequim...quebrava ê todim e insacava...papai fez muito papai fez muito maisi...mais ah num sei mais contá não. (Ent. 07, linha 87)

Ê num tava bão que a gente tava notano que ê tava deferente assim mei dismuricido maisi...disse “ah num tô sintino nada num tô sintino nada”. (Ent. 07, linha 209)

Aquilo foi uma luta maisi deus ajudô que ea criô tudo aí depois que ês crescerô aí já foi saino né cumeçô trabaiano na cerâmica aqui em cima. (Ent. 07, linha 227)

Aí quando eu tô lá assim...sonhei que...é sonho...mais depois ainda fiquei caçano assim pra vê se eu via ele...maisi aí eu to lá defê oiei assim ê tava lá encostado. (Ent. 07, linha 252)

Já vei gente aqui boba até no tempo da mamãe preguntano quereno sabê comé que era as coisa aqui mamãe era de Jabaticatuba teve que iscrevê as coisa lá de Jabaticatuba maisi nem mamãe sôbe contá tamém. (Ent. 07, linha 394)

Ea ficô assim tinha hora que ea tava boa né maisi era pegano os trem. (Ent. 07, linha 423)

Nesse córgo aí no fundo da casa da (T...) aí traira tinha aquê trem...muita mesmo...maisi...nossa sinhora eu pesquei demais viu pescava nesses córgo tudo aí ó nesses córgo das Péda nesse córgo dos Barro aí. (Ent. 08, linha 120)

Minha irmã...ea tabaiava é só olhá menino né...ea ficava só oiano menino...aí num tinha maisi...ieu que sobrava pa móde í lá po...oiá criação. (Ent. 09, linha 15)

Maissi...mia fia...maisi eu vô falá cô cê...esse mundo...eu muía...saía daqui duas hora de madugada daqui não...daqui mesmo...meu pai morava ali onde que tem aqui casa de (C...). (Ent. 09, linha 20)

Teve lá no Belzonte estudano na casa do ti dela lá né...maisi agora fica aí coitchada...tava contano nós levantava duas hora da madugada...muía cana. (Ent. 09, linha 31)

Maissi...eu lá ia lá buscá lenha e tinha um pé de coquêro cá pa baxo assim né...e lá em cima tinha um pé de coquêro e uma grotá ‘ssim. (Ent. 09, linha 42)

Se pô no soli quente assim dexta ea secá fica crarinhazinha aquilo dá uma garapa mia fia mas só veno...maisi...esse home incarô ne mim essa vezi la mia fia e eu num vi ê mais nunca. (Ent. 09, linha 191)

Êsi viero ôto dia caçá caçaro num acharo...maisi e o medo de entrá la dento cê sabe quem é que achô ele mais o...quali os dois que achô ele? mais quais que ês morre de medo. (Ent. 09, linha 211)

Gostava daquilo fazia pa cumê com angu cumía sal puro no macarrão com angu maisi...antigamente nós prantava cuía mio feção arroz bastante nós cuía arroz aqui na Guariba. (Ent. 09, linha 447)

Esse povo roda pra esse trem afora aí é comprado uai...maisi...o dinhêro que ê tinha ê tinha que o bichim punha pra ê. (Ent. 11, linha 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota: maisi-mas: paragoge

269. MAISI² [ADV] _____ 03 ocorrências

Esse home ficô um tempão falano nesse trem e a cocêra (D...) que ele tinha as duas perna coçava coçava coçava e coçava a oreia mais quase que esse home fica doido...e num escutô maisi daí pra

cá. (Ent. 02, linha 22)

PESQ.: (S...) como é que faz açúcar hem? INF.: uai nós fazia é...tomava aquele ponto assim...de melado maisi...mais ralo...e punha no cocho...cocho de pau. (Ent. 07, linha 46)

Tinha o açúca mais branco...e...e...mais iscuro o mais branco a gente usava pra fazê doce fazê as coisa assim fazê...biscoito e malado maisi iscuro fazia café. (Ent. 07, linha 71)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Nota: maisi~mais: paragoge

270. MALUNGA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Aquea fia do (P...A...)...aquea fia do (P...A...) é malunga desse meu aqui ó. (Ent. 09, linha 433)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

271. MANGANGÁ Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Tinha bisorro marelo mangangá tinha bizzorro de umas quatro qualidade saía e pastava pra onde ele quisesse mais de nôte morava lá. (Ent. 04, linha 380)

Preto que é aquê mangangá miudinho tinha um grande né...ês arrancharo tudo lá dentro mais era cada um que gimia parece que tava cantano. (Ent. 04, linha 383)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Mangangá s.m. 4. Espécie de grandes besouros que roem madeira.

4. Aurélio:

Mangagá [Var. de mangangá.] **Adj. 2 g. Bras. Pop. 1.** Muito grande; enorme.

5. Cunha:

Mangangá sm. 'abelha do gênero *Bombus*' XX. Do tupi *mana 'na*.

6. Amadeu Amaral:

Mangangava, s. f. - vespídeo zumbidor, cuja ferretoada é dolorosa. | Será o "mangangá" do Norte?

Registro em Glossários

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

272. MANGUARA~MANGUARINHA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Aí ti (R...) veio... 'o quê nêgo' rastano a manguara ainda... 'o quê nego que que foi?' (Ent. 10, linha 209)

Ea tava com a manguarinha ea catucô ea assim com a varinha catucô a égua com a varinha (Ent.10, linha 210)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Manguara s.f. Espécie de bastão para auxiliar a marchar em terreno escorregadio|| 2. Bengalão.

4. Aurélio:

Manguara [F.paragógica de *manguá*] **Bras** s.f. Espécie de bastão mais grosso na parte inferior, largamente us. para auxiliar a marcha em terreno escorregadio.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

273. MANJARRA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Quano ê incostô na ôta muenda eu vi só pedaço da muenda fazê assim TÁ caiu a manjarra caiu tudo. (Ent. 02, linha 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Manjarra s.f. 2. Prensa usada na manipulação do fumo baiano.

4. Aurélio:

Manjarra [De almanjarra, com aférese.] **S. f. Bras. 1.** Prensa empregada na manipulação do tabaco.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

274. MANJOCAL Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Já fiz muita farinha...aquí no Mato Seco eu tinha um manjocal plantado a meia com comá (Z...) um cunhado meu que casô com uma irmã minha mais nós fazia era cinquenta sessenta saco de farinha...sabe quanto que nós vindia? oito mil réis o saco. (Ent. 04, linha 400)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Mandiocal s.m. de *mandioca* + *al*. Terreno plantado de mandioca.

4. Aurélio:

Mandiocal [De *mandioca* + -al¹.] **S. m. Bras. 1.** Quantidade mais ou menos considerável de mandiocas dispostas proximamente entre si.

5. Cunha:

Mandioca **mandiocAL** sm. 'plantação de mandioca' 1757.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

275. MÃO DE PILÃO NCm[Ssing+Prep+Ssing]_____02 ocorrências

Na hora que tá socano lá...qu'ê cumeça a bambiá ai vai isquentano a mão de pilão de vez em quando...a hora que ea soa toca lá depressa...soca soca soca...vorta lá torna isquentá nem a mão de pilão chupa a grudura e nem o pilão tamém...conserva só quente né. (Ent. 01, linhas 79 e 78)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Mão de Pilão s.f. Peça de madeira com que se tritura qualquer coisa no pilão.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Pilão, s. m. - gral de madeira, em que se pila a cangica, a paçoca, etc. - Pilão, t. port., que passou aqui a designar o gral, é propriamente o pau com que se pila. A este chamam aqui *mão de pilão*.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

276. MÁQUINA DE PÉ NCf[Ssing+Prep+Ssing]_____01 ocorrência

(J...B...) era companhêro da (M...) né era rica (M...) tinha máquina de pé custurava custurêra de primera. (Ent. 09, linha 392)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

277. MARELÃO Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Aí menina o menino vinha atrás de mim “marelão da infância pinico da cagança macarrão de santa casa” me xingano. (Ent. 03, linha 144)

A mãe dele tava lá no terrero “ô (A...) o (R...) chegô com raiva falano que cê chamô ele de nego arubu da manga” falei “uai ti (A...) mais deus daqui que nós foi que ê ficô me chamado de macarrão de santa casa marelão da infância pinico da cagança”. (Ent. 03, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Amarelão. s.m. De amarelo + ao. O mesmo que ancilostomose.

4. Aurélio:

Amarelão. [De amarelo + -ão1.] **Bras. S.m. 2.Bras. V. ancilostomíase**

5. Cunha:

Amarelão. Do lat. hisp. *amarellus, do lat. amarus. Século XX.

6. Amadeu Amaral:

Amarelão, marelão. s.m. - anquilostomose.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Amarelão• (A)• Nm [Ssing]• Lat.• Doença causada por vermes. • *INF. 2: Ês fala até hoje, é mas () amarelão dá/a pessoa dá amarelão. INF. 1: Hoje ês fala hipatite. (Ent. 1, linha 518)*

278. MARRÍO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Põe uma duas ispaiava ela bem ralinha lá do marríio até a ponta do saco e aí agora é virá pra torcê ((risos)) virava direita turcía turcía. (Ent. 01, linha 246)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Amarrilho s.m. De amarra+ilho. Cordão ou fio com que se ata alguma cousa.

4. Aurélio:

Amarrilho [De amarr-, como em amarrar e amarra, + -ilho.] **S. m.1.** Cordão ou fio com que se ata ou amarra qualquer coisa: "alta de porte, bem desempenada, a saia de chita descendo exata sobre os quadris, o cabelo sustido de lado por um amarrilho de fita." (Albertino Moreira, Boca-Pio, p. 108)

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

279. MASTIGAR [V] _____ 02 ocorrências

“De onde cê é?” ê foi mancô assim e disse “ieu sô do Capão Grosso”... “fí de quem?” mastigô mastigô depois disse “sô fí do (G...)”...G era muito amigo do (A...) aqui né do pessoali dele. (Ent. 09, linha 109)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Mastigar Mastigar as palavras. Mastigar pronunciando. *Verba frangere (go. fregi fractum)*(Mastigão as palavras entre os dentes. Lobo Corte na Aldeia 166) (As pronuciavão, ou mastigavão a seu modo. Vieira. tom. de Xavier, 165, col.1.)

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Mastigar v.r.v. Lat *masticare*. 4. Pronunciar com pouca clareza; não pronunciar por inteiro (*tr. dir.*): “ *O senhor frei João dos Remédios pediu a capa e o chapéu ao piedoso Tomé, que lha entregou, mastigando uma oração ao anjo custódio.*” (Rebêlo da Silva).

4. Aurélio:

Mastigar [Do lat. tard. *masticare*.] **V. t. d. 5.** Fig. Ponderar, examinar, pesar (um assunto, um negócio, etc.).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

280. MEDONHO [Adj] _____ 02 ocorrências

Ê foi e disse “mais comé que nós vão fazê?” aí ô falei “tá medonho” aí nosso sinhô judô que (J...) arrumô um pedaço de terra na Caetana...tirô um pedaço de terra pra nós. (Ent. 03, linha 102)

Nó eu dançava que nem uma condenada iscundido...meu irmão prometeu de atirá nas mias perna e eu intrimiava no mei do povo e frivia no baile vinha um candonguero e contava “o (C...)...(C...) tá dançano” ê chegava eu tava serenano na mão dos menino ((risos)) oh medonha. (Ent. 06, linha 31)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Medonho Horrível *Horrendus* ou *horrificus*, a um *Cic*.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Medonho adj. 2. Funesto.

4. Aurélio:

Medonho [De medo (ê) + -onho.] **Adj. 3.** Funesto, desgraçado, fatal: medonho destino.

5. Cunha:

Medo medONHO XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

281. MEIERO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Entre o Capão Grosso e a Serra ranchão de capim eu fiquei lá quase um mese cūzinhanô pá tabaiadô e ê arrumáva muito tabaiadô porque ele arava terra e dava pros meiero. (Ent. 06, linha 137)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Meiêiro, s.m O que tem a metade no total da fazenda, interesses, &c.

3. Laudelino Freire:

Meeiro s.m. 2. Agricultor que planta a meias com o dono do terreno.

4. Aurélio:

Meeiro [De meio + -eiro.] **S. m. 5.** Agr. Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

282. MELADO Nm[Ssing] _____ 15 ocorrências

PESQ.: (S...) como é que faz açúcar hem? INF.: uai nós fazia é...tomava aquele ponto assim...de melado maisi...mais ralo...e punha no cocho...cocho de pau. (Ent. 07, linha 46)

Tinha a fôrma e...e...aí punha...trazia o açuca e punha/aquê melado misturado com/que aí já tinha taiado né...misturado com açuca e punha na fôrma...a fôrma tinha...punha a bica assim pra corrê o melado. (Ent. 07, linhas 53 e 54)

Aí ela ia pingano pingava na fôrma caía na vazia e fazia cachaça esses trem...com o melado né...e a agora a açuca era assim cê punha na fôrma depois que ea firmava aí picava ela toda...assim e socava massava e punha uma camada de barro...é um barro que tinha aqui no córgo. (Ent. 07, linha 61)

O barro pro cima...agora ali pulgava...pulgava saía o melado todo saía o açuca branquim...tinha o açuca mais branco...e...e...mais iscuero o mais branco a gente usava pra fazê doce fazê as coisa assim fazê...biscoito e malado maisi iscuero fazia café. (Ent. 07, linha 69)

Nós fazia o melado mas quano o melado pricipiava pitá...tava pitano pitava um mucadim nós tirava o melado fora e punha numa vazia e dexava isfriá e isfriava 'çucarava tudo assim ó...ficava 'çucarado depois nós pegava tudo colocava na fôrma e punha barro branco por cima assim...tudo...aí ê purgava aquê melado crarinzim aí quano ê parava de purgá melado pudia tirá ela pô no soli pra secá. (Ent. 09, linhas 183 e 184)

Cê põe no cocho no lugá de batê a rapadura enche aquê ê dexe lá...e dexe lá com dois dia cê pega aquê melado...põe na forma...cê põe ê lá enche as fôrma tudo agora trazia o barro de têia trazia aquê barro mole de teia forrava ê assim. (Ent. 11, linha 196)

Aquilo ali iscorria o tal melado azedo qu' ês fala ês trocava esse povo fazendêro aí trocava terra por uma cabaça de melado azedo os pobre num tinha nada pa cumê ês ia lá com a cabaça e ês pegava pedaço de terra ()um cabaça de melado de abeia. (Ent. 11, linhas 198 e 199)

Depois passado uns quinze dia ês tirava o barro tirava o barro de cima o açuca tava prefeitim finim finim pudia insacá...porque o barro puxava a umidade e o melado discía. (Ent. 11, linha 203)

Cachaça mió que tem é a cachaça de melado uai... ea faz igualzim a ôta ea já é azeda...ea já é azeda memo é só botá pra freventá lá no tampão lá e dexá o trem corrê lá no capelo uai tocá fogo é...ô cachaçah. (Ent. 11, linha 204)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Melado Chamão os do Brasil ao licor da canna moída, que corre para as caldeiras, & com a força do fogo se reduz a seu ponto. Este depois de lançado nas formas, he coalhado, não he mais melado, he assucar.

2. Moraes:

Melado s.m. No Brasil, o caldo da cana de assucar, limpo da caldeira, e pouco grosso; depois passa as tachas onde se engrossa mais, e se diz *mel d'engenho*: o liquido, que se distilla do melado na casa de purgar, chama-se *mel de furo*; e quando sai claro do assucar, quase purgado, *mel de barro*.

3. Laudelino Freire:

Melado s.m. Calda ou sumo que a cana doce deposita na caldeira.

4. Aurélio:

Melado¹ [De mel1 + -ado¹.] **S. m. 4.** Bras. N.E. A calda grossa do açúcar, de que se faz rapadura; mel.

5. Cunha:

Mel. aço, -ado →MEL

Mel melADO² sm. 'mel grosso do açúcar de que se faz a rapadura' 1813.

6. Amadeu Amaral:

Melado, s.m. - caldo de cana engrossado, no engenho; por ext., sangue que se derrama: "Tomô uma pancada na cabeça; foi só *melado*..."

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

283. MELAR COCO Fras[V+Ssing] _____ 01 ocorrência

Ieu num faço não que inquanto eu guentei eu judei né...muê coco no aranholi...a mão...é...melá coco d'gurdura...maisi...eu só torro ali pra ê. (Ent. 01, linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

284. MELOSO Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Meu pai prantava cana de fora a fora ali...meloso tava dessa artura assim ó...ieue que ia pa lá judá ê capiná...capiná o meloso...era assim mia fia cê frentava lá. (Ent. 09, linha 18)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

285. MINAGERÁ Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

Quano ê envinha eu gritava assim "ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá" ah cumpá (Z...F...) ó cascava na perna quano eu falava evem o minagerá. (Ent. 08, linhas 19 e 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

286. MÔ [Pron] _____ 02 ocorrências

A gente encontrava com ele e tomava a bença... “bença (B...)”... “passa bem mô fi” aí um dia passô ês dois conversano aí ês falô assim é “Cipó já foi cipó mais hoje ela é imbira...virô imbira”. (Ent. 03, linha 131)

Quano (T...) saía eu imbolava tudo no meu quarto todo mundo drumia cumigo nós ficava tudo a pelota lá e eu butuada no terço na nossa senhora da conceição a chuva ia cessano cessano até passá falei “ôta tempestada eu num vô ficá aqui ô vô juntá môs fio”. (Ent. 06, linha 343)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

287. MOÇA MENINA Ncf[Ssing+Ssing] _____ 01 ocorrência

Ê num gostava de moça menina não nunca gostô...(C...) era isquisito o distino dele era ficá sortêro memo....é num encarava ninguém não. (Ent. 06, linha 75)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

288. MODA Nf[Ssing] _____ 02 ocorrências

Uai na casa que tinha batuque tinha baile...onde tinha moda de batuque tinha moda de baile sanfona cumia menina num podia vê. (Ent. 06, linha 75)

Gostava de tocá viola tinha até a moda de tocá viola macia assim ó dam dam dam ((risos)) tocava macinha. (Ent. 08, linha 357)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Moda Modas: cantigas, que se põem no cravo, viola, &c

3. Laudelino Freire:

Moda s.f. Lat. *modus*. 3. Cantiga, ária, modinha.

4. Aurélio:

Moda [Do fr. *mode*.] **S. f. 6.** Mús. Ária, cantiga. V. modinha (2 e 3).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Móda, s. f. - cantiga, composta geralmente de várias quadras ou estâncias, nas quais o poeta rústico exprime os seus sentimentos de amor, ou comenta os acontecimentos.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

289. MODE [Adv]

02 ocorrências

Ea tava com a manguarinha ea catucô ea assim com a varinha catucô a égua com a varinha pelejô mode a égua levanta a égua num quis levanta não. (Ent. 02, linha 211)

Agora foi mode pená direito porque foi pra União lá...lugá que ocê num conhecia ninguém vivê no estranho...é a coisa mais triste mia fã. (Ent. 06, linha 157)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza:

Mode ~ Modo (n/d) adv. A fim de; para. “...me escreveu pra tornar a voltar lá... pra resolver... mode eu namorar a outra menina...” (Entr.4, linha 75) “... que ela levava um carrinho de mão modo eu tirar uma lenhazinha prali...” (Entr.7, linha 373)

2. Ribeiro:

Mode • (n/d) • [Adv] • (n/e) • A fim de; para. • ...aque roxo, pá mode não sentá musquito... (Ent. 1, linha 140)

290. MOENDA~MUENDA Nf[Ssing]

06 ocorrências

Ê botô a cana quano ê fez assim com a cana que fez assim que eu peguei na cana que eu fui virá a cana quano pegô na ôtra muenda pra dobrá pra pegá o bagaço...quano ê incostô na ôta muenda eu vi só pedaço da muenda fazê assim TÁ caiu a manjarra caiu tudo. (Ent. 02, linhas 190 e 191)

Num sobrô nem uma muenda pra contá caso...quebrô as treis muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele. (Ent. 02, linha 192)

Engem de pau é treis moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui aí tem os dente põe a bulandera lá os cavalo vai tocano. (Ent. 04, linha 183)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Moenda MÓ, ou o lugar, em que há engenho de moer. *Officina molaria.*

2. Moraes:

Moenda s.f. MÓ, ou peças de qualquer engenho de moer, trilhar: v.g. as moendas do engenho de assucar, são tres toros grossos de páo forrados de laminas de ferro, entre os quaes se trilha a canna de assucar, e expreme o seu caldo.

3. Laudelino Freire:

Moenda s.f. De *moer*. MÓ de moinho ou peças de outro qualquer engenho de moer ou pisar.

4. Aurélio:

Moenda [Do lat. *molenda*, 'coisas que devem ser moídas'.] **S. f. 1.** Peça ou conjunto de peças que servem para triturar ou moer; moinho: moenda de cana.

5. Cunha:

Moer MoENDA XIV. Do lat. *molenda*, neutro pl. de *molendus*, gerundivo de *molĕre*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

291. MORADA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Mamãe ficava assim ó limpano a água pa mode pegá ela limpa pra levá lá pra cima e subiu um dregau minha fia papai morava nos arto era morada da (B...). (Ent. 06, linha 380)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Morada s.f. A casa, pousada, habitação ordinária.

3. Laudelino Freire:

Morada s.f. De *morar*. Casa em que ordinariamente habitamos; domicílio, pousada, habitação.

4. Aurélio:

Morada [De *morar* + -ada¹.] **S. f. 1.** Lugar onde se mora ou habita; habitação, moradia.

5. Cunha:

Mor.ada, -adeira, -adia →MORAR.

Morar morADA XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

292. MUCADO~MUCADIM Nm[Ssing] _____ 17 ocorrências

Depois que eu casei moro aqui...até hoje...tem um mucado de ano. (Ent. 01, linha 175)

Mais graças a deus mais foi pra treiná com os serviço né porque nem tanto a gente vindia né...porque fazia pôco num dava conta de fazê muito de uma vez...ia fazeno os mucadim mas o purví era dessas duas dona que eu tô falano. (Ent. 01, linha 280)

Quano foi um dia ieu falei assim “ó hoje nós vão levá um mucado de farinha de minduim”...falei com minha prima vão fazê farinha de minduim aí nós fêz. (Ent. 03, linha 20)

O tiá é assim tinha um tanto de gente de um lado um tanto do ôto e os violêro agora ficava assim um mucado de lá um mucado de cá agora tinha as lançadera do lado da...da roda ficava de cá as lançadera. (Ent. 03, linha 164)

Peguei naquele pedaço de pau peguei com deus e vim vim vino vim vino caminhava um mucadim parava...pensava...num tinha ôto jeito não tinha que vim. (Ent. 04, linha 278)

Pensava caminhava ôtro mucado falei “nossa sinhora” aí menina quas morro de medo...fui chegado...no tal lugá...uai o Capão da Lenha tanto tem de lá aqui como de lá na Serra. (Ent. 04, linha 279)

Tem um home lá que tá quereno me imprestá um mucado do dinhêro mais ê tem só criação pa vendê...se ocê comprá as criação eu vô arrumá um jeito de pagá essas criação. (Ent. 05, linha 71)

Ê vei aqui e falô “o (G...o cê tem que isperá um mucadim que a minha dona ta duente ta fazeno tratamento”. (Ent. 05, linha 78)

Ficava lá me garrano panhano pimenta quano eu pensava de vi embora dexava os ôto pequeno...essa daqui era piquitita ficava um...ficava um mucado aí nem sei. (Ent. 06, linha 360)

Ê nove...era seis muié e treis home...morreu um mucado mais tem. (Ent. 07, linha 33)

Ea parece um mucado com a (T...) né só que ea é mais alegre que a (T...)...eu lembro muito do seu avô né...da sua vô né. (Ent. 09, linha 19)

Ê foi e disse “não eu tô esperano um carro ali na estada e o carro passô e eu fui e vim aqui pa mim tomá um banho e refrescá um mucado pa mim podê í”. (Ent. 09, linha 107)

Pitava um mucadim nós tirava o melado fora e punha numa vazia e dexava isfriá e isfriava ‘çucarava tudo assim ó. (Ent. 09, linha 184)

Sô (Z...) lotava o caminhão de saco d emio trazia e vendia pa papai tirava um mucado. (Ent. 09, linha 362)

Ué num tirava o sumo dê não ea dexava um mucadim...é aquê cardo secava e ficava forte ainda. (Ent. 11, linha 230)

Hoje cói um mucado de giritaca toca reméido nele né insaca tudo por isso que o povo tá morreno e essas muié tá engordano desse jeito...é reméido que faz eas ingordá. (Ent. 11, linha 242)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza:

Mucado (n/d) pron. Tanto; quantidade indefinida. "... eu namorei um mucado de moça..." (Entr.4, linha 81) "Ê... eu fiquei morando ali um mucado de tempo..." (Entr.2, linha 31)

2. Ribeiro:

Mucado • (n/d) • [Pron] • (n/e) • Tanto; quantidade indefinida. • *Eu lavei um mucado cedo das panela. (Ent. 13, linha 74)*

293. MUNHO Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

O marido dela (J...N...) foi mudô pá Pedro Leopoldo inventô de fazê um munho lá...um...um...munho d'vento era um trem de ar. (Ent. 03, linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Munho s.m. Lus. 1. O mesmo que moinho.

4. Aurélio:

Munho (o-ô). [Do lat. molinu.] **S. m.1.** Engenho composto de duas mós sobrepostas e giratórias, movidas pelo vento, por queda-d'água, animais ou motor, e destinado a moer cereais.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

294. OFÍÇO~OFÍCI Nm[Ssing] _____ 07 ocorrências

Ela era diferente...de tudo...ela pá morrê ela chamô...pidiu a neta dela pa pidi nós pa i lá rezá o ofíço que era a única coisa que tava precisano pra ela parti era um ofíço pos nego largá a fazenda. (Ent. 03, linha 59)

Ea via os nego passá de corrente ...no suaio...aí pidiu...aí nós fomo lá e rezô o ofíci pra ea. (Ent. 03, linha 59)

O ofíço dos nego...aí nós fomo lá rezá o ofíço que ea pidiu...aí quano nós cabemo de cantá o ofíço ea foi e falô assim agora eu vô... a única coisa que tava me pegano aqui era esse ofíço...aí ea me abraço. (Ent. 03, linhas 63 e 64)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Ofício *Ofício de Defuntos*, preces por o bem de suas almas.

3. Laudelino Freire:

Ofício de defuntos s.m. Preces pelo descanso eterno das almas dos mortos.

4. Aurélio:

Ofício [Do lat. officiu, 'dever'.] **S.m 7.** Conjunto de orações e cerimônias religiosas.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

295. OSSO RINGIDO NCm[Ssing+Adj] _____ 03 ocorrências

Jesus é nascido...jesus nascido é...fí da virge maria...sem pecado é...me cura essa rigindura...jesus Nazaré...ê me benze...de carne quebrada...veia rôta...nervo assombrado...junta isconjuntada...osso ringido...assim mesmo jesus me cura...com deus pai deus filho deus isprito santo amém. (Ent. 01, linhas 374, 406 e 437)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

296. PAIOL Nm[Ssing] _____ 03 ocorrências

“Hoje cê num tá comprano trem pa mode inchê tuia...num é? pranta num cói num vê paiol chei de mio vê é comprado os trem compra é os quilo” (Ent. 06, linhas 424)

“Num tinha nem paiol...muntuava lá ai fazia aquê terrerão rudiado de côro ao redó e cascava o mi todo e batia tudo e inchia aquea purção de sacco” (Ent. 09, linhas 363)

“Nós foi quano ê falô “gente o paiol tá pegano fogo” ai é que nós foi tudo lá foi lá e pegano jugano água lá” (Ent. 09, linhas 412)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Paiol de pólvora. —He no mais bayxo do navio hum lugar separado, & fechado, onde se guarda a pólvora em barris, ou guarda cartuchos, & donde não se entra sem ordem do capitão.¶

2. Moraes:

Paiól. sm. Nos navios é como caixão, ou divisão, onde vem mantimentos, carga de pimenta, a pólvora, &c.

3. Laudelino Freire:

Paiol. s.m. 4. Casa para arrecadação dos gêneros da grande lavoura. // 5. Tulha de milho.¶

4. Aurélio:

Paiol. [De *paiol*, f. dialetal do cat., em lugar de *pallol*.] **S.m 3**. Bras. Armazém para depósito de gêneros da lavoura. **4**. Bras. MG SP Depósito ou tulha de milho ou de outros cereais.¶ [Pl.: paióis.]

5. Cunha:

Paiol. sm. ‘depósito de pólvora e de outros petrechos de guerra’ / *payoll* XV / Do cast. *pallol*.¶

6. Amadeu Amaral:

Paiol. s.m. tulha de milho. // É t. port., com outras signifs.¶

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Paió • (n/d) • Nm [Ssing] • Cast. • Construção próxima à casa da fazenda onde é armazenado o milho seco. • *É dexe jeito. Leva po paió, vai aquê desajeito, iguale a gata tá munto grande, gorda.* (Ent. 1, linha 179)

297. PANTASMA Nf[Ssing] _____ 03 ocorrências

PESQ.: via o que? INF.: pantasma...é via pantasma ((risos)) de premero as sombração...pantasma era sorta menina num tinha negócio de cento pra prendê as arma né menina depois que discutriu esses curadô tinha cento as arma (Ent. 06, linhas 378)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Fantasma Derifase do Grego *phantasomai*, que vale o mesmo. que *Eu imagino*. Fantasma he a representação de alguma figura, que aparece por arte mágica, ou em sonho, ou por fraqueza da imaginação.

2. Moraes:

Fantasma sm. e fem. Imagem que se representa a fantasia. § Representação de figuras medonhas, espectros sombras de mortos.

3. Laudelino Freire:

Fantasma s.m. Lat. *phatasma*. Imagem sobrenatural que por alucinação, por defeito da vista ou do cérebro, alguém julga ver; espectro. 2. Imagem de defunto que os supersticiosos julgam ver aparecer; alma do outro mundo.

4. Aurélio:

Fantasma [Do gr. phántasma, pelo lat. phantasma.] **S. m. 1.** Suposto reaparecimento de defunto ou de alma penada, em geral sob forma indefinida e evanescente, quer no seu antigo aspecto, quer usando atributos próprios, como sudário, cadeias, etc.; alma do outro mundo, abantesma ou avantesma, aparição, armada, assombração, assombramento, assombro, avejão, espectro ou espetro, mal-assombrado, mal-assombramento, mal-assombro, marmota, papa-gente, pirlampagem, simulacro, sombra, visagem, visão, visonha.

5. Cunha:

Fantasia fantasma |XIV, fam XV | Do lat. *phantasma* – *ãtos*.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

298. PINGA Nf[Ssing] _____ 09 ocorrências

“*Aí eu lembrei da pinga falei “o gente num tem nenhuma aí ô vô lá”*” (Ent. 05, linhas 118)

“*Uai gastava pinga aí pra bebê pra tê menino essas coisa pá tê corage pa tê menino fazia chá com arruda e tudo mais*” (Ent. 05, linhas 122)

“*Já tinha chegado aí que arrumei a pinga mais nó tinha medo demais menina ô tinha medo demais da conta*” (Ent. 05, linhas 137)

“*Sogro dessa menina que como só sabia enchê garrafão e ê tinha muita pinga né quano ê num fazia trazia lá no (C...G...) e punha lá pra vendê*” (Ent. 06, linhas 365)

“*Fazia pinga tamém...fazia pinga não...ê tinha até uns lambiquim assim é...aqui pas bêra do cóigo né mas só pá pruveitá as cana*” (Ent. 07, linhas 41)

“*Tem quentão tem...um tanto de coisa...tem pinga tem tudo tem muitos tira gosto e tudo mais*” (Ent. 07, linhas 130)

“*Ê jugô assim caiu ê foi e bebeu a que ê gostava de bebê a pinga tornô tirá a pele e tornô jugá lá do ôto lado*” (Ent. 07, linhas 171)

“*Ê o azidume da garapa é que sobe no capelo e vira aquea aguinha branquinha...ê pinga aí ê botava o copo debaxo lá parava aquês pingüim dea quente acabava e dava nós*” (Ent. 08, linhas 110)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pinga. Gota que cahe de hum lambique, ou de outra cousa.¶

2. Moraes:

Pinga. s.f. Gota que cai. // fig. Uma porção mínima. // boa pinga; de vinho bom.¶

3. Laudelino Freire:

Pinga. s.f. De *pingar*. 4. Bebida alcoólica, especialmente aguardente.¶

4. Aurélio:

Pinga. [De *pingo* I.] **S.m. 4.** Bras. Pop. Bebida alcoólica, sobretudo aguardente [v. cachaça (1)]¶

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Pinga • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Bebida feita através da fermentação da cana-de-açúcar. • *É. Intão. Bãozinho memo. Tamém gosta dumas pinga ... Agora, o T.P. gostava de falá que a veinha tamém gostava duma pinga. ... Pedê. Pedê cinco, pede deiz. Pedi um rear pra comprá pinga. ... Aí vai bebê mais pinga pa ficá tonto. ... Cê vai bebê mais pinga. (Ent. 13, linhas 241, 246, 274, 275 e 278)*

299. QUALIDADE Nf[Ssing]

03 ocorrências

Rancava aqueas mãindoca bitela mesmo inchuta que tava uma beleza aquilo...é...essa epra que eu ranquei essa carga de mãidoca pa cumpá (C...). fazê farinha era casião dela inchutinha e todas duas qualidade era boa cumê. (Ent. 01, linhas 103)

Oiemo lá com a luz num tinha nada aí me deu a ideia bati o pé no toco quano eu bati o pé no toco falei aqui a sombração tava tudo dento do toco bizôrrro de toda qualidade aí quê que eu fiz furei ele busquei aquê bagaço véi de ano passado que ê tinha muído sabe e cubrí tudo com aquê bagaço lá é berrei fogo...ah menina mais foi uma . (Ent. 04, linhas 372)

Tinha bizzorro marelo mangangá tinha bizzorro de umas quatro qualidade saía e pastava pra onde ele quisesse mais de nôte morava lá. (Ent. 04, linhas 380)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

300. QUEBRA TORTO Fras[Ssing+Adj]

06 ocorrências

Papai...levantava de madrugada pra...pra cumeçá muê a cana né...aí na hora que ia cumê o quebra torto aí o (J...C...) de lá falava “ô (F...) tá na hora do quebra torto vem cá tem quentão tem num sei o quê uma purção de coisa aqui”. (Ent. 08, linhas 98 e 99)

Condafê chegava papai “oh cumpadi J. tá na hora do...do...do...a isquici comê que falava...do quebra torto então tem quentão tem...um tanto de coisa...tem pinga tem tudo tem muitos tira gosto e tudo mais vem depressa que tá cabano. (Ent. 08, linha 103)

Gritava de madrugada “o cumpadi (J...) tá na hora do quebra torto tem quentão ês arrumava um tanto de trem...tem quejo tem tudo. (Ent. 08, linha 108)

PESQ.: e quebra torto era a bagunça lá...a festa?INF: não...quebra torto é a cumida. (Ent. 08, linha 111)

É mais era uma farra um gritava pro ôto de lá na hora que chegava o dele o padim (J...) lá ê gritava ô (F...) vem cá é hora do quebra torto tem quentão tem num sei o quê falava uma purção de coisa. (Ent. 08, linha 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

301. QUEDE [Pron. Int.] _____ 01 ocorrência

Aí quano (M...A...) tava lá fora arrumano a fila pras menina entrá...pra...subi no artá né aí nhá (R...) priguntô “uai (M...A...) quede sá (A...)? é ea que envem na frente mais (S...) pra coroa cadê ea?”. (Ent. 03, linha 39)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Quede² [Que é (feito) de.] Bras. Fam. Pop. **1.** F. empregada interrogativamente no sentido de: que é de? onde está?; “Quede aquela menina chamada Naná, que tremia de medo com as histórias de lobisomens e de mulas-sem-cabeça?” (Ciro dos Anjos, Montanha, p. 355.)

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

302. RANCHO~RANCHIM Nm[Ssing] _____ 11 ocorrências

“Levava pra roça no carguero eu tinha rancho lá aí eu pus ele na garupa do cavalo tamém...e os ôto já guentava andá...levei” (Ent. 04, linha 98)

“Evei lá pra roça lá tinha rancho né...aí chegô lá eu fui cendê fogo na trempe lá” (Ent. 04, linha 99)

“Ê sentô no toco bem lá dento do rancho e (D...) aí (D...) cuô o café” (Ent. 04, linha 100)

“Nêga tinha um coquêro grande assim na porta do rancho eu falei “ah nêgo cê vai derrobá esse coquero pra mim”” (Ent. 04, linha 106)

“Fui prum rancho de capim...eu nunca tive casa não” (Ent. 06, linha 135)

“Morei por todo lado da vida depois vortava pro ranchim de novo aí fui ganhá a (N...) aí no mesmo rancho aí” (Ent. 06, linha 152)

“Então é tinha um rancho muito grande lá é cuía quatro cinco carro de mi é cuía e dexava guardado lá no rancho” (Ent. 07, linha 373)

“Era rancho trem di cumida tava tudo lá dento sabe?” (Ent. 11, linha 06)

“Dexô as ferramenta cangaia...arrêi tudo la dento do rancho foi ‘bora” (Ent. 11, linha 146)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rancho. Rancho he palavra castelhana mas quer dizer pousada.¶

2. Moraes:

Rancho. sm. Casa ou tenda movível que se faz pelos caminhos.¶

3. Laudelino Freire:

Rancho. s.m. Esp. *rancho*. 14. Habitação tosca, de palhas. // 15. Habitação rústica do pessoal de campo e do seringal.

4. Aurélio:

Rancho. [Do esp. *rancho*.] **S.m 2.** Acampamento ou barraca para abrigar rancho (1); ranchada. **8.** Bras. Casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. **9.** Bras. Casa pobre, da roça; choça, ranchinho. [Dim. irreg.: ranchel.]¶

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral:

Rancho. s.m. – cabana, geralmente de sapé, que se faz nas roças para abrigo de trabalhadores; casa rústica sem compartimentos; telheiro ou cabana para abrigo de viajantes, à beira das estradas; por

ext., casa pobre. // T. geral no Br. Usa-se no R. G. do Sul: —... dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou...! (S.L.). Usa-se no Nordeste: Na barranca do caminho / abandonado, um ranchinho / entre o mato entonce viu. (Cat.)

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Rancho • (A) • Nm [Ssing] • Esp. • Cabana provisória feita no mato ou nas roças, geralmente de palha. • *Aí desceu ieu e ocê até na porta do rancho pegado na mão. Foi ou não foi?* (Ent. 2, linha 140)

303. RÔPA DE JOÃO DE BARRO Fras[Ssing+prep+Ssing+prep+Ssing]_____ 01 ocorrência

Ê tá co uma rôpa de João de barro...falei tá no Zé Dia...aqui em cima chama Zé Dia né...aí mia fia fomo pra lá. (Ent. 09, linha 98)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

304. SOMBRAÇÃO Nf [Ssing]_____ 27 ocorrências

“O povo contava mamãe mesmo contava muito caso de sombração antes deu nascê...mais sombração mesmo depois que eu nasci nunca vi criação...no meu tempo não” (Ent. 04, linha 225)

“Agora sombração eu num credito sombração...menina medo iguali eu...ninguém tinha medo iguali eu tinha não mais meu medo ficô todo lá numa sombração que tinha aqui no Capão da Lenha” (Ent. 04, linhas 241 e 242)

“Nada sombração nenhuma o povo tem medo de sombração é bobage num tem sombração nenhuma” (Ent. 04, linha 246)

“Fiquei devo obrigado essa sombração...meu medo ficô tudo lá...ó...eu era sortêro eu só vivia na serra lá porque tinha...eu era rapazim...e eu morava sozim mais papai aqui né e eu ia pra lá então...ia namorá dançá tinha baile todo dia de noite aquea dançarada danada era todo dia” (Ent. 04, linha 248)

“Mais o negócio de sombração era o seguinte...então eu fui pra serra nessa casião papai levava mexeno pa Belzonte galinha ovo essas coisa assim tudo era ele” (Ent. 04, linha 255)

““Ó cê pode até i mais cê num vai em casa hoje não”...eu falei “mais porque? num vai em casa porque?” “tem uma sombração no Capão da Lenha” onde que tem aquea incruziada que vinha aqui pra Lapinha e a ôta que ia pro Jatobá ali ó ali era a sombração” (Ent. 04, linhas 269 e 271)

“Da Serra que viesse de lá tamém pa Lapinha que chegasse lá a sombração tava lá...uai animal num passava de jeito nenhum vortava pa trás” (Ent. 04, linha 274)

“Foi o (T...) que me contô aí...que tinha essa sombração lá” (Ent. 04, linha 275)

“Eu falei que via embora ês falaro que eu num vinha que tinha essa sombração...e medo...e medo que eu tinha nossa sinhora eu suava suór frio” (Ent. 04, linha 276)

“Num tinha pra onde corrê vortá num posso vortá mesmo aí sigui com deus cheguei lá sombração tava lá mesmo” (Ent. 04, linha 286)

“Eu enfrentei no pau e saí caminhano a hora que chegava em certo lugá eu num guentava mais não eu parava sombração tava lá” (Ent. 04, linha 291)

“O braço dê mais forte que o meu unha dês tamãim assim num sabia o que uai era sombração” (Ent. 04, linha 300)

“O quê que eu fiz...falei “ah vô matá tudo conté sombração que tivé daqui pra frente”” (Ent. 04, linha 318)

“E tem mais ôta sombração tamém...lá na Serra memo na casa de um cumpade meu” (Ent. 04, linha 332)

“Bati o pé no toco quano eu bati o pé no toco falei aqui a sombração tava tudo dento do toco bizôrrro de toda qualidade” (Ent. 04, linha 376)

“PESQ.: se ocês tivesse vindo embora todo mundo pensá que era assombração mesmo INF.: sombração tava lá té hoje” (Ent. 04, linha 391)

“Ê abandonô a casa dele com medo parecia que era sombração devera como era uma coisa que ficava companhano ele” (Ent. 04, linha 393)

“O povo achano que era sombração a bão pó sê tamém...gritava pra quele arto lá” (Ent. 05, linha 107)

“De premero as sombração...pantasma era sorta menina num tinha negócio de cento pra prendê as arma né menina depois que descubriu esses curadô tinha cento as arma ficô mais ocupada que num pareceu mais pra ninguém não” (Ent. 06, linha 379)

“Isso foi verdade esse negócio de sombração ah mia fia tem ó...tem conticido muito caso de sombração hoje em dia num tem mais” (Ent. 09, linhas 330 e 331)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sombração. s.f. Assombração, alma do outro mundo.

4. Aurélio:

Sombração .S.f.. 1.Bras. Pop. V. *assombração*.

5. Cunha:

Assombração. Origem controversa, XX.

6. Amadeu Amaral:

Assombração, sombração. s. f. - aparição, fantasma, alma do outro mundo.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Sombração • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Alma do outro mundo. • Às veiz o medo faiz a sombração. (Ent 4, linha 117)

305. TABATINGA Nf[Ssing] _____ 03 ocorrências

Jogava aquea feijãozêra pôdi fora podia curá ê curava com tabatinga né ea num tinha num punha reméido não...tabatinga cê cunhece né? é aquilo ali buscava carro assim de tabatinga quebrava ea toda penerava bem peneradinha jugava o feijão na tacha e mexia aquês pôdi separava tudo jugava fora jugava no terrero aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano podia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá um bicho. (Ent. 11, linhas 238 e 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Tabatinga s.f. Argila, geralmente branca, e, às vezes, de outras cores, mole, utuosa, sedimentar, com alguma porção de matéria orgânica.

4. Aurélio:

Tabatinga [Do tupi = 'barro branco.']. **S. f. 1.** Bras. Argila sedimentar, mole, untuosa, e com certo teor de matéria orgânica.

5. Cunha:

Tabatinga *sf.* 'argila sedimentar, mole e untuosa, geralmente esbranquiçada, a qual, dissolvida em água, é utilizada para cair' 1610. Do tupi *toua* 'tina'.

6. Amadeu Amaral:

Tabatinga, s. f. - terra branca azulada, que se emprega no fabrico de louça rústica e de pelotas de bodoque. - Do tupi "itab + atinga", mineral branco (T. S.), ou "tobatinga", barro branco (B. - R.).

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

306. TACA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Cortei esse burro na taca quando chegô perto da moça eu fui e levei a mão pra pegá no braço da moça o pai dela gritô "num faz isso c'ela não que ocê me mata ela". (Ent. 02, linha 130)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Taca. "s.f. Correia, o mesmo que *manguá*. // 2. Fasquia de madeira, em forma de bordão, presa por uma correia ao pulso, empregada para esbordoar os escravos."

4. Aurélio:

Taca¹. "taca¹ [F. aferética de *ataca*, poss.] **S. f. Bras. 1.** Pancada, bordoadada. **2.** Relho, mangual: "O rapazola... estalou a taca. A fásca amiudou o passo puxando a tropa." (Coelho Neto, *Banzo*, p.83). / u Meter a taca em. Bras. Fam. 1. Meter o pau em (2)."

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza:

Taca (A) s. Espécie de bastão cheio de argolas usado para surrar os escravos. "... *aí veio um lá... com uma taca cheio de argola sacudindo assim... "Porque que esse () num panha?"... e puxou a taca na cacunda do velho...*" (Entr.12, linha 195)

2. Ribeiro: n/e

307. TACHA Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

Jugava o feijão na tacha e mexia aquês pôdi separava tudo jugava fora jugava no terrero aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano podia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá um bicho. (Ent. 02, linha 240)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tacha. s.f. Tacho grande, usado em engenhos de açúcar.

4. Aurélio:

Tacha³. [De *tacho*.] Substantivo feminino. 1.Bras. Tacho grande, us. nos engenhos de açúcar: —Nas tachas, o mel fervia, engrossava! (Mário Sete, *Senhora de Engenho*, p. 122). [Cf. *taxa*, do v.

taxar, e s. f.]

5. Cunha:

Tacha¹. sf. Origem obscura. ‘tacho grande, usado em engenhos de açúcar’ 1858.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Tacha • (A) • Nf [Ssing] • Obs. • Tacho grande, usado nos engenhos de açúcar. • () *aquela tacha que tava aquela beleza. (Ent. 5, linha 323)*

308. TACHO Nm[Ssing] _____ 09 ocorrências

Põe na água feveno quã’ ê tá no ponto de tirá do pilão a água já tá feveno lá no tacho aí... esse aí é mai de quentá água e cuzinhá gurdura. (Ent. 01, linha 38)

Num gasta tirá o coco não/da péda não porque o daqui já tá bão já...tira...põe lá no tacho e já pega o que tá lá...que tá lá no forno e põe no pilão pa socá. (Ent. 01, linha 55)

Aqui o (G...) que aprendeu a fazê maió quantidade eu fazia era pôco no tachim...e...ê aprendeu fazê maió quantidade peguei e comprei um tacho maió pra ele. (Ent. 01, linha 200)

No torcê a massa aquela água vai...o purví vai assentano ô numa gamela ô no tacho que parô ea o purví vai assentano. (Ent. 01, linha 255)

Nessa época já tava tudo acabado as roda d’água aquea roda de muê cana já tava tudo aterrada por baxo...tinha a roda tacho tava tudo lá...de noite engem muía ratava tacho pra...tudo isso...tava foncionano. (Ent. 04, linha 235)

Ê tinha fazenda lá na Serra de ta/tinha muito tacho tudo sentado engem muito bão tudo era só muê cana a vontade e ê tinha muita cana. (Ent. 04, linha 333)

Nóis iscumava tacho com a lanterna...quano tava ventano iscumava co’a lanterna...inquanto tava de soli...quano num tava ventano...nós escumava com lamparina...lumiava com lamparina. (Ent. 09, linha 35)

Rapadura mia fia é só muê a cana põe no tacho...bota fogo na fornaia...dexa quano ea dá aquea iscumava grossa assim cê panha e iscumava tudo e depois cê dexa...ali ea vai freveno. (Ent. 09, linha 174)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tacho Vaso de cobre, ou barro, que para cousas de cozinha tem varias serventias.

2. Moraes:

Tacho s.m. Vaso de cobre, ou arame, com asas, das bordas, para aquecer água, e outros usos.

3. Laudelino Freire:

Tacho s.m. Vaso largo e pouco fundo, geralmente com asas, e destinando especialmente a usos culinários.

4. Aurélio:

Tacho¹ **S. m. 1.** Vaso de metal ou de barro, largo e de pouca fundura, em geral com asas.

5. Cunha:

Tacho sm. ‘vaso de metal ou de barro, largo e de pouca fundura, em geral com asas’ XVIII. De origem obscura

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

309. TATU PASSA AQUI Fras[Ssing+V+Adv] _____ 03 ocorrências

Lá na casa do (Z...B...) dançava benzim né do açuaio até o (R...) do (Z...B...) gostava de dançá com nós condafé falava a agora nós já dançô mucho vão fazê agora é tatu passa aqui...esse tatu passa aqui era a cumá (Z...) era a (M...) era aquea rodada era (R...) do (Z...B...) o (J...) tudo de mão dada dançano tatu passa aqui. (Ent. 09, linhas 36 e 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Tatú s.m. Bailado campestre, espécie de fandango, acompanhado de viola.

4. Aurélio:

Tatu [Do tupi.] **S. m. 9.** Bras. GO Dança de roda em que, no centro, o dançarino cantador narra uma caçada de tatu, e a cada verso seu a roda responde em coro: "Redondo, sinhá." ~ **V. tatus.**

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

310. TECEDERA [Adj] _____ 03 ocorrências

Levava pro tiá né ea ia po tiá e o tiá tinha diversos pente um pente mais grosso ôto mais fino sabe diversos pente aí agora ea tinha que infíá aquilo tudo né a tecedera pra tecê a cuberta. (Ent. 09, linha 41)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tecedeira. A mulher que faz teas.

2. Moraes:

Tecedeira. s.f. Mulher que tece panno.

3. Laudelino Freire:

Tecedeira. s.f. Mulher que tece pano.

4. Aurélio:

Tecedeira .[De *tecer* + *-deira*.] **S.f. 1.**Fem. de *tecedor*.

5. Cunha:

Tecedeira. Do lat. *texere*, XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro:

Tecedera • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • Mulher que tece pano. • *Pá levá pás tecedera que tinha tiare, né?* (Ent. 10, linha 389)

311. TEMPESTADA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

Coração bate e tá em tempo de saí cá pra boca e eu num guento ficá aqui dentro de casa vô lá vorto cá rezo a salve rainha três ave maria que muitas véia no União me insinava minha fia eu sufri tempestada onde ô morava um dia dispencô até a parede da casa véia. (Ent. 06, linha 334)

Nega deu um baruião nôto dia o vizim chega manda o irmão dela í lá cunhado dela i lá pá vê se nós tava vivo ea achô que tinha a () matado nós era uma tempestada menina e lá era bêra de

linha de trem de ferro menina é serra e quano dá um istrondo cê pensa que tá abalano tudo. (Ent. 06, linha 336)

Juntei a valença que meus minino drumiu todo porque quano (T...) saía eu imbolava tudo no meu quarto todo mundo drumia cumigo nós ficava tudo a pelota lá e eu butuada no terço na nossa senhora da conceição a chuva ia cessano cessano até passá falei “ôta tempestada eu num vô ficá aqui ô vô juntá mos fio” (Ent. 06, linha 343)

Eu tomei uma canca de tempestada uma vez subino no (A..R...) com menino (A...) nas cadêra com o saco dos trem de cume. (Ent. 06, linha 356)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tempestade Tormenta. *Tempestas. atis.*

2. Moraes:

Tempestade s.f. Temporal de vento, mar alterado, tormenta.

3. Laudelino Freire:

Tempestade s.f. Lat. *tempestas; tempestatem.* Agitação violenta do ar acompanhada muitas vezes de trovões, relâmpagos, chuva e saraiva.

4. Aurélio:

Tempestade [Do lat. *tempestate.*] **S. f. 1.** Agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuva, vento, granizo ou trovões; procela, temporal.

5. Cunha:

Tempo tempestade *sf.* ‘agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuvas, ventos, granizo ou trovões’ XIII. Do lat *tēpēstas – ātis.*

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

312. TERRERO Nm[Ssing] _____ 02 ocorrências

Cuía aquês toró de mio era só cê veno comé que papai inchia lá juntava tudo lá na bera do campo que ê num tinha nem paiol...muntuava lá ai fazia aquê terrero rudiado de côro ao redó e cascava o mi todo e batia tudo. (Ent. 09, linha 356)

Nós ispaiô arrozi no terrero com seis junta de boi ... é ... cumeçô as seis hora da mã/ da tarde quã’ bateu duas ora da madugada nós parô onde nós oiô nós oiô pa trazi a inchenti ... a inchenti veio. (Ent. 11, linha 02)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Terreiro. Pedaco de chão espaço, com plana superfície.

2. Moraes:

Terreiro. s.m. Pedaco de plano espaçoso.

3. Laudelino Freire:

Terreiro. s.m. De *terra* + *eiro*. Espaço de terra, despejado, largo e plano.

4. Aurélio:

Terreiro .[Do lat. *terrariu*, ou de *terra* + *-eiro*.] **S.m. 3.** Espaço de terra plano e largo.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Terrero • (A) • Nm [Ssing] • Lat. • Espaço de terra plano e largo onde se criam animais domésticos.

• *O terrero tava que era pura galinha. Intão a minha irmã saiu pa vim casá e aquê povão lá. (Ent. 10, linha 606)*

313. TIJJUM Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Quebra torto é a cumida...é...o trem de cumê é as coisa de comê de madugada...é o tijjum. (Ent. 07, linha 115)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desjejuarse Comer, estando em jejum.

2. Moraes:

Desjejuar-se v.at. refl. Comer ao almoço, quebrar o jejum.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Desjejum [De des- + jejum.] **S. m.1.** A primeira refeição do dia; dejuá, dejuá, dejuá, dejuá, dejuá, dejuá, dejuá, dejuá, café da manhã, pequeno almoço, brequefeste.

5. Cunha:

Jejum DESjejum XX

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

314. TIRAR SAL NA MULERA Fras[V+Ssing+(prep+art)+Ssing] _____ 01 ocorrência

Pareceu um moço pra podê namorá ea ea já tava com vinte e treis ano mamãe cavacô coitadinha tirô sal na mulera pa arrumá o casamento dela mais rumô rumô e fez um festão casô. (Ent. 06, linha 22)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

315. TOICIM Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrero é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim né mas agora mia fia ninguém...cê pranta uma mãindoca num pega cê pranta uma rosa num tá pegano mais. (Ent. 09, linha 452)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Toucinho. Gordura de carne de porco, mas dá que està pegada ao couro.

2. Moraes:

Toucínho. S.m. A gordura grossa, que ocupa os lombos do porco, pegada à pelle.

3. Laudelino Freire:

Toucinho. s.m. Cast Tocino. Gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro.

4. Aurélio:

Toicinho .[Var. de *toucinho* < **tuccinu* (subentende-se o lat. *lardu*, ‘toicinho’), der. do céltico *tucca*, ‘suco manteigoso’, e formado no lat. hispânico.] **S.m. 1.** Gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro. Ter comido toicinho com mais cabelo.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Tocinho • (A) • Nm [Ssing] • Celt. • Gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro. • *Usava tocinho e punha ali.* (Ent.14, linha 240)

316. TREM Nm[Ssing]

96 ocorrências

Passei a mão na garrucha aí eu abri a porta num buraco assim eu entupia um buraco assim com um trem branco que ficava pareceno um barro aí eu oiei assim falei “é um home que tá ali eu num posso atirá não”. (Ent. 02, linha 10)

Diz ê que lá vinha fazeno aquea vorta funda ali diz ê que oiô pro lado da Varge Grande assim vinha um fogaréu memo e esse fogo diz ê que parô em cima dê menina e os cascai avuô assim um trem soprô. (Ent. 02, linha 19)

Esse home ficô um tempão falano nesse trem. (Ent. 02, linha 21)

O trem é () que ê me pegô e ê sente essa friage do jeito que ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô nossa sinhora d’aparicida. (Ent. 02, linha 24)

Eu pequei no loro e levantei... com essa mão daqui sigura levantei uma dor...levantei de novo o trem zuô travêz eu fui e garrei memo na cabeça do arrei. (Ent. 02, linha 52)

Fui lá no corgo tomei bãm passei um trem na cabeça assim o sangue taiô. (Ent. 02, linha 106)

Encrencô comigo nesse trem eu envinha pra lá pra São José de Almeida né ê foi e entendeu de caminhá comigo entendeu de caminhá comigo e saiu caiminhano com os dois pé. (Ent. 02, linha 152)

Falei com a mamãe “ô mãe tô com uma vontade de matá o papai mais de que tudo” ea foi e falô “(P...) dexa de bobage...dexa de bobage” num fica iludido com isso não morre esse trem. (Ent. 02, linha 244)

Peguei e rapei fiz os trem pra ele quano deu os quinze ano ê disse “ô tá aqui esses burro doze burro aqui pa podê tabaiá” aí eu fiquei tabaiano com o burro. (Ent. 02, linha 247)

Quano eu cheguei alí no arto pa virá e vi um trem fazeno chaaaa no ari...chiô no ari iguali um fuguete. (Ent. 02, linha 258)

O trem entrô aqui dent’ da cabeça que virô uma cachoêra d’água. (Ent. 02, linha 271)

Santo Antôni fazia os casamento quano a muié garrava a ganhá os menino e num queria mais os menino porque o trem era difícil né...levava de dava São Vicente pra criá. (Ent. 03, linha 09)

Pois é nós levava cana...levava esses trem tudo que num tinha né na escola num tinha jeito sufria demais. (Ent. 03, linha 25)

O marido dela (J...N...) foi mudô pá Pedro Leopoldo inventô de fazê um munho lá...um...um...munho d’vento era um trem de ar. (Ent. 03, linha 67)

Segunda fêra sedo aí nós fomo pra lá...o home bateu bateu pra quemá sapecaro o trem que o trem deu muita coivara. (Ent. 03, linha 112)

Quarenta home pra capiná roça aí nós cabô a capina menina tinha o tinha o...a entrega de pé de mio que eu fiz lá em casa teve doce que ô fazia muito doce o (Z...) deu meia dúzia de queijo mais o trem tava bão foi festa a nôte intêra. (Ent. 03, linha 120)

Tinha dia que mamãe fazia uns cumê engraçado né um mamão com aquê trem...tinha dia que num

discia não. (Ent. 03, linha 135)

Eu xinguei é tamém de arubu da manga premero ovo que arubu botô jacaré chocô e o diabo levô” aí ea disse “tá pago tá pago o ôto tamém xingô” mais num teve briga não...num tinha briga...agora vai acontecê um trem desse pro cê vê. (Ent. 03, linha 153)

Ês é que sabia cantava e dançava né...os ôto num sabia ia pas roda de batuque roda de mão balanceio esses trem e isso era a nôte interinha dançano. (Ent. 03, linha 160)

Lá tem as dez aspa que tira os trem tudo até a carne dele se fô pussíve né...ea tá quereno vê tem alí uai. (Ent. 04, linha 78)

Ela era assim ea oiava pra gente notava uma coisa e saía falano de um trem que a gente num pensô aquilo. (Ent. 04, linha 137)

Abri a porta da cuzinha assim tava gritano lá falei “nossa sinhora o trem lá é muito é muita coisa num é só pra mim não”. (Ent. 04, linha 148)

O trem fez fop assim...() pra parede fora assim os trem dengdengdeng e eu atrás né...quano chegô no lugá que sumiu o primero. (Ent. 04, linha 190)

Aí sumiu atrás da cruz aonde os ôtro sumiu aí ea foi ficá em pé assim me contá comé que foi que o trem cumeçô. (Ent. 04, linha 194)

Nessa hora é que o cumpá (C...) chegô aí ea falô “cumpade aí um trem aí ó”...ieu la ia matano o cumpá (C...) uai. (Ent. 04, linha 194)

Ea era mei cismada colocô os menino tudo lá perto dela diz ela que quano foi lá vespano nessa hora que caiu um trem lá dentro do quarto das menina lá no fundo fez de conta que caiu uma...uma corrente. (Ent. 04, linha 216)

Quano ea cumeçô rezá caiu no quarto um trem como se fosse água...travez...aí ea num guentô mais aí ea gritava. (Ent. 04, linha 219)

Quano foi de nôte...nós freveu na festa tava um trem doido. (Ent. 04, linha 262)

Mais o trem tava bão demais...ah mais eu esquici mia fia...ocê quirdita quano eu lembrei era meia noite. (Ent. 04, linha 263)

Deus ajudô que eu achei um pedaço de pau des’ tamãim assim dessa grussura ó...um trem de guentá mesmo. (Ent. 04, linha 278)

Menina quano eu caminhei no trem o trem deu um reboião...deu um reboião assim e virô um home...um home dessa artura assim e com os braço pa me pegá né. (Ent. 04, linha 292)

Quano é viu o bicho falô “nossa sinhora a menino se esse trem passa a mão no cê...adeus”. (Ent. 04, linha 324)

Quano deu no domingo juntei os trem tudo pus no carguero né e fui pra lá e os dois menino. (Ent. 04, linha 346)

Rumô uma gemedêra...mais é fei trem de fazê medo...eu fiquei caladinzim. (Ent. 04, linha 249)

Oiava debaxo da fornáia aquês trem véi tudo que tinha aqueas bagacera véia dento da fornáia de cuzinhá garapa aquês trem véi tudo num tinha gimido num tinha nada aí ea entrava dentro de casa nada. (Ent. 04, linhas 264 e 265)

O resto tudo eu já tinha oiado falei “a só pode tá atrás da cabeça daquele tôco ali ó num tá em banda nenhuma” o trem tá gemeno...aí ea garrada comigo falei “vão atrás daquele toco lá o trem tá atrás daquele toco lá vão lá”. (Ent. 04, linhas 372 e 373)

Uai nós tinha engem inda tem até resto de caco de...nesse pé de manga ali comé que tá com trem aí isso ainda é do tempo que eu tava mueno cana. (Ent. 04, linha 410)

(J...V...) tava fazeno aquês trem...cê lembra de (J...V...) né?...passei lá triste da vida prazo tava venceno lá no banco e eu num tinha cuído nada. (Ent. 05, linha 36)

Passei a mão no arrei saí segurano joguei tudo pra fora tornei jugá o trem tudo moiado pra cima tornei muntá e fui embora. (Ent. 05, linha 97)

Quano eu saí aqui eu falei “gente o trem vei até no córgo parô”. (Ent. 05, linha 133)

Num era igual hoje em dia quano os trem cabava tinha que buscá trem lá em Vespasiano e Belorozonte ne carroça de burro. (Ent. 05, linha 149)

Ninha que buscá arado...é bico de arado inxada de arado rudía cabo de arado é ruêro de arado tudo tinha que buscá lá fora difíci né...difíci quebrava um trem tinha que quebrá tudo. (Ent. 05, linha 152)

Depois ea vei embora ea viu que o trem lá num tava dano pra nada num tava jeitano pra vida dela

tava só tabaiano tabaiano num vivia nada. (Ent. 06, linha 20)

Ê jugava arrei no cavalo pros mais pequeno andá e carguero rôpa de cama trem de cumê né isso embalava subia a Serra. (Ent. 06, linha 257)

Antigamente os fĩ dava um trem dava ôtro criava os menino tudo agora ta tratano tudo. (Ent. 06, linha 303)

Eu tomei uma canca de tempestada uma vez subino no (A...R...) com menino (A...) nas cadêra com o saco dos trem de cume. (Ent. 06, linha 357)

Meu fĩ tomano chuva taquei uns pano na cabeça dele e zuní quano eu chego aqui no (P...B...) tô veno um trem iscuero era um garrote. (Ent. 06, linha 366)

Mamãe ia socá arroz e torrâ farinha socano arroz e torrano farinha quano ea tava quereno deitá...e punha os trem tudo na capanga pa juntá pa pô no carguero de madugada. (Ent. 06, linha 389)

Os trem tava tudo dent' do balai pegava punha no carguero e ia lá vai mamãe com menino inrolado as vez menino novo. (Ent. 06, linha 392)

Hoje em dia cê num põe trem ne saco na tuia é tudo nas lata né. (Ent. 06, linha 406)

Agora o (D...) hoje cê num tá comprano trem pa mode inchê tuia...num é? pranta num cói num vê paiol chei de mio vê é comprado os trem compra é os quilo. (Ent. 06, linha 416)

Ela ia pingano pingava na fôrma caía na vazia e fazia cachaça esses trem. (Ent. 07, linha 59)

Gritava de madugada “o cumpadi (J...) tá na hora do quebra torto tem quentão ês arrumava um tanto de trem...tem quejo tem tudo. (Ent. 07, linha 109)

Carguero os coisa que tava no cavalo pôs no chão a arriata né de trem de fazê cumida essas coisa e...tirô a farinha uma pele e pôs na boca só porque ê pôs a pele quano ê jugô assim caiiu. (Ent. 07, linha 170)

Veio umas pessoa aqui que gostava muito de vim aí né de Jabaticatuba com negôço de pulítica esses trem oiano pressão. (Ent. 07, linha 182)

Ih bateu uma pedra no meu oio” aí saiu doido com o trem no oi aí banhano vermeiô tudo banhano aí tava lá no campo pelejano aí já num dava dano conta de mexê com arado. (Ent. 07, linha 193)

Trazia tudo nos cavalo punha lá trazia o...tinha o jeito de cuzinhá né a fornáia...fornáia não era um trem pindurado assim ó que ês cuzinhava. (Ent. 07, linha 282)

A fronha branca tava cheia de bosta...bão...quano ea viu aquê trem...nossa sinhora “(Z...) num deita aí não” o diabo...ondé que tá essa maritaca? (Ent. 08, linha 08)

A maritaca tava quas morta...morreu memo...“por conta daquê cunçuçú aquê trem feio e ocê ainda fica gostano daquele cunçuçú conão conem co marrado no pau”...briguei com cumá (V...) demais. (Ent. 08, linha 15)

Uma melanciinha piquitita cheia d'água preta dentro aí eu fiquei com aquê trem na mão mandei ê entrá pra dentro. (Ent. 08, linha 84)

Nós falava assim “uai padim (Z...) esse trem gumita tamém?”((risos)) quê que é cumeu? ê falava “não é que tá azedo”. (Ent. 08, linha 105)

Num tinha sóli nem tinha chuva num tinha nada...nós cortava o trem todo direto...era tudo assim direto memo...pegava peso...peso que home num pegava. (Ent. 09, linha 03)

“(A...) o (G...) num é bobo pa tocá um trem ruim pro cima da menina né?”...ea já/já é quas formada já né? (Ent. 09, linha 29)

Ele infiô po mato adento guardô os trem dele...e desceu berano o cóigo...e ieu tava lá embaxo na berada do córgo lá quano ê me . (Ent. 09, linha 80)

Robô dinhêro dele robô ispingarda robô raido robô uma pursão de trem dele lá. (Ent. 09, linha 95)

Quano ele de lá viu nóisi ê largô lá a sacola de trem largô tudo e juntô de galopada foi po lado do Jatobá. (Ent. 09, linha 124)

No ôto dia papai de tarde mesmo...papai foi lá papai achô a capa achô a capanga com a merenda dele cuié...tudo os trem dele que ele largô lá. (Ent. 09, linha 133)

Quano eu desci uma distância como daqui...como daqui naquele pau grande lá na frente ó aquele lá de cima...bateu uma catinga de inxofre...inxofre mia fia e um trem fez assim com a moita pareceno um ridimuim num tava ventano nem nada mas fez assim. (Ent. 09, linha 219)

Um trem fez um ridimuim lá que saiu troceno a capuera toda. (Ent. 09, linha 232)

Era uma brigaiada que só cê vê que trem...ê ia separá...ê era juiz de paz memo...ê ia separá o trem

virava por riba dele precisava do cunhado dele entrá de dentro tamém pa judá separá né. (Ent. 09, linhas 228 e 229)

Ieu tô lá (D...) me dá um trem bão me dá um trem dá ôto cunversa em trem ôto lá quano ieu saí cá fora e dei farta dos carguero eu dei um tiro atrás de papai...rapei atrás de papai. (Ent. 09, linha 428)

Juntô o queijo com a carne de boi quano foi de noite ê falô a pai um trem me mordeu aqui quano ê vai oiá mordeu memo no cutuvelo dele assim ó quano foi nôto dia o menino manheceu duro azulim. (Ent. 09, linha 488)

A cobra fazia assim ó ea pulava os cachorro pulava num trem pula nôto pula nos cachorra nada/mas num cunsguia pegá não. (Ent. 10, linha 38)

Eu bibia um golo na epra enchi...comprei os trem de cumê e inchi o...eu fui mais o (E...)...enchi o saco marrei pela boca. (Ent. 10, linha 135)

Era rancho trem di cumida tava tudo lá dento sabe? que que nós fez ... nós teve que trepá no pau a inchente tapô tudo cê via só gai de pau. (Ent. 11, linha 06)

Nós lá em cima iguali soim sigurado e o trem ia lá e vortava cá ... nôto dia quand' disvasiô um pôco nós desceu num tinha um bago de arroz no terrero. (Ent. 11, linha 07)

Tinha uns terrero assim qu' ocê prantava o trem tampava o terrero todo de melancia...aí cê tinha o trabai de interrá ea...o trabai de disinterrá mas ficava uma maravia de doce. (Ent. 11, linha 81)

De noite...intregava serviço aí quano era umas seis hora nós subia...o cimentéro cê cunhece ele aqui né? pôco pra baxo do cimintéro...pôco pra baxo nós tinha andá muito ainda () a num tinha nenhuma casa 'quê trem era mato puro. (Ent. 11, linha 112)

Eu chegava...falava assim (J...) põe um () uns quatro dedo aí pra mim...aí ê "ô rapaz vai pra escola e la vai bebê"...falava assim "a é bom pa gente animá" (J...) chegava lá fazia os trem tudo errado. (Ent. 11, linha 119)

Falei "ah nem eu vô largá esse trem tamém" tive lá uns seis mês num 'prendi foi nada dessa vida...uai comé que aprende tonto? (Ent. 11, linha 123)

PESQ.: O sinhô sabe comé que fazia pra pegá ele?(o bichim) INF.: É comprado uai é comprado...esse povo roda pra esse trem afora aí é comprado uai. (Ent. 11, linha 172)

Engem de pau é treis moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui aí tem os dente põe a bulandera lá os cavalo vai tocano e os dente fica um em riba do ôto e vai...alí cê pó fazê uma carrera de cana dessa artura aqui que o trem romói tudo. (Ent. 11, linha 185)

A cachaça mió que tem é a cachaça de melado uai... ea faz igualzim a ôta ea já é azeda...ea já é azeda memo é só botá pra freventá lá no tampão lá e dexá o trem corrê lá no capelo uai tocá fogo. (Ent. 11, linha 205)

Muito trem ca gente passô na vida a gente esquece esquece fô lembrá tudo fica doido. (Ent. 11, linha 231)

Pegava enchia duas de feijão enchia mai encia mermo duas de arroz a só sei que o trem ficava é lotado. (Ent. 11, linha 237)

Ocê acha os trem pa comprá e tem dinhêro pa comprá e ês num tinha dinhêro pa comprá. (Ent. 11, linha 255)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Trem. Também ouvi dizer, Trem de cozinha, mas não a pessoa, que se presasse de fallar com propriedade.

2. Moraes:

Trèm.s.m. A gente, a bagage que acompanha alguém de jornada.

3. Laudelino Freire:

Trem. s.m. Fr. *train*. 2. O conjunto dos móveis e arranjos de uma casa; mobília.

4. Aurélio:

Trem. [Do fr. *train*.] **S,m. 10**.Bras. MG C.O. Pop. Qualquer objeto ou coisa; coisa, negócio, treco, troço: —ensopando o arroz e abusando da pimenta, trem especial, apanhado ali mesmo, na horta. | (Humberto Crispim Borges, *Cacho de Tucum*, p. 186).

5. Cunha:

Trem. sm. Do fr. *train*. ‘orig. conjunto de objetos’, XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Trem • (A) • Nm [Ssing] • Fr. • Qualquer objeto ou coisa; negócio, treco, troço. • *Nóis tem aquela fininha de cuá trem de mio verde.* (Ent. 1, linha 38)

317. TRENHAL Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Punha no cocho...pra ea taiá quando ela taiava tinha a fôrma a fôrma de pau um trenhal assim ó. (Ent. 07, linha 50)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

318. TREVESSAR [V] _____ 04 ocorrências

Uai se eu pulasse na frente dele eu caía dentro da cisterna e ê pulava pro cima mais eu num pulei de frente eu pulei de lado ê bateu trevessado na cisterna. (Ent. 02, linha 159)

Na hora que tocava a dona Chiquinha do arrozá passa pra lá passa pra cá uma fazia assim ia pra lá a ôtra fazia assim vortava pra cá agora os ôto no mei trevessava um trevessava ôto. (Ent. 03, linha 168)

Tinha que apiá ali na rodiviara e trevessá de banda e caminhá uma distância com o daqui a...como daqui lá na casa do (B...) pa podê chegá na casa dela. (Ent. 09, linha 141)

Eu peguei num truxe piqui nenhum aí ea saiu correno trevessô o camím foi embora. (Ent. 10, linha 39)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

319. TROPA Nf[Ssing] _____ 04 ocorrências

Ê chega aqui se eu quiria muê uma cana que eu tinha com ê la a meia que ê tinha bastante cana a

meia com ele que é me dava os engem tudo com uma tropa a lenha me dava a cana cortada era só eu puchá a cana e muê. (Ent. 04, linha 337)

Eu fiquei lá bem dizê quas dois mesi muí a cana do cumpá (C...) toda dos vizim tudo lá eu muí tudo com a tropa do cumpá (C...). (Ent. 04, linha 379)

Eu vendi com essa farinha desse preço comprei cangaia essas coisa era um home que vinha lá de Taquaraçu com a tropa dele comprava nossa farinha. (Ent. 04, linha 405)

Oiei assim é tava lá encostado ondê que tinha assim uma garaçona assim onde carro...coisa de tropa né ranchava lá. (Ent. 04, linha 254)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tropa. s.f. Lat. *turba*. 5. Grande porção de gado ou de bestas de carga, que segue em jornada.

4. Aurélio:

Tropa. [Do fr. *troupe*, 'bando de pessoas ou de animais'.] S.f 6. Bras. Caravana de animais equídeos, especialmente os de carga.

5. Cunha:

Tropa. sf. 'conjunto de soldados' 'multidão' 'grande porção de animais' XVII. Do fr. *troupe*, provavelmente deriv. regr. de *troupeau*, a. fr. *tropel* 'rebanho' (logo empregado adverbialmente, com o sentido de 'muito, demasiadamente').

6. Amadeu Amaral:

Tropa. s.f. caravana de bestas de carga, 'comboio'; manada de equídeos, quantidade desses animais; fig., corja, cambada (de marotos, de ladrões, de patifes, de estúpedos).

Registro em glossários:

1. Souza:

Tropa (A) s. Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. "... aqui já teve muita fartura... tropa e mais tropa entrava () na rua da Fé... panhava um negócio ali e levando pra Bahia." (Entr.12, linha 25)

2. Ribeiro:

Tropa • (A) • Nf [Ssing] • Fr. • Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. • *la um tocano os animale, a tropa assim arriada e apiava pa ajudá carregá.* (Ent. 4, linha 42)

320. TROPERO Nm[Ssing] _____ 01 ocorrência

Os tropero que passava e vinha de longe vino né...era as posada que tinha né ês passava nesses lugá e ranchava. (Ent. 08, linha 283)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tropeiro. "s.m. De *tropa*. 2. Aquele que conduz bestas de carga ou manadas de gado grosso, como cavalos e bois."

4. Aurélio:

Tropeiro. "[De *tropa* + *-eiro*.] S. m. 1. Bras. Condutor de tropa (6); arrieiro, bruaqueiro. 2. Bras. RS Indivíduo que compra e vende tropas de gado, de mulas ou de éguas."

5. Cunha:

Tropeiro. "v. *tropa*" "tropeiro 1844"

6. Amadeu Amaral:

Tropêro. "s.m. – negociante de animais equídeos, que viaja com eles; condutor de tropa de equídeos."

Registro em glossários:

1. Souza:

Tropeiro (A) s. Condutor de tropas de carga; arrieiro. "... *era esses homem... era o canoeiro que viaja pro rio... era o tropeiro que é esse... o homem que eu tou contando que derrubava os burro...*" (Entr.5, linha 537)

2. Ribeiro: n/e

321. TRUPICAR [V] _____ 01 ocorrência

De noite ia na cozinha tava trupicano ne menino. (Ent. 04, linha 127)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Tropicar. "v.n. Tropeçar, e ir cahindo; v.g. este burro tropica, t. vulgar."

3. Laudelino Freire:

Tropicar. "v. intr. Tropeçar muitas vezes (falando de bestas).

4. Aurélio:

Tropicar. "[Do arc. *tropigo*, 'hidrópico' (v. trôpego), + -ar².] **V. int. 1.** Tropeçar numerosas vezes: "Sem botar reparos ao chão em que pisam, tropicando em raízes, formigueiros, buracos de tatus, cavalos correm, rebatendo fujões." (Nélson de Faria, Tiziu e outras Estórias, p.208)"

5. Cunha:

Tropicar. "v. trôpego" "tropicar vb. 'tropeçar numerosas vezes' 1813. Liga-se, provavelmente ao arc. **tropigo* 'trôpego'."

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza:

Tropicar (A) v. É o mesmo que tropeçar. "... *que aqui mesmo a gente tá tropicando neles aí na rua...*" (Entr.2, linha 688)

2. Ribeiro: n/e

322. TUIA Nf[Ssing] _____ 07 ocorrências

A dona com as lata tudo cheia porque hoje em dia cê num põe trem ne saco na tuiã é tudo nas lata. (Ent. 06, linha 406)

Tuiã de balai...cê nunca viu né? faz um balai dum tipo assim duma mania né...até esses tempo ês modificô as mania lá em Lagoa Santa assim eu falei ó gente igual a uma tuiã...trança assim os balai e faz as tuiã ali cê pode lotá de arroz. (Ent. 06, linhas 411 e 412)

Barriava mais nós nunca barriô..fazia ea de bambu bem fechadim que o mantimento num passava na greta...agora o (D...) hoje cê num tá comprano trem pa mode inchê tuiã...num é? (Ent. 06, linha 416)

Ê guardava cinquenta sessenta carro de mio...cento e tanto saco teve uma vez que ê vendeu quatrocento saco de arroz pro (J...N...) lá ...a tuiã era é...só era cinco tuiã um monte encarriado assim vinte saco de cada coisa cada coisa pegava enchia duas de feijão. (Ent. 11, linha 235)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tulha He o nome genérico de vários receptáculos de tijolo, ou de vimes, ou de esparto, em que se recolhe separadamente azeitona, castanha, arroz, ou outros frutos da terra, & como num celeyro há vários montes de trigo, cevada, centeyo, milho, &c.

2. Moraes:

Túlha s.f. O monte de pães, e grãos, castanhas, nozes, arroz, que está no celleiro, em divisões talvez.

3. Laudelino Freire:

Tulha s.f. Lat. *tudicula*. Cova ou recinto de pedra onde se deita e aperta a azeitona, para mais tarde ser moída.

4. Aurélio:

Tulha .S.f. 2. Grande arca usada para guardar cereais.

5. Cunha:

Tulha. sf. 'celeiro', XIV. De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Tuia • (A) • Nf [Ssing] • Cont. • Grande arca usada para guardar cereais. • *Ingordava o capado. Matava o capado, tinha a carne e tinha a gurdura. E o mantimento todo tanto que cuía num vindia não. Punha na tuia lá no canto.* (Ent. 11, linha 114)

323. UNHA DE BOI NCf[Ssing]_____02 ocorrências

Ê foi e pegô um cipó de oi de unha de boi lá e deu ne mim três ciposada de unha de boi...falei com ele "o pai é a primera e a urtima...é a primera e a urtima" mais que eu fiquei com raiva. (Ent. 02, linha 239)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Unha-de-boi s.f. 3. O mesmo que *cipó-escada*.

4. Aurélio:

Unha-de-boi S. f. Bras. Bot. 1. Escada-de-jabutí (1).

Escada-de-jabutí S. f. Bot. 1. Bras. N.E. C.O. Designação comum a dois cipós arbustivos da família das leguminosas (*Bauhinia alata* e *B. rutilans*), de flores alvas, dispostas em racimos corimbosos e alongados, e cujos frutos são vagens coriáceas; unha-de-boi.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

324. VARA DE FERRÃO NCf[Ssing+prep+Ssing]_____02 ocorrências

Peguei lá e enfiei a junta de boi no engem o boi de dentro quis falá com papai...quis falá com papai ê gemeu pá falá com papai que num era dia de tabaiá aí papai foi e passô a mão na vara de ferrão e tocô ele. (Ent. 02, linha 188)

Teve um que fez pirraça comigo no camim dobrei a vara de ferrão na custela ê me largô lá no mato fiquei sozim lá com as criação. (Ent. 05, linha 25)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Vara de ferrão s.f. Aguilhada.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

325. VARGE Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

“Ocê vai pegá um cavalo na varge pra mim” passei a mão no cabresto fui lá pegá o cavalo. (Ent. 02, linha 241)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vargem, ou Várzea. *Vid. Várzea.* Este mais usado (Ouro de seus ferros, *vargens* e arredores. Vasconcel. Notíc. do Brasil 76)

Várzea, ou varzia, ou vargem, se chama a hum espaço de terra cultivada, em campo ou em qualquer outra parte baixa, toda direita, sem ladeira, nem alto.

2. Moraes:

Vargem. *V. Várzea.* Vascone. Notic.

Várzea s.f. Vargem, campo, planície cultivada, semeada.

3. Laudelino Freire:

Varge s.f. O mesmo que *vargem*.

Vagem s.f. O mesmo que *várzea*.

Várzea s.f. Campina cultivada.

4. Aurélio:

Varge s.f. **1. V. várzea**

Várzea [Do b.-lat. varcena, poss.] **S. f. 1.** Planície fértil e cultivada, em um vale¹; veiga: "Lá me ficava com seu teto amigo / A velha casa, a várzea verde e em flores" (Alberto de Oliveira, Poesias, 3ª série, p. 241).

5. Cunha:

Várzea sf. 'planície fértil e cultivada, em um vale' | *várgea* XV | De origem obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

326. VEIA ROTA Ncf[Ssing+Adj] _____ 03 ocorrências

Jesus é nascido [...] Jesus nascido é [...] fí da Virge Maria [...] sem pecado é [...] me cura essa ringidura [...] Jesus Nazaré [...] ê me benze [...] de carne quebrada [...] veia rota [...] nervo assombrado [...] junta iscunjuntada [...] osso ringido [...] assim mesmo Jesus me cura. (Ent. 01, linhas 368, 400, 431)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

327. VEIACO Nm[Adjsing] _____ 01 ocorrência

Eu falei “pois é num ia dá pra sarvá pai” ê falô “fica veiacó com esse bicho () se um bicho desse te pegá”. (Ent. 04, linha 330)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Velháco. O que usa de traças, para enganar.

2. Moraes:

Velháco. s.m. O que engana com dolo não cumprindo a promessa.

3. Laudelino Freire:

Velhaco. adj. Enganador, falaz, fraudulento, traiçoeiro.

4. Aurélio:

Velhaco .[Do esp. *bellaco*.] Adjetivo. **1.**Que ludibria de propósito ou por má índole. **2.**Que é traiçoeiro ou fraudulento; patife, ordinário.

5. Cunha:

Velhaco. adj. ‘que ludibria propositadamente, ou por má índole’ XIV. Do cast. *bellaco*, de origem incerta.

6. Amadeu Amaral:

Veiacó. *velhaco*, q. - diz-se da cavalgada que tem manchas, habituada a dar corcovos.

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Veiacó • (A) • Nm [ADJsing] • Cast. • Aquele que ludibria de propósito ou por má índole. • *INF.*: *Lá tinha uma lavora de café e tinha um homi que trabaivava cum ês aí. PESQ.*: *Ahn? INF.*: *Diz que era munto véiacó.* (Ent. 8, linha 32)

328. VENDA Nf[Ssing] _____ 07 ocorrências

“Marquei o dia de i pra lá pra ele i cortá a cana no domingo eu vi ê na venda” (Ent. 04, linha 345)

“Eu lembrei da pinga falei “o gente num tem nenhuma aí ô vô lá” uma vez na casa de (A...R...) morava alí do ôto lado ali ô ê tinha venda e vendia na venda falei ô vô lá uma vez” (Ent. 04, linhas 118 e 119)

“Lá num tinha venda não eu ia fazê cachaça boba” (Ent. 09, linha 386)

“O pai dele saiu foi lá pás venda quano foi de noite envinha com um queijo falô assim levanta pro cê cumê um pedacim do queijo” (Ent. 09, linha 495)

“Nôto dia ó ...pá venda com o dinhêro...fui lá pa (R...J...) fazê compra” (Ent. 10, linha 131)

“Nós fazia seis caxa por dia...o pai desses menino da venda aí comprava tudo levava o caminhão lotava de rapadura” (Ent. 11, linha 218)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Venda. Taverna de estrada. Estalagem do campo.

2. Moraes:

Vênda. S.f. Taverna onde se vende.

3. Laudelino Freire:

Venda. s.f. 3. Loja em que se vende.

4. Aurélio:

Venda¹. [Do lat. *vendita*, part. pass. de *vendere*, ‘vender’.] **S.f. 1.** Ato ou efeito de vender; vendagem, vendação. **2.** Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. **3.** Botequim onde se vendem, sobretudo, bebidas a varejo e pequenos artigos, como velas, pilhas, sal, etc.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro:

Venda • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. • *PESQ.*: *Aí aparecia lá em casa. Aí meu pai punha um prato de comida pra ele. Aí ele cumia. Aí ele pedia dinheiro pra ir beber. Aí meu pai num dava dinheiro pra ele não beber. INF. 1: Mais ele pidia nas venda, né? (Ent. 12, linha 681)*

329. VENTO IGAUZADO NCm[Sing+Adj] _____ 01 ocorrência

Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igauzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém...jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora. (Ent. 09, linha 492)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e

2. Ribeiro: n/e

330. VENTO VIRADO NCm[Sing+Adj] _____ 01 ocorrência

Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura E de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igauzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém...jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora. (Ent. 09, linha 492)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Vento-virado [De *vento* + *virado*.] **S. m.** Bras. MG GO Pop. **1.** V. prisão de ventre: "É sempre entre as pretas velhas que encontramos boas benzedeadas. Benzem quebranto, vento-virado, mau-olhado" (Regina Lacerda, Papa-Ceia, p. 17).

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

331. VESPAR [V] _____ 01 ocorrência

Nós foi pra lá dento e esse dia como ea era mei cismada colocô os menino tudo lá perto dela diz ela que quano foi lá vespano nessa hora que caiu um trem lá dentro do quarto. (Ent. 04, linha 216)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

332. VORTA DE LUA NCf[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

O menino sofreu sofreu num teve chá quente nenhum que dismanchô esse negócio ricuiido né só terra fria que cura né pois ê viveu quano era vorta de lua ê chiava ê chegava aqui ê ficava naquele quarto lá dentro cê iscutava a chiata dele. (Ent. 06, linha 397)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

333. VORTA DO DIA NCm[Ssing+prep+Ssing] _____ 01 ocorrência

INF.: Lovado seja deus nunca vi ô nêga ô sai daqui vô lá na Parmêra quarqué hora num vejo nada mais alembro da mamãe... era assim na vorta do dia ea ia buscá água chegava lá ea via PESQ.: Via o que? INF.: Pantasma. (Ent. 06, linha 369)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

334. ZUAÇÃO Nf[Ssing] _____ 01 ocorrência

No ôto dia tinha uma ruma de cinza assim...eu fiquei lá bem dizê quas dois mesi muí a cana do cumpá (C...) toda dos vizim tudo lá eu muí tudo com a tropa do cumpá (C...) e a zuação acabo. (Ent. 04, linha 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

335. ZUNIR [V] _____ 02 ocorrências

Eu vinha com o (A...) que ê era piqueno né ê mamava nas cadêra menina pegô a chuva naquele arto do (A...R...)...meu fí tomano chuva taquei uns pano na cabeça dele e zuni. (Ent. 06, linha 362)
Deus ajudô que o boi foi desceno pra baxo e zuni cheguei. (Ent. 06, linha 365)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio:

Zunir [Voc. onom.] **V. int. 4.** Bras. Angol. Deslocar-se velozmente: "Ouvem os carros zunir nas ruas?" (Henrique Guerra, Quando me Acontece Poesia, p. 47.)

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

Registro em glossários:

1. Souza: n/e
2. Ribeiro: n/e

Passemos, agora, às análises das fichas.

4.2. Análise quantitativa

Feito o levantamento dos dados do léxico rural da Serra do Cipó, será cumprida a segunda etapa das metas traçadas para este trabalho, que consiste na análise quantitativa das informações apresentadas nas fichas lexicográficas. Os gráficos e tabelas foram elaborados com o intuito de melhorar a sistematização das unidades linguísticas.

4.2.1. Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário

Das 335 lexias apresentadas nas fichas lexicográficas, verifica-se que 256 têm registro em pelo menos um dos seis dicionários selecionados, o que corresponde a 76,41%, como indicado no gráfico a seguir.

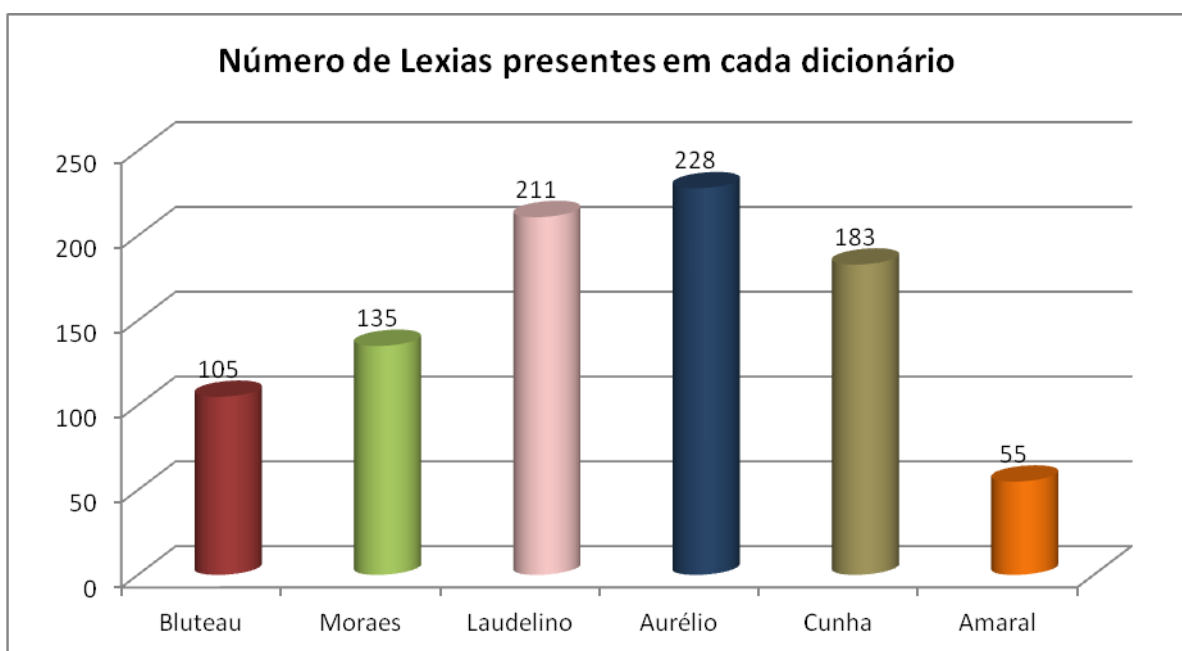


GRÁFICO 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário

O GRAF. 1 exhibe, em números absolutos, quantas lexias entre as 256 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: i) a barra vermelha, correspondente ao dicionário de P. Raphael Bluteau, mostra os 105 vocábulos encontrados nessa obra, o que corresponde a 31,34% do total de vocábulos dicionarizados; ii) o dicionário de Antonio de Moraes, representado pela barra verde, apresenta 135 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa 40,29%; iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio Buarque, representados, respectivamente, pelas barras rosa e azul, são os que apresentam o maior número de registro das lexias constantes do grupo das dicionarizadas, o primeiro com 211 vocábulos e o segundo com 228, o que corresponde a 62,98% e 68,05%, respectivamente;

iv) o dicionário de Antônio Geraldo da Cunha, representado no gráfico pela barra cinza, apresenta 183 lexias entre aquelas dicionarizadas, o que representa um percentual de 54,62%; v) por fim, no dicionário de Amadeu Amaral, verificamos a presença de 55 unidades léxicas, ou seja, 16, 41% do total das 256 lexias que se encontram dicionarizadas.

4.2.2. Quanto à classificação gramatical

Ao serem avaliadas as fichas, constatou-se que os substantivos e os verbos reúnem 275 ocorrências, totalizando 82,08% do *corpus*. Os substantivos se destacaram com 215 ocorrências, abarcando 64,17% das lexias selecionadas. Os verbos, por sua vez, totalizam 17,91% dos vocábulos, ou seja, 60 ocorrências. Os adjetivos apresentam 14 casos, o que representa 4, 17% dos dados. Os advérbios abarcaram 2,1% de todas as lexias presentes nesta pesquisa, com 7 ocorrências. As locuções adverbiais e pronominais, os pronomes, as preposições e as conjunções correspondem a 11 ocorrências, o que aponta para 3,3% do total de vocábulos. As unidades fraseológicas também representam um número significativo, foram 28 ocorrências, o que representa 8, 35% do total de dados analisados. Tais resultados podem ser melhor verificados na tabela a seguir.

TABELA 1
Classificação morfológica dos dados analisados

Função Gramatical	Nº de lexias	Percentual
Substantivo	215	64,17
Verbo	060	17,91
Adjetivo	014	04,17
Advérbio	007	02,10
Loc. Adverbial/Loc. Pronominal/Pronome/Conjunções/Preposições	011	03,30
Fraseologias	028	08,35
TOTAL	335	100

4.2.3. Quanto às lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

Concluídos os estudos das 335 fichas lexicográficas, foi encontrado um número significativo de vocábulos que não foram localizados em nenhum dos dicionários examinados, ao passo que outros foram encontrados em pelo menos um desses dicionários. Cabe salientar: a) aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não-dicionarizadas; b) aquelas lexias que não apresentaram alterações significativas na forma foram computadas como dicionarizadas.

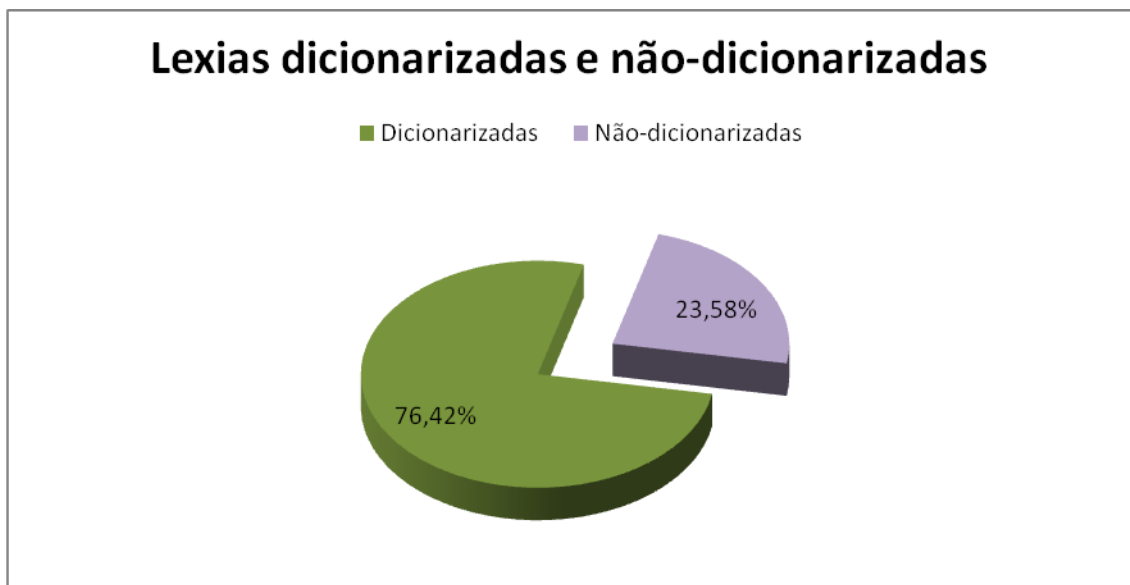


GRÁFICO 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

4.2.3.1. Dicionarização segundo a classificação gramatical

Conforme consta no item 4.2.2, as 335 lexias presentes no *corpus* foram lançadas em oito grupos, os quais representam as classes gramaticais dessas. Para que seja possível conhecer o indicador de vocábulos dicionarizados ou não dicionarizados em cada um desses grupos, fez-se necessária a confecção de outros dois exames quantitativos. O gráfico a seguir ilustra o percentual de unidades léxicas por classes gramaticais entre aquelas dicionarizadas. Acrescentam-se a esta análise as fraseologias.

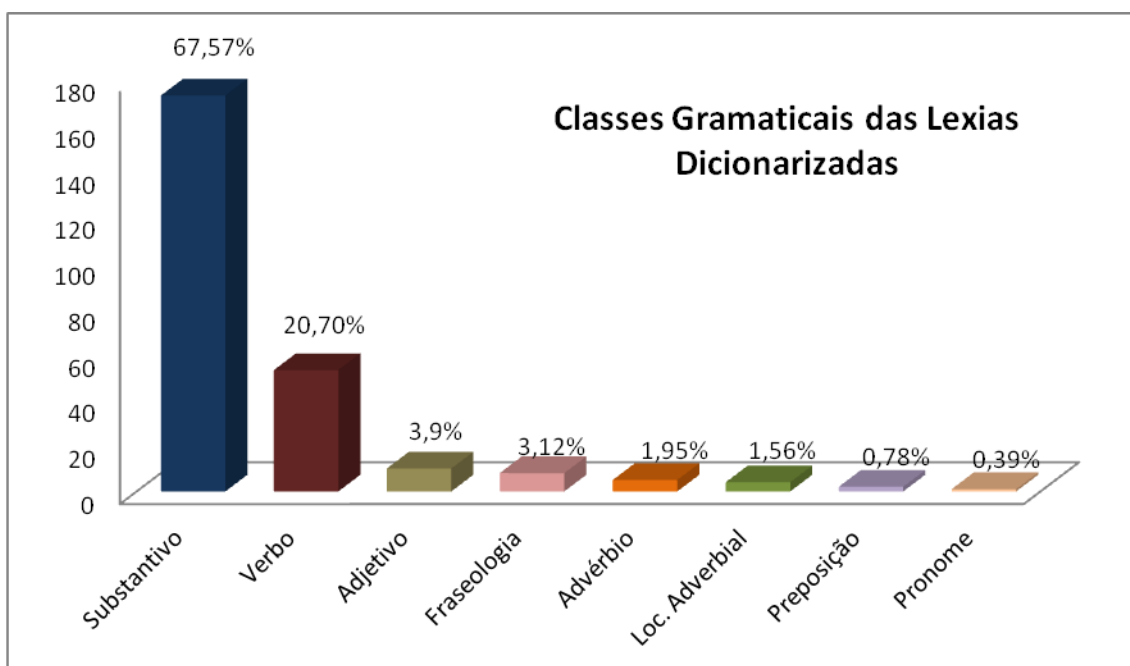


GRÁFICO 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical

Após a análise das 256 lexias dicionarizadas, constatou-se que 173 delas exerciam, nas frases, a função de substantivos, o que corresponde aos 67,57% indicados no gráfico acima. Os verbos reuniram 53 lexias, o que representa os 20,70% indicados. Os adjetivos somaram 10 unidades lexicais, o que compreende 3,9% dos vocábulo dicionarizados. As fraseologias são contabilizadas em oito ocorrências, equivalentes a 3,12%. Os advérbios abarcaram cinco vocábulo, o que aponta para 1,95%. As locuções adverbiais apresentam quatro casos, o que corresponde a 1,56%. As preposições foram observadas em dois casos, o que equivale no gráfico a 0,39%. Por último, o pronome que contabiliza uma ocorrência e é representado por 0,39% do total das lexias.

A seguir será apresentada a quantificação das lexias não-dicionarizadas por classe gramatical, conforme GRAF. 4.

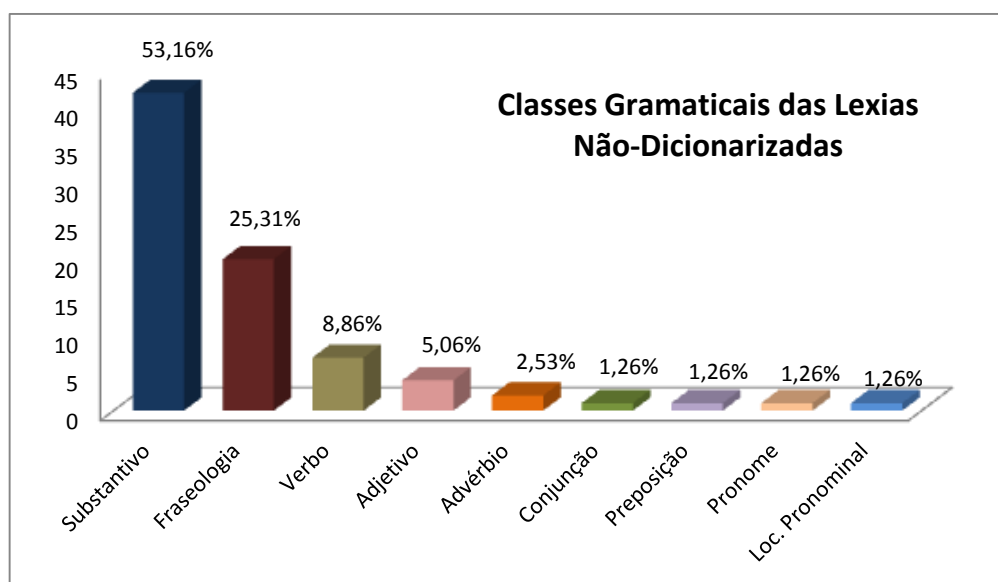


GRÁFICO 4 – Percentual de lexias não-dicionarizadas por classe gramatical

Após a análise das 79 lexias não-dicionarizadas, constatou-se que 42 delas exerciam, nas frases, a função de substantivos, o que corresponde aos 53,16% indicados no gráfico acima. Foram contabilizadas 20 fraseologias correspondentes a 25,31% das lexias não dicionarizadas. Os verbos reuniram sete lexias, o que representa os 8,86% indicados. Os adjetivos somaram quatro unidades lexicais, o que compreende 5,06% dos vocábulo dicionarizados. Os advérbios abarcaram dois vocábulo, o que aponta para 2,53%. As locuções adverbiais apresentam quatro casos, o que corresponde a 1,56%. As preposições foram observadas em dois casos, o que equivale no gráfico a 0,39%. Por último, o pronome que contabiliza uma ocorrência e é representado por 0,39% do total das lexias.

conjunções, as preposições, os pronomes e as locuções pronominais contabilizam uma ocorrência cada um e são representados por 1,26%, cada um, do total dessas lexias.

4.2.4. Quanto à origem

No que se refere à origem das lexias, conforme se pode observar no GRAF. 5 a seguir, a região pesquisada apresenta 131 ocorrências, ou 39,1% de nomes, cujas origens são portuguesas. As lexias que não tiveram sua origem encontrada somaram 109 casos, o que corresponde a 32,53% do *corpus*. As lexias de origem francesa somaram 18 ocorrências, representando 5,37% do total de lexias analisadas. Em seguida, aparecem as lexias de origem tupi, que somam 16 casos, o que representa 4,77% do total. As lexias de origem africana e de origem controvertida obtiveram o mesmo número de 12 ocorrências cada, o que equivale a 3,58% cada uma. Assim como as anteriores, as lexias de origem castelhana e obscura também empataram com oito ocorrências, o que significa 2,38% cada. Também foram detectadas quatro lexias de origem celta, o que equivale a 1,19% e as de origem árabe somam três ocorrências, ou seja, 0,9% dos casos. Com dois casos cada, aparecem as lexias de origem espanhola e onomatopaica, cada uma delas representadas por 0,6% do *corpus* analisado. Por último, estão as lexias de origem malaia, germânica, napolitana, arcaica, toponímica, desconhecida, incerta e duvidosa, todas com 1 ocorrência cada, podendo-se concluir que cada uma delas equivalem a 0,3% do dados selecionados.

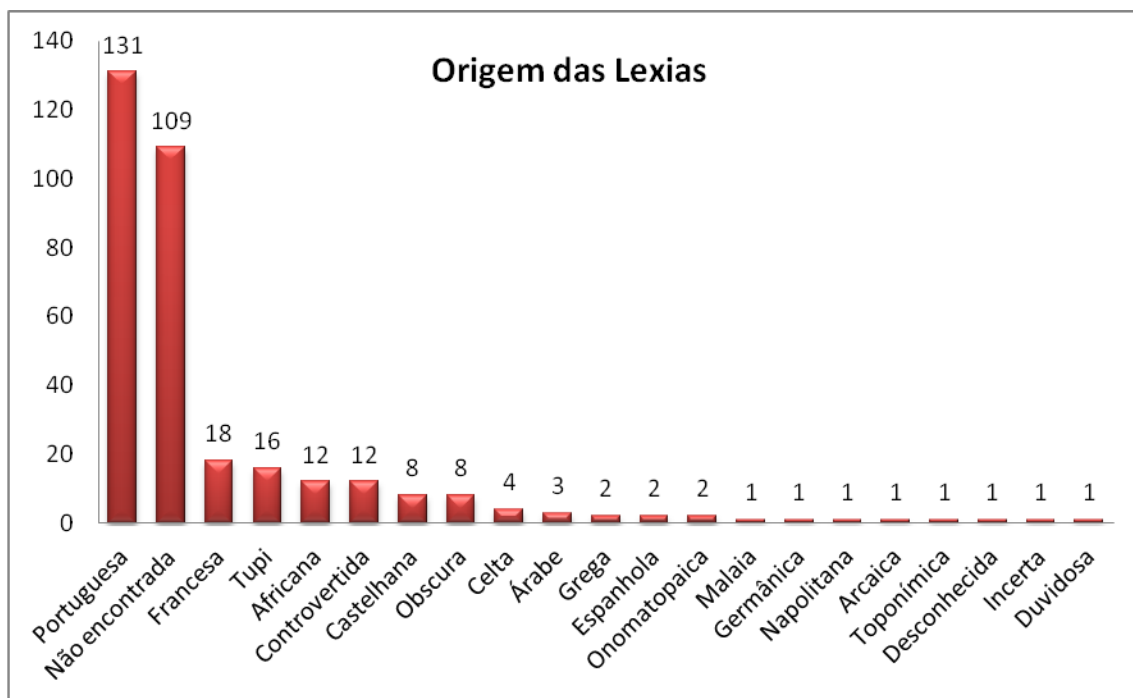


GRAFICO 5 – Origem das lexias

Também foi verificado nos dados analisados um número expressivo de vocábulos que estão definidos no dicionário *Aurélio Séc. XXI* como *brasileirismos*. Segundo estudo realizado por Oliveira (1999, p. 61) o português brasileiro, variante linguística do português europeu, foi trazido para o Brasil pelos colonizadores entre os séculos XVI e XVIII, em especial, foi mesclando-se como os idiomas indígenas locais, principalmente o Tupi-guarani e, mais tarde, com várias línguas africanas, trazidas para o país pelos escravos. O resultado da mestiçagem dos índios e africanos com os portugueses foi uma multifacetada sociedade, com características distintas da portuguesa, pois desenvolveu aqui um modo particular de falar vários vocábulos, que tornaram-se característicos do português do Brasil.

Foram identificadas entre as 335 lexias do *corpus* do presente trabalho 73 que são classificadas no dicionário *Aurélio Séc. XXI* como *brasileirismos*. Tais lexias são as seguintes:

andu, anduzero, bagacera, balaim-de-fulô, baranda, barriguera, batedor, batidinha, brabo, breiar, brejo, bruaca, bulandera, burrusquê, cachaça, cacumbu, cacunda, cadê, candombe, capado, capanga, capão, capinera, capitão, capuera, carangonço, catinga, chuchó, cincerro, cocho, coivara, cuchichó, cunçu, curiango, eito, encarnar, encrencar, engenho, engenhoca, fubá suado, garapa, garrucha, gravatá, grotá, icarriado, ideia, imbigada, imbira, infeitar, inhambu, ispinhela caída, istalero, jirau, mãidoca~mãindoca, mangangá, manguara, manjarra, manjocal, marlão, paiol, pinga, quede, rancho, sombração, tabatinga, taca, tacha, trem, tropa, tropero, unha-de-boi, vento virado, zunir.

O gráfico a seguir apresenta o percentual de *brasileirismos* entre as lexias dicionarizadas.

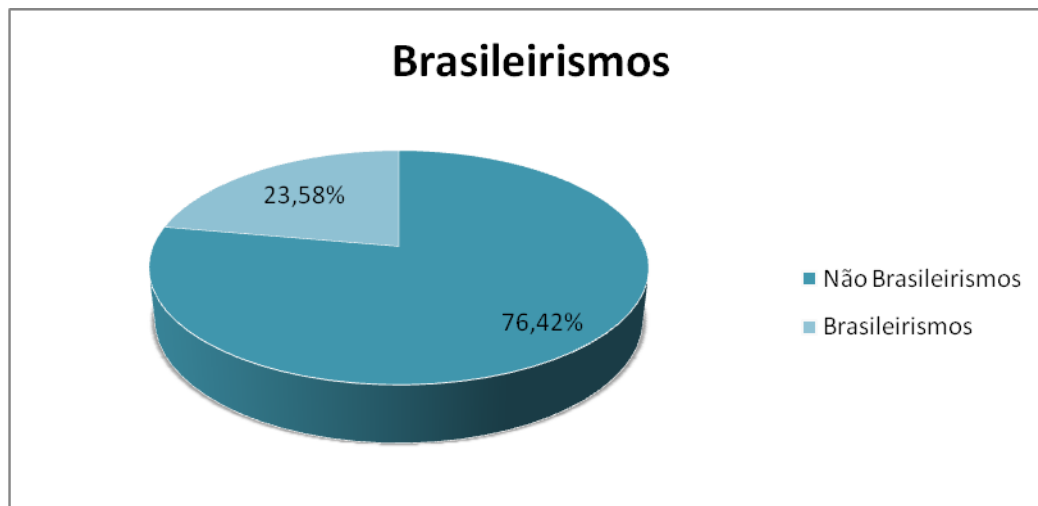


GRÁFICO 6 – Percentual de *brasileirismos* entre as lexias dicionarizadas

De acordo com o GRAF. 6, o resultado da consulta realizada ao dicionário *Aurélio Séc. XXI*, aponta que 73 vocábulos do presente estudo referem-se a “palavras ou locuções próprias de brasileiros; modismos próprios da linguagem dos brasileiros”,⁴⁴ portanto, tratam-se de *brasileirismos*, como conceitua o próprio Aurélio Buarque de Holanda e equivalem a 23,58% das lexias analisadas.

4.2.5. Quanto à forma e ao gênero das lexias

Há um equilíbrio entre as ocorrências de lexias do gênero masculino e feminino, havendo uma pequena superioridade das de gênero feminino, com 108 ocorrências, ou seja, 32,23%, sendo 86 nomes femininos simples e 22 nomes femininos compostos. As lexias de gênero masculino somaram 107 ocorrências, equivalentes a 31,84% dos nomes, sendo 90 nomes simples e 17 nomes compostos.

A quantificação dos dados está representada no gráfico a seguir:

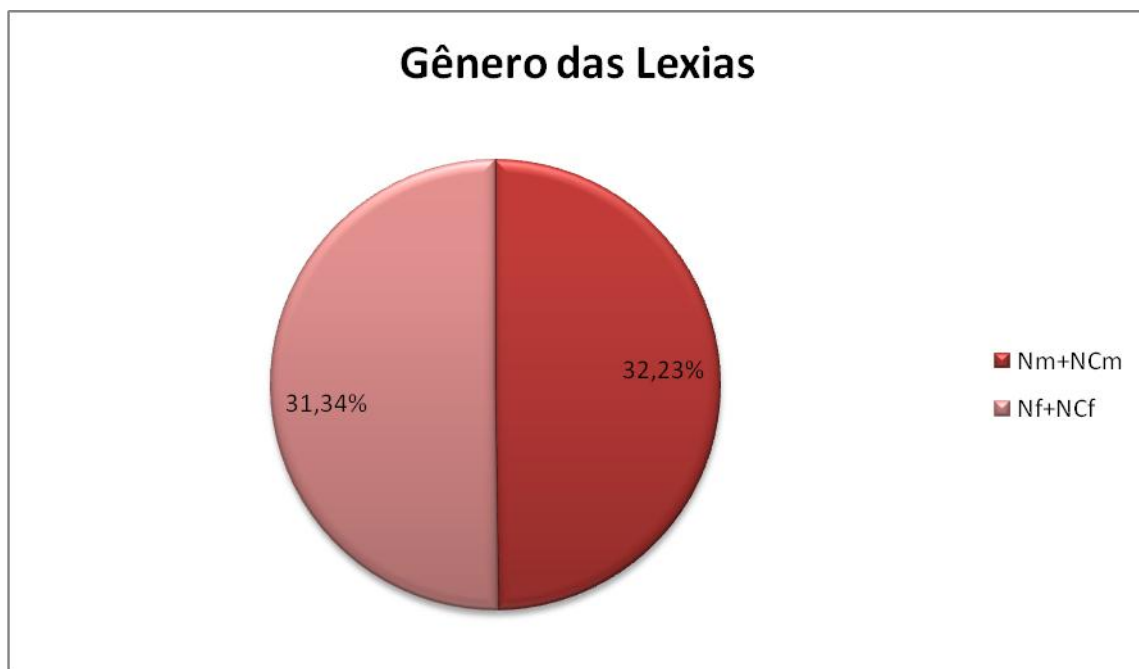


GRAFICO 7 – Gênero das Lexias

4.2.6. Quanto ao número de ocorrências das lexias

Um dado importante constante das fichas lexicográficas refere-se ao número de ocorrências das lexias analisadas. Essa informação permite que seja observado quais são as lexias mais utilizadas pelos informantes, possibilitando uma melhor visão das características da variedade da língua falada na região.

⁴⁴OLIVEIRA, 1999, p. 93.

No QUADRO 1 estão listadas, em ordem decrescente, aquelas lexias que tiveram um número mais expressivo de ocorrências. Dos 335 vocábulos selecionados, 73 ocorreram entre 96 e 5 vezes.

QUADRO I
Lexias mais recorrentes

Lexias	Nº de ocorrências
Trem	96
cumá~cumade	51
mãidoca~mãindoca	29
batuque	28
sombração	27
cachaça, cumpá	26
alembrar, maisi ¹	24
foice	21
criação	20
carguero, engem	19
antão, envir	18
mucado~mucadim	17
arrei, capão, fornáia	16
melado	15
baile	12
rancho~ranchim	11
carro~carro de boi, gastar	10
burrusquê, frever, pinga, tacho	09
arado, burrai vermei, brabo, cumê	08
animal, cabresto, cacunda, iscuma, lançadera, ofiço~ofíci, tuia, venda	07
bagaço, balai~balaim, balancê~balanceio, boca da fornáia, candombe, cocho, curiango, fuso, garrote, golo~gulim~golim, grota, inté ² , lubisome~lobisome, moenda~muenda, quebra-torto	06
arranchar~ranchar, arrear, arriba, aturar, bestir~bistir, cadê, cinco salamão, de banda, deus~dêsi~indeus, fiada~afiada, fiar, foncionar, gamela, garapa, garrar, grudura, gudão, isprito.	05

4.3. Variação, manutenção e mudança dos lexemas ao longo do tempo

Tendo em conta que a partir do momento em que os estudos linguísticos começaram a considerar o fato de que as línguas influenciam e sofrem influências sociais, os estudiosos da língua assumiram a ideia de que as mesmas constituem um processo dinâmico, que podem variar conforme o contexto social e o momento da interação, já que o locutor tende a usar a língua sempre em adequação a mudanças sociais, históricas, políticas e/ou culturais. Dessa forma, é possível afirmar que as línguas sofrem, de modo contínuo, lentas, graduais e parciais mudanças, sem que, muitas vezes, sejam percebidas pelos usuários, devido a acomodações advindas de fatores intra e extralinguísticos. Ao analisarmos as 256 lexias dicionarizadas, observamos que os vocábulos *alemprar*, *alevantar*, *bage*, *baranda*, *bila darramada*, *dereto*, *inté¹*, *inté²*, *iscuma* e *iscumar* passaram por mudanças desde o século XVIII até os dias atuais. Essas mudanças ocorreram na forma ou no sentido, ou simplesmente foram substituídas por outros vocábulos no nosso vernáculo. A soma desses casos de mudança corresponde a 3,1% do total das lexias dicionarizadas.

Entretanto, constatou-se ainda, que várias lexias conservaram a mesma forma e a mesma aceção desde a sua primeira dicionarização até os dias atuais. É pertinente observar que muitas delas adquiriram novos significados, contudo o significado original ainda mantém o seu lugar na língua contemporânea. Entre as 256 lexias dicionarizadas, foram verificadas 197 que sustentaram a mesma forma e sentido de antes, o que equivale a 76,1%. Pequenas diferenças ortográficas como gênero, número e outros casos que não apresentam alterações expressivas, e também aquelas que constituíam pequenas variações, foram contabilizadas como *sem mudanças*. Seguem abaixo essas lexias:

Abisar, abuscar, adobe, alear, andu, anduzero, animal, aperto, apiar, arado, arear dente, armesca, arranchar, arriar, arrei, arrendar, arriata, arriba, ativo, aturar, bagacera, bagoço, bago, baile, balai, balance, barriar, barriga d'água, barriguera, batedor, batidinha, batuque, bergonha, bestir, bica, boca da noite, boiada, breiado, brejo, bruaca, bulandera, burrai vermei, cabaça, cabresto, cachaça, cacumbu, cacunda, cambada, campiar, candeia, candombe, candonguero, canga, cangaia, capado, capanga, capão, capitão, capuera, carangonço, carguero, carro de boi, catinga, cepo~cepozim, chumbar, cincerro, cinco salamão, cocho, coivara, corgo, criação, cuia, cume, canguçu, curiango, curisco, dançadera, dançador, de banda, de coque, d'cunjuero, derrobar, desmorecer, dibuiar, dicumento, disorde, distinto, disvaziar, divera, eito, encrencar, encruziar, enfezado, engem, engenhoca, febre calatina, feção mulatim, fera, fiada~afiada, fiar, firrujar, fisgar,

foice, foncionar, fragelo frescão, frever, fugarero, fumo, furquia, fuso, galopada, gamela, garapa, garrote, garrucha, gravatá, grotá, grudura, gudão, guela, hispitali, icarriado, ideia, imbigó, imbira, imborbuiar, iguali, infeitar, inhambu, injuntar, intramiar, inxadão, inxemplo, iscangaiar, iscurrupião, isparrela, ispinhela caída, isprito, istalero, japona, jaracuçu cabeça de pato, jirau, junta de boi, junta do osso, labutar, lajiado, lambicar, lambique, lamparina, lançadera, lavrar, loro, lubisome~lobisome, mãidoca~mãindoca, mangangá, manguara, manjarra, manjocal, marelão, marrio, mastigar, medonho, meiero, melado, moda, muenda~moenda, morada, munho, ofício~ofíci, paiol, pantasma, pinga, rancho~ranchim, sombração, tabatinga, taca, tacha, tacho, tatu passa aqui, tecedera, tempestada, terrero, tijijum, toicim, trem, tropa, tropero, trupicar, tuia, unha de boi, veiacó e venda.

Concomitantemente à manutenção linguística foram avaliadas, ainda, entre as palavras dicionarizadas, ocorrências de coexistência de duas ou mais variantes lexicais ou formais pra a mesma palavra nas obras lexicográficas atuais. Foram constatados 20 casos, abarcando 7,8% do total. São elas: *alembrar, alevantar, antão, ante, avuar, brabo, cadê, chucho, cochicho, dereto, dê, golo, gumitar, inté¹, inté², intuxicar, iscuma, iscumar, lumiar e varge.*

A seguir apresentamos o GRAF.8, que ilustra os casos de mudança e manutenção linguística. Cabe ressaltar que 35 lexias (13,7%) não atenderam o cômputo, entre casos de mudança ou manutenção linguística, visto que aparecem em apenas um dicionário.



GRÁFICO 8 – Mudança e Manutenção Linguística

4.3.1 Quanto aos arcaísmos

A discussão acerca da determinação do período que caracteriza a língua arcaica do português vem ocorrendo há alguns anos, mas ainda não há um consenso por parte dos estudiosos sobre a delimitação desse período. Segundo Mattos e Silva (2002) *apud* Souza (2008), “as principais características linguísticas do período arcaico são encontradas em documentos e borás dos séculos XIII e XIV, sendo que no século XVI algumas dessas características permanecem e outras desaparecem.” Uma data simbólica é determinada por Ivo Castro,⁴⁵ para servir como limite entre o período arcaico e o português moderno: 1536.

Esta data foi escolhida por representar o último auto de Gil Vicente – Floresta de Enganos – e por ser o ano de publicação da Gramática da linguagem portuguesa de Fernão de Oliveira, obra essa que contribui para um processo progressivo de normatização da língua portuguesa. Segundo Ivo Castro, o português moderno tem início a partir do século XVI⁴⁶

Foi levada em consideração, para o tratamento dos arcaísmos lexicais nesse trabalho, a cronologia proposta por Ivo Castro. Dessa maneira, são considerados como arcaísmos os vocábulos usuais entre os séculos XIII e XV, os quais, por motivos vários, perderam espaço ao longo do tempo, não sendo mais usuais na língua portuguesa padrão, ficando restritos à linguagem popular e também ao meio rural.

Após análise das fichas lexicográficas, foram detectados seis casos de lexias avaliadas como arcaísmos, representando 2,35% das lexias dicionarizadas. São elas *alembrear*, *alevantar*, *antão*, *dereito*, *imbigo* e *iscuma*.

Após verificação da lexia *alembrear*, constatou-se que, apesar de não haver seu registro no Dicionário Etimológico, de Antônio Geraldo da Cunha (de agora em diante DENF), ela aparece nos dicionários atuais como forma popular. Segundo o dicionário de Amadeu Amaral (*O Dialeto Caipira*), esse vocábulo aparece na obra de Gil Vicente (Cf. a respectiva ficha).

Já o vocábulo *alevantar* aparece no DENF como uma forma do século XIII.

Assim como *alevantar*, *antão* é antigo na língua portuguesa, sendo encontrado desde o século XIII conforme consta no DENF. Ele também aparece nos dicionários atuais como forma popular. Conforme o *Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, essa lexia aparece na obra de Camões (Cf. a respectiva ficha).

⁴⁵ CASTRO, *apud* MATTOS e SILVA, 2002, p. 29.

⁴⁶ SOUZA, 2008, p. 187.

O vocábulo *dereito* ocorre no DENF como registrado na língua desde o séc. XIV. Ocorre nos dicionários atuais como forma popular e também está registrado no dicionário de Amadeu Amaral como recorrente nas *Lições* de L. de Vasc. (Cf. a respectiva ficha).

Imbigo é dicionarizado dessa forma como entrada apenas no dicionário de Amadeu Amaral. Entretanto, os dicionários pesquisados de P. Bluteau, de Antônio de Moraes e de Antônio Geraldo da Cunha apresentam variantes ortográficas para o mesmo. Esse vocábulo na forma assimilada é documentado desde o século XIV segundo o DENF e, atualmente, só é encontrado na linguagem popular.

Para finalizar, a lexia *escuma* aparece registrada no DENF como presente na língua portuguesa desde o século XIV.

4.3.2 Quadro Comparativo entre as regiões Norte, Sul/Sudeste e Metropolitana de Minas Gerais

Comparando as lexias coletadas na Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Belo Horizonte, com dados de dois estudos similares realizados por Souza (2008) e Ribeiro (2010), que analisaram o léxico rural dos municípios de Águas Vermelhas – Região Norte de Minas Gerais – e Passos – Região Sul/Sudeste do Estado – detectou-se que 23,6%, ou seja, 79 lexias presentes em nosso *corpus* também eram recorrentes em um dos dois municípios citados, em alguns casos, em ambos, como ilustrado no GRÁFICO 9:

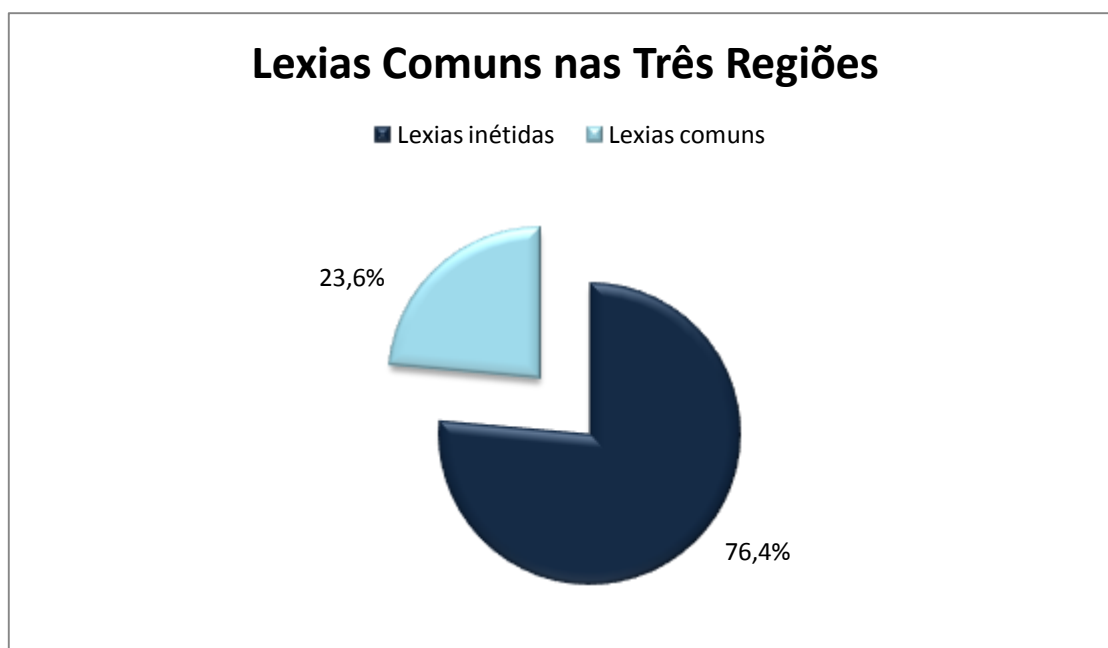


GRÁFICO 9 – Lexias Comuns

Apesar da distância que separa essas três regiões – Serra do Cipó, Águas Vermelhas e Passos – o léxico comum encontrado é bastante expressivo. Entretanto, existe uma predominância de lexias similares entre a região da Serra do Cipó e a área rural do município de Passos. Das 335 lexias do *corpus* do presente trabalho, 64 também constam nos dados pesquisados no Sul de Minas, enquanto as outras 30 lexias são verificadas no município de Águas Vermelhas. Essas lexias podem ser observadas detalhadamente na QUADRO 2 a seguir.

QUADRO 2

Lexias comuns - Serra do Cipó, Águas Vermelhas e Passos

SERRA DO CIPÓ (FREITAS, 2012)	ÁGUAS VERMELHAS (SOUZA, 2008)	PASSOS (RIBEIRO, 2010)
adobe	—	adobo
alembrar	alembrar	alembrar
alevantar	alevantar	—
andu	andu	—
antão	—	antão
anté	inté	inté
aperto	—	aperto
apiar	—	apiar
arado	—	arado
arranchar	arranchar	—
arriar	arrear	—
ativo	—	ativo
aturar	—	turar
bagaço	—	bagaço
balai~balaim	—	balaio
bica	—	bica
bitela~bitelão	—	bitelo
boiada	—	boiada
brabo	—	braba

brejo	—	brejo
bruaca	—	bruaca
cabaça	—	cabaça
catchaça	—	catchaça
cacunda	cacunda	cacunda
cadê	cadê	cadê
candeia	candeia	candeia
canga	—	canga
cangaia	cangaia	—
capado	capadão	capado
capanga	capanga	—
capão	—	capãozinho
capuera	capoeira	—
carrero	carrero	carrero
carro~carro de boi	—	carro de boi
catinga	catinga	catinga
cocho	—	cocho
coivara	coivara	—
corgo	—	corgo
criação	—	criação
cuia	—	cuia
cumê	—	cumê
de banda	—	banda
de primero	de primero	—
divera	devera	—
envir	—	envir
foice	—	foice
furquia	—	furquia
fuso	fuso	—
gamela	gamela	gamela
garapa	—	garapa
garrar	—	garrar

garrote	—	garrote
golo~gulim~golim	—	golo
guela	—	guela
im ante	em antes	em antes
imbigo	imbigo	imbigo
inté ¹	inté	inté
lamparina	—	lamparina
lavar	—	lavar
lumiari	lumiari	—
marelão	—	amarelão
mode	mode~modo	mode
mucado~mucadim	mucado	mucado
paiol	—	paió
pinga	—	pinga
rancho~ranchim	—	rancho
sombração	—	sombração
taca	taca	—
tacha	—	tacha
tecedera	—	tecedera
terrero	—	terrero
toicim	—	tocinho
trem	—	trem
tropa	tropa	tropa
tropero	tropero	—
trupicar	tropicar	—
tuia	—	tuia
veião	—	veiaço
venda	—	venda

Das lexias comuns registradas na Serra do Cipó e Passos, a única que mantém mesma forma, porém significado distinto é *bitelo*:

Bitelo – defunto (Passos); grande (Serra do Cipó)

Já em relação a Águas Vermelhas, o número de lexias que mantém a mesma forma, mas significado diferente sobe para duas – carrero e catinga:

Carrero – caminho (Águas Vermelhas); guia de carro de bois (Serra do Cipó)

*Catinga*⁴⁷ – vegetação (Águas Vermelhas); mau cheiro (Serra do Cipó)

É possível, com a análise deste dados, perceber que apesar de haver um número significativo de lexias similares entre as três regiões, há uma proximidade maior entre o vocabulário rural do Sul e da região Metropolitana de Minas Gerais. Tal similaridade pode advir da forma de ocupação das duas regiões e até mesmo pelas atividades agrícolas e pecuárias desenvolvidas em cada uma delas.

Após descrição, quantificação e análise dos dados, segue o capítulo 5, no qual é apresentado o Glossário.

⁴⁷ Na língua escrita, esses termos se diferenciam pela inserção de um –a: caatinga = vegetação; catinga = mau cheiro.



FOTO 07 – Antiga senzala – Fazenda Cipó
Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO V - GLOSSÁRIO

Este glossário é parte do repertório lexical que compõe as 12 entrevistas que consttuem o *corpus* desta dissertação, aqui já apresentado e analisado em fichas lexicográficas no capítulo 4. Divide-se em duas partes:

1. Quadro geral de classificação: seção que mostra a estrutura geral das relações existentes entre os grandes grupos de palavras, ou seja, coleta dos termos afins, unidos por rede semântica ou em campos de significados comuns – baseia-se no critério onimasiológico;
2. Glossário: a parte que contém as palavras selecionadas e agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), acrescentadas de definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas – trata-se da apresentação do vocábulo pelo critério semasiológico.

5.1. QUADRO GERAL DE CLASSIFICAÇÃO

a) Natureza

Vegetal

anduzero, armesca, bage, bago, capão, capinera, capuera, cipó de fogo, coivara, fumo, gravatá, gudão, imbirá, manjocal, meloso, unha de boi.

Animal

animal, boiada, capado, carangonço, carguero, cariangola, curiango, garrote, inhambu, iscurrupião, jaracuçu cabeça de pato, junta de boi, lobo guará, mangangá, tropa.

Mineral

barro de teia, lajeado, tabatinga.

Água

bica, iscuma, varge.

Meteorologia

curisco, tempestada.

b) Alimentação

andu, batidinha, cabrita, cachaça, capitão, cumê, dispesa, farinha d'amendoim, feijão miúdo, feijão mulatim, fubá suado, garapa, golo~golim~gulim, grudura, laranja creme, lementar, maco~maco, mãidoca~mãindoca, mãidoca cacau, mãidoca chitinha, melado, quebra torto, tijitum, toicim, chumbar uns golim,

c) Espaço físico/ Relações espaciais

arriba, de banda, grotá, hispitali, meiero, terrero.

d) Tempo/ Relações temporais

antão, até, barra do dia, boca da noite, dar na base, de primero, dê~dêsi~deus~indeus, dia de sabo, féra, im ante, inté¹, inté², vespano, vorta da lua, vorta do dia.

e) Ocupações

eito, fiadêra, incerração de capina.

f) Doenças

barriga d'água, bila derramada, cariangola, chiata, febre calatina, incangicar, intuxicar, ispinhela caída, junta iscunjuntada, marelão, osso ringido, veia rota, vento igauzado, vento virado.

g) Produtos

Materiais de construção

adobe.

Objetos, utensílios, coisas

bagacera, bagaço, balage, batedor, boca da fornaia, burrai vermei, burrusquê, cabaça, cacumbu, candeia, capelo, cartuchera, cepo, cuia, dicumento, fornaia, fugarêro, gamela, garrucha, istalero, japona, jirau, lamparina, manguara, marrío, minagerá, ropa de João de barro, trem, trenhal, tuia,

Instrumentos musicais/música

baile, balaim de fulô, balanceio~balancê, batedor de caixa, batuque, benzim do assuaio, boiadera, candombe, dançarada, moda, tatu passa aqui.

h) Fazenda

Ferramentas

arado, bulandera, chucho, cincerro, engem, engenhoca, foice, furquia, fuso, inxada de arado, inxadão, lambique, lançadera, manjarra, mão de pilão, moenda~muenda, munho, tacha, tacho, vara de ferrão.

Transporte de pessoas/ objetos e/ou animais

arrei, arriata, balai~balaim, barriguera, bruaca, cabresto, cangaia, capanga, carro~carro de boi, loro, taca.

Construções

Baranda, cerca de tisora, cocho, , cuchichó, morada.

Atividades

campanha, ismurrar, labutar, lambicar, lavrar, bater cabo, bater sabão, barriar, dar escola, ganhar dia~ganhar um dia, maquina de pé, melar coco, tecedera, tropero,

i) Características

abusante, ativo, brabo, candonguero, catanga, cunçu, dançadera, dançador, iguali, moça menina, veiacó.

j) Superstições

bichim~bicho de guizo~bicho ruim~bicho diabo~bichim que come aguia virge, genebra, lubisome~lobisome, pantasma.

k) Religiosidade

cinco salamão, isprito, ofici~ofíço.

l) Festa Popular

entrega de pé de mio.

m) Morfologia

cacunda, guela, hormônio da cabeça, ideia, imbigio, junta do osso.

n) Sentimentos e sensações

bergonha, distinto, fragelo, inxempro, isparrela.

o) Estado

breiado, de coque, d'cunjuero, dereto, enfezado, en quente, firrujar, frescão, d'galopada, icarriado, iludido, isprivitado, malunga, medonho.

p) Quantidade/ tamanho

bitelo, caiau, canca, carga de rapadura, libra, muicado~mucadim.

q) Movimento

andar igual galinha tonta, andar na tába da berada, apiar, avuar, balanceia, bambiar, disvasiar, imborbuiar.

r) Família

cambadinha, cumá, cumpá, fiada~afiada, mãe de primero leite.

s) Conduta

abisar, abuscar, acuiar, alevantar, alevar, arear dente, arranchar, arrear, arrendar~render, barrer fogo, berrar fogo, bestir~bistir, campiar, chamar na réida, cocorar, contar um pé de miséria, dar de bunda, derrobar, desmorecer, dibuiar, disarriar, encardir, encarar, encarnar, encrencar, encriziar, envir, fiar, fisgar, foncionar, frever, garrar, gastar, gimidura, gumitar, imbigada, infeitar, injuntar, inrestar, intramiar~intrimiar, iscamuçar, iscangaiar, iscumar, juntar de galopada, lumiar, mastigar, trevessar, trupicar, zuação, zunir.

t) Conhecimento

alembrar, entender, tirar sal na mulera.

5.2. GLOSSÁRIO

Foram adotados os seguintes procedimentos na organização dos verbetes.

- As entradas estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito.
- Os substantivos e os adjetivos apresentam-se no masculino e no singular, ao passo que os verbos estão no infinitivo.

- Após a entrada, é indicado, entre parêntesis, se o vocábulo é dicionarizado pelo *Aurélio*⁴⁸(A); se não é dicionarizado no *Aurélio*, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A).
- A categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo etc. Essas indicações vêm abreviadas. Para saber o que as abreviaturas significam, há uma lista no final desta apresentação.
- Após esses procedimentos, apresentamos a definição da palavra construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. Em alguns verbetes, fazemos observações que se encontram entre parênteses.
- A frase de abonação (em itálico) mostra como a palavra é usada na região estudada.

Abreviaturas e convenções

A – dicionarizado no *Aurélio*

adv. – advérbio

afr. – africanismo

arc. – arcaísmo

Ár. – árabe

Cast. – castelhana

Cel - celta

Cf. - conferir

cont. – controvertida

desc. – desconhecida

duv - duvidosa

esp. – espanhola

Fr. - francesa

Germ. – germânica

Greg. - grega

inc. – incerta

ind. – indigenismo

INF. – informante

lat. – latim

loc. adv. – locução adverbial

loc. pron – locução pronominal

n/A – não-dicionarizado no *Aurélio*

n/d – não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrada

Mal. – malaia

Nap - napolitana

NCf – nome composto feminino

NCm – nome composto masculino

Nf – nome feminino

Nm – nome masculino

⁴⁸ *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa.*

obs. – obscura
onomat. – onomatopaica
PESQ. – pesquisadora
prep. – preposição
pron. – pronome
Ssing – Substantivo singular
top – toponímica
V – verbo

A

ABISAR • (A) • [V] • Lat>Port • Dar aviso a, informar, prevenir. Variante de avisar. • “*ele foi abisado que tava com...mas é num ligava pra coisa né pra pressão arta né.*” (Ent.07,linha 180) • (abisar~avisar: caso de degeneração)

ABUSANTE • (n/d) • [Adj] • Lat>Port • Que excede o permitido. • “*Cê faz ôta cumpá (C...) faz ôta dessa fica abusano cê é muito abusante.*” (Ent. 10, linha 227)

ABUSCAR • (A) • [V] • obs. • Tratar de trazer ou levar. Variante de buscar. • “*...fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abusca...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio*” (Ent.04,linha 152) • (abuscar~buscar: caso de prótese)

ACUIER • (n/d) • [V] • (n/e) • Tirar,desprender separando do ramo ou da haste; apanhar. Variante de colher. • “*...o arroz que tinha ... que tava sem cortá levantô e nózi ... nós consiguiu acuiê.*” (Ent.07,linha 28) • (acuiér~colher: caso de prótese)

ADOBE • (A) • Nm[Ssing] • Ár. • Tijolo feito de argila, seco ou cozido ao sol, geralmente acrescido de capim ou palha, para torná-lo mais resistente. • “*Fui embora pra casa de mamãe lá ê fez dois cômodo no Papagai num terreno que ê comprô...aí fez menina um trezim assim de adobe...*”(Ent.06,linha 139)

ALEMBRAR • (A) • [V] • Lat>Port • Trazer algo à memória, recordar, relembrar. Variante de lembrar • “*Ele era fei menina em vida ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fiuzim...*” (Ent. 06, linha 375) • (alembrear~lembrar: caso de prótese)

ALEVANTAR • (A) • [V] • Lat>Port • Colocar ou colocar-se de pé, elevar-se. Variante de levantar. • “*Com deus me deito com deus me alevanto...com a graça divina e o sinhô isprito santo*” (Ent.01, linha 333) • (alevantar~levantar: caso de prótese)

ALEVAR • (A) • [V] • Lat>Port • Fazer passar de um lugar para outro, carregar, transportar. Variante de levar. • “*Ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô “nossa sinhora d’aparcida ondê que cês vão alevá ieu” aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso e ê viu que é o disco voadô memo*” (Ent.06,linha 139) • (alevar~levar: caso de prótese)

ANDAR IGUAL GALINHA TONTA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Vaguear transtornado, caminhar fora de si. • “*...nôto dia eu andava o terrero todo igualli galinha tonta mais depois que eu armucei que eu peguei o distino” (Ent.06,linha 270)*

ANDAR NA TÁBA DA BERADA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Ver-se em situação de apuro. • “*Dessa vez o (T...) ...andô na taba da berada depois sarô...*” (Ent.06,linha 163)

ANDU • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Semente do anduzeiro, similar a um feijão. • “*Ah armoço andu podre chei de bicho grudura de boi farinha de mândoca arrozí daquele arroz vermei cê podia sentá na testa dum qu’ê caía de costa*” (Ent.07, linha 250) •

ANDUZERO • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Arbusto da família das leguminosas cuja semente donomina-se andu. • “*de tudo contuá que cê pensá...é fevão...é mio...mandioccal...anduzêro...canavial bananal é...é...batatinha...*” (Ent.07,linha 66)

ANIMAL • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Mamífero da família dos equídeos (cavalo, burro, mula, jumento) • “*...montei no animal que eu tava e freví atrás dele no mei do mato*” (Ent.10,linha 175)

ANTÃO • (A) • [Adv] • Lat>Port • O mesmo que então. • “*A madêra ficava perfeita toda antão ês tirava as madêra e fazia a tal cerca de tisôra...já viu falá?*” (Ent. 04, linha 422)

ANTÉ • (n/d) • [Prep] • (n/e) • Limite em um espaço de tempo. Variante de até. • “*Ti (M...) trabaiô anté no dia dea morrê é anté no dia dea morrê capinano a semente de mi dela ali ó deitô pra discansá diz que pôs a mãozinha assim ó aí ea fechô o oi deus levô ela*”(Ent.06, linha 217)

APERTO • (A) • Nm[Ssing] • (n/e) • Pobreza, dificuldade; falta do necessário. • “*Mais vô falá com cê uma coisa já passei muito aperto de dificurdade essa casião num era igual hoje em dia quano os trem cabava tinha que buscá trem lá em Vespasiano.” (Ent. 05, linha 148)*

APIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Descer de animal ou de veículo. • “*Tinha que apiá ali na rodiviara e trevessá de banda e caminhá uma distança com o daqui a...como daqui lá na casa do (B...) pa podê chegá na casa dela.” (Ent. 09, linha 141)*

ARADO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Máquina agrícola usada para lavrar a terra. • “*A primera roça que eu prantei aqui foi ali do ôto lado foi lavrado na enchada tinha que lavrá na enxada que num tinha arado...adubo...adubo foi de um certo tempo pra cá num tinha adubo que o povo estudô aí veio o adubo” (Ent. 05, linha 436)*

AREAR DENTE • (A) • [Fras] • (n/e) • Esfregar os dentes com pedaços de tabaco. • “*Ea ariava né...ariava dente com fumo cê sabe né? é...a eu prendi fumá foi com esse danado desse fumo ea ariava dente e jugava fora aque bagaço.” (Ent. 11, linhas 225 e 226)*

ARMESCA • (A) • Nf[Ssing] • Ár. • Árvore de tronco esbranquiçado que produz frutos e rezina amarelos. • “*(Tinha) um pé de armesca...e por baxo assim mia fia tinha um/o camim era limpim por conta daquele ingem” (Ent. 09, linha 308)*

ARRANCHAR • (A) • [V] • Lat>Port • Alojjar, estabelecer provisoriamente. • “*Mangangá miudinho tinha um grande né...ê arrancharo tudo lá dentro mais era cada um que gimia parece que tava cantano” (Ent.04, linha 383)*

ARREAR • (A) • [V] • Lat>Port • Colocar os arreios em. • “*Teve uma vez que eu peguei um burro aqui arriei ele...montei no lugá que eu montei ieu fiquei” (Ent. 05, linha 13)*

ARREI • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Peça utilizada para montaria em animais. • “*Cheguei joguei o arrei no burro ali e montei...muntei risquei nesse burro passei ali subi sái na cabiçêra da Palma subi em São Vicente de São Vicente sái na no Carnero lá em cima sái no Tuti” (Ent. 02, linha 107)*

ARRENDAR~RENDAR • (A) • [V] • Lat>Port • Dar ou tomar pedaços de terra em arrendamento, alugar. • “O (A...R...) mudô pra qui sabe...aí me animô a arrendá o terreno” (Ent.05, linha 41) • “Rendei um terreno na mão do (I...) aí do Cipó ficô comigo quarenta ano esse terreno rendado eu cuía tudo de lá mais dava mantimento demais” (Ent.05, linha 128)

ARRIATA • (A) • Nm[Ssing] • (n/e) • Correia ou corda com que se prendem e por onde se conduzem os animais. • “As coisa que tava no cavalo pôs no chão a arriata né de trem de fazê cumida essas coisa e...tirô a farinha uma pele e pôs na boca” (Ent. 08, linha 170)

ARRIBA • (A) • [Adv] • Lat>Port • O mesmo que acima. • “Sei só qu’ês era uns quatro home...e subiu pa estada arriba já foi direto pá estada arriba menina” (Ent.09, linha 121)

ATIVO • (A) • [Adj] • Lat>Port • Característica do que é esperto, inteligente. • “No pasto que nós passava tinha um boi um garrote danado que pôs eu em riba do pau uma vez mais (R...) aí os menino que ês era mais ativo né...aí menina o menino vinha atrás de mim” (Ent.03, linha 142)

ATURAR • (A) • [V] • Lat>Port • Subsistir por um período de tempo em determinada situação. • “A baiana falô que ia arrumá um reimeído num lugá pra ele ê sarô mais atacô o coração num aturô mais” (Ent.06, linha 400)

AVUAR • (A) • [V] • Lat>Port • Sustentar-se ou mover-se no ar. Variante de voar. • “Do jeito que ê pegô a cabeça dele assim e impurrô ê pra baxo e ê falô nossa sinhora d’aparicida ondê que cês vão alevá ieu aí ê saiu avuano memo e virô lá po lado do Cardoso.” (Ent.02, linha 26) • (avuar~vuá: Prótese)

B

BAGACERA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Grande quantidade de bagaço de cana. • “Oiava debaxo da fornáia aquês trem vêi tudo que tinha aqueas bagacera véia dento da fornáia de cuzinhá garapa” (Ent.04, linha 162)

BAGAÇO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Resíduo de frutos e folhas depois de extraído o sumo. • “Alí cê pó fazê uma carrera de cana dessa artura aqui que o trem romói tudo...cê pegava lá fazia a vorta passava o bagaçõ assim” (Ent.11, linha 185)

BAGE • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Leguminosa repleta de sementes. • “Mais o fejão era era fejão mulatim da bage rocha fejão tava assim de fejão” (Ent.05, linha 122)

BAGO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Qualquer grão. • Nôto dia quand’ disvasiô um pôco nós desceu num tinha um bago de arroz no terrero” (Ent.11, linha 08)

BAILE • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Qualquer dança em que a mulher é conduzida pelo homem. • “Ocês que num conhece o batuque ocê larga o baile e vai dançá cês num tá veno essas dança aí quês fala ieu nem danço essas confusão de agora é só pulá pulá ah ieu não” (Ent.06, linha 62)

BALAGE • (n/A) • Nf[Ssing] • Fr. • O mesmo que bagagem. • “Nôto dia vei cá pra igreja eu fiquei mais foi na igreja aí as menina me buscô pra murçá e vortei já dispidimo da dona né (E...)? juntô a balage jugô dentro do carro e vei embora” (Ent.06, linha 278)

BALAI~BALAIM • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Tipo de cesto de palha. • “Os trem tava tudo dent’ do balai pegava punha no carguero e ia lá vai mamãe com menino inrolado as vez menino novo. (Ent.06, linha 391). • “Eu buscava mãidioca lá no balaim pá podê fazê farinha a meia c’ ê...esse dia eu tava cum esse balaim...aí..eu...na hora que já tinha a quantidade dele pegá... “isso aí...essa aí pra quê que é?”...falei “é pa mim levá la pa casa uai eu tamém mexo””. (Ent.01, linhas 108 e 109)

BALAIM DE FULÔ • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Música tradicional típica de rodas de batuque. • “Nós fizemo o batuque o povo do Berto aí que sabe tocá o batuque...aí tinha o balaim de fulô tinha balancê...agora o balancê era assim cê balanceia” (Ent.08, linha 186)

BALANCEIA • (A) • [V] • Lat>Port • Dar movimentos compassados de balanço ao corpo. • “Aí tinha o balaim de fulô tinha balancê...agora o balancê era assim cê balanceia...o balancê era os par um home com uma muié um home com uma muié agora um tocadô falava “balancê balancê” aí saía e trocava uma dama com ôtro trocava de lá pra cá...trocava de lá pra cá aquela roda boa era assim que era a festa” (Ent.03, linhas 182 a 184)

BALANCEIO • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Passo de dança que consiste em movimentos compassados de balanço do corpo. • “Os ôto num sabia ia pas roda de batuque roda de mão balanceio esses trem e isso era a nôte interinha dançano” (Ent.03, linha 159)

BALANCÊ • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • “Aí tinha o balaim de fulô tinha balancê...agora o balancê era assim cê balanceia...o balancê era os par um home com uma muié um home com uma muié agora um tocadô falava “balancê balancê” aí saía e trocava uma dama com ôtro trocava de lá pra cá...trocava de lá pra cá aquela roda boa era assim que era a festa” (Ent.03, linhas 182 a 184)

BAMBIAR • (n/A) • [V] • onomat. • Expelir o óleo de determinado fruto. • “E o sal que põe e...agora na hora que tá pa rendê...na hora que tá socano lá...qu’ê cumeça a bambiá ai vai isquentano a mão de pilão de vez em quano” (Ent.01, linha 78)

BANDA~EM BANDA • (A) • Nf[Ssing] • cont • O mesmo que lugar. • “A hora que ocês passô pra cá tem um barzim assim de uma banda né?” (Ent. 05, linha 57) • “Falei “a só pode tá atrás da cabeça daquele toco ali ó num tá em banda nenhuma” o trem tá gemeno” (Entr.04, linha 369)

DE BANDA • (A) • [Adv] • cont. • Lado, parte lateral. • “Levei o pedaço de pau assim de banda...tava pareceno um home...tomô que é rivirô lá no chão assim ó...” (Entr. 04, linha 291).

BARANDA • (A) • Nf[Ssing] • incert. • Compartimento aberto de uma construção, geralmente protegido por uma grade ou mureta. Variante de varanda. • “Cumpade meu sabe tinha uma menina que era minha fiada... mais daí se nós num toma ea ploi que matava ea...aquí nessa baranda aqui (D...) foi cuidá dela nó ês fartô até subi na baranda... ploi na menina aí a nossa fiada né...aí foi (D...) cuidô dela essa vez aí o coitado era muito

pobrezim num cuidava dos menino” (Ent.04, linhas 87 e 88) • (baranda~varanda: caso de degeneração)

BARRA DO DIA • (n/d) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Momentos que antecedem a noite; horas finais do dia. • “*Ô minhas fia aí quano falava a barra do dia evem ((cantando)) a barra do dia evem é hora de nós embora vira o fundo da garrafa dêxa o povo disinganá a barra do dia evem ((risos)) a (I...) já tá dançano*” (Ent.06, linhas 49 e 50)

BARRER FOGO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Incendiar. • “*Óia só roçava os mato aí passano uns trinta dia que aqueas maderinha mais fina secava né barria fogo...quemava e ali sobrava madêra...a madêra ficava perfeita*” (Ent.04, linha 420)

BARRIAR • (A) • [V] • cont • Revestir de barro, rebocar. • “*TERC.: Mais essa tuia que ocês fazia era fechadinha ou tinha que passá barro nela? INF.: Não...muitos barriava mais nós nunca barriô..fazia ea de bambu bem fechadim que o mantimento num passava na greta*” (Ent.06, linha 415)

BARRIGA D'ÁGUA • (A) • [Fras] • (n/e) • Doença que acarreta acúmulo de líquido na região abdominal, ascite. • “*A cachorra ficô esperano cachurrim dele...lobim dele todo mundo queria um lubim quano na hora...ea ficô com aquê barrigão...foi deu uma barriga d'água morreu cachorra com os bicho tudo*” (Ent.09, linha 461)

BARRIGUERA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do arreio que passa em volta da barriga do animal. • “*((o burro)) caiu cumigo dent' do poço e rivirô e eu fiquei por baxo condafê levantei deus judô que a barriguera rubentô o burro sai pelado pa lá eu saí po ôto lado moiado*” (Ent.05, linha 95)

BARRO DE TÊIA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Barro branco encontrado em territórios úmidos, geralmente utilizado para confecção de telhas. • “*Cê põe ê lá enche as fôrma tudo agora trazia o barro de têia trazia aquê barro mole de teia forrava ê assim aquilo ali iscorria o tal melado azedo*” (Ent.11, linha 196)

BATEDOR • (A) • [V] • Lat>Port • Instrumento utilizado para bater em algo. • “*PES.: Essa quantidade de arroz com vara não dá pra batê. INF.: Não... não.. . num é desses que gosta de batê com batedô ... não... batia com boi*” (Ent.11, linha 46)

BATEDOR DE CAIXA • (n/d) • NCm[V+prep+Ssing] • (n/e) • Músico que responsável por tocar caixa em rodas de batuque. • “*O batuque é assim o violêro batedô de caixa sanfona pode entrá na roda de batuque e as dona cada um tem um par né tem o home e a dona aí vai rudiano*” (Ent.06, linha 42)

BATER CABO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Trabalhar na lavoura capinando ou roçando a vegetação. • “*Meus irmão era....mûcho e mamãe mais papai num dava conta de mantê ês aqui ês vivia era pegano inchada memo bateno cabo essas coisa*” (Ent.05, linha 04)

BATER SABÃO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Misturar com vigor os ingredientes utilizados na confecção do sabão até obter a textura necessária. • “*Na hora que tá bateno o sabão cê vê que ea ((a soda)) foi pôca ali cê põe mais um poquim po sabão dá ponto*” (Ent.01, linha 202)

BATIDINHA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Rapadura macia esbranquiçada. • “(L...) falô pra eu fazê batidinha...eu num faço proque num da tempo deu fazê...(L...) falô assim “a hoje cê traz uma batidinha pra mim” falei “a (L...) vê se dá tempo” as vez vê uma hora que tem uma pessoa lá dá pra fazê mas sozim num dá pa fazê não”” (Ent.11, linhas 59 e 60)

BATUQUE • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Dança de origem africana acompanhada de cantiga e instrumentos de percussão. • Batuque era bão porque os pai num importava das fia dançá que o batuque num era negócio abraçado com o rapaz. (Ent.06, linha 56)

BENZIM DO ASSUAIO • (n/d) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Uma das cantigas apresentadas no batuque. *Todo dia nós ia dançá lá na casa do (Z...B...) dançava benzim do assuaio né.* (Ent.08, linha 36)

BERGONHA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Sentimento de desonra ou rebaixamento. Variante de vergonha. • *Ah é nós tinha bergonha de vê ês lá em casa né aí subia na cama e oiava ês por riba ês contava “quê que cês tá fazeno?” eu e a (L...) oiano pra cima do...do teiado deitado no banco lá na sala.* (Ent.06, linha 82) • (bergonha~vergonha: caso de degeneração)

BERRAR FOGO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Atear fogo exageradamente • “*Tava tudo dento do toco bizôrrro de toda qualidade ((risos))aí quê que eu fiz furei ele busquei aquê bagaço vêi de ano passado que ê tinha muído sabe e cubrí tudo com aquê bagaço lá é berrei fogo...ah menina mais foi uma gemeção*” (Ent.04, linha 374)

BESTIR~BISTIR • (A) • [V] • Lat>Port • O mesmo que vestir. • *Misturô todo mundo as pretinha com nós né....aí depois que nós bistiui que nós desceu do artar...dom (C...) tava né ê oiô e falô assim “anjo preto é domônio...não beste mais menino preto”.* (Ent.03, linhas 30 e 31) • (bestir~vestir: caso de degeneração)

BICA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Calha que pode ser confeccionada de diversos materiais com o fim de escoar líquidos. • “*Punha a bica assim pra corrê o melado*” (Ent.07, linha 53). “*Forrava com bica de banana acho que era isso punha bica de banana assim que a fôrma tinha o lugá de pingá né*” (Ent.07, linha 56)

BICHIM • (n/A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Espírito ou gênio do mal, anjo rebelde, Satanás, diabo. • “*O dinhêro que ê tinha ê tinha que o bichim punha pra ê...morreu...ê abriu/ê guardava o dinhêro era no aterro da fornaia sabe? ê fez um negócio igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinhêro lá dento punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntuí era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza*” (Ent.11, linha 173)

BICHO DE GUIZO • (n/d) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • “*Quano ea falô que era o bicho de guizo eu falei então se é de guizo tá fáci uai ah quano eu dei pro lado dês ês correu tudo pro lado da casa e batia o guizo que daqui iscutava os menino que tava tudo aqui iscutô*” (Ent.04, linha 172)

BICHO RUIM • (n/d) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • “*Ah era o bicho ruim e daqui ês via o guizo batê lá eu cheguei...aí quano eu cheguei...eu pedi pra ea me contá comé que cumeçô...aí nós foi pra lá dento e esse dia como ea era mei cismada colocô os menino tudo lá perto dela*” (Ent.04, linha 215)

BICHO DIABO • (n/d) • NCm[Ssing Ssing] • (n/e) • “*Uai tava a cavalo mais o burro ficô com medo e ei tamém fiquei((risos)) é mais o lobo deu um urrado que só cê veno UAU e eu gritei “bicho diabo” é correu pra lá e eu ó rapo*” (Ent.05, linha 164)

BICHIM QUE COME AGUIA VIRGE • (n/d) • [Fras] • (n/e) • “*INF.: o bichim que come agui virge...ê tinha ê no vidro é...pensô que ê ia judá ê né ficô lá PESQ.: e era muita gente que tinha?muita gente naquele tempo que tinha o bichinho? INF.: intê hoje por aqui tem...tem...tem por aqui mesmo tem uns treis ou quatro que tem ele no vidro aí*” (Ent.11, linha 156)

BILA DERRAMADA • (A) • NCf[Ssing+Adj] • (n/e) • Produção excessiva de bÍlis pelo pâncreas gerando a sensação de amargor na boca. • “*Jesus é nascido Jesus nascido é fÍ da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caÍda vento virado bila derramada ar preso vento igalzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém*” (Ent.09, linha 491)

BITELO • (A) • [Adj] • (n/e) • Grande. • “*Tancava aqueas mãindoca bitela mesmo inchuta que tava uma beleza*” (Ent.01, linha 103)

BOCA DA FORNÁIA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Abertura no fogão a lenha por onde é depositada a madeira para o fogo. • “*Nós sentô na boca da fornaia contano históra...e os menino tava durmino...já era mais ô meno umas nove dez hora...garrô a gemedêra lá fora...mais gimia e todo jeito*” (Ent.04, linha 350)

BOCA DA NOITE • (A) • [Fras] • (n/e) • Início da Noite, anoitecer. • “*Tomava bãim em casa pa mim podê i pra lá...assim na boca da noite anti de ficá iscuro*” (Ent.01, linha 316)

BOIADA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Manada de bois. • “*Esse ônis tá chei de mucinha mais tudo namorano diz que quano sorta...quano abre a porta do coléjo é a mesma coisa de sortá a boiada é uma bejação eu falei assim “cê tamém ficô com vontade de bejá?” “(M...) mas as menina tá numa bejação” eu falei é beja né...a velha históra né uma hora aparece((risos)) curuz credo ave maria*” (Ent.06, linha 237)

BOIADERA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Canto entoado por trabalhadores nas capinas de roças. • A boiadêra...nó era aquea filêra de quarenta e tantos home...capinano roça e cantano. (Ent.07, linha 122)

BRABO • (A) • [Adj] • Lat>Port • Nervoso, colérico. Variante de bravo. • “*Pegava boi lá...boi brabo juntô um puxano na frente ôtro tocano atrás*” (Ent.05, linha 18) • (brabo~bravo: caso de degeneração)

BREIADO • (A) • [Adj] • Fr. • Sujo. • “*Afiada dê () caiu na bêra do tacho de melado...quano eu vi que ea deu aquê grito menina...cô vi ea co a mão assim...passano na cuiva assim que pegô...agora...tirei a mão dea toda breiada agora num sabia se cudia cá ô cudia a menina*” (Ent.12, linha 03)

BREJO • (A) • Nm[Ssing] • cont. • Terreno pantanoso. • “*Papai fez o chiquêro aqui...aÍ tocava os porco po brejo lá em cima e eu ficava aqui oiano aqui aí pegô andá no tempo que nem cachorro zangado.*” (Ent. 09, linha 254)

BRUACA • (A) • Nf[Ssing] • Cast. • Saco de couro cru para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas. • “*Aqueas bruaca né...bruaca de côro...ai inchia a bruaca...punha saco dent’ da bruaca um pegava e falava... “traz gente”” (Ent.09, linhas 05 e 06)*

BULANDERA • (A) • Nf[Ssing] • Cast. • Grande roda dentada dos engenhos de cana. • “*Engem de pau é treis moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui aí tem os dente põe a bulandera lá os cavalo vai tocano*” (Ent.04, linha 183)

BURRAI VERMEI • (A) • Ncf[Ssing+Adj] • (n/e) • Cinzas ainda muito quentes; brasa. • “*Torra com sal e um puquim de burrai vermei né?...quente...burrai quente mesmo com uma meia cuié de ferro assim*” (Ent.01, linha 68)

BURRUSQUÊ • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Ficha numerada recebida por funcionários públicos que trabalhavam em zonas rurais que eram trocadas pelos salários periodicamente. • “*Dona (A...) era boa professora boa ela...ela num ricibia tamém ea passô treis ano sem recebê...recebia um burrusquê*” (Ent.03, linha 48)

C

CABAÇA • (A) • Nf[Ssing] • desc. • Vasilha formada pela casca inteira e seca do fruto de uma planta conhecida como cabaça. • “*Povo fazendêro ai trocava terra por uma cabaça de melado azedo*” (Ent.11, linha 198)

CABRESTO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Corda ou couro adaptado à cabeça do animal para segurá-lo. • “*Ocê coloca o arrei na égua e o cabresto cê põe no burro*” (Ent.10, linha 102)

CABRITA • (n/A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Bebida paga pelo comprador ao fechar um negócio. • “*Era uma turma boa ai ês virô e falô “ó cê paga a cabrita?” falei “pago” que a cabrita era pá comprá o lito de cachaça pa fazê o negóço tem que passá () tinha que pagá a cachaça pro povo né...é pagá a cabrita” (Ent.02, linha 139)*

CACHAÇA • (A) • Nf[Ssing] • cont. • Aguardente extraída da cana de açúcar, pinga. • “*Cachaça...a cachaça ela quema cê põe ela na boca ela quema mais ela é fria ela ...ea é a água do capelo comé que ela pode sê quente?” (Ent.08, linha 99)*

CACUMBU • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Machado ou enxada gastos, muito usados. • Também usado metaforicamente com designação de pessoa velha. • “*INF.: Visitano os cacumbú. PES.: Visitano o que? INF.: Os cacumbú ((risos))*” (Ent.06, linhas 241 e 243)

CACUNDA • (A) • Nf[Ssing] • Afr. • Costas, dorso. • “*Fui caçá tatu tava com uma ispingarda vinte e oito na cacunda*” (Ent.02, linha 275)

CADÊ • (A) • [Pron] • (n/e) • Onde está; quede. • “*Eu falei “ah nêgo cê vai derrobá esse coquero pra mim”...é disse “cadê a foice?”” (Ent.04, linha 106)*

CAIAU • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Exageradamente grande. • “((o macarrão guela de pato)) *É um bitelão memo assim ó ele era um caiau memo cê fazia ele quais que treis bago inchía a panela*” (Ent.09, linha 444)

CAMBADINHA • (n/A) • Nm[Ssing] • Afr. • Agrupamento de crianças. • “*Esses cambadinha ês era piquininim (N...) com sete ano (A...) com sete ano o ôto cinco ano a menina com dois ano*” (Ent.10, linha 117)

CAMPANHA¹ • (n/A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Grande dificuldade. • “*Coitado ê era mindingo né num gostava nem de tomá banho pa tomá banho era uma campanha menina*” (Ent.09, linha 405)

CAMPANHA² • (n/A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Trabalho em plantações realizado por grupos de homens. • “*INF.: Tempo ruim era bão não cumia assim cumia nas campanha...campanha cê sabe o que que é né? PESQ.: não. INF.: Tabaiadô na roça ês fala é campanha falava assim ó amanhã é campanha de um ôto dia campanha de ôto*” (Ent.11, linhas 247, 249 e 250)

CAMPIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Andar a cavalo no campo ou no mato a procura de gado. • “*Uma vez ô tava...campiano num lugá que chamava Lagoa Seca aqui ó terreno desse povo do Cipó a hora na hora que eu pulei que o burro pulô a moitazinha assim do cipó prata tinha um lobo deitado debaixo*” (Ent.05, linhas 247, 249 e 250)

CANCA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Exageradamente grande. • “*Eu tomei uma canca de tempestada uma vez subino no (A...R...) com menino (A...) nas cadêra com o saco dos trem de cume*” (Ent.06, linha 356)

CANGA • (A) • Nf[Ssing] • Cel. • Peça de madeira que une os bois pelo pescoço e é acoplada ao carro de boi • “*Sabe que que nós teve que fazê? tirô as canga dos boi dexô os boi imhora e trepô ... era rancho trem di cumida tava tudo lá dento sabe? que que nós fez ... nós teve que trepá no pau a inchente tapô tudo*” (Ent. 11, linha 05)

CANDEIA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Objeto usado para iluminação, geralmente feito de barro, e alimentado por azeite ou cera do mato. • “*Quano ele entrô que bateu com o oi ne mim menina ê virô cada candeia desse tamãe com o oi assim*” (Ent.09, linha 162)

CANDOMBE • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Dança de origem africana acompanhada por instrumentos de percussão. • “*Agora num tem mais os tár de batuque porque virô só baile e candombe né num tem batuque mais não*” (Ent.06, linha 56)

CANDONGUERO • (A) • Nm[Ssing] • cont. • Aquele que faz fofoca. “*Eu intrimiava no mei do povo e frivia no baile vinha um candonguero e contava “o (C...)...(C...) tá dançano” ê chegava eu tava serenano na mão dos menino*” (Ent.06, linha 30)

CANGAIA • (A) • Nf[Ssing] • Cel. • Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas, metade para o outro lado. • “*Sabe quanto que nós vindia? oito mil réis o saco...oito eu tem muita coisa aí resto de cangaia coisa que eu vendi com essa farinha desse preço comprei cangaia essas coisa era um home que vinha lá de Taquaraçu com a tropa dele comprava nossa farinha*” (Ent.04, linhas 402 e 403)

CAPADO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Porco grande e castrado para engorda. • “*Nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrero é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim*” (Ent.09, linha 449)

CAPANGA • (A) • Nf[Ssing] • Afr. • Espécie de bolsa rústica geralmente de couro. • “*Punha os trem tudo na capanga pa juntá pa pô no carguero de madugada*” (Ent.06, linha 389)

CAPÃO • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Porção de mato isolado no meio do campo. • “*Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu*” (Ent.09, linha 199)

CAPELO • (n/d) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Peça da parte superior do alambique. • “*A cachaça mió que tem é a cachaça de melado uai... ea faz igualzim a ôta ea já é azeda...ea já é azeda memo é só botá pra freventá lá no tampão lá e dexá o trem corrê lá no capelo uai tocá fogo*” (Ent.11, linha 205)

CAPINERA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Plantação de capim destinado ao trato do gado. • “*Lá debaxo ali tinha uma capinera grande ê tocô po mei da capinera ê foi e ficô isperano ê lá pá ê saí lá aí ê trepô na capinera saiu lá por baxo lá saiu lá na casa dele coitado e o ôto ficô lá esperano na boca da capinera lá pa vê se ê saia lá né*” (Ent.09, linhas 345 a 349)

CAPITÃO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Bocado de qualquer tipo de massa aglomerado entre os dedos. • “*A massa num pó sê muito rala não senão ea fica lavada...põe a água ali de jeito que enfia a mão na massa assim torce ea assim ea dá um capitão e a água desce branquinha*” (Ent.01, linha 244)

CAPUERA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Lugar onde o mato cresceu após a derrubada da mata original. • “*Bateu uma catinga de enxofre um trem fez um ridimuim lá que saiu troceno a capuera toda*” (Ent.09, linha 232)

CARANGONÇO • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Animal artrópode semelhante ao escorpião de cor escura e também venenoso. • “*Aquí em casa num parece iscurpião não num tem não...o carangonço tamém não...o carangonço é um bicho desse tamãim assim cumprido perna pum lado e por ôto e ele é roxo da core dos seus ôi assim então ele...ê tem uma truquesa na frente assim e ôta no rabo se ocê mexê cum ele ê morde com a truquesa e morde com o rabo*” (Ent.09, linhas 478 e 479)

CARGA DE RAPADURA • (n/A) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Unidade de medida equivalente ao número de cinquenta rapaduras. • “*Quano eu comprei um engem de ferro eu fiz duzentas e vinte rapadura sozim...num é fáci não...fazê quato carga de rapadura...quato carga de rapadura pá um home sozim fazê...ô gente...num é fáci*” (Ent.12, linhas 84 e 85)

CARGUERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Animal que transporta carga sobre o dorso. • “*Ê passava a carga pro caminhão e eu vortava com os carguero pra trás*” (Ent.04, linha 263)

CARIANGOLA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Pequeno peixe de água doce, fino, comprido e com pequenas escamas. • “*Pescava nesses corgo tudo aí ó nesses cörgo das Péda nesse cörgo dos Barro aí ó aquea cariangola desse comprimento assim pareceno cobra*” (Ent.08, linha 121)

CARNE QUEBRADA • (n/A) • [Fras] • (n/e) • Qualquer tipo de hematoma. • “*Fala assim...ê me benze...de carne quebrada...veia rôta...nervo assombrado...é...junta iscunjuntada...osso ringido...assim mesmo jesus me cura*” (Ent.01, linha 366)

CARRERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Guia de carro de bois. • “*Pegava boi de qualquer tipo no pasto depois passei pra cê pra cê carrêro...mansei mûcho boi mûcho burro brabo*” (Ent.05, linha 07)

CARRO DE BOI • (A) • NCm [Ssing+prep+Ssing] • Lat>Port • Carro movimentado ou puxado, em geral, por uma ou mais parelhas de bois, e guiado por carreiro. • “*Passava com o carro de boi lotado de arroz ... nós passava de baixo dele ... é ... eu tô com setenta e dois ano*” (Ent.11, linha 57)

CARRO • (n/A) • Nm [Ssing] • Lat>Port • “*Buscava carro assim de tabatinga quebrava ea toda penerava bem peneradinha jugava o feção na tacha e mexia aquês podi separava tudo jugava no terrero aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano podia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá bicho*” (Ent. 11, linha 238)

CARTUCHERA • (n/d) • Nf[Ssing] • Fr. • Espécie de arma de fogo de cano comprido. • “*Ê passô a mão na cartuchera do irmão dele eu passei a mão na foice foi os dois bobo pa lá*” (Ent.09, linha 98)

CATINGA • (A) • Nf[Ssing] • Afr. • Cheiro forte e desagradável. • “*Bateu uma catinga de inxofre...inxofre mia fia e um trem fez assim com a moita pareceno um ridimuim num tava ventano nem nada mas fez assim mesmo com a moita*” (Ent.09, linha 119)

CEPO~CEPOZIM • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Peça de pau. • “*Ah ê tinha um engem mas era um cepo de engem num é engem de ferro não aquele de gritá engenho de pau*” (Ent. 11, linha 182) • “*Já tinha rezado a oração dela...e sentada na boca da fornáia num cepozim assim lá no cantim do aterro*” (Ent.01, linha 311)

CERCA DE TISÔRA • (n/d) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Cerca feita de varas finas extraídas das matas. • “*Quemava e ali sobrava madêra...a madêra ficava perfeita toda antão ês tirava as madêra e fazia a tal cerca de tisôra...já viu falá?*” (Ent.11, linha 421)

CHAMAR NA RÉIDA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Frear ou guiar o animal pelas rédeas. • “*Chamei esse burro menina chamei esse burro na réida ê bateu em cima da cisterna eu bati de lado e fiquei siguro na cabeça desse burro*” (Ent.02, linha 155)

CHIATA • (n/A) • Nf[Ssing] • onomat. • Ato ou efeito de chiar. O mesmo que chiado. • “*Ê ficava naquele quarto lá dentro cê iscutava a chiata dele falava quê que tá aconteceno (C...) ea falava “ah meu menino ê hoje num tá bão”*” (Ent.06, linha 397)

CHUCHO • (A) • Nm[Ssing] • obs. • Vara armada de ponta comprida de ferro. • “*Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu com gaiola e inxadão lamparina chucho tudo*” (Ent.06, linha 199)

CHUMBAR UNS GOLIM • (A) • [Fras] • (n/e) • Beber água cachaça. • “*Eu era garotim gostava de í la chumbá uns gulim né...dançava um batuquezim...dançava um batuquezim até dez onze hora da noite*” (Ent.02, linha 235)

CINCERRO • (A) • Nm[Ssing] • Cast. • Pequeno sino que se pendura no pescoço de certos animais. • “Cheguei lá na porta assim vei treis bicho ne mim e vei assim pilililimpilim bateno cincerro...bateno um guizo” (Ent.04, linha 162)

CINCO SALAMÃO • (n/A) • NCm[N+Ssing] • (n/e) • Estrela de Davi. O mesmo que Signo de Salomão. • “INF.: Ê tem que sabê pá atirá porque diz que ê pá levantá da cama faz os cinco salamão pa levantá da cama PESQ.: faz o quê? INF.: cinco salamão cê num sabe não?” (Ent.09, linhas 463 e 466)

CIPÓ DE FOGO • (n/A) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Planta lenhosa utilizada com fins medicinais. • “PESQ.: “com quê que cê curô” INF.: “com aquê cipó de fogo...todo trem...crara d’ovo esses negócio aí cusigui curá”” (Ent.12, linha 11)

CORGO • (n/A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Riacho • “Fui lá no corgo tomei bãim passei um trem na cabeça assim o sangue taiô” (Ent.02, linha 106)

CRIAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • Lat. • O conjunto de animais domésticos que se cria. • “Ocê comprá as criação eu vô arrumá um jeito de pagá essas criação dôtro jeito e ocê disconta aí pra mim” (Ent.05, linha 73)

CUCHICHÓ • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • Casa muito pequena. • “Os menino durmia lá no quarto lá no fundo...ea foi já num queria rumá a cama dês lá no fundo e rumô foi cá perto dela...mais lá era um cuchichó um barracão a toa todo isburacado assim” (Ent.04, linha 201)

COCHO • (A) • Nm[Ssing] • cont. • Espécie de vasilha em geral feita com um tronco de madeira escavada. • “Uai nós fazia é...tomava aquele ponto assim...de malado maisi...mais ralo...e punha no cocho...cocho de pau” (Ent.07, linha 47)

COCORAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Dar mimo. • O mesmo que mimar. • “Era mais véia que ieu ea ficô com medo de batê ne mim mamãe cocorava ieu muito né ea ficava com medo de mamãe batê nea” (Ent.08, linha 53)

COIVARA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Terreno coberto de galhos e troncos que restaram de uma queimada. • “O home bateu bateu pra quemá sapecaro o trem que o trem deu muita coivara aí fez a...arrumô a roça quas todo” (Ent. 03, linha 113)

CONTAR UM PÉ DE MISÉRIA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Relatar um fato de maneira exageradamente trágica. • “Ê pegô o cavalo dele risquei mais ele chegô lá em casa menino mais esse home contô um pé de miséria e o papai num respondeu nada” (Ent.02, linha 227)

CUIA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Vasilha feita com a casca da cuieira. • “PESQ.: e comê que era esse fuso? INF.: ê tá aí enrolado...não é uma tábua quarqué sabe o povo fazia até de caco de cuia na época até de caco de cuia ês fazia o fuso” (Ent.04, linhas 19 e 20)

CUMÁ~CUMADE • (A) • Nf[Ssing] • (n/e) • Madrinha, em relação aos pais da criança. • “É eu tinha que guardá um poquim pra mim fazê pipoca papai gostava muito né e o mais era dela era dois treis quilo...até mais pa cada uma...é...pois é ti (R...) e ti (L...) e cumá (D...) num dexava meu pruví sobrá mesmo” (Ent.01, linha 283) • “Ô na hora que tocava as caxa nos vizim nóis era as primera a ta lá eu mais cumade nóis ia depressa memo tinha muito moço bunito” (Ent.06, linha 03)

CUMÊ • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que comida. • “*Lá em casa era muito menino era nove...tinha que fazê as panelada de cumê...tinha dia que mamãe fazia uns cumê engraçado né um mamão com aquê trem...tinha dia que num discia não*” (Ent.03, linha 133)

CUMPÁ • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Padrinho de uma criança em relação aos pais dela. • “*Essa epra que eu ranquei essa carga de mãidoca pa cumpá (C...) fazê farinha*” (Ent.01, linha 103)

CUNGUÇU • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Caipira. • “*A maritaca tava quas morta...morreu memo...“por conta daquê cunguçú aquê trem feio e ocê ainda fica gostano daquele cunguçú conão conem co marrado no pau”...briguei com cumá (V...) demais*” (Ent.07, linhas 14 e 15)

CUNTU Á (n/d) • [Loc. pron.] • (n/e) • O mesmo que quanto há. • “*Ê fez um negócio igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinhêro lá dento punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntu á era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza*” (Ent.09, linha 175)

CURIANGO • (A) • Nm[Ssing] • Afr. • **1.** Pequena ave negra de hábitos noturnos. **2.** Tipo de cantiga acompanhado por dança de roda • “*(R...) me levô numa festa aqui na Vage Bunita a nôte intera dançano o curiango ea pôs nome ne mim de curiango ((risos)) ea botô porque eu gostava do curiango...curiango da mata envem vem matá meu bem curiango da mata envem mais só cê veno aquli era gostoso demais a gente pruveitô hoje ó tem essas bobajada*” (Ent.03, linha 189)

CURISCO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Faisca elétrica. O mesmo que raio. • “*Num sobrô nem uma muenda pra contá caso...quebrô as treis muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele*” (Ent.02, linha 192)

D

DANÇADERA • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Mulher que dança ou gosta de dançar. • “*Depois do tiá ia tê o batuque aí saía o recortado com as dançadera mesmo que tava ali ficava lá queta e os home rudiava fazia o batuque*” (Ent.03, linha 177)

DANÇADOR • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Homem que dança ou gosta de dançar. • “*Dançava com ôtro dançadô quano era uns dançadô bão pra dançá era bão demais*” (Ent.06, linha 60)

DANÇARADA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Festividade com muita dança. • “*Eu era rapazim...e eu morava sozim mais papai aqui né e eu ia pra lá então...ia namorá dançá tinha baile todo dia de noite aquea dançarada danada era todo dia papai já sabia que eu gostava de lá né*” (Ent.04, linha 247)

DAR DE BUNDA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Dar meia volta. • “*Quano ê envinha eu gritava assim “ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá a cumpá (Z...F...)” ó*

cascava na perna quano eu falava evem o minagerá((risos)) dava de bunda ê num gostava de mim não” (Ent.07, linha 20 e 21)

DAR ESCOLA • (n/a) • [Fras] • (n/e) • Ministras aulas. • “*Esse tempo (D...) tava dano escola...no Cipó e passava é por cima lá...o (G...) tava na escola da (D...)” (Ent.09, linha 122)*

DAR NA BASE • (n/d) • [Fras] • (n/e) • O mesmo que aproximadamente. • “*Ô drumi quano deu na base assim de...de...três hora eu cordei o tempo tava tudo marelo o tempo tava tudo marelo marilim eu falei “ê tá danado” pejejei pa levantá num levantava de jeito ninhum” (Ent.02, linha 43)*

DE COQUE • (A) • [Loc. Adv] • cont. • Sentar no chão sobre os calcanhares. O mesmo que de cócoras. • “*Ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fiuzim né agachadim diz que puxano a camisa pra tampá as pirinha de coque lá oiano pra mamãe” (Ent.06, linhas 383)*

D’CUNJURO • (A) • [Fras] • Lat>Port • Proferir palavras autoritárias para espantar demônios ou as almas do outro mundo. • “*Ieu num alembrei mia fia vim simbora...d’cunjuro até...de galopada.” (Ent.09, linha 230)*

DE PRIMERO • (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antigamente; outrora. “*De primero era no pilão né...pilão igual esse aí ó...ca gente socava...agora tem o aranholi enche o tambori e roda pa podê tirá o azeite” (Ent.01, linha 08)*

DERÊTO • (A) • [Adj] • Lat>Port • Sem erros; correto. O mesmo que direito. • “*O vento batia na boca do vido e fazia assim u u u e eu com a ideia quente lembrano pensano que era o home que tava gritano né peguei corrê ah quano eu corri aí que ê grito derêto” (Ent.05, linha 130)*

DERROBAR • (A) • [V] • Lat>Port • Lançar por terra; fazer cair. O mesmo que derrubar. • “*Preguntô “e eu seu (J...) o que cô vô fazê?” ah nêga tinha um coquêro grande assim na porta do rancho eu falei “ah nêgo cê vai derrobá esse coquero pra mim”... “ê disse cadê a foice?”” (Ent.04, linha 106)*

DESMORECER • (A) • [V] • cont. • Desanimar. O mesmo que esmorecer. • “*O povo dismoreceu prantá né...arrendô pa prantá rama de mãindoca...né...nós prantô menina mais...foi um tempo bão aí é que eu sarvei graças a deus” (Ent.05, linha 42)*

DEUS~DESI~INDEUS • (n/A) • [Prep] • (n/e) • O mesmo que desde. • “*E deus que ê cumeçô criá o premero fio e pareceu o bom jesus lá ê jugava arrei no cavalo pros mais pequeno andá e carguero rôpa de cama trem de cumê né isso embalava subia a Serra pelos ataio” (Ent.03, linha 255) • “Até contei dom (S...) aqui ó pra ê me dá uma pinião...dêsi dos seis ano que eu guardo isso na minha cabeça e tinha que falá com um padre mais era véio que esses novo...é tudo de quarqué jeito” (Ent.04, linha 106) • “(G...) é canhoto...mas...indeus de a escola que ê já...que já cumeçô/cumeçô a usá a mão esquerda pá escrevê na mesma linha da mão direita...é assim é...com a mão direita” (Ent. 01, linha 161)*

DIA DE SABO • (n/d) NCF[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Dia que antecede o domingo. O mesmo que sábado. “*Um dia de sabo e ê foi lá pra ‘ssistí nossa coroação...e as preta*

menina as pretinha tudo bistiú...porque...misturô todo mundo as pretinha com nós né...aí depois que nós bistiú que nós desceu do artar” (Ent.03, linha 29)

DIBUIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Desfazer-se. • “*Ê tava dibuiano pra cá aí a (C...) falô assim “o (P...) pra quê que cê faz isso (P...) bebe não” aí ê falô assim “não (C...) num bibi não eu vim aqui pra sinhora falá pra (P...) que é num fica incomodada comigo não porque eu num tô bebendo não”...tonto((risos))tonto que tava rolano “ô num tô bebendo não e pra sinhora falá pra ea que ô tô aqui rezano pra ela pra ea sará”((risos)) ô coitado...num levô três dia o home morreu” (Ent.08, linha 92)*

DICUMENTO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Escritura destinada a comprovar um fato. O mesmo que documento. • “*É ruim quano se num vê nada pro cê assiná tem que marcá o dedo mas tem muitos dicumento que gasta tempo dedo tamém né?” (Ent.11, linha 135)*

DISARRIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Tirar os arreios. • “*Esse home contô papai um pé de miséria e o papai num respondeu nada...ê contô papai um pé de miséria e disse “cê faz ôta cumpá (C...) faz ôta dessa fica abusano cê é muito abusante” aí que ê pegô e vortô pra trazi e eu disarriei a égua levei nove dia pra essa cara disincha” (Ent.02, linha 227)*

DISORDE • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Falta de ordem; caos. • O mesmo que desordem. • “*Vivia mais tranqüilo num tinha esses negócio de coisa tão ruim que tem hoje né tanta disordi” (Ent.08, linha 368)*

DISPESA • (n/d) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Mantimentos. • “*Fui buscá maco maco fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abusá...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio” (Ent.10, linha 151)*

DISTINO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Sentido, direção. • “*Aí nôto dia eu andava o terrero todo iguali galinha tonta mais depois que eu armucei que eu peguei o distino...pirdi o distino todo...fiquei sem distino de tudo...o trem entrô aqui dent’ da cabeça que virô uma cachoêra d’água” (Ent.02, linha 271)*

DISVAZIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Tornar vazio. O mesmo que esvaziar. • “*Nós teve que trepá no pau a inchente tapô tudo cê via só gai de pau balançan’ nós lá em cima iguali soim sigurado e o trem ia lá e vortava cá ... nôto dia quand’ disvasiô um pôco nós desceu num tinha um bago de arroz no terrero” (Ent.11, linha 08)*

DIVA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Ato ou efeito de dever algo a alguém. O mesmo que dívida. • “*Teve uma casião que eu passei dois mês cumeno...angú com café fubá suado farinha...trabaiano de picá lenha pá podê fazê carvão pá podê pagá a diva né paguei tudo graças a deus” (Ent.06, linha 50)*

DIVERA • (A) • [Adv] • Lat>Port • Realmente, com certeza. O mesmo que deveras. • “*TER.: coitada essa muié já judô ieu demais menina esse trem aí já me judô panhá café quano ô tô panhano café ô vejo ea gritano da minha oreia...ea já tabaiô INF.: tabaiei divera...minha vida era só tabaiá fora num parava den’ de casa não” (Ent.10, linha 86)*

E

EITO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Roça onde trabalham grupos de homens. • “*Eu lembro que nós ia trabaía no eito e ela ia cantano aqueas coisa da ti (Z...) mais num sei nem contá ocê o que que é porque minha cabeça é muito ruim pirdi tudo passô tudo as coisa ea cantava...agora num sei se ea lembra né eu sei que nóisi trabaiano no eito e ea trabaiano e cantano...cantano...era um história cantada*” (Ent.07, linhas 384 e 386)

ENCARAR • (n/A) • [V] • Lat>Port • Demonstrar interesse amoroso; paquerar. • “*Nós era apaxonada com ele todo mundo era lá no Cardoso ele era sapeca ê invocava com as menina e num firmava com nenhuma né mais eu nunca encarei ê não do (E...) eu gostava*” (Ent.06, linha 80)

ENCARDIR • (n/A) • [V] • duv. • Comer com voracidade. • “*Aí foi um teatro muito bunito assim...cabô o teatro nós viemo embora...passemo lá no casamento eu fiz eas passá lá porque nós teva lá sozinha eas desceu lá pra fazê companhia quano nós cheguemo lá e cabô o cumê nós tava encardino no doce e o home vai tirá lá o recortado*” (Ent.03, linha 13)

ENCARNAR • (A) • [V] • Lat>Port • Perseguir. • “*Chega no Capão Redondo e vô pegá uma égua esse home tinha uma vaca preta...uma vaca preta igual aquela chifruda e essa vaca encarna atrás de mim e eu era muito esperto subi no pé de cagaitêra*” (Ent.02, linha 197)

ENCRENCAR • (A) • [V] • obs. • Por em dificuldade. • “*Risquei o burro vei do (G...C...) cá na casa do (Z...)...chegô na casa do (Z...) esse burro andava iguár tamanduá andava ne dois pé só quano ê chegava no (Z...) ê levantava as mão pro arto assim ó e saía caminhano e ia lá pro lado da casa do (O...) lá na Palma lá embaxo...aí ê pegô e encrencô comigo*” (Ent.02, linha 151)

ENCRUZIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Dobrar os braços transpaçando-os sobre o corpo. O mesmo que encruzar. • “*Cheguei lá em cima eu tava no mei da estrada quano ê largô ieu oiei pros lado era grota aí quê que eu fiz encruziei o braço em cima do burro o burro ficô quitim*” (Ent.02, linha 261)

ENFEZADO • (A) • [Adj] • desc. • Bravo, arredio. • “*Ê quebrô meu nariz eu fui e fiquei enfizado de mais da conta quebrei a cara dele*” (Ent.02, linha 171)

ENGEM • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Aparelho para moer cana de açúcar; moenda. • “*Quano manheceu papai disse “ó vai lá na casa do (A...) e eu vô cortá o pau ali pa fazê ôto engem que nós tá com cento e oitenta quilo que cana no engem”*” (Ent.02, linhas 194 e 195)

ENGENHOCA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Pequeno engenho destinado à moer cana. • “*Ês enconstô tudo debaxo duma engenhoca né...que cumpade (H...) tinha na porta da cuzinha*” (Ent.04, linha 169)

ENQUENTE • (n/d) • [Adj] • (n/e) • Ansioso, inquieto. • “*Nós num encontrava não ê num vinha aqui não nós encontrô...a primera vez que nós encontrô foi na casa do veí (L...) vô*

dele depois a mãe dele já tava enquente pra mim...pra arrumá uma moça pra ele pra ê sussegá pra ele num i embora pra Belo Horizonte” (Ent.06, linha 102)

ENTENDER • (n/A) • [V] • Lat>Port • Resolver, decidir. • “*Esse burro andava iguár tamanduá andava ne dois pé só quano ê chegava no (Z...) ê levantava as mão pro arto assim ó e saía caminhano e ia lá pro lado da casa do O lá na Palma lá embaxo...aí ê pegô e encrencô comigo nesse trem eu envinha pra lá pra São José de Almeida né ê foi e entendeu de caminhá comigo entendeu de caminhá comigo e saiu caiminhano com os dois pé”* (Ent.02, linhas 152 e 153)

ENTREGA DE PÉ DE MILHO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Comemoração realizada ao término de uma empreitada de trabalho na roça. • “*Quano foi no dia da capina a mais foi penado demais quano foi do dia da capina teve quarenta trabaiadô...quarenta home pra capiná roça aí nós cabô a capina menina tinha o tinha o...a entrega de pé de mio que eu fiz lá em casa teve doce”* (Ent.03, linha 119)

ENVIR • (n/d) • [V] • (n/e) • O mesmo que vir. • “*Eu envinha lá do Cardoso eu fui lá fiquei conversano com o (A...B...) chamano ê pra vim trabaiá e vim trabaiá junto com a turma de segunda fera”* (Ent.02, linha 31)

F

FARINHA D’MINDUIM • (n/d) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Amendoim socado com rapadura. • “*No tempo que nós tava na escola era pobreza demais num tinha merenda nessa epra não num tinha nada nós levava batata assada ôta hora farinha d’minduim...e as miúê rica as fia dos rico levava queijo com marmelada”* (Ent.03, linha 17)

FEBRE CALATINA • (A) • NCf[Ssing+Adj] • Fr. • Doença infecciosa caracterizada por febre alta e escamação da pele, incide normalmente em crianças • “*Eu tinha uma menina que ea tinha tido a febre calatina e tinha um resto do reiméido...ea já tava boa e tinha um resto dum reiméido”* (Ent.04, linha 93)

FEJÃO MIÚDO • (n/A) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • Variedade de feijão caracterizada por seu formato arredondado. • “*Cumia é fubá suado né...cumia andu...cumia andu...cumia fejão miúdo chei de bicho...cumia fubá suado sem gurdura...ô cumia...fazê o quê né?”* (Ent.10, linha 77)

FEJÃO MULATIM • (A) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • Variedade de feijão da semente clara. • “*Menina mais o fejão era era fejão mulatim da bage rocha fejão tava assim de fejão...é menina mais só o fejão deu pa nós pagá as conta tudo”* (Ent.03, linha 122)

FÉRA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Período de descanso que tem direito os empregados. O mesmo que férias. • “*Meus menino tava tudo lá pa fora (I...) mesmo tava aqui de féra que ê tabaiava com taxi né tava aqui de féra”* (Ent.09, linhas 89 e 90)

FIADA~AFIADA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Aquela que recebe o batismo ou confirmação em relação à seu padrinho ou madrinha. • “*Coitado era muito pobrezim num cuidava dos menino dê os menino passava fome dum dava rôpa dirêcho então ê ficô aí e a*

ôtra é minha fiada” (Ent.04, linha 91) • “Aí nem um pedacim assim da marmelada nem do queijo num dava pra nós e eu era afiada da mãe delas....quano foi um dia ieu falei assim ó hoje nós vão levá um mucado de farinha de minduim” (Ent.03, linha 19)

FIADERA • (n/A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Mulher que fia o algodão. • “O algodão pra gente panhá ele tem que panhá ele da roça e trazê pra casa né e depois tem que discaroçá ele que eu tinha o discaroçadô tamém aí e todos usava o discaroçadô...discaroçava o gudão né aí depois bateno batia no suai assim ó usava uma espéci de bodoque era assim um arco sabe com um cordão que batia o gudão...até ê ficá bunitão depois de discaroçado aí agora ia pá roda depois dele discaroçado então aí ia pá fiadera tirava pá fiá ôto ia fiá e ia” (Ent.04, linha 07)

FIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Reduzir o algodão a fio. • “Fazia o fuso a roda embaxo aí tinha que fazê uma vara desse tamãim assim ó do tamãim que queira o menó ô maió e pa i fiano o gudão né ali cê cumeçava a linha ali e trucia ê ia penerano lá () cê puxano a linha cá e ê rodano lá...no fuso isso é fiano na mão...isso é fiano na mão agora na roda é diferente” (Ent.04, linhas 21e 22)

FIRRUJAR • (A) • [V] • Lat>Port • Criar ferrugem; • o mesmo que enferrujar. • “A quano eu fui pra lá ea falava “ô (M...) essa bacia é no tempo que nós num tinha chuvero nós tomava bãm era nessa bacia” e a dela era boa menina de cobe num firrujava né...boa memo ela deve tá lá até hoje” (Ent.06, linha 320)

FISGAR • (A) • [V] • Lat>Port • Atingir rapidamente. • “Deu uma batida até bunita falei ô vai saí aqui aí quano eu oiei envia uma luz igual aquela lá aí ea enfeitô pro meu lado assim ea fisgô ne mim ondê que ea tava e evem” (Ent.02, linha 277)

FOICE • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Instrumento curvo usado para ceifar. • “Ê pegô e deu uma foiçada no pé do coquêro levantô a foice deu ôtra foiçada em ante de enterá a tercêra eu falei “o nêgo vem cá cê num vai fazê nada não cê vai ficá vigiano é (D...) aqui ó”” (Ent.04, linha 109)

FONCIONAR • (A) • [V] • Fr. • Estar em atividade. • “Papai morô lá uns tempo quano papai morô lá já num foncionava mais mais antes lá tinha engem de fazê rapadura muê cana fazê cachaça” (Ent.04, linha 231)

FORNAIA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que fogão a lenha. • “Ê guardava o dinhêro era no aterro da fornáia sabe? ê fez um negócio igual forno pa botá o forno pro baxo e iscondia dinhêro lá dento punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntúá era home forte escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza” (Ent.11, linha 274)

FRAGELO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Desgraça, adversidade. • “Eu quano era mais novo tava casado de pôcos mês tava () assim aí eu peguei e...falei com (M...) ó eu vô pegá um burro lá embaxo na Laje...a (M...) disse “ó lá vai caçá fragelo”...falei “não”” (Ent.02, linha 72)

FRESCÃO • (A) • Nm[Ssing] • Germ. • Descansado, livre de tarefas. • “Tempestada menina e lá era bêra de linha de trem de ferro menina é serra e quano dá um istrondo cê pensa que tá abalano tudo cê pensa que tá passano um furacão no terreno aí a parede caiu...caiu dois

pe de coquêro aquê cuquirinho e um pé de laranja menina tudo nôto dia amanheceu de banda e o (T...) frescão lá em Belorizonte” (Ent.06, linha 340)

FREVER • (A) • [V] • Lat>Port • Agitar-se, excitar-se, animar-se. • “*Quano foi de nôte...nós freveu na festa tava um trem doido ((risos))mais o trem tava bão demais”* (Ent.04, linha 259)

FUBÁ SUADO • (A) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • Farinha de milho preparada com gordura e sal. • “*Teve uma casião que eu passei dois mês cumeno...angú com café fubá suado farinha...trabaiano de picá lenha pá podê fazê carvão pá podê pagá a diva”* (Ent.05, linha 49)

FUGARERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Pequeno fogão portátil. • *Faz fuganzim arto quem qué fazê faz um giralzim a cumá (F...) fazia num giralzim agora ela leva fugarero né ea comprô um trezim ea leva...agora banho num paga nada não mais no cumeço buscava água no reberão.* (Ent.06, linha 287)

FUMO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Folhas de plantas preparadas para fumar, mascar ou cheirar. • “*Eu ‘prendi fumá foi com esse danado desse fumo ea ariava o dente e jugava fora aquê bagaço...ô pegava ê dexava /punha lá dexava secá e fazia cigarro pitava pitava aprendi”* (Ent.11, linha 226)

FURQUIA • (A) • Nf[Ssing] • Esp. • Vara bifurcada. • “*Num existia arame não e cerca de tisôra...a cerca de tisôra é o seguinte...aí ês bate as furquia aqui...e ôta aqui e põe o varão”* (Ent.04, linha 424)

FUSO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Instrumento de madeira, roliço, onde se torce o fio até o mesmo atingir a grossura desejada. • “*Era a roda aí antão cê ia com o gudão pra roda mais se eu fô contá a históra é muito complicado sabe aí tem que levá pra roda e a roda tem o fuso cê tem que colocá a linha ali e agora foncioná a roda então agora a fiadêra vem e vem sortano o gudão assim e fiano”* (Ent.04, linha 12)

G

GALOPADA • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Corrida a galope. • “*Quano ele de lá viu nóisi ê largô lá a sacola de trem largô tudo e juntô de galopada foi po lado do Jatobá foi rudiô lá por detrás foi isperá o ôns lá no camim do Cardoso”* (Ent.09, linha 124)

GAMELA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Utensílio, geralmente de madeira ou barro, em forma de tigela, usado para lavar alimentos, para servi-los ou até mesmo para tomar banho. • “*No torcê a massa aquela água vai...o purví vai assentano ô numa gamela ô no tacho que parô ea o purví vai assentano...no fundo”* (Ent.01, linha 156)

GANHAR DIA~GANHAR UM DIA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Receber o pagamento referente a um dia de trabalho. • “*...pa muié ...eu...era dois dia pra ganhá um dia dum home...dois dia pa ganhá um dia dum home...que um home ganhava dois mirreis e a muié ganhava um”* (Ent. 03, linhas 113 e 114) • “*Tinha uma (M...C...) que morava com nós tamém aí nós foi*

ganhá dia era home prum lado nós por ôto aí quano foi no dia da capina menina nós prantemo” (Ent. 03, linha 116)

GARAPA • (A) • Nf[Ssing] • cont. • O sumo da cana usado como bebida e para produção de derivados da cana. • “*Oiava debaxo da fornáia aquês trem véi tudo que tinha aqueas bagacêra véia dento da fornáia de cuzinhá garapa aquês trem véi tudo*” (Ent. 04, linha 362)

GARRAR • (n/A) • [V] • Cel. • Principiar, começar, iniciar alguma coisa. • “*Santo Antônio fazia os casamento quano a muié garrava a ganhá os menino e num queria mais os menino porque o trem era difícil né...levava de dava São Vicente pra criá...Santo Antônio fazia o casamento São Vicente ia criá os menino*” (Ent. 03, linha 08)

GARROTE • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Bezerro de dois a quatro anos de idade. • “*Tinha uns boi...no pasto que nós passava tinha um boi um garrote danado que pôs eu em riba do pau uma vez mais (R...)*” (Ent. 03, linha 142)

GARRUCHA • (A) • Nm[Ssing] • Cast. • Espécie de arma de fogo que é carregada com munição de menor calibre. • “*A lua tava inguali um dia tô ovino lá um tum tum passei a mão na garrucha aí eu abri a porta num buraco assim eu entupia um buraco assim com um trem branco que ficava pareceno um barro aí eu oiei assim falei “é um home que tá ali eu num posso atirá não ””* (Ent. 02, linha 10)

GASTAR • (n/A) • [V] • Lat>Port • O mesmo que necessitar, precisar. • “*Eu ói lá na hora que...custuma na hora que é tá bão o ôto cá tá melado tamém...aí é fala assim...fala ó num gasta tirá o coco não”* (Ent. 01, linha 55)

GENEBRA • (n/d) Nf[Ssing] • (n/e) • Demônio, diabo. • “*Chegô na porta do (C...B...)...menina...mais esse burro virô genebra cumigo na porta daquele (C...B...) ali*” (Ent. 02, linha 160)

GIMIDURA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Vozearia de gemidos. O mesmo que gemedeira. • “*Com de fé aí cumeçava a gemê de novo aí tornava sái com a luzi num tinha gimidura num tinha nada ea la ia quano eu ia assim pra fora ea ia junto comigo*” (Ent. 04, linha 360)

GOLO~GOLIM~GULIM • (n/A) Nm[Ssing] • Lat>Port • Um trago de uma bebida ou remédio qualquer. “*Chegava lá largava o carguero lá papai...enquanto papai ia descarregá o cavalo e bebê um golo mais (T...C...) né...eu chuchava lá pa casa do ...da dona dele”* (Ent. 09, linha 370) • “*...peguei dancei um batuque e bibi uns golim com (C...X...) lá né e vim ‘bora de lá da casa do (C...X...) pra casa de quatro pé”* (Ent. 02, linha 234) • “*Meu pai prantava cana de fora a fora ali...meloso tava dessa artura assim ó...ieu que ia pa lá judá ê capiná o meloso...era assim mia fia cê frentava lá...ê bibia uns gulim né...animava né...pobe de eu num bibia nada”* (Ent. 09, linha 18)

GRAVATÁ • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Planta da família das bromélias repleta espinhos. • “*Um senguê do lado de cima era um senguê gravatá só e cipó num tinha pra onde corrê”* (Ent.04, linha 281)

GROTA • (A) • Nf[Ssing] • Nap. • Cavidade nas encostas de serra ou de morro provocada por águas da chuva. • “*Ô tô oiano ele e veio de cá em baxo na berada do pé desse/dessa*

grotá aqui desse buêro aí ó do lado de cá berano aqui dolado de lá mais berano a grotá...vei chegô lá...chegô lá mia fia quano ê chegô cá ê baxô” (Ent. 09, linhas 83 e 84)

GRUDURA • (A) Nf[Ssing] • Lat>Port • Substância untosa de origem animal ou vegetal. • “O mesmo que gordura. • A *grudura* fica iguali o ói de...fica/é o chêro dela sempre é diferente do ói de soja mais num tem rema nenhuma” (Ent. 01, linha 71)

GUDÃO • (A) • Nm[Ssing] • Ár. • Conjunto de pelos que revestem as sementes do algodoeiro com os quais se fabricam tecidos. O mesmo que algodão. • “Eu vistí muita carça de *gudão* camisa...nessa época fazia né” (Ent. 04, linha 54)

GUELA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que garganta. • “INF.: Uai nós ficamo cunheceno macarrão ...ocê lembra do *guela* de pato? PESQ.: um viradim grande todo riscadim. INF.: é um bitelão memo assim ó ele era um caiau memo cê fazia ele quais que treis bago inchía a panela” (Ent. 09, linha 44)

GUMITAR • (A) • [V] • Lat>Port • Expelir pela boca. O mesmo que vomitar. • “Nós carregava iscuma botava a garapa pra fervê aí ê falava “bota o fogo mais num aperta muito não se fervê *gumita*” aí nós falava assim “uai padim (Z...) esse trem *gumita* tamém?”((risos)) *quê que é cumeu? ê falava “não é que tá azedo”*” (Ent. 08, linha 105)

H

HISPITALI • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Estabelecimento destinado ao tratamento dos doentes; o mesmo que hospital. • “A minha dona ta duente ta fazeno tratamento nessa casião num tinha nem *hispitali* pra interná né tratava dent’ de casa memo fazia consurta no dotori e vinha embora pra casa” (Ent. 05, linha 78)

HORMÔNIO DA CABEÇA • (n/d) • NCm[Ssing+prep+art+Ssing] • (n/e) • Veia localizada na cabeça. • “Uai minha fia é por causa de burro ê istorô o *hormônio da cabeça* dele aí cresceu um tumore que tirô pelo nariz mais num podia tirá não” (Ent. 02, linha 180)

I

ICARRIADO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Dispostos em sequência. O mesmo que encarrilhado. • “De tudo contuá que cê pensá...é feirão...é mio...mandioccal...anduzêro...canavial bananal é...é...batatinha...batatinha nós plantava demais...melancia MENINA...lá onde nós tá falano...ocê/ocê contava eas assim ó...*icarraiado*” (Ent. 11, linha 78)

IDEIA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Mente, cabeça. • “É só a gente tê fé e a cabeça...a *ideia* boa pra podê aprendê...né...de primero...até hoje eu sei uma oração...de...confissão” (Ent. 01, linha 297)

ILUDIDO • (n/A) • [Adj] • Lat>Port • Preocupado. • “Falei com a mamãe “ô mãe tô com uma vontade de matá o papai mais de que tudo” ea foi e falô “(P...) dexa de bobage...dexa de bobage” num fica iludido com isso não morre esse trem” (Ent. 02, linha 244)

IM ANTE • (n/A) • [Loc. Adv] • (n/e) • Antes. • “ pegô e deu uma foiçada no pé do coquêro levantô a foice deu ôtra foiçada im ante de enterá a tercêra eu falei “o nêgo vem cá cê num vai fazê nada não cê vai ficá vigiano é (D...) aqui ô”” (Ent.04, linha 109)

IMBIGADA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Dança onde os dançarinos dão pancadas com o umbigo entre si. • “O home vai tirá lá o recortado lá pra dançá pegô riscô o dedo na viola e deu a imbigada na (L...) caiu teso virado pa trás” (Ent. 03, linha 14)

IMBIGO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Depressão cutânea localizada no centro do abdômem. O mesmo que umbigo. • “O menina mais num tem muitos ano que ea morreu...(T...) cortô o imbigo do (L...) que ti (M...G...) quebrô o braço e num pode vim assim mesmo ea brigô de ciúme que os premero é pirigoso” (Ent. 06, linha 146)

IMBIRA • (A) • Nf Ssing] • Ind. • Espécie de corda feita de fibras de certas árvores. • “Um dia passô ês dois conversano aí ês falô assim é “Cipó já foi cipó mais hoje ela é imbira...virô imbira”” (Ent. 03, linha 132)

IMBORBUAR • (A) • [V] • Cast. • Cobrir-se de bolhas. • “Nessa noite num drumí nada pr’ela...o trem imborbuiô tudo...é” (Ent. 09, linha 134)

INCANJICADA • (n/d) • [Adj] • Mal. • Estar com alguma reação alérgica em que espalham-se crostas pela pele. • “Mamãe tava tomano o reméido dela a mamãe intuxicô tudo né ficô toda incanjicada assim ó coçano sangue saía que só cê veno” (Ent. 09, linha 134)

ĨGUALI • (A) • [Adj] • Lat>Port • Que tem a mesma aparência, não apresenta diferença. O mesmo que igual. • Ê sabia do modo nosso de abri porta né...num tinha chave não aí tô durmino a lua tava ĩguali um dia tô ovino lá um tum tum passei a mão na garrucha. (Ent.02, linha 09)

INCERRAÇÃO DE CAPINA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Espécie de banquete servido após o final do trabalho na roça. • “INF.:...Eu sabia até as música de boiadêra mais agora num lembro boba num lembro a musica dê não comé que era que ês cantava não.TERC.: nó gente se lembrasse né...é interessante. INF.: é...comé que era...depois tinha incerração de capina...tinha doce” (Ent. 07, linha 135)

INFEITAR • (A) • [V] • Port. • Atrever-se. • “Peguei esse burro menina tinha uma moça lá na fazenda do home a moça foi e trepô na régua do curral e esse burro infeitô bunito” (Ent. 02, linha 128)

INHAMBU • (A) • [V] • Ind. • Ave de corpo robusto, cor escura, pernas grossas e desprovida de rabo. • “Tinha muito passarim codorna perdiz tinha muita aqui num tô veno mais...os passarim que existia inhambu num tem mais...codorna nós chegava como daqui ali eas chegava até ali ó piano um tanto de codorna aí ó era perdiz num tem nada mais” (Ent.04, linha 394)

INJUNTAR • (A) • [V] • Lat>Port • Reunir. O mesmo que juntar. • *Agora cabava de saí a água...a massa ficava 'té quente...bem ispaiadinha no saco...que se ela injunta assim no mei do saco ea num 'perta não ea fica mole*” (Ent.01, linha 249)

INRESTAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Teimar. • “*Quano nós inrestava pra í num lugá e tinha que levá e ela já tava cansada mia fia que penô muito com marido e penô com a famía pra cabá de criá nóisi*” (Ent.06, linha 12)

INTÉ¹ • (A) • [Prep] • (n/e) • Expressa um limite de tempo. O mesmo que até • “*PESQ.: E era muita gente que tinha?muita gente naquele tempo que tinha o bichinho? INF.: Inté hoje por aqui tem...tem...tem por aqui mesmo tem uns treis ou quatro que tem ele no vidro aí*” (Ent.11, linha 159)

INTÉ² • (A) • [Adv] • (n/e) • Também, inclusive. O mesmo que até. • “*Parece inté uma brincadêra ieu envinha desceno sozim peguei a barriguêra e envinha desceno sozim com um pelego vermei na mão pra carçá a cabeça*” (Ent.02, linha 84)

INTRAMIAR~INTRIMIAR • (A) • [V] • Lat>Port • Misturar. O mesmo que entremear • “*Nós aprendeu a dançá baile ali com as negada do Açude nó eu dançava que nem uma condenada iscundido meu irmão prometeu de atirá nas mias perna e eu intrimiava no mei do povo e frivia no baile*” (Ent.06, linha 29)

INTUXICAR • (A) • [V] • Fr. • Envenenar. O mesmo que intoxicar. • “*Mamãe tava tomano o reméido dela a mamãe intuxicô tudo né ficô toda incanjicada assim ó coçano sangue saía que só cê veno*” (Ent.09, linha 136)

INXADA DE ARADO • (n/d) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Uma das peças do arado. • “*Em carroça de burro gastava cinco dia pra í...dois dia e mei pra lá dois dia e mei pra cá gastava cinco dia pra í e vortá...tinha que buscá arado...é bico de arado inxada de arado rudía cabo de arado é ruero de arado tudo tinha que buscá lá fora*” (Ent.05, linha 150)

INXADÃO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Instrumento de ferro com cabo de madeira similar a uma enxada que serve para cavar a terra. • “*Cheguei cá mais em cima mia fia...deu embaxo dum pau santo lá um inxadão dele pindurado lá no pau santo aí que o medo cabô de trepá mais eu tava no arto do campo*” (Ent. 09, linha 227)

INXEMPRO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Modelo. O mesmo que exemplo • “*Era assim agora quano fosse no ôto ano por inxempro que cê fosse prantá ali...aquea cerca...sê podia prantá naquele lugá uns dois ô treis ano...mais aí se ocê prantava ali uns dois treis ano cê num ia prantá aquí mais cê roçava um ôtro pedaço*” (Ent.04, linha 430)

ISCAMUÇAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Espantar. • “*A menina tinha tava com menos de dois ano...cobra iscamuçô menina...iscamuçô que eu andei/me trôxe até ali ó...mais um cobruço cobra preta*” (Ent.10, linhas 05 e 06)

ISCANGAIAR • (A) • [V] • Cel. • Quebrar, arruinar. O mesmo que escangalhar. • “*Ea foi abriu a porta aí fui entrá dent' de casa oiei falei “ah” iscangaiei a foice aquea foice moladinhazinha vazadinhazinha ô tinha comprado*” (Ent.04, linha 206)

ISCUMA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que espuma. • “*Seu avô fazia muita cachaça divera...rapadura mia fia é só muê a cana põe no tacho...bota fogo na*

fornaia...dixa quano ea dá aquea iscuma grossa assim cê panha e iscuma tudo e depois cê dexa...ali ea vai freveno...vai freveno quano ea vai subino” (Ent.09, linha 174)

ISCUMAR • (A) • [V] • Lat>Port • Retirar a espuma da garapa enquanto ela ferve. • “Lá no engém lá tinha uma bica d’água assim...cumpá (A...) chegava lá com o dedo no ovido sacudino assim nos uvido assim ((risos)) e rapadura na grade lá já...nóis iscumava tacho com a lanterna...quano tava ventano iscumava co’a lanterna...inquanto tava de soli...quano num tava ventano...nós escumava com lamparina” (Ent.09, linha 35)

ISCURRUPÍÃO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • O mesmo que escorpião. • “Ô num sei nem ispricá que o bicho que pulô ne mim...ô tava aqui ó lá no terrero ê pulô ne mim...um bicho assim ó num sei que bicho que era não...é isperto demais...tem uns bicho isperto demais...né rato não num sei que bicho parece iscurrupião” (Ent.10, linha 106)

ISMURRAR • (A) • [V] • obs. • Trabalhar exaustivamente. • “Fazia era assim sozinha e deus ismurrava com essas coisa é...quan’ eu morava com o pai né...sortera...fazia farinha de mãidoca...mãidoca buscada na cabeça bem longe ieu mesmo rancava...levava pa casa” (Ent.01, linha 84)

ISPARRELA • (A) • Nf[Ssing] • obs. • Complicação, desvio. • “A pessoa quano cai nalgum isparrela eas tá ino é por gosto né (D...)? cê entendo o que que é o bão e o que que é o ruim né” (Ent.06, linha 123)

ISPINHELA CAÍDA • (A) • Ncf[Ssing] • (n/e) • Enfermidade que causa dores na região do tórax. • “Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igalzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém...jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora” (Ent.09, linha 491)

ISPRITO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Alma. O mesmo que espírito. • “Com deus me deito com deus me alevanto...com a graça divina e o sinhô isprito santo” (Ent.01, linha 333)

ISPRIVITADINHAZINHA • (n/d) • [Adj] • (n/e) • Com todas as particularidades, detalhado. • “Falava as palavra isprivitadinhazinha...dava pra aprendê uai” (Ent.01, linha 327)

ISTALÊRO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Espécie de mesa rudimental feita com taboas soltas. • “Mais a gente compra bambu faz um istalêro assim ()faz fuganzim arto quem qué fazê faz um jirauzim a cumá F fazia num jirauzim agora ela leva fugarêro” (Ent.06, linha 286)

J

JAPONA • (A) • Nf[Ssing] • top. • Espécie de jaqueta. • “Foi o quê que ê fez tirô a japona ê tava com dois japona né... tiro uma japona dê e deu pra ea bistí pôs ea no carro levô ea no Conceição do Serro e tôrxe ea ...sortô no mesmo lugá” (Ent. 09, linha 62)

JARACUÇU CABEÇA DE PATO • (A) • NCf[Ssing+Ssing+prep+Ssing] • Ind. • Cobra peçonhenta com o dorso amarelado e de grande ferocidade. • “*Inventei de fiá essa mão aqui ó...a mão esquerda essa é a mão esquerda...enfiei a mão assim ó quano eu enfiei a mão assim ó saiu aquê bicho/aquea BICHONA com aquê cabeção assim ó ((risos))côba jaracuçu cabeça de pato*” (Ent. 10, linha 31)

JIRAU • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Armação de madeiras dispostas sobre forquilhas que pode ser utilizada como cama ou como depósito para utensílios domésticos. • “*Eu chuchava lá pa casa do ...da dona dele chegava lá tinha aquela purção de cama de jirau assim ó ‘quea purção cada cama tinha um balaím d’buneca dibaxo*” (Ent. 06, linha 286)

JUNTA DE BOI • (A) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Dois bois que são atrelados juntos para o trabalho. • “*Cortô arrozi nós ispaiô arrozi no terrero com seis junta de boi*” (Ent. 07, linha 02)

JUNTA DO OSSO • (A) • NCf[Ssing+(prep+art)+Ssing] • (n/e) • Articulação dos ossos. • “*Por isso que tem que benzê na frente...daqui assim ó e o cê ispichá a junta do osso aqui...ta grosso é...deus abençoa que cê vai miorá*” (Ent. 01, linha 448)

JUNTA ISCUNJUTADA • (n/d) • NCf[Ssing+Adj] • (n/e) • Articulação deslocada. • “*Jesus é nascido [...]Jesus nascido é [...] fí da Virge Maria [...] sem pecado é [...]me cura essa ringidura [...]Jesus Nazaré [...] ê me benze [...]de carne quebrada [...] veia rota [...]nervo assombrado [...] junta iscunjutada [...]osso ringido [...] assim mesmo Jesus me cura*” (Ent. 01, linhas 371, 404 e 435)

JUNTAR DE GALOPADA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Correr. • “*Esse tempo (D...) tava dano escola...no Cipó e passava é por cima lá...o (G...) tava na escola da (D...)...aí quano ele de lá viu nóisi ê largô lá a sacola de trem largô tudo e juntô de galopada foi po lado do Jatobá foi rudiô lá por detrás foi isperá o ôns lá no camim do Cardoso*” (Ent. 09, linha 124)

L

LABUTAR • (A) • [V] • Lat>Port • Trabalhar duramente. • “*Minha mãe já tinha falecido...já tinha... ah já tinha bem tempo já essa epra né...e eu/labutava mesmo num tinha tempo pa nada não*” (Ent. 01, linha 115)

LAJEADO • (A) • Nm[Ssing] • cont. • Fração rochosa do leito de um rio. • “*Viu um baruião lá tinha uma barrancêra medonha e um cipó assim ó depois papai foi lá ãzaminô o lugá lá tinha uns cipó assim e foi correno chegô lá infiô o sapato assim ó e caiu de cabeça pa baxo po lajeado abaxo...caiu den’ do poço lá meu fí...morreu*” (Ent. 09, linha 207)

LAMBICAR • (A) • [V] • Gr. • Destilar no alambique. O mesmo que alambicar. • “*Dindim (M...) tava mexeno com armoço falava assim “vai judá (Z...) lambicá lá embaxo”...discia eu e cumá (D...)”* (Ent. 08, linha 100)

LAMBIQUE • (A) • Nm[Ssing] • Gr. • Aparelho próprio para destilação usado na produção de água ardente. • “*Punha o dinhêro lá tinha lambique tinha tudo cuntúá era home forte*”

escondeu dinhêro morreu quano os menino foi oiá cê viu foi cinza...foi embora tudo virô cinza” (Ent. 11, linha 175)

LAMPARINA • (A) • Nf[Ssing] • Cast. • Pequeno recipiente com um líquido iluminante (óleo, querosene, etc.) no qual se mergulha um pequeno disco de madeira, de cortiça ou de metal traspassado por um pavio que, aceso, fornece luz atenuada. • *“Foi caçá tatu andô por esses arto fora desceu la trás no capão de lá caçano tatu com gaiola e inxadão lamparina chucho tudo tava com ês”* (Ent. 09, linha 199)

LANÇADÊRA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do tear por onde passa o fio da tecelagem. • *“Eu num errava um ponto a hora que ia as lançadêra né...e na hora..que vinha passava por baxo das lançadêra né pra...pra cá a ôta ia pra lá...depois do tiá ia tê o batuque aí saía o recortado”* (Ent. 03, linha 177)

LARANJA CREME • (n/d) • NCf[Ssing+Ssing] • (n/e) • Laranja de tamanho pequeno, casca fina, de tom forte alaranjado e de sabor extremamente azedo. Também chamada de limão capeta. • *“Ês misturava é com airco misturava...botava airco botava laranja creme...ficava gostosa proquê era doce botava um adocicado nela é por isso que ea subia ea tinha doce cachaça num pode num pó vê doce”* (Ent. 11, linha 211)

LAVRAR • (A) • [V] • Lat>Port • Revolver e sulcar a terra para o plantio. • *“A primera roça que eu prantei aqui foi ali do ôto lado foi lavrado na enchada tinha que lavrá na enxada que num tinha arado...adubo...adubo foi de um certo tempo pra cá num tinha adubo que o povo estudo aí veio o adub”*. (Ent. 04, linha 435)

LEMENTAR • (n/A) • [V] • (n/e) • Comer. O mesmo que alimentar. • *“A unha dê é des’ tamãim uai...cavaca e ê vai com a língua assim e ea fica grossa memo quano ê vê que a formiga ô o cupim já juntô ea vorta pra dentro e vorta limpa pa trás né ê lementa assim a boca dele é redonda assim”* (Ent. 04, linha 306)

LIBRA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Unidade de medida. • *“Tinha um fuso lá na roda agora depois da linha tá cheia mesmo podia sinhora parava a roda...parava a roda e agora aí enrolá aquela roda toda e fazê aquês nuvelo es falava uma libra...uma libra um nuvelo desse tamãim assim”* (Ent. 04, linha 32)

LOBO GUARÁ • (A) • NCm[Ssing+Adj] • Ind. • Lobo de cor pardo-avermelhada, dorso escuro e pernas compridas comum em regiões de cerrado. • *“Larguei tudo tinha medo...tinha medo tava sozim diz que lobo guará assim se ocê mexê com ele ê ataca mesmo”* (Ent. 05, linha 159)

LORO • (A) Nm[Ssing] • Lat>Port • Correia do arreio que serve para segurar os estribos. • *“Topázio caminha dois passo pra frente” ê caiminhô mais dois passo pra frente eu pequei no loro e levantei... com essa mão daqui sigura levantei uma dor...levantei de novo o trem zuô travêz eu fui e garrei memo na cabeça do arrei”* (Ent. 02, linha 51)

LUBISOME~LOBISOME • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Homem amaldiçoado que se transforma em lobo e vagueia em noites de lua cheia. • *“O menina ô andava nesse mato aqui iguali lobisome...mema coisa de lobisome andano de noite”* (Ent. 02, linhas 285 e 286) • *Numa famía que tinha sete muié num tinha um home no meio a que interava sete era mula sem cabeça e tamém lubisome tamém era a mesma coisa o que interava sete ((risos))*

eas num intende nada disso não né ((risos)) home também se interessasse sete sem tê uma muié no meio era lubisome cê sabe que tigamente andava isso mas hoje em dia é raro” (Ent. 09, linhas 302 e 304)

LUMIAR • (n/A) • [V] • Lat>Port • Tornar claro algum lugar. O mesmo que alumiar. • “Tava iscuro né tirei o fósfo lumiei assim ó tava aquê cuê de bicho pro chão fora” (Ent. 04, linha 294)

M

MACO MACO • (n/d) • NCm[Ssing+Ssing] • (n/e) • Alimento, comida. • *PESQ.: chuveu? e quê que aconteceu I? INFO.: uai ô durmi na casa de (R...)...(R...L...)...(L...) do Morro fui buscá maco maco fui buscá dispesa é maco maco...ganhei fui abuscá...busquei...ô truxe um sacão assim ó tudo cheio.* (Ent. 10, linhas 151 e 152)

MÃE DE PRIMERO LEITE • (A) • NCf[Ssing+prep+N+Ssing] • Lat>Port • Mulher que não é a mãe mas que amamenta o bebê. • O mesmo que ama de leite. • Tia e mãe de primero leite né...quano eu nasci ela que me deu primêro leite. (Ent. 01, linha 151)

MÃIDOCA~MÃINDOCA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Planta cuja raiz, rica em amido, é muito utilizada na alimentação e na produção de produtos alimentícios. • “Pois é tinha vontade de tabaiá...ralava mãidioca no ralo ruco ruco...é um aqui ó que é igualzim o que eu tinha lá em casa” (Ent. 01, linha 119) • “Carregano carguero de...de mio....de mi não de mãindoca lá do...lá do Mata Mata lá pra cá lá é...do/carregano...rancano mãindoca debá’ de chuva ieu mais cumpade (A...) meu irmão” (Ent. 09, linhas 01 e 02)

MÃIDOCA CACAU • (n/d) • NCf[Ssing+Adj] • (n/e) • Variedade de mandioca. • “Mãidoca cacau ela já dá mais cumprida e mais pro chão adentro...a mãindoca chitinha ea dá é grossa e curta...ea ficava c’ a cacunda de fora assim” (Ent. 01, linha 100)

MÃIDOCA CHITINHA • (n/d) • NCf[Ssing+Adj] • (n/e) • Variedade de mandioca de formato arredondado. • “A mãidoca chitinha ela dá bem dizê é redonda e ea num entra no chão também não é...ea fica/dava...dava aquea roda assim...aquea roda assim de mãidoca no pé a gente via a cacunda dela” (Ent. 01, linha 96)

MAISI¹ (n/d) • [Conj] • (n/e) • Porém. O mesmo que mas. • “Aquilo foi uma luta maisi deus ajudô que ea criô tudo aí depois que ês crescerô aí já foi saino né cumeçô trabaiano na cerâmica aqui em cima” (Ent. 07, linha 227)

MAISI² • (n/d) • [Adv] • (n/e) • O mesmo que mais. • “Esse home ficô um tempão falano nesse trem e a cocêra (D...) que ele tinha as duas perna coçava coçava coçava e coçava a oreia mais quase que esse home fica doido...e num escutô maisi daí pra cá” (Ent. 02, linha 22)

MALUNGA • (n/d) • Nf[Ssing] • (n/e) • Que tem a mesma idade. • “Aquea fia do (P...A...)...aquea fia do (P...A...) é malunga desse meu aqui ó” (Ent. 09, linha 433)

MANGANGÁ • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Espécie grande de besouro. • “*Tinha bisorro marelo mangangá tinha bizzorro de umas quatro qualidade saía e pastava pra onde ele quisesse mais de nôte morava lá*” (Ent. 04, linha 380)

MANGURA~MANGUARINHA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Espécie de bastão que serve para apoio. • “*Ea tava com a manguarinha ea catucô ea assim com a varinha catucô a égua com a varinha*” (Ent.10, linha 210) • “*Ea tava com a manguarinha ea catucô ea assim com a varinha catucô a égua com a varinha*” (Ent.10, linha 210)

MANJARRA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do engenho de cana. • “*Quano ê incostô na ôta muenda eu vi só pedaço da muenda fazê assim TÁ caiu a manjarra caiu tudo*” (Ent. 02, linha 191)

MANJOCAL • (A) • Nm[Ssing] • Ind. • Plantação de mandiocas. • “*Já fiz muita farinha...aquí no Mato Seco eu tinha um manjocal plantado a meia com comá (Z...) um cunhado meu que casô com uma irmã minha mais nós fazia era cinquenta sessenta saco de farinha...sabe quanto que nós vindia? oito mil réis o saco*” (Ent. 04, linha 400)

MÃO DE PILÃO • (n/A) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Peça de madeira com que se tritura algo no pilão. • “*Na hora que tá socano lá...qu'ê cumeça a bambiá ai vai isquentano a mão de pilão de vez em quano...a hora que ea soa toca lá depressa...soca soca soca...vorta lá torna isquentá nem a mão de pilão chupa a grudura e nem o pilão tamém...conserva só quente né*” (Ent. 01, linhas 79 e 78)

MÁQUINA DE PÉ • (n/A) • NCm[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Máquina de costura movimentada por um pedal • “*(J...B...) era companheiro da (M...) né era rica (M...) tinha máquina de pé custurava custurêra de primera*” (Ent. 09, linha 392)

MARELÃO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Doença causada por vermes. • “*Aí menina o menino vinha atrás de mim “marelão da infância pinico da cagança macarrão de santa casa” me xingano*” (Ent. 03, linha 144)

MARRIO • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • O mesmo que nó. • “*Põe uma duas ispaiava ela bem ralinha lá do marrío até a ponta do saco e aí agora é virá pra torcê ((risos)) virava direita turcía turcía*” (Ent. 01, linha 246)

MASTIGAR • (A) • [V] • Lat>Port • Gaguejar. • “*“De onde cê é?” ê foi mancô assim e disse “ieu sô do Capão Grosso”...“fĩ de quem?” mastigô mastigô depois disse “sô fĩ do (G...)”...“(G...) era muito amigo do (A...) aqui né do pessoali dele*” (Ent. 09, linha 109)

MEDONHO • (A) • [Adj] • Lat>Port • Ruim. • “*Ê foi e disse “mais comé que nós vão fazê?” aí ô falei “tá medonho” aí nosso sinhô judô que (J...) arrumô um pedaço de terra na Caetana...tirô um pedaço de terra pra nós*” (Ent. 03, linha 102)

MEIÊRO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Aquele que planta em terreno que não é seu repartindo os lucros dacolheita. • “*Entre o Capão Grosso e a Serra ranchão de capim eu fiquei lá quase um mese cūzinheiro pá tabaiadô e ê arrumáva muito tabaiadô porque ele arava terra e dava pros meiêro*” (Ent. 06, linha 137)

MELADO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • A calda grossa do açúcar. • *Cê põe no cocho no lugá de batê a rapadura enche aquê ê dexe lá...e dexe lá com dois dia cê pega aquê*

melado...põe na forma...cê põe ê lá enche as fôrma tudo agora trazia o barro de têia trazia aquê barro mole de teia forrava ê assim. (Ent. 11, linha 196)

MELAR COCO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Aquecer o coco até que ele comece a soltar gordura. • “*Ieu num faço não que inquanto eu guentei eu judei né...muê coco no aranholi...a mão...é...melá coco d’gurdura...maisi...eu só torro ali pra ê*” (Ent. 01, linha 50)

MELOSO • (n/d) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Espécie de capim que serve como pastagem. Também conhecido como capim gordura. • “*Meu pai prantava cana de fora a fora ali...meloso tava dessa artura assim ó...ieue que ia pa lá judá ê capiná...capiná o meloso...era assim mia fia cê frentava lá*” (Ent. 09, linha 18)

MINAGERÁ • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Espécie de chapéu de abas curtas. • *Quano ê envinha eu gritava assim “ó (V...) evem o minagerá cumá (V...) o minagerá evem lá” ah cumpá (Z...F...) ó cascava na perna quano eu falava evem o minagerá.* (Ent. 08, linhas 19 e 20)

MÔ • (n/d) • [Pron] • (n/e) • Pronome pessoal de primeira pessoa; o mesmo que meu. • “*Quano (T...) saía eu imbolava tudo no meu quarto todo mundo drumia cumigo nós ficava tudo a pelota lá e eu butuada no terço na nossa senhora da conceição a chuva ia cessano cessano até passá falei “ôta tempestada eu num vô ficá aqui ô vô juntá môs fio”*” (Ent. 06, linha 343)

MOÇA MENINA • (n/d) • Ncf[Ssing+Ssing] • (n/e) • Garota. • “*Ê num gostava de moça menina não nunca gostô...(C...) era isquisito o distino dele era ficá sortêro memo....é num encarava ninguém não*” (Ent. 06, linha 75)

MODA • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Cantiga. • *Uai na casa que tinha batuque tinha baile...onde tinha moda de batuque tinha moda de baile sanfona cumia menina num pudia vê*” (Ent. 06, linha 75)

MODE • (n/d) • [Adv] • (n/e) • A fim de; para. • “*Ea tava com a manguarinha ea catucô ea assim com a varinha catucô a égua com a varinha pelejô mode a égua levantá a égua num quis levantá não*” (Ent. 02, linha 211)

MOENDA~MUENDA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Peça do engenho que serve para moer. • “*Num sobrô nem uma muenda pra contá caso...quebrô as treis muenda rachô como se fosse um curisco que caiu nele*” (Ent. 02, linha 192) “*Engem de pau é treis moenda em pé né? assim ó tem duas aqui e ôtra aqui aí tem os dente põe a bulandera lá os cavalo vai tocano*” (Ent. 04, linha 183)

MORADA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Lugar onde se mora; casa. • “*Mamãe ficava assim ó limpano a água pa mode pegá ela limpa pra levá lá pra cima e subiu um dregau minha fia papai morava nos arto era morada da (B...)” (Ent. 06, linha 380)*

MUCADO~MUCADIM • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Tanto; quantidade indefinida. • “*Depois que eu casei moro aqui...até hoje...tem um mucado de ano*” (Ent. 01, linha 175) • “*Mais graças a deus mais foi pra treiná com os serviço né porque nem tanto a gente vindia né...porque fazia pôco num dava conta de fazê muito de uma vez...ia fazeno os mucadim mas o purví era dessas duas dona que eu tô falano*” (Ent. 01, linha 280)

MUNHO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Engenho composto por astes giratórias destinadas a moer cereais. • “*O marido dela (J...N...) foi mudô pá Pedro Leopoldo inventô de fazê um munho lá...um...um...munho d’vento era um trem de ar*” (Ent. 03, linha 67)

O

OFÍÇO~OFICI • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Conjunto de preces pelo descanso das almas dos mortos. • “*Ela era diferente...de tudo...ela pá Morrê ela chamô...pidiu a neta dela pa pidi nós pa i lá rezá o ofíço que era a única coisa que tava precisano pra ela parti era um ofíço pos nego largá a fazenda. (Ent. 03, linha 59) • *Ea via os nego passá de corrente ...no suaio...aí pidiu...aí nós fomo lá e rezô o ofíci pra ea*” (Ent. 03, linha 59)*

OSSO RINGIDO • (n/d) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • Osso que apresenta alguma trinca. • “*Jesus é nascido...jesus nascido é...fí da virge maria...sem pecado é...me cura essa rigindura...jesus Nazaré...ê me benze...de carne quebrada...veia rôta...nervo assombrado...junta iscunjuntada...osso ringido...assim mesmo jesus me cura...com deus pai deus filho deus isprito santo amém*” (Ent. 01, linhas 374, 406 e 437)

P

PAIOL • (n/d) • Nm[Ssing] • Cast. • Construção próxima à casa da fazenda onde é armazenado o milho seco. • “*Num tinha nem paiol...muntuava lá ai fazia aquê terrerão rudiado de côro ao redó e cascava o mi todo e batia tudo e inchia aquea purção de saco*” (Ent. 09, linhas 363)

PANTASMA • (A) • Nm[Ssing+Adj] • Lat>Port • Imagem ilusória, fantasmagoria. O mesmo que fantasma. • “*PESQ.: via o que? INF.: pantasma...é via pantasma ((risos)) de premero as sombração...pantasma era sorta menina num tinha negóço de cento pra prendê as arma né menina depois que discubriu esses curadô tinha cento as arma*” (Ent. 06, linhas 378)

PINGA • (A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Bebida feita através da fermentação da cana-de-açúcar. • “*Uai gastava pinga aí pra bebê pra tê menino essas coisa pá tê corage pa tê menino fazia chá com arruda e tudo mais*” (Ent. 05, linhas 122)

Q

QUALIDADE • (n/d) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Espécie, tipo. • “*Tinha bizzorro marelo mangangá tinha bizzorro de umas quatro qualidade saía e pastava pra onde ele quisesse mais de nôte morava lá*” (Ent. 04, linhas 380)

QUEBRA TORTO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Bolos, pães ou biscoitos servidos no café da manhã. • “*Gritava de madugada “o cumpadi (J...) tá na hora do quebra torto tem quentão ês arrumava um tanto de trem...tem queijo tem tudo”* (Ent. 08, linha 108)

QUEDE • (A) • [Pron. Int.] • (n/e) • O mesmo que ‘que é de’. • “*Aí quano (M...A...) tava lá fora arrumano a fila pras menina entrá...pra...subi no artá né aí nhá (R...) priguntô “uai (M...A...) quede sá (A...)? é ea que envem na frente mais S pra coroa cadê ea?”*” (Ent. 03, linha 39)

R

RANCHO~RANCHIM • (A) • Nm[Ssing] • Esp. • Cabana provisória feita no mato ou nas roças, geralmente de palha. • “*Morei por todo lado da vida depois vortava pro ranchim de novo aí fui ganhá a (N...) aí no mesmo rancho aí”* (Ent. 06, linha 152)

RÔPA DE JOÃO DE BARRO • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Roupa de cor marrom. • “*Ê tá co uma rôpa de João de barro...falei tá no Zé Dia...aqui em cima chama Zé Dia né...aí mia fia fomo pra lá”* (Ent. 09, linha 98)

S

SOMBRAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • cont. • Alma do outro mundo. • “*De premero as sombração...pantasma era sorta menina num tinha negócio de cento pra prendê as arma né menina depois que discubriu esses curadô tinha cento as arma ficô mais ocupada que num pareceu mais pra ninguém não”* (Ent. 06, linha 379)

T

TABATINGA • (A) • Nf[Ssing] • Ind. • Tipo de terra clara e extremamente fina utilizada na conservação de grãos. • “*Jogava aquea feijãozêra pôdi fora pudia curá ê curava com tabatinga né ea num tinha num punha reméido não...tabatinga cê cunhece né? é aquilo ali buscava carro assim de tabatinga quebrava ea toda penerava bem peneradinha jugava o feijão na tacha e mexia aquês pôdi separava tudo jugava fora jugava no terrero aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano pudia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá um bicho”* (Ent. 11, linhas 238 e 239)

TACA • (A) Nf[Ssing] • cont. • Espécie de chicote de couro achatado e cabo de madeira. • “*Cortei esse burro na taca quano chegô perto da moça eu fui e levei a mão pra pegá no braço da moça o pai dela gritô “num faz isso c’ela não que ocê me mata ela”* (Ent. 02, linha 130)

TACHA • (A) • Nf[Ssing] • obs. • Reciente de cobre sem alças. • “*Jugava o feijão na tacha e mexia aquês pôdi separava tudo jugava fora jugava no terrero aí cê penerava a () e misturava ficava uns treis dia secano pudia guardá ficava uns treis quatro ano sem dá um bicho.*” (Ent. 02, linha 240)

TACHO • (A) Nm[Ssing] • obs. • Recipiente de metal ou de cobre com duas alças laterais. • “*No torcê a massa aquela água vai...o purví vai assentano ô numa gamela ô no tacho que parô ea o purví vai assentano*” (Ent. 01, linha 255)

TATU PASSA AQUI • (n/A) • [Fras] • (n/e) • Tipo de dança de roda. • “*Lá na casa do (Z...B...) dançava benzim né do açuaio até o (R...) do (Z...B...) gostava de dançá com nós condafê falava a agora nós já dançô mucho vão fazê agora é tatu passa aqui...esse tatu passa aqui era a cumá (Z...) era a (M...) era aquea rodada era (R...) do (Z...B...) o (J...) tudo de mão dada dançano tatu passa aqui” (Ent. 09, linhas 36 e 37)*

TECEDERA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Mulher que faz tecidos no tear. • “*Levava pro tiá né ea ia po tiá e o tiá tinha diversos pente um pente mais grosso ôto mais fino sabe diversos pente aí agora ea tinha que infiá aquilo tudo né a tecedera pra tecê a cuberta.*” (Ent. 09, linha 41)

TEMPESTADA • (A) • Nf[Ssing] • Lat>Port • Agitação atmosférica violenta. O mesmo que tempestade. • “*Eu tomei uma canca de tempestada uma vez subino no (A..R...) com menino (A...) nas cadêra com o saco dos trem de cume*” (Ent. 06, linha 356)

TERRERO • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • Espaço de terra plano e largo utilizado para a separação e secagem de grãos. • “*Nós ispaiô arrosi no terrero com seis junta de boi ... é ... cumeçô as seis hora da mã/ da tarde quã' bateu duas ora da madugada nós parô onde nós oiô nós oiô pa trazi a inçenti ... a inçenti veio*” (Ent. 11, linha 02)

TIJJUM • (A) • Nm[Ssing] • Lat>Port • A primeira refeição do dia; café da manhã. • “*Quebra torto é a cumida...é...o trem de cumê é as coisa de comê de madugada...é o tijjum*” (Ent. 07, linha 115)

TIRAR SAL NA MULERA • (n/d) • [Fras] • (n/e) • Sacrificar-se. • “*Pareceu um moço pra podê namorá ea ea já tava com vinte e treis ano mamãe cavacô coitadinha tirô sal na mulera pa arrumá o casamento dela mais rumô rumô e fez um festão caso*” (Ent. 06, linha 22)

TOICIM • (A) Nm[Ssing] • Lat>Port • Gordura dos porcos. • “*Nós ingordava poico trazeno mãindoca na cabeça assim pareceno chifre de boi jogava no terrero é poica é capado cumia engordava que nós num passava farta de toicim né mas agora mia fia ninguém...cê pranta uma mãindoca num pega cê pranta uma rosa num tá pegano mais*” (Ent. 09, linha 452)

TREM • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Qualquer objeto ou coisa; negócio, treco, troço. • “*O marido dela (J...N...) foi mudô pá Pedro Leopoldo inventô de fazê um munho lá...um...um...munho d'vento era um trem de ar*” (Ent. 03, linha 67)

TRENHAL • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Grande quantidade de objetos ou coisas. • “*Punha no cocho...pra ea taiá quando ela taiava tinha a fôrma a fôrma de pau um trenhal assim ó*” (Ent. 07, linha 50)

TREVESSAR • (n/d) • [V] • (n/e) • Passar de um lado para outro. O mesmo que atravessar. • “*Tinha que apiá ali na rodoviara e treveássá de banda e caminhá uma distância com o daqui a...como daqui lá na casa do (B...) pa podê chegá na casa dela*” (Ent. 09, linha 141)

TROPA • (A) • Nf[Ssing] • Fr. • Caravana de animais, geralmente burros ou bestas, usados para o trabalho de carga. • “*Eu fiquei lá bem dizê quas dois mesi muí a cana do cumpá (C...) toda dos vizim tudo lá eu muí tudo com a tropa do cumpá (C...)*” (Ent. 04, linha 379)

TROPÊRO • (A) • Nm[Ssing] • Fr. • Condutor de tropas de carga. • “*Os tropêro que passava e vinha de longe vino né...era as posada que tinha né ês passava nesses lugá e ranchava*” (Ent. 08, linha 283)

TRUPICAR • (A) • [V] • arc. • Dar topada com o pé. O mesmo que tropeçar. • “*De noite ia na cozinha tava trupicano ne menino*” (Ent. 04, linha 127)

TUIA • (A) • Nf[Ssing] • cont. • Grande arca feita de bambu e em alguns casos coberta de barro, usada para guardar cereais. • “*Barriava mais nós nunca barriô..fazia ea de bambu bem fechadim que o mantimento num passava na greta...agora o (D...) hoje cê num tá comprano trem pa mode inchê tuiá...num é?*” (Ent. 06, linha 416)

U

UNHA DE BOI • (A) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Variedade de cipó cujas folhas assemelham-se ao formato da unha de um boi • “*Ê foi e pegô um cipó de oi de unha de boi lá e deu ne mim três ciposada de unha de boi..falei com ele “o pai é a primera e a urtima...é a primera e a urtima” mais que eu fiquei com raiva*” (Ent. 02, linha 239)

V

VARA DE FERRÃO • (A) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Vara cumprida com uma ponta de ferro utilizada para tocar gado. “*Teve um que fez pirraça comigo no camim dobrei a vara de ferrão na custela ê me largô lá no mato fiquei sozim lá com as criação*” (Ent. 05, linha 25)

VARGE • (A) • Nf[Ssing] • obs. • Planície úmida e fértil cultivada. • “*Ocê vai pegá um cavalo na varge pra mim*” *passei a mão no cabresto fui lá pegá o cavalo*” (Ent. 02, linha 241)

VEIA ROTA • (n/d) • NCf[Ssing+Adj] • (n/e) • Veia rebentada. • “*Jesus é nascido [...]Jesus nascido é [...] fí da Virge Maria [...] sem pecado é [...]me cura essa ringidura [...]Jesus Nazaré [...] ê me benze [...]de carne quebrada [...] veia rota [...]nervo assombrado [...] junta iscunjuntada [...]osso ringido [...] assim mesmo Jesus me cura*” (Ent. 01, linhas 368, 400, 431)

VEIACO • (A) • [Adj] • Cast. • Esperto. • “*Eu falei “pois é num ia dá pra sarvá pai” ê falô “fica veiacó com esse bicho () se um bicho desse te pegá”*”. (Ent. 04, linha 330)

VENTO IGAUZADO • (n/d) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • Retenção de Gases Intestinais. O mesmo que vento encausado. • “*Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igauzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém....jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora”* (Ent. 09, linha 492)

VENDA • (A) • Nf[Ssing] • (n/e) • Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados. • “*O pai dele saíu foi lá pás venda quano foi de noite envinha com um quejo falô assim levanta pro cê cumê um pedacim do quejo”* (Ent. 09, linha 495)

VENTO VIRADO • (A) • NCm[Ssing+Adj] • (n/e) • Prisão de ventre. • “*Pai do fi do isprito santo amem...jesus é nascido Jesus nascido é fí da virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura E de ispinhela caída vento virado bila derramada ar preso vento igauzado assim mesmo Jesus me cura em nome do pai filho isprito santo amém....jesus de nasaré há de provê tudo e dá miora”* (Ent. 09, linha 492)

VESPANO • (n/d) • [V] • (n/e) • Nas vésperas; aproximando. • “*Nós foi pra lá dento e esse dia como ea era mei cismada colocô os menino tudo lá perto dela diz ela que quano foi lá vespano nessa hora que caiu um trem lá dentro do quarto”* (Ent. 04, linha 216)

VORTA DA LUA • (n/A) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Mudança de fase da lua. • “*O menino sofreu sofreu num teve chá quente nenhum que dismanchô esse negócio ricuuido né só terra fria que cura né pois ê viveu quano era vorta de lua ê chiava ê chegava aqui ê ficava naquele quarto lá dentro cê iscutava a chiata dele”* (Ent. 06, linha 397)

VORTA DO DIA • (n/A) • NCf[Ssing+prep+Ssing] • (n/e) • Horário do dia próximo às doze horas. • “*INF.: Lovado seja deus nunca vi ô nêga ô sai daqui vô lá na Parmêra quarqué hora num vejo nada mais alembro da mamãe... era assim na vorta do dia ea ia buscá água chegava lá ea via PESQ.: Via o que? INF.: Pantasma”* (Ent. 06, linha 369)

Z

ZUAÇÃO • (n/d) • Nm[Ssing] • (n/e) • Barulho, zoeira. • “*No ôto dia tinha uma ruma de cinza assim...eu fiquei lá bem dizê quas dois mesi muí a cana do cumpá (C...) toda dos vizim tudo lá eu muí tudo com a tropa do cumpá (C...) e a zuação acabô”* (Ent. 04, linha 379)

ZUNIR • (A) • [V] • Afr. • Deslocar-se velozmente, correr, fugir. • “*Eu vinha com o (A...) que ê era piqueno né ê mamava nas cadêra menina pegô a chuva naquele arto do A R...meu fí tomano chuva taquei uns pano na cabeça dele e zuni”* (Ent. 06, linha 362)



FOTO 8 – Fonte Serra do Cipó/MG
Fonte: Acervo Pessoal

CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar uma investigação do léxico rural da região da Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Minas Gerais, e suas relações com a história e a cultura locais.

Inicialmente, realizamos pesquisa de campo, em um total de doze entrevistas orais com moradores da região, com embasamento teórico-metodológico previamente definidos. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas, esse material está disponível para consulta em CD-Rom que se encontra anexado ao final desta dissertação.

Na **Introdução** deste trabalho, foram abordados os aspectos socioculturais da língua e também houve um apanhado da estrutura da pesquisa e a especificação de seus capítulos.

No **capítulo I**, tratou-se sobre a relação existente entre língua, cultura e sociedade, com destaque para discussão acerca da antropologia linguística, estudos dialetológicos, sociolinguísticos e lexicais.

Foram abordados, no **capítulo II**, os aspectos históricos e sociais da região estudada, bem como as características atuais dos municípios dos quais a Serra do Cipó faz parte – Jaboticatuas e Santana do Riacho. Tal abordagem se faz necessária, uma vez que o conhecimento destes aspectos contribui para análise linguístico cultural do léxico regional.

São apresentados, no **capítulo III**, os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Desde os critérios para seleção dos informantes, à realização da pesquisa de campo e as gravações, até a transcrição dos dados – que seguiu o modelo proposto pelo Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais –, a seleção das lexias a serem pesquisadas, num total de 335, a elaboração das fichas lexicográficas e finalmente a elaboração do glossário.

No **capítulo IV**, foram apresentadas as fichas lexicográficas, com as 335 lexias selecionadas a partir da análise das transcrições. Essas fichas constituíram descrição e análise, e foram relacionadas e estudadas as lexias coletadas a épocas passadas e atuais. Em seguida, os resultados das informações das fichas foram analisadas quantitativamente em gráficos e tabelas. Foi observado um número significativo de lexias comuns entre a região pesquisada – Serra do Cipó, localizada na região Metropolitana de Minas Gerais – e outras duas regiões que foram fonte de pesquisas com metodologia similar. realizadas por Souza (2008), no Norte de Minas e por Ribeiro (2010), no Sul do Estado, tendo esta apresentado um número ainda mais representativo de lexias comuns.

No **capítulo V** é trazido o Glossário, elaborado a partir de dados retirados dos nossos *corpora*. As lexias foram organizadas, primeiramente, pelo critério onomasiológico e em seguida pelo critério semasiológico. O perfil sociocultural dominante da região pode ser melhor observado neste capítulo.

Acreditamos, após a realização desta pesquisa de cunho regional, que pudemos contribuir para com os estudos lexicológicos desenvolvidos em nossa contemporaneidade, descrevendo e analisando uma região que, além de nos ser cara, até, então, não havia sido investigada.

Temos consciência de que há, ainda, em se tratando de pesquisas linguísticas, muito o que fazer nessa área territorial de *Minas Gerais*, por isso pretendemos ir por essa *trilha*, dar continuidade a esse trabalho e, nos moldes da Antropologia Linguística, observar a língua, a cultura e a sociedade local, enquanto vamos saboreando *café com quebra torto*.



REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500 – 1800)*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguiet, 1954.

AFONSO, Leônidas Marques. *História de Jaboticatubas*. Jaboticatubas: Publicação do autor, 1957.

ALVES, Ana Paula Mendes. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala de jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Dissertação de mestrado, inédita)

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas lingüístico da Paraíba **In:** AGUILERA, V. (org.) *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora da UEL, 2005.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Por uma concepção semântico-pragmática da linguagem*. In. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 5, n. 8, março de 2007. [www.revel.inf.br].

BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas. In. PAIS, Cidmar Teodoro (dir). *Revista de Letras*. v.8, nº1, ano 8. São Paulo: Plêiade, 1995.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *A ciência da lexicografia*. São Paulo: Alfa, v.28, supl., p.1-26, 1984.

_____. As ciências do léxico. In: *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 1998.

_____. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade.. *Revista Alfa*. São Paulo, nº 47, v.1, p. 53-69, 2003.

_____. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.

_____. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BISPO, Cláudia Luiz de Souza; MENDES, Estevane de Paula Pontes. *O Rural e o Urbano Brasileiro: definições em debate*. In. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças. Porto Alegre, 2010.

BLUTEAU, P. Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística Parte II. In: *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000, p. 75.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A Dialetoleologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- _____. *Geolinguística: Tradição e Modernidade*. Salvador:Parábola, 2010.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL:Topbooks, 2005.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça *et alii*. Filologia Bandeirante. In. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo: Humanitas /FFLCH, 1997, p. 79-94.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1982.
- _____. *Princípios de Semântica Estructural*. Madrid: Gredos, 1977.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DIÉGUES JR, Manuel. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: INEP, 1960.
- DURANTI, Alessandro. *Angropología Linguística*. Madri: Cambridge University Press, 2000.
- ELIA, Silvio. *A unidade linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1974.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação Lexical e a dimensão social da língua. In. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e Vilas D'El Rei*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2011.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

HAENSCH, Gunther. Tipologia de lãs obras lexicográficas e Aspectos práticos de la elaboraci3n de dicionarios. In: ETTINGER, S. et allí. *La Lexicografia*. De la lingüística te3rica a la lexicografía prática. Madrid: Gredos, 1982.

HYMES, D. *Language in culture and society*. A Reader in Linguistics and Antropology. New York: Harper and Row, 1964.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In. SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAGALHÃES, B. de. *Expans3o geográfica do Brasil colonial*. 2.ed. aumentada. S3o Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. *Antropologia: uma introduç3o*. S3o Paulo: Atlas S.A, 1989.

MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie. Domaine Française*. Paris: Didier, 1953.

MENEZES, Joara Maria de Campos. *O léxico Toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompeu*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2009 (Dissertaç3o de mestrado, inédita).

MILROY, L. *Language and Social networks*. 2. ed., Oxford, Basil, Backwell, 1987.

MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics – Method and Interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introduç3o à Sociolinguística: o tratamento da variaç3o*. S3o Paulo: Contexto, 2004.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. *Os dicionários de Bluteau, Morais e Vieira e sua importância na história da Lexocografia portuguesa*. In. *Actas do Encontro da Associaç3o Portuguesa de Linguística*. v. II, p. 495-503, 1997

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboraç3o do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, v. I, 1958.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Araraquara, UNESP, 1999 (Tese de doutorado, inédita).

OTTONI, Christiano. *De Stratford a Serra do Cipó: Passando pela cachoeira das Três Moças*. Pedro Leopoldo: Gráfica Editora Tavares, 2005.

Plano de Inventário do Município de Santana do Riacho. Período de 16/04/2005 a 15/04/2006. Exercício 2007.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010. (Dissertação de mestrado inédita)

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SAPIR, Edward. *A Linguagem: Introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 19-

SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004. (Tese de doutorado, inédita)

_____. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

SEVERO, Cristiane Gorski. A Comunidade de Fala na Sociolinguística Laboviana: Algumas Reflexões. *Revista Voz das Letras*, Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, nº 9, I semestre de 2008.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino da. (Org). *Diários de Langsdorff*. Campinas: Associação Internacional de Estudos de Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2ª ed., Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOUZA, Genésio Seixas. *Linguística Histórica/Antropologia Linguística: possibilidades interdisciplinares*.

SOUZA, Maria Clara Paixão de. O Vocabulário Portuguez e Latino de Rafael Bluteau. In. *Revista Brasileira*.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2008 (Dissertação de mestrado, inédita)

TARALLO, F. *A Pesquisa Sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

_____. *História Antiga de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VEIGA, José Eli da. *A dimensão rural do Brasil*. São Paulo: FEA-USP, 2004.

VERDELHO, Telmo. Dicionários portugueses, breve história. In. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia no português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno, São Paulo: Parábola, 2006.

<http://www.serradocipo.com> . Acesso em 31out 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_SantanadoRiacho.svg. Acesso em 31 out. 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Jaboticatubas.svg. Acesso em 31 out. 2011.